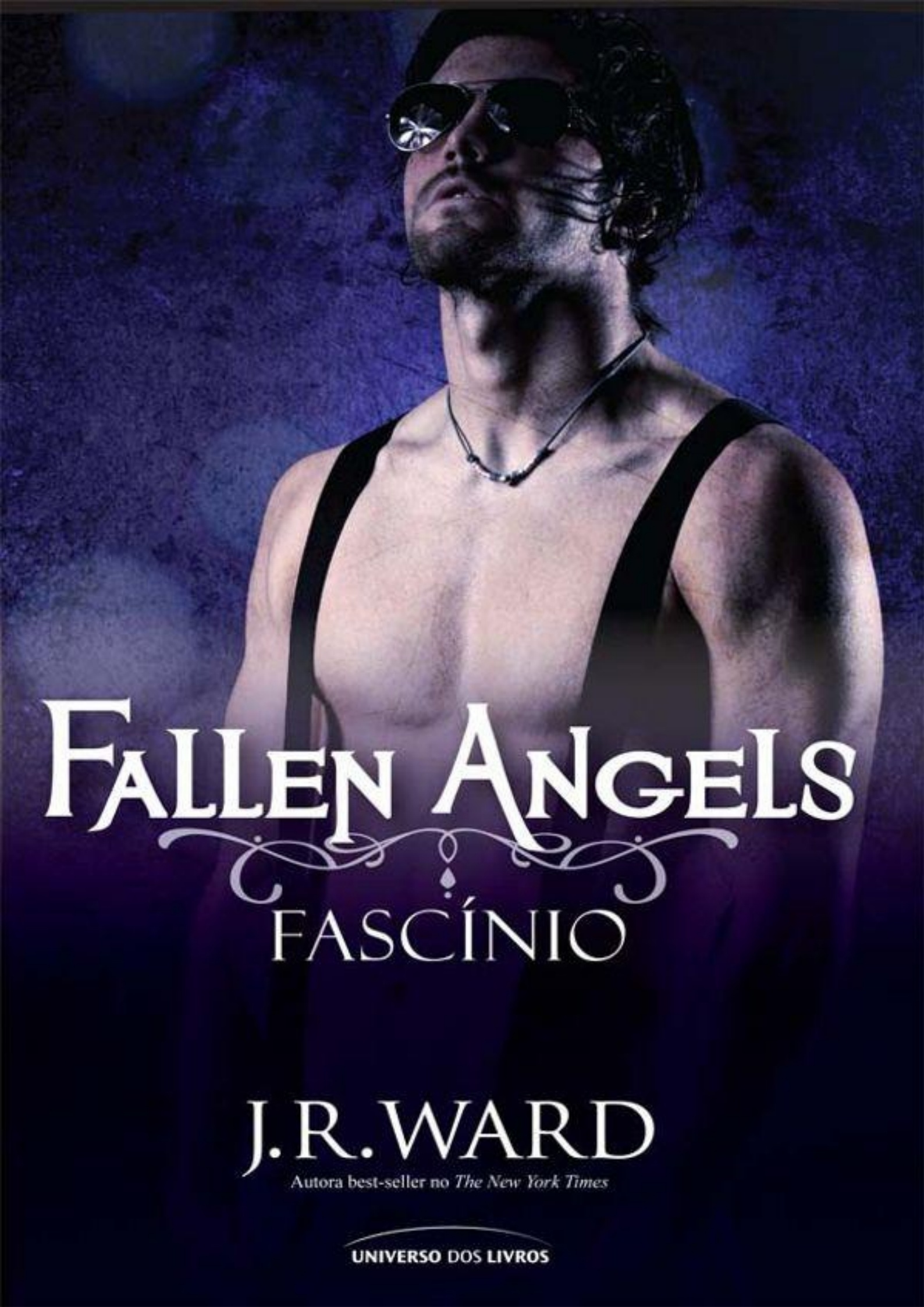




FALLEN ANGELS

FASCÍNIO

J.R. WARD

Autora best-seller no The New York Times

UNIVERSO DOS LIVROS



J.R. WARD

FALLEN ANGELS

FASCÍNIO

São Paulo
2014



Copyright © Love Conquers All, Inc., 2012

All rights reserved. No part of this book may be reproduced, scanned, or distributed in any printed or electronic form without permission. Please do not participate in or encourage piracy of copyrighted materials in violation of the author's right. Purchase only authorized editions.

All rights reserved including the right of reproduction in whole or in part in any form. This edition published by arrangement with NAL Signet, a member of Penguin Group (USA) Inc.

© 2014 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial

Luis Matos

Editora-chefe

Marcia Batista

Assistentes editoriais

Cássio Yamamura

Nathália Fernandes

Raíça Augusto

Tradução

Felipe CF Vieira

Preparação
Bárbara Prince

Revisão
Rodolfo Santana
Viviane Zeppelini

Arte e capa
Francine C. Silva
Valdinei Gomes

Foto da capa
captblack76/ThinkStock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

W259f Ward, J. R.

Fascínio / J. R. Ward; [tradução de Felipe
CF Vieira]. – São Paulo : Universo dos Livros, 2014.
472 p. (The Fallen Angels, 4)

ISBN: 978-85-7930-698-3
Título original: Rapture

1. Ficção 2. Anjos e demônios 3. Literatura
erótica I. Título II. Vieira, Felipe CF III. Série

14-0083

CDD 813.6

Universo dos Livros Editora Ltda.

Rua do Bosque, 1589 - Bloco 2 - Conj. 603/606

Barra Funda - São Paulo/SP - CEP 01136-001

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

www.universodoslivros.com.br

e-mail: editor@universodoslivros.com.br

Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

Para a nossa Rachel, que não só coloca nosso “coração” em *Heartland*, mas também me apresentou a Fi fi da vida real.

AGRADECIMENTOS

Um enorme obrigado aos leitores!

E, como sempre, com amor para o *Team Waud*, vocês sabem quem são. E muito obrigada ao Steve Axelrod, Kara Welsh, Leslie Gelbman e Claire Zion.

Nada disso seria possível sem a minha família, toda ela.

E também, é claro, WriterDog.

CAPÍTULO 1

Sepultura.

Como na lápide e na terra recém-cavada, como em um corpo lá em baixo, como das cinzas às cinzas e do pó ao pó.

Matthias estava nu em uma sepultura. Em meio a um cemitério que se estendia até onde seus olhos podiam enxergar.

A primeira coisa que surgiu em sua mente foi a tatuagem que fizera seus homens usarem nas costas, com o desenho do Ceifeiro da Morte pairando sobre um campo de lápides e tumbas.

Que irônico – talvez estivesse prestes a ser cortado por uma foice a qualquer momento.

Tente repetir isso três vezes, bem rápido.

Piscou os olhos tentando clarear a vista, juntou os braços para se aquecer e esperou que o cenário voltasse à realidade. Quando nada mudou, ele se perguntou aonde teria ido aquele muro em que estivera preso para toda a eternidade.

Será que finalmente estava livre daquela tortura nojenta e superlotada?

Teria escapado do Inferno?

Soltando um grunhido, tentou se erguer, mas até levantar a cabeça estava difícil. Afinal, descobrir em primeira mão que aqueles lunáticos religiosos estavam certos sobre uma porção de coisas realmente faz você querer tirar um cochilo: de fato, os pecadores iam lá para baixo, e não para o Sul, e, uma vez lá, o sofrimento faz todas as coisas de que você reclamava em vida parecerem um passeio no Universal Studios.

O Demônio existia.

E sua sala de estar era uma merda.

Mas os religiosos não sabiam de toda a história. Acontece que Satã não possuía chifres ou uma calda. Também não havia nada de tridente e pés de bode. Bom, era mesmo metade bicho – se você considerar que o bicho em questão seja uma vaca. E usa muito vermelho. Afinal, morenas ficam bem com essa cor – ao menos, era isso que ela dizia a si mesma.

Com seu olho esquerdo, que ainda funcionava, Matthias piscou novamente, preparando-se para retornar para a densa e ardente escuridão, com os gritos dos condenados ecoando em seus ouvidos e sua própria dor

rasgando pela garganta e explodindo pelos lábios rachados...

Mas nada disso aconteceu. Ele ainda estava em uma sepultura. Ainda estava em um cemitério.

Completamente pelado.

Concentrando-se, enxergou, com seu único olho bom, uma paisagem cheia de túmulos de mármore branco, sepulturas de famílias marcadas com anjos e fantasmagóricas estátuas da Virgem Maria – embora as lápides simples fossem bem mais numerosas, como se os plebeus tivessem tomado conta do lugar. Pinheiros e carvalhos projetavam sombras através de gramados desalinhados e bancos de metal. As lâmpadas dos postes emitiam um brilho alaranjado, como velas num bolo de aniversário, e as passarelas estreitas poderiam até ser românticas se estivessem em outro lugar.

Mas ali, com certeza, não eram. Não naquele contexto de morte...

De repente, cenas de sua vida passaram por sua mente, fazendo-o se perguntar se estaria experimentando a morte pela segunda vez. Ou pela terceira, como seria o caso.

Não havia alegria nessa retrospectiva. Nada de esposa amorosa, nem filhos bonitos, nem uma casinha aconchegante. Apenas cadáveres, dezenas, centenas de cadáveres, todos mortos por ele próprio ou por ordem sua.

Matthias havia feito muito mal, o verdadeiro mal, durante sua vida.

Forçou-se a sentar na terra úmida. Seu corpo parecia um quebra-cabeça cujas peças não encaixavam direito: seus membros se uniam em juntas que pareciam folgadas em alguns lugares e apertadas em outros. Mas isso é o que acontece quando você se despedaça e tudo o que tem para se recompor são as habilidades limitadas de cura e medicina.

Ele direcionou seu olho para a lápide e franziu a testa.

James Heron.

Meu Deus, James Heron...

Ignorando o tremor de suas mãos, ele traçou as letras gravadas na pedra – a ponta de seus dedos percorreu o texto esculpido no granito cinzento.

Soltou um suspiro áspero, como se a dor repentina atrás de suas costelas tivesse forçado o ar para fora dos pulmões.

Matthias nunca soubera que realmente havia uma recompensa eterna após a morte, que suas ações eram de fato levadas em conta, que havia um julgamento ao final da última batida de seu coração. Mas a dor não era por causa disso. Era porque sabia que, mesmo se tivesse conhecimento do que o esperava, ele não seria capaz de fazer nada diferente.

– Sinto muito – falou, se perguntando para quem realmente dizia aquilo.

– Porra, sinto muito mesmo...

Nenhuma resposta.

Olhou para o céu.

– Sinto muito.

De novo, nada de resposta, mas tudo bem. De qualquer forma, os arrependimentos estavam se acumulando em sua mente e não havia muito espaço para contribuições de terceiros.

Enquanto se esforçava para levantar, seu tronco tombou e precisou se apoiar na lápide para retomar o equilíbrio. Deus, ele estava acabado. Suas coxas estavam cobertas de cicatrizes, sua barriga cheia de lesões, uma panturrilha quase despida de carne. Os médicos realizaram um verdadeiro milagre com seus parafusos e hastes, mas, comparado com o jeito como nascera, Matthias parecia um brinquedo quebrado remendado com fita adesiva e supercola.

E o suicídio deveria ter funcionado. Mas Jim Heron foi a razão de ele ter sobrevivido por outros dois anos. Até que a morte o encontrou e o levou, provando que a Terra apenas pegava as almas emprestado – o outro lado é que realmente as possuía.

Por força do hábito, olhou ao redor procurando sua bengala, mas então se concentrou naquilo que seria mais provável encontrar: sombras que o perseguiam, fossem aquelas criaturas ardilosas do Inferno ou meros humanos.

De um jeito ou de outro, ele estava ferrado: como ex-chefe da organização secreta que eles chamavam de Operações Extraoficiais, Matthias tinha mais inimigos do que um ditador do Terceiro Mundo, e todos eles possuíam armas e podiam contratar quem as tivesse. E, como fugitivo do parquinho do diabo, nem era preciso mencionar que ele não escapara de graça da prisão.

Mais cedo ou mais tarde, alguém viria atrás dele. E, apesar de Matthias não possuir nada pelo que valesse a pena viver, seu ego era razão suficiente para lutar e se defender.

Ou pelo menos fazer de si um alvo menos fácil.

Começou a caminhar mancando e continuou com a graça de um espantalho – seu corpo sacudia com espasmos que culminavam numa marcha que doía como o diabo. Para conservar o calor, tentou abraçar a si mesmo, mas isso não durou muito. Precisava usar os braços para manter o equilíbrio.

Com movimentos de zumbi e a cabeça completamente confusa, ele continuou a caminhada, atravessando a grama desalinhada, passando pelas lápides, sentindo o toque da fria brisa que cortava sua pele. Não tinha a

menor ideia de como conseguira escapar. Não sabia para onde iria. Que dia, mês, ano seria.

Roupas. Abrigo. Comida. Armas.

Assim que tivesse assegurado o básico, ele se preocuparia com o resto. Isso se não fosse abatido antes – afinal, um predador ferido se torna uma presa rapidamente. É a lei da selva.

Pensou ter encontrado mais uma sepultura ao se aproximar de uma construção de pedra com ornamentos de ferro fundido. Mas o nome “Cemitério Pine Grove” gravado no topo da fachada e a grande fechadura na porta frontal sugeriam que era uma instalação dos funcionários.

Felizmente, alguém deixara aberta uma fresta da janela dos fundos.

Mas é claro, a janela estava emperrada naquela posição.

Ele pegou um galho caído, o colocou na fresta e forçou até a madeira curvar.

A janela começou a ceder, soltando um chiado agudo.

Matthias congelou.

Pânico, uma sensação pouco familiar, que foi aprendida da maneira difícil, o fez girar e procurar as sombras. Conhecia aquele som. Era o barulho que os lacaios do demônio faziam quando estavam atrás de você...

Nada.

Apenas túmulos e postes de luz que, não importa o quanto sua adrenalina sugerisse o contrário, não se transformavam em nada.

Praguejando, ele voltou ao trabalho. Usou o galho como alavanca até abrir espaço suficiente para poder se espremer e passar. Erguer o corpo foi um sacrifício, mas, assim que seus ombros passaram, ele deixou a gravidade cuidar do resto. O chão de concreto no qual aterrissou parecia uma grade de ferro, e ele precisou de um tempo enquanto seu fôlego escapava da garganta, seu estômago embrulhava e dores surgiam em mais lugares do que ele conseguia contar.

No teto, luzes fluorescentes piscaram e depois acenderam de vez, cegando-o.

Malditos sensores de movimento. O lado bom era que, assim que seus olhos se ajustaram, ele teve uma clara visão de todo tipo de ferramenta de jardinagem. O lado ruim? Ele era um diamante em uma vitrine, pronto para ser capturado.

Pendurados em ganchos na parede, como se fossem peles de animais mortos, havia vários conjuntos de macacões impermeáveis, esperando para serem usados. Ele prontamente vestiu uma parte de baixo e uma parte de cima. Essas roupas foram feitas para ficar folgadas, mas em seu corpo pareciam grandes velas de um barco.

Melhor assim. Melhor com as roupas, mesmo elas cheirando a fertilizante, e mesmo com o atrito, que logo se tornaria um problema. Havia um boné do Boston Red Sox em um dos cantos, e Matthias o vestiu para ajudar a conservar o calor do corpo; então olhou ao redor procurando qualquer coisa que pudesse servir como bengala. As pás eram muito pesadas para ser eficientes, e os rastelos também não ajudariam.

Dane-se. Sua missão imediata era se afastar das luzes que banhavam o show de horrores do seu corpo.

Saiu da mesma maneira que entrou, forçando-se através da janela e aterrissando duramente no chão. Não tinha tempo para reclamar do impacto desta vez; precisava continuar se movendo.

Antes de morrer e ir para o Inferno, Matthias sempre fora o perseguidor. Caramba, durante sua vida inteira ele fora o caçador, aquele que espreitava, encurralava e destruía. Mas agora, retornando à escuridão daquelas sepulturas, todas as intangibilidades da noite eram perigosas até que se provasse o contrário.

Esperava que estivesse de volta em Caldwell.

Se estivesse, tudo o que precisava fazer era manter-se discreto e seguir para Nova York, onde possuía um abrigo com mantimentos.

Sim, rezava para que fosse Caldwell. Quarenta e cinco minutos ao sul pela estrada era tudo o que precisaria. Já acabara de arrombar e invadir um lugar; fazer uma ligação direta em um carro velho era outra habilidade que poderia ressuscitar.

Uma vida depois, ou pelo menos o que pareceu ser uma vida depois, ele chegou até o portão de ferro que cercava todo o terreno daqueles que descansam em paz. A coisa tinha uns três metros de altura, e as grades tinham pontas que poderiam ter sido facas em outra encarnação.

Encarando as barras que o mantinham do lado dos mortos, Matthias as agarrou e sentiu o frio do metal agarrá-lo de volta. Olhando para cima, concentrou-se no céu. As estrelas realmente cintilavam.

Engraçado, ele sempre pensou que isso fosse apenas um modo de dizer.

Respirando fundo, puxou ar puro e limpo para os pulmões e percebeu que tinha se acostumado com o fedor do Inferno. No começo, aquilo era o que mais detestava, aquele cheiro nauseante de ovo podre impregnado nas vias aéreas e que invadia a garganta e viajava até envenenar suas entranhas: mais do que um cheiro ruim, era uma infecção que entrava pelo nariz e conquistava todos os territórios que tocasse.

Mas ele se habituara.

Com o tempo, e em meio ao sofrimento, ele se acostumara ao horror, ao desespero, à dor.

Seu olho ruim, o que não conseguia usar, encheu-se de lágrimas.

Nunca conseguiria alcançar aquelas estrelas.

E essa pausa no sofrimento servia apenas para aumentar a tortura. Afinal, não existe nada como um período de alívio para revitalizar um pesadelo. Quando você retorna para a merda, o contraste aumenta tudo, eliminando a aclimatação e fazendo voltar o choque inicial.

Eles voltariam a persegui-lo. Afinal, era exatamente isso que ele merecia.

Mas, seja lá quanto tempo tivesse, lutaria contra o inevitável – não com a esperança de se livrar do Inferno, não pela possibilidade de um adiamento, mas simplesmente porque essa era uma função automática, que fazia parte do seu ser.

Matthias lutava pela mesma razão que cometera o mal.

Aquilo era simplesmente o que ele fazia.

Impulsionando a si mesmo para longe do chão, colocou contra as barras o pé que funcionava melhor e jogou seu peso para cima. Fez isso novamente. E de novo. O topo parecia estar a quilômetros de distância, o que apenas o fez concentrar-se mais em seu objetivo.

Uma eternidade depois, sua palma agarrou uma das pontas e seu braço enlaçou a perigosa lâmina.

Sangue escorreu rapidamente quando Matthias jogou a perna por cima do portão e uma das pontas cortou um pedaço de sua coxa.

Mas não havia motivo para voltar. Havia se comprometido, e de um jeito ou de outro a gravidade venceria e o puxaria para a terra – então era melhor que isso acontecesse lá fora do que dentro do cemitério.

Quando começou a cair, seus olhos focaram as estrelas. Ele chegou até a estender uma das mãos naquela direção.

O fato de que elas estavam cada vez mais distantes parecia apropriado.

CAPÍTULO 2

Mels Carmichael estava sozinha na redação. De novo.

Às nove da noite, o labirinto de cubículos do *Correio de Caldwell* estava povoado apenas por material de escritório, nada de pessoas – do ponto de vista do pessoal da redação, a edição do dia seguinte já zarpara para o mar: as prensas trabalhavam a todo vapor do outro lado do prédio.

Quando Mels se recostou na cadeira, as molas soltaram um chiado, e ela transformou aquele som em um instrumento, tocando uma musiquinha feliz que compusera após muitas noites iguais àquela. O título era “Rapidamente chegando a lugar nenhum”, e ela fazia um acompanhamento assoviando a parte do soprano.

– Ainda está aqui, Carmichael?

Mels se recompôs e cruzou os braços.

– Oi, Dick.

Seu chefe se esgueirou no pouco espaço que havia ali, com o sobretudo dobrado no braço e a gravata folgada ao redor do pescoço. Ele acabara de voltar da saideira no bar Charlie’s, onde os homens do jornal costumavam assistir esportes após o expediente.

– Trabalhando até tarde de novo? – Seus olhos percorreram os botões da blusa dela, como se esperasse que o uísque que tomou tivesse lhe dado poderes telecinéticos. – Tenho que dizer, você é bonita demais pra fazer isso. Você não tem namorado?

– Você me conhece, o trabalho é sempre mais importante.

– Bem... eu poderia dar algo para você trabalhar.

Mels imediatamente o encarou com firmeza:

– Obrigada, mas estou ocupada. Estou pesquisando sobre assédio sexual em mercados que antes eram dominados por homens, como companhias aéreas, esportes... jornalismo...

Dick franziu a testa como se não tivesse escutado o que esperava. O que era uma loucura. A resposta dela era a mesma desde o primeiro dia.

Mais de dois anos dando um fora nele. Deus, já tinha passado tanto tempo?

– É esclarecedor – ela esticou o braço e tocou o mouse, desativando a proteção de tela. – Muitas estatísticas. Poderia ser minha primeira

reportagem de âmbito nacional. Igualdade de sexos na América pós-feminismo é um assunto quente hoje em dia... é claro, eu poderia apenas colocar no meu blog. Talvez você pudesse me dar uma declaração.

Dick arrumou o sobretudo em seu braço.

– Eu não te passei essa pauta.

– Sou uma pessoa de iniciativa.

Ele levantou a cabeça como se estivesse procurando outra pessoa para importunar.

– Só leio aquilo que eu mandei escrever.

– Você pode achar útil.

O cara tentou afrouxar a gravata e... surpresa! Já estava aberta.

– Está perdendo seu tempo, Carmichael. Vejo você amanhã.

Enquanto saía, vestiu aquele sobretudo estilo Walter Cronkite com lapelas dos anos 1970 e o cinto que ficava pendurado, fazendo parecer que parte das suas entranhas não estava onde deveria. Ele provavelmente tinha aquele casaco desde os tempos de Watergate, quando Woodward e Bernstein provavelmente o inspiraram a seguir seu próprio sonho jornalístico... que terminou no topo do expediente de um jornal de cidade pequena.

Nada mal para um emprego. Mas também não era nenhum chefe de redação do *The New York Times*, ou do *The Wall Street Journal*.

Isso parecia incomodá-lo.

Então, pois é, não era necessário ser um gênio para atribuir suas inadequações ao tédio de um ex-timoneiro calvo, amargurado por ter passado sessenta anos na intersecção entre o *quase-lá* e o *meu-tempo-está-acabando*.

Por outro lado, talvez ele fosse apenas um cretino mesmo.

O que estava claro na mente dela era que um cara mais parecido com uma rã do que com Jon Hamm não tinha nenhuma razão objetiva para acreditar que a resposta para os problemas de qualquer mulher estava dentro da calça dele.

Quando as portas duplas se fecharam, Mels respirou fundo e ficou imaginando um ônibus passando por cima daquele sobretudo anacrônico e deixando as marcas dos pneus. Mas, graças ao corte nos orçamentos, a linha de ônibus da rua Trade não passava mais depois das nove da noite e agora eram... sim, o horário já tinha acabado dezessete minutos atrás.

Ela encarou a tela do computador, sabendo que deveria ir para casa.

Seu artigo de iniciativa própria não era exatamente sobre chefes de olhar malicioso que fazem suas funcionárias pensarem que o transporte público seria uma ótima maneira de assassinar alguém. O artigo era sobre pessoas

desaparecidas. As centenas de pessoas desaparecidas da cidade de Caldwell.

Caldie, como a cidade era conhecida, lar das pontes gêmeas, era também a líder nacional em desaparecimentos. Durante os últimos anos, a cidade de dois milhões de habitantes tivera o triplo de desaparecimentos de Manhattan (contando todos os seus cinco municípios) e Chicago – juntas. E o total da última década ultrapassara os números de toda a costa Leste. O que tornava tudo ainda mais estranho é que a questão não era só os números em si: acontece que as pessoas não estavam desaparecendo apenas temporariamente. Elas nunca voltavam e nunca eram encontradas. Nada de corpos, nada de vestígios e nada de relocação para outras jurisdições.

Era como se fossem sugadas para outro mundo.

Depois de toda sua pesquisa, Mels sentia que o horrível massacre em uma fazenda no mês anterior tinha algo a ver com a abundância de desaparecimentos...

Todos aqueles jovens esfaçalhados.

As informações preliminares sugeriam que muitos daqueles que foram identificados já haviam sido declarados desaparecidos em algum ponto de suas vidas. Muitos deles eram casos de delinquência juvenil ou tinham antecedentes com drogas. Mas nada daquilo importava para as famílias – e nem deveria.

Não é preciso ser um santo para ser uma vítima.

A horripilante cena da zona rural de Caldwell foi notícia em âmbito nacional, com todos os canais enviando seus melhores repórteres, desde Brian Willians até Anderson Cooper. Os jornais também estavam presentes. Mas, mesmo com toda a atenção, a pressão dos políticos e o clamor por justiça de comunidades abaladas (e com razão), a verdadeira história ainda estava para surgir: a polícia de Caldwell tentava ligar as mortes a uma pessoa, qualquer pessoa, mas não conseguiu nada – mesmo trabalhando no caso dia e noite.

Mas tinha de haver uma resposta. Sempre há uma resposta.

E Mels estava determinada a descobri-la – pelo bem das vítimas e de suas famílias.

Além disso, esse era o momento para ela se destacar. Chegara a Caldwell aos 27 anos, depois de pedir transferência de Manhattan porque viver em Nova York estava muito caro e ela não estava chegando a lugar algum no *New York Post*. Seu plano era se mudar por seis meses, juntar algumas economias morando com sua mãe e depois se concentrar nos peixes grandes: *The New York Times*, *The Wall Street Journal*, talvez até

um emprego de correspondente na CNN.

Mas não foi exatamente como as coisas aconteceram.

Voltando a focar na tela do computador, ela vasculhou as colunas que conhecia de cor, buscando padrões que ainda não tinha enxergado... pronta para encontrar a chave que abriria a porta não apenas da história, mas também de sua vida.

O tempo estava passando depressa, e Deus sabe que ela não era imortal...

Quando Mels deixou a redação, por volta das nove e meia, aquelas linhas de informação continuavam surgindo em sua mente sempre que piscava, como se fosse um videogame que ela tivesse jogado por muito tempo.

Seu carro, que batizara de Josephine, era um Honda Civic de doze anos com quase 125 mil quilômetros rodados – e a Fifi estava acostumada a esperar por ela no frio da noite. Mels deu partida naquele velho motor de máquina de costura e foi embora, deixando para trás seu emprego meia boca. E foi para a casa de sua mãe. Aos trinta anos de idade.

Que bela profissional. E pensava que iria acordar magicamente na manhã seguinte como uma Diane Sawyer sem o spray de cabelo?

Seguindo pela rua Trade para fora do centro da cidade, deixou os prédios de escritório para trás, passou pelas boates e ruas abandonadas do lado sujo do município. Ao final de todos aqueles prédios com janelas lacradas, as coisas melhoraram quando entrou nos arredores de uma vizinhança residencial, com casas bonitas e ruas com nomes de árvores...

– Meeeerda!

Virando o volante com força para a direita, tentou evitar o homem que apareceu no meio da rua, mas era tarde demais. Ela o acertou em cheio, erguendo-o com o para-choque até ele voar em seu para-brisa, cujo vidro laminado estilhaçou-se com um lampejo brilhante.

E aquele foi apenas o primeiro de três impactos.

O corpo do homem simplesmente voou pelos ares, e Mels teve a terrível visão dele atingindo o pavimento com força. E então ela teve seus próprios problemas. O impacto desviou o carro, que atingiu o meio-fio. Os freios diminuíram o impulso, mas não rápido o suficiente – e então se tornaram inúteis quando o carro também saiu do chão.

O carvalho que os faróis iluminaram fez seu cérebro realizar um raciocínio rápido: ela ia atingir a maldita coisa, e isso ia doer muito.

A colisão fez um barulho seco, um estampido ao qual ela não prestou muita atenção – estava ocupada recebendo o air bag em seu rosto, e a falta do cinto de segurança veio com tudo para morder seu traseiro. Ou a

virilha, nesse caso.

Mels foi jogada para a frente e ricocheteou para trás, e um pó vindo do air bag invadiu seu olhos, nariz e pulmões, causando irritação e fazendo-a engasgar. Então tudo ficou silencioso.

No final, tudo o que podia fazer, assim como a pobre Fifi, era ficar onde estava. Debruçada sobre o air bag vazio, ela tossiu um pouco...

Alguém estava assoviando.

Não, era o motor que soltava vapor de algo que deveria estar selado.

Ela virou a cabeça com cuidado e olhou para fora através da janela do motorista. O homem estava caído no meio da rua, totalmente parado, parado demais.

– Oh... meu Deus...

O rádio do carro ganhou vida, arranhando a princípio, depois se recuperando com um curto circuito. Uma música... qual era?

Do nada, uma luz surgiu no meio da estrada, iluminando a pilha de trapos que ela sabia ser uma pessoa. Piscando, imaginou se aquele seria o momento em que descobriria as respostas sobre a vida após a morte.

Não era exatamente o furo jornalístico que ela esperava, mas aceitaria mesmo assim...

Porém, não era nenhum tipo de chegada celeste. Eram apenas faróis.

Um sedan derrapou até parar e duas pessoas saíram do carro. O homem correu para a vítima, a mulher correu até ela. A boa samaritana de Mels teve que se esforçar para abrir a porta, mas, depois de alguns puxões, ar fresco substituiu o cheiro ruim de plástico do air bag.

– Você está bem?

A mulher tinha cerca de quarenta anos e parecia rica, seu cabelo estava arrumado para cima, os brincos dourados brilhavam, suas roupas finas e elegantes não combinavam com aquele cenário de acidente.

Ela pegou um iPhone.

– Chamei a emergência; não, não se mova. Você pode ter uma lesão no pescoço.

Mels se rendeu à súbita pressão em seu ombro, mantendo-se junto ao volante.

– Ele está bem? Eu não enxerguei... apareceu do nada.

Pelo menos, foi isso que ela tentou dizer. Seus ouvidos captaram apenas murmúrios que não faziam sentido algum.

Dane-se a lesão no pescoço; estava preocupada com seu cérebro.

– Meu marido é médico – disse a mulher. – Ele sabe o que fazer com o homem. Só se preocupe com você mesma...

– Não o vi. Não o vi – ah, bom, isso soou mais inteligível. – Voltando

do trabalho. Eu não...

– É claro que não. A mulher se ajoelhou. Realmente, ela parecia a esposa de um médico – e cheirava a perfume caro.

– Apenas fique parada, a ambulância está chegando...

– Ele está vivo, pelo menos? – Lágrimas surgiram nos olhos de Mels, substituindo uma irritação por outra. – Oh, meu Deus, eu matei ele?

Quando começou a tremer, ela lembrou qual era aquela canção... *Blinded by the light*, pensou.

– Porque meu rádio ainda está funcionando? – ela murmurou entre as lágrimas.

– Como é? – disse a mulher. – Que rádio?

– Você não está escutando?

O que se seguiu foi um gentil e alarmante toque em seu ombro.

– Apenas respire fundo e fique comigo.

– Meu rádio está tocando...

CAPÍTULO 3

– Está calor aqui? Quero dizer, você acha que está calor aqui?

O demônio cruzava e descruzava suas longas pernas à la Gisele Bündchen enquanto puxava o decote de seu vestido.

– Não, Devina, não acho – a terapeuta do outro lado da sala era exatamente como o sofá em que estava sentada: fofa e reconfortante. Até seu rosto era como um travesseiro de algodão, com as linhas de expressão parecendo bordadas em tecido macio. – Mas posso abrir uma janela se você quiser.

Devina recusou balançando a cabeça e enfiou a mão dentro de sua bolsa Prada. Além da carteira, chiclete de menta, uma garrafa de Smartwater e uma barra de chocolate *Green & Black's Organic Dark*, havia vários batons YSL *Rouge pur Couture*. Pelo menos... deveria haver.

Enquanto ela procurava, tentou parecer casual, como se estivesse checando se não perdeu as chaves.

Na verdade, ela estava contando para se certificar de que ainda tinha treze tubos do batom: começando pelo da esquerda no fundo da bolsa, foi movendo para a direita. Treze era o número correto. Um, dois, três...

– Devina?

... quatro, cinco, seis...

– Devina.

Quando perdeu a conta, ela fechou os olhos e lutou contra a tentação de estrangular quem fizera a interrupção...

Sua terapeuta limpou a garganta. Tossiu. E depois engasgou.

Devina abriu os olhos e encontrou a mulher com as mãos no pescoço, parecendo que tinha engolido um McLanche Feliz da maneira errada. Foi bom ver a dor e a confusão, um pequeno show que fez Devina apertar os dedos dos pés, pedindo por mais.

Mas a diversão não podia ir mais longe. Se perdesse essa terapeuta, o que seria dela? Estavam fazendo progresso, e encontrar outra pessoa com quem sentisse uma conexão poderia tomar um tempo que ela não tinha.

Praguejando, o demônio chamou de volta seus cães mentais, aliviando a esganadura invisível que lançara sem perceber.

A terapeuta respirou fundo e olhou ao redor, aliviada.

– Eu... ah... acho que vou abrir a janela.

A mulher se levantou, alheia ao fato de que suas habilidades como psicóloga haviam acabado de salvar sua vida. As duas se encontravam cinco vezes por semana nos últimos dois meses, conversando por cinquenta minutos ao custo de 75 dólares por sessão. Graças a toda aquela baboseira emotiva, os sintomas do transtorno obsessivo-compulsivo de Devina estavam ficando um pouco mais fáceis de aguentar. E, considerando como as coisas estavam caminhando na guerra contra aquele anjo Jim Heron, a terapia seria muito necessária na próxima rodada.

Devina não podia acreditar que estava perdendo.

Na batalha derradeira pela supremacia na Terra, aquele anjo vencera duas vezes. Havia apenas mais quatro almas na disputa. E se ela perdesse mais duas? Não sobraria nada dela ou de sua coleção: tudo desapareceria, aqueles objetos preciosos que juntara durante os milênios, cada qual uma valiosa lembrança de seu trabalho, estariam perdidos, perdidos, perdidos. E isso não era a pior parte. Suas crianças, aquelas gloriosas almas torturadas e presas em seu muro, seriam incorporadas pelo bem, pelos beatos, pelos imaculados.

Esse mero pensamento a deixava enjoada.

E, ainda por cima, ela tinha acabado de ser penalizada pelo Criador.

A terapeuta voltou a se ajeitar nas almofadas depois de sua busca por ar fresco.

– Então, Devina, conte o que está em sua mente.

– Eu... ah... – quando a ansiedade subiu, ela levantou a bolsa, procurando algum furo; não encontrou nenhum. – Tem sido difícil...

Nenhum dos batons poderia ter caído, ela disse a si mesma. E havia checado o número antes de sair de seu covil. Treze, um perfeito treze. Então, logicamente, estavam todos lá. *Tinham* de estar.

Mas... oh, Deus, talvez ela tivesse segurado a bolsa de lado e deitado um deles cair por não ter fechado o zíper...

– Devina – disse a terapeuta –, você parece muito nervosa. Pode me dizer o que está acontecendo, por favor?

Fale, disse a si mesma. Era a única maneira para escapar disso. Mesmo que contar, arrumar, checar e recontar parecessem a solução, ela gastaria milênios fazendo isso sem chegar a lugar algum. E esse novo jeito estava funcionando. Mais ou menos.

– Aquele novo colega de trabalho de que eu te falei... – ela abraçou a bolsa, segurando tudo com o corpo que assumia quando andava entre os macacos. – Ele é um mentiroso. Um completo mentiroso. Ele me enganou... e *eu* fui acusada de jogar sujo.

Desde que começara a terapia, ela vinha explicando a guerra contra o anjo Jim Heron em termos que um humano do começo do século XXI pudesse entender: ela e seu inimigo eram colegas em uma empresa de consultoria, e competiam pela vice-presidência. Cada alma que disputavam era um cliente. O Criador era o CEO, e os dois tinham um número limitado de tentativas para impressioná-lo. Blá, blá, blá. A metáfora não era perfeita, mas era melhor do que se revelar completamente e correr o risco de sua terapeuta perder a cabeça, ou pensar que Devina não era apenas compulsiva, mas digna de um manicômio.

– Pode ser mais específica?

– O CEO enviou nós dois para um cliente em potencial. No final, o homem nos contratou e queria trabalhar comigo. Tudo estava bem. Eu estava contente, o cliente estava... – bem, não contente. Matthias não estava nem um pouco contente, o que era mais uma razão para ela ficar satisfeita com a vitória: quanto mais sofrimento, melhor. – Estávamos cuidando do cliente, e tudo estava combinado, o contrato estava assinado, o assunto encerrado. Então fui chamada para uma reunião idiota e me disseram que teríamos que disputar o cliente de novo.

– Você e seu colega de trabalho, certo?

– Isso! – ela jogou as mãos para cima. – Quer dizer, qual é? Estava feito. Estava tudo combinado. A disputa tinha terminado. E agora temos que refazer tudo? Que merda é essa? E daí o CEO disse pra mim: “Bom, você ainda pode ficar com a comissão pelo contrato.” Como se isso compensasse tudo!

– Melhor do que perder tudo.

Devina balançou a cabeça. A mulher simplesmente não entendia. Uma vez que ela se apoderava de algo, se deixasse isso escapar, ou se alguém a roubasse, era como se uma parte de seu verdadeiro corpo fosse removida: Matthias fora arrancado de seus muros e colocado novamente na Terra.

Francamente, o poder do Criador era a única coisa capaz de assustá-la.

Além de suas próprias compulsões.

Não conseguiu controlar a ansiedade: abriu a bolsa novamente e recomeçou a contar...

– Devina, você trabalhou bem com o cliente, certo?

Ela fez uma pausa.

– Sim.

– E você possui um bom relacionamento com ele ou ela?

– Ele. Sim.

– Então você está numa posição mais vantajosa do que seu colega de trabalho, não é?

A terapeuta fez um gesto com as mãos, como se dissesse “então, qual o problema?”.

– Não tinha pensado assim – estivera irritada demais para isso.

– Você deveria. Mas, eu devo dizer, tem uma coisa que está me confundindo. Por que o CEO sentiu a necessidade de intervir? Especialmente se o cliente não apenas assinou um contrato, como também parecia satisfeito?

– Ele não aprovou algum dos... métodos... usados para assegurar o negócio.

– Métodos seus?

Quando Devina hesitou, os olhos da terapeuta rapidamente focaram o decote que a paciente usava.

– Sim, meus – disse o demônio. – Mas, qual é, eu consegui o cliente e ninguém pode criticar minha ética no trabalho: estou trabalhando o tempo todo. Literalmente. Não tenho vida que não seja meu trabalho.

– Você aprova as táticas que usou?

– É claro. Consegui o cliente, isso é tudo que importa.

O silêncio que se seguiu sugeria que a terapeuta não aprovava essa coisa de “fins justificando os meios”. Mas que se dane, isso era problema dela – e era provavelmente a razão de ela parecer um travesseiro e passar os dias escutando os problemas dos outros.

Em vez de governar o mundo inferior e ficar uma gostosa usando sapatos *Louboutins*...

Quando a ansiedade apertou de novo, Devina começou outra recontagem, jogando os batons um atrás do outro, da esquerda para a direita. Um, dois, três...

– Devina, o que você está fazendo?

Por uma fração de segundo, ela quase atacou de verdade. Mas a razão e um chamado para a realidade prevaleceram: as compulsões estavam quase dominando-a completamente. E não se pode ser efetivo contra um inimigo como Jim Heron quando se está presa em uma eterna ansiedade causada por objetos que se sabem perfeitamente bem que não foram perdidos, movidos ou tocados por nenhuma outra pessoa.

– Batom. Estou apenas me certificando de que trouxe meus batons.

– Certo. Bom, quero que você pare com isso.

Devina levantou o olhar com verdadeiro desespero.

– Eu... não consigo.

– Sim, você consegue. Lembre-se, o problema não são os objetos. Você deve lidar com seus medos de maneira mais efetiva e permanente do que simplesmente cedendo às compulsões. Você sabe, o alívio que consegue

no final de um ritual nunca, nunca dura mais que uma fração de segundo; e nunca ataca a raiz do problema. O fato é que, quanto mais obedece às compulsões, mais fortemente elas controlam você. A única maneira de melhorar é aprender a suportar a ansiedade e repensar os impulsos como algo que você pode controlar; e não o contrário – a terapeuta se inclinou para frente, com uma seriedade de quem vai dizer algo cruel, mas para o seu bem. – Quero que você jogue um deles fora.

– *O quê?*

– Jogue um dos batons fora – a terapeuta se esticou para o lado e pegou um cesto de lixo cor-de-rosa. – Agora mesmo.

– Não! Deus, você está louca? – O pânico se espalhou pelo seu corpo. As palmas das mãos começaram a suar, seus ouvidos zumbiram, seus pés adormeceram. Logo, a onda se propagou: seu estômago embrulhou, o fôlego foi se perdendo, o coração batia mais rápido. Tudo isso pareceu durar uma eternidade. – Eu nunca vou conseguir...

– Você consegue e, além do mais, você *precisa*. Escolha a cor de que menos gosta e coloque no cesto.

– Não tenho uma cor de que eu não gosto, todos são da mesma cor: *I Le Rouge*.

– Então qualquer um vai servir.

– Não consigo... – lágrimas ameaçavam cair. – Não consigo...

– Pequenos passos, Devina. Essa é a chave da terapia cognitiva comportamental. Temos que tirar você da zona de conforto, te expor ao medo, e então te conduzir a superar o obstáculo para que aprenda que pode chegar inteira do outro lado. Faça isso muitas vezes e o transtorno vai começar a perder o controle sobre seus pensamentos e suas decisões. Por exemplo, o que acha que vai acontecer se jogar um deles fora?

– Terei um ataque de pânico. Principalmente quando chegar em casa e o batom não estiver comigo.

– E depois?

– Vou comprar outro para substituir, mas não vai ser o mesmo que joguei fora, então não vai adiantar nada. Vou só ficar mais compulsiva...

– Mas você não vai morrer.

É claro que não, ela era imortal. Contanto que ganhasse a guerra, obviamente.

– Não, mas...

– E o mundo não vai acabar.

Bem, não por causa do batom.

– Mas vai parecer que sim.

– Emoções vêm e vão. Não duram para sempre – a mulher balançou o

cesto. – Vamos lá, Devina, vamos tentar. Se você achar que é muita coisa para aguentar, pode pegar o batom de volta. Mas precisamos começar a nos concentrar nisso.

Como previsto, um ataque de ansiedade começou a surgir, mas, ironicamente, foi o medo que a fez prosseguir: medo de ser dominada por esse problema que não conseguia controlar, medo de que Jim vencesse não porque era o melhor no jogo do Criador, mas porque ela não suportava a pressão; medo de nunca conseguir mudar...

Devina enfiou a mão na bolsa e agarrou o primeiro batom que encontrou. Então jogou fora. Apenas o deixou cair no cesto de lixo.

O som macio que o objeto fez ao acertar os lenços de papel dos pacientes anteriores pareceu o portão do Inferno se fechando atrás dela.

– Bom trabalho – disse a terapeuta, como se Devina fosse uma garotinha de cinco anos que tinha recitado o alfabeto. – Como se sente?

– Como se fosse vomitar – olhando para o cesto, a única coisa que a impediu de vomitar foi o fato de que faria isso *em cima* do batom.

– Você pode classificar sua ansiedade numa escala de um a dez?

Quando Devina disse “dez”, a terapeuta começou um discurso sobre respirar durante o pânico, blá, blá, blá...

A mulher se inclinou para frente de novo, como se soubesse que não estava sendo ouvida.

– O importante não é o batom, Devina. E a ansiedade que você sente agora não vai durar para sempre. Não vamos exigir demais de você, e vai ficar impressionada com os avanços. A mente humana pode ser reprogramada, podemos criar novos caminhos de experiência. A terapia de exposição funciona: é tão poderosa quanto as compulsões. Você precisa acreditar nisso, Devina.

Com a mão trêmula, o demônio limpou o suor da testa. Então, recompondo-se dentro de seu traje de carne humana, ela assentiu.

A mulher que parecia um travesseiro estava certa. O que Devina vinha fazendo até então não estava funcionando. As coisas estavam piorando, e os riscos só aumentavam.

Afinal, ela não apenas estava perdendo... também estava apaixonada pelo inimigo.

Não que gostasse de se lembrar disso.

– Você não precisa acreditar que isso vai funcionar, Devina. Apenas tem que acreditar nos resultados. É difícil, mas você consegue. Tenho fé em você.

Devina observou os olhos da humana e invejou a convicção da terapeuta. Inferno, uma pessoa com aquele tipo de confiança devia estar

delirante... ou se apoiando em muita experiência e treinamento.

Houve um tempo em que Devina também tinha essa confiança em si mesma.

E precisava ter isso de volta.

Jim Heron provara ser muito mais do que um oponente digno e uma boa transa. E ela não podia deixá-lo manter a vantagem. Perder não era uma opção. Assim que a sessão de terapia terminasse, ela precisava voltar ao trabalho com a mente limpa e livre de qualquer besteira.

Devina fechou os olhos e se ajeitou na poltrona, apoiando as mãos nos braços estofados e enterrando as unhas no tecido aveludado.

– Como está se sentindo? – perguntou a terapeuta.

– Como se fosse superar isso de um jeito ou de outro.

CAPÍTULO 4

– Apenas me diga se ele está vivo ou não.

A enfermeira ao lado da cama simplesmente ignorou o pedido de Mels. Oferecendo uma caneta, a mulher disse:

– Se você assinar esses papéis eu passarei as receitas...

Danem-se os papéis.

– Preciso saber se o homem sobreviveu.

– Por lei, eu não posso divulgar a condição de nenhum paciente. Assine aqui para eu poder te liberar.

Leia-se: *Não encha minha paciência e me deixe voltar a trabalhar.*

Praguejando baixinho, Mels assinou no local indicado e guardou as duas folhas de papel e a cópia, enquanto a enfermeira partia para aterrorizar o próximo paciente.

Que noite! A boa notícia era que a polícia estava pelo menos chamando aquilo de acidente, reconhecendo que ela não tinha sido negligente ou bebido. Mas ainda havia problemas...

Observando seus papéis de alta, ela passou a vista nas notas. Concussão leve. Distensão no pescoço. Retorno com seu médico de preferência em uma semana ou mais cedo no caso de visão dupla, náusea, tontura ou piora da dor de cabeça.

O carro provavelmente sofrera perda total.

E não havia como o homem ter sobrevivido.

Com um grunhido, ela sentou, encostando-se nos travesseiros, e sua cabeça enfaixada registrou o movimento como se fosse o giro de uma bailarina. Enquanto esperava a tontura passar, ela observou suas roupas penduradas em uma cadeira de plástico laranja à sua frente. Ela pudera manter o sutiã e a calça durante os exames. A camisa, a jaqueta e o casaco estavam apenas esperando para ser vestidos de novo.

Mels não ligou para sua mãe.

A família já passara por um acidente automobilístico – e, naquele caso, a pessoa que não tinha sobrevivido era seu pai.

Então, pois é, apenas mandou uma mensagem de texto dizendo que sairia com os amigos e chegaria em casa mais tarde. A última coisa de que precisava era deixar sua mãe nervosa e insistindo em ir buscá-la no

hospital, especialmente levando em consideração o que ela queria fazer agora.

Mels começou lentamente o esforço para vestir-se, embora esse atraso não tivesse nada a ver com ser uma boa paciente. Evidentemente, o choque de ter se sentido como um boneco de teste de colisão não era algo de que podia se livrar facilmente. Ela sentia-se velha e decrépita – e estranhamente aterrorizada.

Ter matado alguém... era inimaginável.

Ela enfiou os papéis na bolsa, abriu a cortina verde e encarou o enorme caos do hospital: pessoas com jalecos brancos e batas de enfermeira andavam para cima e para baixo, entrando e saindo de quartos, dando e obedecendo ordens.

Considerando que já estivera em uma colisão naquela noite, ela foi cuidadosa para não entrar no caminho de ninguém enquanto se dirigia para a saída.

Que ela não usou.

A sala de espera estava cheia de pessoas buscando cuidados médicos, incluindo um cara com um olho roxo e uma mão cheia de ataduras que sangrava muito. Ele levantou a cabeça, olhou para Mels e assentiu, como se compartilhassem uma ligação por terem começado uma briga em um bar.

Pois é, você deveria ver como o carvalho ficou depois que eu acabei com ele. Toca aqui.

Na recepção, ela se instalou no balcão e esperou até ser notada. Quando um homem se aproximou, Mels sorriu como se o assunto não fosse muito importante.

– Você pode me dizer o número do quarto daquele desconhecido que foi atropelado?

– Ei, eu te conheço. Você é repórter.

– Sim – ela enfiou a mão dentro da bolsa, pegou seu passe de imprensa e o mostrou, como se fosse um distintivo do FBI. – Você pode me ajudar?

– É claro – ele começou a digitar no teclado. – Ele foi transferido para um quarto hospitalar. Número 666. É só pegar o elevador e seguir as placas.

– Obrigada – Mels deu uma leve batida no balcão. Pelo menos, ele ainda estava respirando. – Você ajudou muito.

– Sabe, você não parece muito bem – disse o enfermeiro, fazendo um círculo em volta de seu olho.

– Noite difícil.

– Estou vendo.

A viagem até o sexto andar foi um exercício de processamento de informações, em que seu cérebro falhou miseravelmente. Para começar, ainda sentia tontura, e a subida fez seu ouvido zumbir tanto que foi preciso segurar no corrimão. Ótima ideia colocar um corrimão no elevador; afinal, gente com tontura era parte da rotina por ali. E o fato de a parede ser revestida com metal cinza fosco era outro benefício. Ela ainda não tinha se olhado no espelho, mas, pela maneira como o enfermeiro a olhou na recepção, o air bag que ela quase comera provavelmente não fizera muito bem à sua pele.

A campainha do elevador era alegre como se estivesse na Disneylândia, mas as portas se abriram tão vagorosamente que pareciam exaustas.

Seguindo as instruções, ela observou as placas e encontrou a direção, entrando em um longo e amplo corredor marcado por incontáveis portas largas. Tudo era mais quieto por lá, e ninguém na estação das enfermeiras se manifestou enquanto ela se aproximava. Melhor assim – não queria correr o risco de alguém começar a fazer perguntas, não gostar das repostas e enviá-la de volta.

O quarto ficava quase no final do corredor, e ela meio que esperava ver um policial de guarda na porta. Mas não havia nada nem ninguém. Apenas mais uma porta com uma placa amarela numerada no batente e uma superfície laminada, que parecia madeira de pinheiro.

Empurrando a porta, ela se inclinou para dentro. Sob a luz fraca, pôde ver o pé da cama, uma janela na parede mais distante e uma TV instalada no teto. O som de bipes e o cheiro de desinfetante provavam que aquilo não era um quarto de hotel – não que ela precisasse de ajuda para saber disso.

Mels limpou a garganta.

– Olá?

Quando não houve resposta, entrou e deixou a porta entreaberta. Passando pelo banheiro, parou quando teve uma visão clara do paciente.

Então levou as mãos ao rosto e cobriu a boca quando seu queixo caiu.

– Oh... meu Deus!

No pequeno apartamento acima da garagem que alugava na zona rural, Jim Heron não conseguia dormir.

Todos ao redor dormiam como pedras: o Cachorro estava ao pé da cama, suas patas tremendo enquanto sonhava com coelhos ou esquilos... ou talvez com sombras negras que possuem presas. Adrian estava sentado em um canto, com as costas contra a parede e o corpo tenso, apesar da

respiração regular. E Eddie? Bom, o cara estava morto, então não era como se estivesse andando por aí em círculos.

Desesperado por um cigarro, Jim saiu da cama pelo lado errado, para evitar perturbar o Cachorro, e pegou seu maço de Marlboro. Antes de sair, se aproximou para checar Adrian.

Sim. Dormindo sentado.

Com uma adaga de cristal na mão, caso alguém viesse atrás de seu amigo.

Pobre coitado. A perda de Eddie fora um duro golpe na equipe... mas fora particularmente ruim para aquele maluco tatuado cheio de *piercings* que estava em vigília desde o dia da morte.

Por que será que, quando um homem tenta esconder sua dor, parece ser muito mais triste do que se estivesse em qualquer tipo de histeria e choradeira?

E, em uma nota não relacionada, Jim estava estranhando trabalhar com parceiros.

No tempo em que era um assassino das Operações Extraoficiais, ele agia estritamente sozinho. Agora tanta coisa tinha mudado, desde seu chefe e o tipo de trabalho, passando por suas armas – e Eddie Blackhawk era quem mostrava o caminho, ensinando o que precisavam saber, acalmando ele e Adrian quando os dois discutiam, sendo a voz da razão em situações nas quais parecia não haver lógica... como quando se está diante do próprio cadáver. Ou quando se luta contra um demônio que gosta de usar Prada e que tem uma queda por homens que a rejeitam. Ou quando se leva nas costas o futuro das boas almas, e das más, e de todas aquelas que já existiram ou que iriam existir.

Tipo de coisa que fazia a pessoa querer trocar de emprego com o cara que frita hambúrgueres na lanchonete.

Praguejando, Jim andou até o sofá, pegou uma jaqueta de couro e cobriu as pernas de Adrian. O outro anjo grunhiu e se ajeitou no chão, mas continuou debaixo da jaqueta. Ótimo – o objetivo era manter o cara aquecido, não conversar com ele.

Jim não estava a fim de conversar com ninguém.

Mas isso não era novidade.

Ele pisou no patamar no topo da escada e o ar frio percorreu a pele nua de seu peito. Antes de ter um colega de quarto e um cão, ele sempre dormia nu. Agora usava um moletom. O que o ajudava era o fato de que as noites de abril eram muito frias em Caldwell.

Não que ele dormisse muito.

O maço de Marlboro ainda estava embrulhado e Jim o bateu contra a

palma da mão enquanto fechava a porta silenciosamente. Uma das vantagens de ser ao mesmo tempo imortal e corpóreo é que você não precisa se preocupar com câncer, mas a nicotina faz efeito em seu sistema nervoso.

E também não precisa procurar um isqueiro no bolso.

Ele rasgou a embalagem, retirou um cigarro, colocou-o nos lábios e levantou a mão. Quando seu dedo indicador se iluminou ao seu comando, ele pensou em Eddie novamente – e, como de costume, desejou matar Devina.

Pelo menos, os caras do bem ainda estavam com vantagem de dois a um na guerra. Se conseguisse mais duas vitórias, tudo terminaria: ele livraria a Terra das garras do demônio, manteria sua mãe segura na Mansão das Almas... e tiraria sua Sissy do Inferno.

Não que ela fosse sua.

Ele exalou o ar. Não tinha total certeza sobre Sissy, mas as coisas tinham de funcionar assim, não é? Se os anjos ganhassem e Devina deixasse de existir, ele poderia ir lá embaixo e livrar aquela pobre garota da prisão. O Inferno seria dele para fazer o que quisesse.

Certo?

Com essa deixa, começou a imaginar quem seria a próxima alma.

Pensou em seu novo chefe e ouviu a voz com sotaque britânico em sua cabeça. O som macio orgulhoso das palavras de Nigel ecoava ao redor, irritando-o: *Você o reconhecerá como um antigo amigo e um antigo inimigo a quem encontrou recentemente. O caminho não poderia ser mais óbvio se estivesse iluminado com placas.*

– Muito obrigado – murmurou enquanto a fumaça escapava de seus lábios junto com a respiração. – Ajudou muito, cara.

Era completamente injusto que sua inimiga soubesse quem era o alvo e ele não.

Que merda.

Na última rodada, ele enganara Devina para conseguir a informação, mas ela não cairia nessa de novo – diga o que quiser sobre aquele demônio, mas ela não era uma loira burra, nem de longe. E isso significava que lá estava ele de novo, emperrado em ponto morto, enquanto o inimigo com certeza saía na frente.

Esse era precisamente o mesmo problema que ele tivera na disputa pela alma de seu antigo chefe. Durante todo o tempo, ele pensou que era outra alma que estava em jogo, mas no fim era Matthias quem estava sendo disputado.

Mas já era tarde, e o filho da puta havia feito a escolha errada.

Vencedora: Devina.

Nesse ritmo, o jogo estava destinado a ser injusto, enquanto Devina continuasse interagindo diretamente com as almas. De acordo com as regras, Jim era o único que poderia fazer isso, mas, na prática, ela fazia parte do corpo a corpo tanto quanto ele. Naturalmente, Nigel, o chefe dos escoteiros, estava convencido de que ela seria punida por pisar fora de seus limites – e talvez até fosse. Mas quem poderia saber quando e onde?

Nesse meio tempo, Jim não tinha outra escolha além de ficar esperto e torcer para não estragar tudo.

Ele precisava vencer. Por sua mãe... e por Sissy.

Ele tragou e exalou outra vez, observando a fumaça girar no ar frio e subir até desaparecer. Ao piscar os olhos, viu uma imagem de Sissy Barten, aquela linda jovem, pendurada de cabeça para baixo em uma banheira de porcelana branca, o sangue vermelho vivo manchando seus cabelos dourados, a pele marcada com símbolos que ele nunca vira antes, mas que Eddie tinha entendido muito bem...

O som discreto de algo raspando o fez perder a linha de raciocínio, então ele virou para trás e abriu a porta do apartamento. O Cachorro saiu mancando com o pelo todo desgrenhado – o que era seu estado natural, e não consequência de ter dormido em uma posição esquisita.

– Ei, amigo! – Jim disse com a voz macia enquanto fechava a porta. – Você precisa ir lá fora?

O pobre e velho cão tinha dificuldade com as escadas, então Jim geralmente o carregava até o chão. Quando ele se abaixou para pegá-lo, o Cachorro prontamente se sentou: era sua maneira de dizer que queria ser apanhado e carregado.

– Sim, senhor.

O animal, que Jim sabia ser mais do que um vira-lata qualquer, pesava quase nada em seu braço, e era quente como um bico de Bunsen.

– Eu disse pra ela pensar em você – Jim disse, segurando o cigarro longe do Cachorro, só para o caso de estar errado quanto ao cão ser especial. – Eu disse pra Sissy pensar em você mastigando minhas meias. Quero que ela imagine você brincando na grama fresca quando as coisas ficarem...

Não podia terminar aquele pensamento em voz alta.

Em seu tempo de vida, Jim fizera muitas coisas feias, horrorosas, para pessoas feias e horrorosas – o que significava que há muito tempo já se tornara durão em relação às suas emoções...

Bom, na verdade, isso tinha acontecido ainda quando era adolescente. Naquele dia, quando tudo mudou para sempre.

No dia em que sua mãe foi assassinada.

Dane-se. São águas passadas.

O fato era que a ideia de Sissy mergulhada no Poço das Almas do demônio era suficiente para fazer até um soldado endurecido pela guerra perder a cabeça.

– Eu disse a ela... pra pensar em você, quando sentisse que não conseguiria aguentar mais.

A pequena cauda do Cachorro balançou para um lado e para o outro, como se Jim tivesse feito a coisa certa.

É, esperava que ela estivesse pensando no Cachorro lá embaixo, e que isso lhe desse um pouco de alívio.

Pois não havia mais nada.

– Preciso encontrar a próxima alma – sussurrou Jim antes de fumar outro trago do cigarro. – Preciso saber quem é o próximo na lista. Precisamos vencer, Cachorro.

Aquele nariz frio e molhado encostou em seu rosto, e ele teve o cuidado de soprar a fumaça por cima do ombro.

O fato de Nigel dizer que Jim conhecia a alma não significava absolutamente nada. Ele conhecera muita gente durante sua vida.

Podia apenas rezar para que fosse alguém que ele pudesse trazer para o seu lado.

CAPÍTULO 5

Matthias percebeu o momento em que não estava mais sozinho. A luz ao redor se intensificou, significando que uma porta se abriu, e isso não acontecia por acaso.

Sua mão direita se fechou por reflexo, como se segurasse uma arma. Mas isso era tudo o que podia fazer. Seu corpo estava imóvel por causa da dor, como se uma corrente o prendesse onde quer que ele estivesse deitado... era uma cama. Sim, estava numa cama, e o som ambiente cheio de bipes lhe informava que tipo de cama. Um hospital. Ele ainda estava no hospital.

Será que nunca iria se recuperar da...

Seus pensamentos empacaram nesse ponto.

Não havia nada além de um buraco negro.

Não fazia ideia da razão de estar ali. Nenhuma pista de por que seu corpo doía tanto. Não... Deus, sabia apenas que seu nome era Matthias, e nada mais.

O pânico o fez arregalar os olhos. Havia uma mulher ao pé da cama, aterrorizada, com as mãos no rosto e uma expressão de completo choque. Um de seus olhos estava roxo e sua testa estava enfaixada. O cabelo preto estava preso para trás. Olhos bonitos. Alta... ela era alta...

Olhos lindos, na verdade.

– Eu sinto muito – ela disse, com a voz rouca.

Como é?

– Sobre...? – a voz dele estava áspera, a garganta doía. E um de seus olhos não funcionava direito.

Não, o olho estava completamente inutilizado. Perdera metade da vista no passado. Foi isso mesmo, quando ele era...

Franziu a testa e seus pensamentos caíram no abismo novamente.

– Eu te atrolei. Sinto muito... não enxerguei você. Estava tão escuro, e você apareceu na rua antes que eu pudesse frear.

Ele tentou estender a mão, em um impulso para acalmá-la que ultrapassou a dor e a confusão.

– Não foi sua culpa... não... sem lágrimas. Venha...

Por algum motivo, ele não podia acreditar que alguém choraria por ele,

agora ou em qualquer tempo. Não era o tipo de homem que inspira reações assim. Não ele. Mas por que isso era assim, ele não sabia...

A mulher se aproximou um pouco, e Matthias observou com seu olho bom enquanto ela estendia a mão quente e macia... até tocar a palma dele.

O contato o fez sentir aquecido por todo o corpo, como se tivesse deitado em uma banheira quente.

Engraçado, ele nem tinha percebido que sentia frio até ela o tocar.

– Estou apertando sua mão... – ele disse, com a voz entrecortada. – Caso não consiga perceber.

Ela foi gentil e não comentou o fato de que claramente não sentia sua tentativa de retribuir o contato. Mas ele estava se esforçando. E quando seus olhos se encontraram, por alguma razão, Matthias quis dizer que nem sempre estivera quebrado. Um dia, não faz muito tempo, ele fora capaz de levantar-se orgulhoso, correr longas distâncias e usar seus músculos. Porém, agora ele era como um colchão com pulsação cardíaca.

Mas o motivo disso não fora o atropelamento. Não, ele já estava quebrado havia um bom tempo.

Talvez sua memória estivesse voltando.

– Sinto muito – ela disse novamente.

– Foi assim que você... – ele fez um gesto mostrando o próprio rosto, mas isso a fez focar ainda mais nele, e a maneira como estremeceu sugeria que para ela era difícil olhar o quanto ele estava feio. – Você também se machucou.

– Ah, estou bem. A polícia já veio conversar com você?

– Acabei de acordar. Não sei.

Ela desfez o contato entre eles e enfiou a mão em uma bolsa que mais parecia uma mala.

– Aqui. Este é o meu cartão. Eles conversaram comigo enquanto eu estava sendo medicada, e eu disse que aceito toda a responsabilidade.

Ela colocou o cartão na frente de seu rosto, mas sua visão se recusou a focar.

E Matthias não queria olhar para nada além dos olhos dela.

– Qual é o seu nome?

– Mels Carmichael. Na verdade, é Melissa – ela tocou o próprio peito. – As pessoas me chamam de Mels.

Quando ela deixou o cartão na mesa ao lado, ele franziu a testa, mesmo isso fazendo sua cabeça latejar.

– Como você se machucou?

– Me ligue se precisar de alguma coisa. Não tenho muito dinheiro, mas...

– Não estava usando cinto de segurança, não é?

A mulher olhou ao redor como se já tivesse ouvido isso da polícia.

– Ah...

– Você devia usar o cinto...

A porta abriu bruscamente, e a enfermeira que entrou parecia como se fosse a dona do lugar.

– Estou aqui – ela anunciou enquanto caminhava até os aparelhos que ficavam atrás da cama. – Ouvi o alarme.

A primeira coisa em que Matthias reparou foram os grandes peitos da mulher. Depois, na cintura pequena. E nos longos cabelos castanhos, macios como um edredom e brilhantes como porcelana.

Mas aquela imagem fez sua pele se arrepiar. Ao ponto de ele tentar se sentar para poder sair dali...

– Shh... está tudo bem – sorrindo, a enfermeira quase botou Mels para fora. – Estou aqui pra ajudar.

Olhos negros. Olhos negros que o lembravam de alguma coisa, em algum lugar... uma prisão onde você ficava sufocado pela escuridão, incapaz de se livrar...

A enfermeira se inclinou e seus seios se apertaram um contra o outro.

– Vou cuidar de você.

– Não – ele disse com veemência. – Não, você não vai...

– Ah, sim, eu vou.

Sentia seu inconsciente tentando avisá-lo sobre alguma coisa, algo que não conseguia distinguir com clareza, mas que enviava sinais como um caminho de pólvora antes de uma bomba explodir. Mas não encontrou nada específico. Suas memórias pareciam bases camufladas em um horizonte visto através de óculos de visão noturna – ele sabia que o inimigo estabelecera bases em algum lugar, mas era impossível visualizar qualquer detalhe.

– Se você não se importar – a enfermeira disse para Mels –, eu preciso cuidar do meu paciente.

– Ah, sim. Claro. Eu vou... é, vou embora – Mels se esticou sobre a mulher para poder enxergá-lo. – Bom... falo com você mais tarde.

Matthias também precisou se desviar da enfermeira, mudando a posição do corpo e fazendo os músculos da barriga se contraírem.

A enfermeira bloqueou sua visão.

– Feche a porta quando sair, certo? Obrigada.

E então ficaram a sós.

A enfermeira sorriu e encostou o quadril na beira da cama.

– Que tal eu te dar um banho?

Parecia uma ordem, não um pedido. E, cara, de repente ele sentiu-se nu – e não de um jeito bom.

– Não estou sujo – ele disse.

– Sim, você está – ela colocou a mão em seu braço, bem no lugar onde as sondas se conectavam com a veia. – Você está imundo.

Do nada, seu corpo começou a ganhar força: a energia invadia e inflava seus músculos com saúde, como se ele tivesse passado por dias de descanso, noites bem dormidas e muita comida.

Estava vindo dela, ele percebeu. Mas... como isso era possível?

– O que você está fazendo comigo?

– Nada – a enfermeira sorriu. – Se sente diferente?

Olhando em seus olhos negros, a escuridão parecia tão irresistível quanto repulsiva – e ele não saberia dizer quanto tempo ficaram ali daquele jeito, ligados pela mão dela, que transferia o que parecia uma droga miraculosa.

– Eu conheço você – ele pensou em voz alta.

– É engraçado quando a gente sente isso com uma pessoa desconhecida.

O poder que entrava nele parecia maligno e muito familiar.

– Eu não quero...

– Não quer o quê, Matthias? Não quer se sentir melhor, ficar mais forte, viver pra sempre? – ela se inclinou para ainda mais perto. – Está me dizendo que não quer ser um homem de novo?

Os lábios dele começaram a se mover, mas nenhum som saiu. Uma lentidão se apoderou de seu corpo quando ela retirou a mão. Desorientado e confuso, ele tentou se levantar, mas parecia que, afinal, fora mesmo drogado.

– Vou te dar um banho agora – ela disse com um olhar malicioso e um sorriso que faziam parecer que estava falando de sexo oral e não de esponja e sabonete.

Quando ela se aproximou da pia, Matthias aspirou profundamente, suas costelas se expandindo sem dor, e conseguiu expirar sem dificuldade. Todas as dores desapareceram, dando a impressão de que fazia anos que seu corpo não apresentava nenhuma complicação. Talvez séculos?

– Que dia é hoje? – ele murmurou, enquanto ela enchia uma bacia.

A enfermeira olhou por cima do ombro.

– É mesmo! Você está com amnésia.

Um momento depois ela voltou à cama, trazendo junto a mesa de rodinhas. Quando ela abaixou o lençol até a cintura dele e desamarrou o avental do hospital, Matthias levantou a cabeça pesada e olhou para si mesmo. A parte de cima não estava tão ruim, apenas uma cicatriz aqui e

outra ali. Mas a parte de baixo estava arrasada.

Sentiu a esponja macia e quente.

Enquanto a enfermeira massageava seu peito, ele observou a maciez e a luminosidade da pele dela: era como uma pintura, e seu cabelo era mais espesso e voluptuoso do que parecia ser possível. Seus lábios pareciam até partes de uma fruta: molhados, com a promessa de doçura.

Eu não a quero, ele pensou.

Mas não conseguia se mover.

– Você precisa ganhar peso – ela comentou, passando a esponja em seu peito. – Está muito magro.

A esponja foi descendo cada vez mais, demorando-se na barriga: os cuidados estavam mais para de uma amante do que de uma enfermeira. Com súbita clareza, Matthias lembrou que houve um tempo em que ela poderia ter se impressionado – as mulheres que ele contratava para o exercício sexual sempre ficavam animadas com seu corpo...

Espere um pouco, isso realmente estava acontecendo?

Quando ela começou a baixar o lençol ainda mais, Matthias a fez parar:

– Não, pare.

– Sim, continuo.

Com os olhos dela presos aos seus, a enfermeira afastou a mão dele e arrancou o resto da roupa de cama. A violência do ato o fez lembrar de algo lá no fundo de sua mente... mas não sabia o quê.

– Fiz você lembrar de algo? – ela disse, mesmo sabendo bem a resposta. De alguma maneira... ela sabia que ele gostava de coisas perigosas. – Fiz? Matthias.

– Talvez – de repente sua voz parecia mais forte, mais profunda...

– E agora?

Ela o tocou naquele lugar que definia sua masculinidade: a esponja raspou seu pênis de leve.

Quando ela lambeu os lábios com volúpia, ele teve de rir alto. Seja lá qual fosse o seu motivo para quebrar todas as regras, a enfermeira não chegaria a lugar nenhum – o que resolveria o problema de ele não querer aquilo. Ela podia ficar nua e montá-lo; aquele pedaço mole de carne não se levantaria de jeito nenhum.

Mesmo com amnésia, sabia disso, da mesma maneira que sabia que não enxergava com um dos olhos. Era um fato, não uma lembrança.

– Minha memória não é a única coisa que perdi – ele disse secamente.

– É mesmo?

Quando ela massageou onde não deveria, Matthias deu um salto. Bom, mas a impotência não significava que você não sentia nada. Significava

apenas que não podia fazer nada a respeito...

O fluxo de poder voltou a se apoderar dele, desta vez mais forte. E com um gemido, ele se arqueou, automaticamente levantando o quadril até a fonte do prazer.

– Isso mesmo – ela disse suavemente. – Sinta meu toque. Estou dentro de você.

O desejo sexual há muito esquecido explodiu por todo o corpo de Matthias; a agressividade e a necessidade de penetrar algo que ele não sentia há muito tempo. Deus, lembrar-se de que era de fato um macho, e não algum doente andrógino...

Oh, droga, isso era bom. Muito... bom.

– Olhe pra mim – ela ordenou enquanto trabalhava em seu pênis. – Olhe para mim.

Ele ficou tão distraído pela novidade que quase esqueceu quem a proporcionava, e a visão dela acabou drenando a sensação para longe: o que se tornou impotente agora foram suas emoções, mesmo que o corpo funcionasse plenamente. Ela era linda, mas... era uma beleza cheia de veneno.

– Você não gosta disto, Matthias?

Não, ele não gostava. Não gostava mesmo.

– Nem um pouco.

– Mentiroso. Precisamos terminar o que começamos, você e eu. Sim, precisamos.

Devina entrou na loja *Saks Fifth Avenue* no shopping *Caldwell Galleria* perto das cinco da manhã. Passou pelas portas de vidro e caminhou até um mostruário com manequins que vestiam tons pastéis. Ela posou junto deles por um momento, arqueando as costas e sentindo os seios apertarem o tecido da blusa sob o casaco.

A primavera estava no auge, e isso era uma boa notícia para suas coxas.

Já que estava ali, talvez pegasse algumas coisinhas.

Com uma febre de compras correndo por suas veias, ela apareceu atrás do balcão e, com um aceno das mãos, desativou os detectores de movimento. Por um segundo, pensou em deixar as câmeras de segurança ligadas, só por diversão.

Nada mais divertido do que ter uma plateia – mesmo que fosse apenas um humano gorducho sentado em uma sala de segurança ao final de um turno de trabalho durante o qual provavelmente só dormira.

Porém, ela estava ali por uma razão muito séria.

Seus sapatos de salto faziam barulho no chão de mármore, e ela gostava daquele som ecoando: pisou mais forte para que seu domínio sobre o vazio alcançasse todas as direções. Deus, ela adorava aquele cheiro no ar: chão polido, perfume, colônia... e riqueza.

Passando pelas bolsas de grife penduradas na parede, ela checou os estandes da Prada, Miu Miu e Chanel. As bolsas pareciam lindas mesmo sob o brilho fraco das luzes de segurança, e ela quase engasgou quando encontrou uma Gucci. Atravessando como um fantasma pelo painel trancado, agarrou uma bolsa de pele de cobra verde-escuro e continuou.

Fora sexo, pensou Devina, lojas de departamento de luxo proporcionam a melhor sensação que existe: milhares e milhares de metros quadrados cheios de coisas, tudo bem organizado, etiquetado e catalogado. E protegido.

Era um completo orgasmo para pessoas obsessivo-compulsivas.

Então precisava ter cuidado. Estava sentindo uma ligação surgir entre ela e todas aquelas mercadorias e, se isso acontecesse, havia o perigo de criar uma sensação de posse sobre aquelas preciosidades. E isso não seria bom para ninguém. Ela teria de matar os humanos que entrassem ali para fazer compras, e isso seria exaustivo.

Mas toda aquela organização a fez pensar que poderia usar seu notebook Lenovo e entrar para a era digital com suas próprias coleções.

Talvez o próximo virgem que sacrificaria para proteger seu espelho seria um nerd. Depois ela poderia reanimá-lo e fazê-lo trabalhar para si.

Afinal, havia muitos programadores de computador por aí que não conseguiam nem chegar perto de uma mulher. Seria muito fácil.

Entrando na parte central do primeiro andar, ela encontrou os balcões de maquiagem: o balcão da Chanel com sua conhecida maquiagem preta e brilhante, o da Lancôme cheio de recipientes de vidro... e o da Yves Saint Laurent, com muitos detalhes dourados ao redor dos mostruários.

Indo para trás do balcão, ela abriu o cadeado da prateleira que estava ao chão, e, enquanto abaixava e se apoiava na ponta dos pés, sua mão iluminou o caminho, lançando luz sobre as pequenas etiquetas grudadas nas embalagens.

A etiqueta *I Le Rouge* foi fácil de achar. Ela pegou um pacote, abriu a caixa e retirou o brilhante tubo de metal. Lindo, tão lindo, novinho em folha, intocado. Ela quase estremeceu quando girou e expôs a perfeita coluna de batom vermelho.

O perfume, delicado e com toques florais, fez Devina revirar os olhos.

A terapeuta estava certa: o ataque de pânico não durou para sempre naquele consultório, e quando Devina continuou com seus afazeres mais

tarde, a ansiedade de ter jogado o batom fora acabou sendo esquecida enquanto ela dava atenção a outras coisas. Porém, a sensação ressurgiu quando ela voltou para seu espaço privado e sentou em frente ao espelho, pronta para descer até seu muro e aproveitar um pouco de tempo sozinha com suas crianças.

Entram os problemas.

Seus pensamentos rapidamente saíram de controle, surgiam imagens de um compactador de lixo e pilhas enormes e mal cheirosas de dejetos em grandes aterros desolados, que a faziam querer chorar.

Devina poderia ter voltado para pegar aquele batom específico, mas queria honrar a religião da terapeuta: tornar-se obcecada em conseguir de volta aquele batom, sem se importar com as consequências, seria voltar também para seu ciclo vicioso.

Mas ela não podia trilhar esse caminho o tempo todo – e por isso estava na loja e não no consultório, e agora tinha um novo e lindo batom para substituir aquele que sacrificara em nome do autoaperfeiçoamento.

Havia mais cinco batons da cor que gostava, todos empilhados formando uma bonita pirâmide. Ela esticou a mão, com vontade de pegar todos, para servirem de reservas dos reservas, mas impediu a si mesma. Fechou a prateleira. Teletransportou-se para longe.

Saiu de lá orgulhosa de si mesma.

Fim do intervalo; hora de voltar ao trabalho.

Voltando à vitrine pela qual entrara, parou em frente a um dos manequins. A coisa usava uma peruca loira e vestia uma roupa florida que Devina nunca usaria, nem morta.

Mas, então, começou a imaginar o que Jim Heron pensaria se a visse vestindo aquilo.

Sem dúvida fazia seu tipo: feminina, bonita, nada muito revelador. Modesta.

Aquele cretino. Enganador mentiroso.

Naturalmente, o fato de tê-la enganado tão bem apenas o deixava mais atraente.

Devina franziu a testa quando a voz da terapeuta surgiu em sua mente. Terapia cognitiva de comportamento... reprogramar o cérebro por meio de experiências...

O demônio se aproximou e passou a mão pelos cabelos falsos, aqueles longos e lisos fios amarelos.

Sissy Barten, a queridinha de Jim, tinha cabelos iguais àqueles. E teria adorado aquele vestido. Teria se mantido ao longe e esperado Jim se aproximar, nunca se jogaria nele, manteria sempre aquele jeitinho virginal.

O que era suficiente para fazê-la querer matar os dois – e com aquela garotinha estúpida seria a segunda vez, pois já tinha rasgado sua garganta na banheira.

Devina começou a sorrir. E então riu.

Com um rápido movimento, arrancou a peruca, deixando o manequim careca, e saiu através do vidro.

CAPÍTULO 6

Tinha de ser um sonho, não é?

Adrian *tinha* de estar sonhando. Mas, caramba, tudo parecia real, desde o sofá de veludo sob o seu traseiro, a cerveja gelada em sua mão, até a batida visceral do som na boate.

Estava com medo de virar a cabeça. Medo de descobrir que estava ali sozinho naquele lugar barulhento e desesperador, cheio de pessoas vazias iguais a ele.

Se estivesse sozinho, então Eddie estava mesmo morto.

Deu um gole na cerveja, preparou-se e então virou.

Adrian lentamente abaixou a garrafa, exalando todo o oxigênio para fora de seus pulmões.

– E aí, cara? – ele sussurrou.

Os olhos vermelhos de Eddie se viraram.

– Ah... oi – o cara se ajeitou no assento. – Escute, você tá bem?

– Sim, é só que...

– Por que tá olhando pra mim desse jeito?

– Senti sua falta – Ad disse com a voz grave. – Achei que nunca mais ia te ver.

– Só porque fui até o banheiro? – Eddie sorriu. – Geralmente, eu volto de lá.

Ad esticou a mão, sabendo que um toque provaria de que lado estavam...

Eddie franziu a testa e se inclinou para trás, como se Ad tivesse revelado um par de chifres.

– O que há de errado com você?

O rosto de Eddie parecia exatamente o mesmo: a pele bronzeada pelo sol, um vestígio de barba, aqueles olhos avermelhados estavam abertos para o mundo, nem desconfiados e nem ingênuos, e uma pesada trança que percorria as costas musculosas.

– Eu não sei – disse Ad esfregando o rosto.

– Quer ir embora?

– Deus, não.

– Certo – aqueles olhos vermelhos voltaram-se para a multidão. – Então,

você vai me forçar a transar de novo?

Ad riu alto.

– Certo. Foi isso que aconteceu. Claro.

– Jogando mulheres para cima de mim...

– Eu nunca joguei...

– Escolhendo as que sabe que vou gostar...

– Bem, isso eu fiz...

– Arruinando minha virtude.

Quando o cara deu outro gole, Ad ficou sério.

– Ninguém poderia fazer isso.

– É, você tem razão. Antes de me tornar um anjo, eu era uma virgem imaculada.

– O que explicaria esse cabelo todo.

– Não, o cabelo me faz parecer gostoso.

Ad riu novamente e se recostou no sofá sentindo uma súbita injeção de energia percorrer seu corpo. Era uma sensação de que a vida voltara ao normal, que a tragédia não acontecera, que tudo voltara à maneira como deveria ser; era um alívio tão grande que, mesmo sentado, ele sentia como se estivesse voando. Com uma pontada de otimismo, seus olhos percorreram a multidão. Seu radar para mulheres voltava a funcionar e sua rara felicidade transformava periguetes em modelos internacionais.

– Está vendo alguma coisa que te agrada? – Eddie perguntou.

– Se não fosse por mim, você nunca conseguiria uma transa.

– Sabe, eu não acho que isso seja verdade.

– Você é sincero demais.

– Droga.

Ah, sim, aquela ruiva serviria, Ad pensou. E ela estava junto com uma morena...

Franziu a testa e ficou tenso. Havia alguém ao redor, no canto mais afastado, observando-os das sombras.

– Tá na hora – disse Eddie. – Ou fazemos isso agora, ou pedimos outra rodada. Ad? Olá?

Adrian chacoalhou a cabeça.

– Sim... claro.

Seu melhor amigo lhe lançou um olhar desconfiado novamente.

– O que há de errado com você, cara?

Boa pergunta, pensou enquanto se levantava.

– Vou ver o que posso pescar por aí.

– Sem pressa... só não demore muito.

– Isso não é uma contradição?

– Não quando se trata de você.

Os dois riram um pouco. E então Ad se concentrou nas duas mulheres. Quando se aproximou da ruiva e da morena, elas responderam com uma previsível risadinha, nada comparado com os orgasmos que resultariam daquele encontro.

– Meu nome é Adrian – ele disse. Seu lento sorriso fez as mulheres arregalarem os olhos e ajeitarem suas poses: peito levantado, barriga para dentro, pernas esticadas para expor as coxas.

– Gosto do seu perfume – ele disse, inclinando-se para perto do pescoço da ruiva.

Na verdade, não tinha sentido o cheiro ainda, e nem se importava.

Quando puxou o ar, ele congelou. Aquele cheiro. Era...

– Que bom que gostou – ela disse, enquanto acariciava as costas dele até chegar em seu traseiro. – Escolhi exatamente pra alguém como você.

Adrian se afastou, seu cérebro doía. Ou talvez fosse seu peito.

– Certo. Bom.

Olhou por cima do ombro. Eddie estava no sofá, todo espreguiçado, mas totalmente atento, como se estivesse pronto para o sexo.

Ou seja, estava normal.

Adrian assentiu na direção dele.

– Trouxe um amigo. E você?

– Minha amiga tem namorado – murmurou a ruiva, como se isso fosse um defeito.

– Desculpe – disse a outra mulher.

Como se isso importasse.

– Certo, só você então. Consegue aguentar os dois?

Quando a garota assentiu como se tivesse ganhado na loteria, ele tomou sua mão, e o perfume dela os seguiu, fazendo Ad desejar que a solteira fosse a morena, e que fosse aquela Jessica Rabbit com maquiagem gótica quem tivesse namorado. Mas não dava para voltar atrás – seria trabalhoso demais achar outra candidata e, além disso, o que fariam não era nada permanente. Nunca era permanente.

Mas que droga de perfume de flores – dava até arrepios.

Quando chegaram no sofá, a ruiva foi se jogando no meio, cobrindo tanto as pernas dele como as de Eddie. E, como ela acabou de frente para o outro anjo, Eddie começou a beijá-la intensamente.

Para um cara que não sabia se aproximar de mulheres, ele tinha um apetite e tanto.

Enquanto Ad assistia, e impulsionava seu quadril e peito contra o corpo da mulher, pensou que era incrível o poder que um pesadelo pode ter. Era

como se toda aquela merda que ele imaginara sobre Eddie tivesse realmente acontecido: aquele laçao do demônio aparecendo do nada e rasgando o anjo com uma lâmina, tirando a letra I da palavra *imortal*. E então a morte, no saguão daquele banco, não muito longe dali. E depois o sofrimento de Adrian, a sensação de ter perdido toda a razão de viver...

Adrian franziu a testa e se perguntou por que falava consigo mesmo como se aquilo realmente tivesse acontecido...

A ruiva se arqueou e abriu as pernas, claramente o convidando-o para brincar no parquinho. E quando ele obedeceu, Eddie passou a trabalhar em seus peitos, baixando um pedaço da blusa, de forma mais agressiva do que o normal, e expondo um par de seios menor do que aparentava.

Quando Adrian estava prestes a mergulhar a mão em território inexplorado, a garçonete apareceu trazendo novas garrafas. Parecia acostumada com aquele showzinho, pois nem piscou ao servir a cerveja.

– Eu pago – disse Ad, tirando a carteira do bolso da calça e entregando uma nota de vinte. Quando a garçonete foi embora, ele olhou para a cerveja, e então virou imediatamente para Eddie. – Coors Light? Que merda é essa?

O outro anjo parou o beijo e deu de ombros.

– Estou controlando meu peso.

Ad revirou os olhos e voltou ao trabalho com o prato principal. Subindo as mãos debaixo da saia curta, ficou surpreso ao descobrir uma calcinha com a resistência de vigas de aço e a elasticidade de uma tenda do exército. Que diabos? Bem, ele pensou, uma calcinha modeladora era mais barata do que uma sessão de lipo.

O perfume voltou a invadir seu nariz, sugerindo que, afinal, talvez não viesse da mulher.

Olhou ao redor, mas não enxergou nada fora do comum.

– Acho que você deveria ser o primeiro – disse Eddie, enquanto brincava com aqueles seios... que agora pareciam meio caídos.

E aquele cabelo. Antes era volumoso e ondulado, agora parecia um pouco crespo.

A mulher sorriu, revelando dentes tortos.

– Vai, Adrian... transa com ela – na escuridão, os olhos de Eddie pareciam tudo menos brilhantes. – Quero assistir vocês.

A mulher tomou a mão de Ad e a colocou de volta entre suas pernas, esfregando a si mesma contra sua palma e dedos...

No meio da multidão, uma pessoa surgiu: uma figura alta e orgulhosa, vestindo um roupão branco. Quando se aproximou, o cheiro de flores ficou mais forte e tomou todo o ar ao redor...

Eddie.

Era o Eddie real, de pé ali na sua frente, uma presença verdadeira em meio a uma multidão de mortos vivos.

– Ah, que merda! Justo agora que as coisas estavam ficando interessantes!

Ad virou a cabeça bruscamente. Devina estava ao seu lado na outra ponta do sofá, pela primeira vez mostrando sua forma verdadeira: era um cadáver animado, a carne perpetuamente caindo dos ossos, a grotesca palma apodrecida passeando pelos seios da ruiva. A expressão do demônio mostrava irritação, seu queixo e lábios estavam apertados ao máximo.

Adrian gritou e tentou se levantar rapidamente, mas a ruiva segurou sua mão no lugar – e, enquanto ele lutava contra sua imensa força, ela também revelou sua verdadeira aparência: outro corpo decrepito, a ilusão de beleza sumindo como se não fosse mais possível sustentá-la.

Enquanto ele tentava se desvencilhar, uma mancha negra começou a subir ao longo do braço, primeiro nos dedos, depois nos pulsos, seguindo seu caminho para o cotovelo.

Gritando alto, ele se sacudiu violentamente, mas estava preso como uma mosca em uma teia de aranha, como um rato em uma ratoeira, como um...

Eddie, o verdadeiro, aquele que estava morto, quebrou aquela conexão com um simples toque, não em Ad, mas na ruiva: aparecendo atrás deles de repente, apenas se inclinou e encostou o dedo iluminado no ombro do monstro. Puff! Ela simplesmente sumiu.

Enquanto Devina xingava o anjo, Adrian se libertou: seu corpo caiu para trás do sofá, com os olhos fixos em Eddie enquanto o coração se partia novamente por causa da perda.

– Vá se foder! – Devina gritou para o anjo.

O rosto de Eddie, aquele rosto esperto, gentil e maravilhoso, não mostrou reação ao insulto. Ele apenas acenou com a cabeça para a garrafa de cerveja Coors e disse:

– Na sua condição, eu estaria preocupado com muitas outras coisas mais importantes do que meu peso.

Mais xingamentos vieram, mas Devina não fez nada além disso – era de se imaginar o que Eddie tinha realmente feito com aquele dedo luminoso do E.T.

O outro anjo observou Ad por um longo tempo, como se sentisse ainda mais falta do amigo vivo.

– Nunca estarei longe – disse Eddie com um sussurro.

– Ah, merda... não vá embora – murmurou Ad. – Fique aqui.

– Que comovente – os olhos negros de Devina estavam furiosos. – Você

quer dar um beijinho antes de ir embora?

Eddie começou a se mover como se fosse uma estátua em uma esteira rolante, seu corpo paralisado sendo puxado através da multidão, o perfume de flores se desvanecendo.

– Eddie! – quando Adrian levantou as mãos na direção do anjo, a mancha negra em seu braço quase chegava aos ombros.

– Estou dentro de você – disse Devina com satisfação. – E é tarde demais pra fazer qualquer coisa a respeito disso. Tarde demais!

Adrian gritou a plenos pulmões.

CAPÍTULO 7

Matthias acordou com a luz do dia batendo em seu rosto. Não tinha certeza de quando aquela enfermeira de mão boba saíra, mas ele pretendia partir assim que ela fosse embora. Um sono não natural o arrebatara, deixando-o inconsciente de tal forma que se sentiu dominado.

Francamente, estava surpreso por ter conseguido acordar.

O quarto do hospital parecia exatamente o mesmo, mas por que haveria de mudar durante a noite? E Matthias sentia-se mesmo melhor, como se seu corpo fosse um carro recém-saído do mecânico.

Quem diria que uma masturbação não solicitada poderia ter um impacto tão grande...

Mas era estranho. Quando olhou ao redor, teve a sensação de que era um milagre o fato de ele ainda estar “do lado de fora”. Mas estava fora de onde? Uma prisão? Um hospício? Algo ainda pior?

Forçando seu cérebro confuso a prestar atenção, tentou lembrar onde estivera na noite anterior, o que havia acontecido antes de acordar ali...

Eu te atropelei. Sinto muito.

Matthias fechou os olhos e se lembrou daquela mulher, Mels Carmichael. Alguma coisa nela penetrara o nevoeiro que o cercava, tocando-o onde realmente importava. Por quê? Não fazia ideia – mas sabia que, sob outras circunstâncias, gostaria de passar mais tempo com ela.

Muito mais.

Mas, qual é, ele não era do tipo romântico – sua intuição dizia isso em alto e bom som.

Levantando a cabeça dos travesseiros, ficou surpreso por não se sentir pior. Deu uma chance a seu corpo para deixar a ficha cair e começar a dar as informações corretas, algo mais consistente para alguém que fora atropelado há menos de doze horas.

Nada. Ainda sentia-se bem...

Saia já daqui. Comece a andar agora.

Certo, ajudaria se soubesse quem estava atrás dele, ou por que estava fugindo, mas não perderia tempo tentando decifrar essas perguntas – não quando sua adrenalina estava consistentemente apontando para a saída e gritando para ele dar o fora dali.

– Acho que você não é um anônimo, afinal.

Matthias tentou sacar uma arma que não tinha e olhou ao redor. A enfermeira estava de volta, de pé ao lado da porta, aparecendo como se fosse carregada pelo vento.

Sua aparência era diferente sob a luz do dia. Já não parecia sedutora.

Talvez ela fosse um vampiro. Há, há.

– Encontraram sua carteira – ela disse, mostrando uma carteira de couro preto. – Está tudo aqui, identidade, cartão de crédito... até seu cartão de seguro saúde! A conta no hospital vai ficar cara, mas a maioria das despesas está coberta.

Ela andou e colocou a carteira na mesa de rodinhas, bem ao lado do cartão que aquela jornalista tinha deixado. Então ela deu um passo para trás, como se soubesse que ele queria espaço.

Houve uma longa pausa.

– Obrigado – ele disse, tentando preencher o silêncio.

Ela estava vestida com roupas casuais: jeans azul, sapatos pretos, jaqueta branca folgada que parecia nova em folha. O cabelo estava solto e chegava até os ombros, e ela o alisou com a mão, mesmo já estando perfeito.

– Também trouxe algumas roupas – ela acenou com a cabeça. – Estão no armário atrás de você. Espero que sirvam.

– Então vão me liberar?

– Desde que se sintam bem esta manhã. Tem alguém te esperando em casa?

Ele não respondeu – e não por não saber a resposta. Nunca respondia nada para ninguém. Esse era seu jeito.

Mais uma longa pausa.

Ela limpou a garganta e desviou os olhos quando disse:

– Escuta, sobre ontem à noite...

Então era por isso que ela estava ali.

– Vou me esquecer disso, e você deveria fazer o mesmo – ele disse secamente.

Deus sabia que Matthias tinha problemas mais importantes do que ter sido abusado por uma mulher bonita. Pois é, que história triste. Especialmente se comparada com as coisas que ele fez com outras pessoas...

Lembranças emergiram do fundo de sua consciência, como um monstro esquecido num lago profundo ameaçando se revelar.

Afinal, quem era ele?

De repente os olhos negros da enfermeira grudaram nos seus.

– Sinto muito mesmo. Aquilo foi muito errado da minha parte. Nunca deveria ter...

Voltando ao presente, Matthias pensou que era engraçado que, à luz do dia, todo aquele poder que ela tinha sobre ele houvesse desaparecido totalmente. Ela nem parecia ser o tipo de mulher que poderia ser tão agressiva. Era apenas uma jovem enfermeira bonita, com um belo corpo e um cabelo lindo, e que agora parecia vulnerável.

Será que aquilo tinha mesmo acontecido? Ele provavelmente recebera vários analgésicos, e Deus sabe o quanto esses remédios podem bagunçar a cabeça de uma pessoa.

Por outro lado, se nada tivesse acontecido, ela não estaria ali se desculpando, não é?

– Foi uma total quebra de protocolo, eu nunca fiz nada assim antes. É só que... você estava com tanta dor, e você queria... e...

Ele queria? Lembrava-se do completo oposto. E lembrava que... teve um orgasmo. Talvez isso também não tivesse acontecido.

O que faria sentido.

– Enfim, pensei que deveria te dizer isso antes de ir embora... e você não vai mais estar aqui quando eu voltar da minha folga.

Ela parecia honestamente envergonhada e constrangida. Por alguma razão, Matthias teve a sensação de que fazia parte de sua personalidade tirar vantagem das pessoas, por nenhum motivo além de deixá-las constrangidas.

– Foi minha culpa – ele se ouviu dizer e, no instante que as palavras saíram, acreditou na confissão. – Sou eu quem deveria pedir desculpas.

Afinal, sexo por piedade acontecia sempre com um mesmo princípio, quer o ato fosse até o fim ou não: “oh, estou doente; pode cuidar do meu pau? obrigado, querida”.

A enfermeira pousou a mão na armação da cama.

– Eu só... é, bom, só não quero que pense que fico por aí fazendo essas coisas – ela riu, sem jeito. – Não sei por que isso importa. Mas importa.

– Você não precisa se explicar.

Quando ela ergueu o olhar, sua expressão cuidadosa relaxou e se transformou em um sorriso genuíno. O que o fez checar seu dedo anelar procurando por algum certificado de casamento.

Nada. Nenhuma aliança.

– Obrigada por não ficar bravo – ela olhou por cima do ombro em direção à porta. – Acho que eu deveria ir. Se cuide... e por favor lembre-se de fazer a consulta de retorno com seu médico. Lesões na cabeça e perda de memória são coisas sérias.

– Sim. Vou fazer isso.

Mentir foi muito fácil, Matthias sabia que tinha mentido muito durante sua vida. E quando acenou de volta, sua mente a analisava como se ela fosse um relatório ou uma correspondência, não uma pessoa – mas isso não era culpa dela.

Ele sentia que era assim que sua mente funcionava.

Ótimo. Nada como acordar de manhã e aprender passo a passo que você é um verdadeiro filho da puta.

Observou a mesa ao lado da cama. O cartão de visitas e a carteira estavam um ao lado do outro.

Matthias estendeu a mão, sem saber qual deles pegar.

No fim, a atração pela carteira parecia maior. Ao abrir o couro dobrado, observou a carteira de motorista que estava na parte transparente. A foto era... bem, não reconhecia aquele rosto, mas a enfermeira da mão boba parecia pensar que era ele. Era assim que se parecia? Um cara de cabelo preto e um rosto bonito, porém frio.

As informações impressas diziam que ele tinha olhos azuis – e naquela foto parecia que ambos funcionavam. A data de nascimento era naquele mesmo mês. E a data de validade já havia passado.

O primeiro nome, Matthias, de fato era como as pessoas o chamavam. O endereço ficava na cidade de Caldwell, Nova York, o que resolvia o problema geográfico... que ele nem percebera ter.

Caldwell, Nova York.

Estava de volta. Pelo menos era isso que seus instintos diziam...

Saia já daqui. Comece a andar agora.

Deixando a urgência de lado, começou a sair da cama devagar. Quando percebeu que estava preso, retirou as sondas intravenosas e o monitor cardíaco. Inclinando-se até os equipamentos ao lado, desligou os alarmes e arrastou-se para o banheiro.

A luz estava apagada, e quando apertou o interruptor... o show começou.

Matthias quase perdeu o fôlego ao ver a própria imagem refletida no espelho da pia. Um de seus olhos exibia um branco leitoso, e seu rosto estava esculpido com as linhas indeléveis de um passado cheio de dor – além de cicatrizes na testa onde sua lesão ocular aconteceu.

A fotografia na identidade era mesmo dele, principalmente se você adicionar um pouco de cabelo grisalho nas laterais, mas tinha sido tirada antes de...

– Senhor, preciso pedir que volte para a cama, pois está correndo o risco de escorregar e cair. E não deveria ter tirado as...

Ele ignorou a nova enfermeira.

– Estou indo embora. Agora mesmo. As regras do hospital, é, eu sei.

Fechou a porta na cara dela e abriu o chuveiro. Por alguma razão, quando voltou a focar o espelho, pensou em Mels Carmichael. Não foi à toa que a primeira reação dela ao vê-lo fora na linha do *oh, meu Deus*.

Ele não estava exatamente bonito...

Deus, por que estava pensando daquela maneira? Que importava o que os outros achavam dele?

Com a coordenação melhorando depressa, abriu a porta e olhou para dentro do quarto. A enfermeira não estava mais ali, mas com certeza voltaria trazendo alguém com um crachá de médico – era hora de se mexer rapidamente. Agarrou o cartão que Mels deixara e o guardou na carteira. Então pegou as roupas do armário e se trancou no banheiro.

Dez minutos mais tarde, Matthias estava com os cabelos e o corpo limpos, vestindo camiseta e jaqueta pretas e um jeans folgado.

Ao caminhar para fora do quarto, agarrou uma bengala que assumiu estar lá para ele.

O objeto parecia natural em sua mão e fez seus passos ficarem muito mais rápidos. Como se estivesse acostumado a usá-la.

Dirigindo-se para os elevadores, não pediu autorização para ninguém, não assinou nenhuma linha tracejada. O departamento de cobrança encontraria o homem que morava no endereço que aparecia na carteira de motorista.

E talvez ele também encontrasse esse homem.

O grito de Adrian acordou Jim e o fez saltar da cama, aterrissando em uma posição de luta. Com uma adaga de cristal em uma das mãos e uma pistola semiautomática na outra, estava pronto para lutar, fosse na arena dos humanos ou na de Devina. O Cachorro, que não era bobo, estava se protegendo debaixo da cama.

– Estou bem – disse Adrian, com a convicção de alguém que estava sangrando por uma veia.

Claro, com certeza, pensou Jim, que chegara correndo.

Sob a luz do sol que raiava entre as persianas, o anjo parecia completamente acabado, esparramado ali no chão, com grandes olheiras, cabelo desarrumado, mãos tremendo ao puxar a gola de sua camiseta Hanes. Seus piercings, aquelas argolas de metal que circulavam seus lábios, todo o lado da orelha e marcavam sua sobrancelha, eram as únicas coisas que brilhavam. Tudo o mais parecia sem vida.

Sua luz interior havia se apagado.

Jim estendeu a mão para o cara.

– Hora de levantar.

O outro anjo tomou sua mão, e por um momento os músculos de Jim ficaram tensos ao sentir uma desagradável pontada fluindo por seu braço e ativando seus instintos de um modo ruim. Mas então levantou Ad do chão, e aquilo desapareceu.

– Você já foi encontrar Nigel e os garotos? – perguntou Ad, enquanto andava como se tentasse se livrar da sensação ruim que tivera durante o sono.

– Por que eu faria isso?

– Boa pergunta.

Com essa deixa, Adrian foi até o banheiro e fechou a porta. Depois da descarga, o chuveiro foi ligado, e então foi a vez da pia.

Jim aproximou-se da porta e falou através da madeira fina:

– Você sonhou com o quê?

Quando não obteve resposta, fechou o punho e bateu.

– Adrian. Conte o que foi.

Deus sabia que Devina usava todo tipo de truques para conseguir o que queria. A ideia de que ela poderia invadir a cabeça de Ad pela porta dos fundos soava bem óbvia.

Bateu de novo na porta.

Quando não houve resposta novamente, Jim mandou a privacidade para o inferno e entrou.

Através da cortina de plástico do chuveiro, viu Adrian no chão de novo, desta vez com o piso frio do banheiro sob seu traseiro. Estava encolhido, com os cotovelos contra o peito, o rosto enterrado nas mãos. Não estava chorando, ou praguejando, nem parecia desesperado, mas talvez isso fosse o mais preocupante. O anjo estava apenas sentado debaixo da água quente, seu grande corpo enrolado em si próprio.

Jim abaixou o assento da privada e sentou.

– Converse comigo.

Depois de um momento, o anjo disse com a voz rouca:

– Ela era o Eddie. No meu sonho, ela era o Eddie.

Merda.

– Isso faria qualquer um gritar.

– Ele estava lá também. Foi ele quem me acordou, na verdade. Droga, Jim... ver Eddie de novo foi...

Enquanto a frase sumia, Jim inspecionou a lâmina de sua adaga com um cuidado especial.

- É, eu sei.
- Vou matá-la.
- Só se chegar antes de mim.

Adrian deixou os braços caírem para os lados e seus punhos acertaram a poça de água que se acumulava ao redor de seu corpo. Ele parecia derrotado, mas seria apenas por um momento. Sua raiva retornaria assim que aquele demônio aparecesse por perto e, francamente, a previsível resposta seria um problema: ninguém quer ver o próprio parceiro ficar cego pela raiva, e aquele sentimento não era fácil de controlar.

– Acho que você precisa pedir um novo parceiro para Nigel – Ad disse suavemente. Como se tivesse lido os pensamentos de Jim.

- Não quero outra pessoa.

Mas isso era mentira. Ainda estava aprendendo a lidar com as próprias habilidades e armas – claro, a curva de aprendizado já não era mais tão íngreme quanto nas primeiras rodadas, mas ele ainda estava longe de saber tudo. E Devina não era o tipo de inimigo contra o qual um desempenho mediano fosse aceitável.

Por causa disso, ele precisava de um parceiro sólido lhe dando cobertura.

Honestamente, Eddie era a peça que estava faltando. E fora precisamente por isso que o inimigo o abateria.

Maldita vadia!

- Você conhece mais alguém? – perguntou Jim.
- Tinha outro cara; na verdade, ele ficava acima de mim e de Eddie. Quase no nível de Nigel e Colin. Mas ele teve problemas. A última vez que ouvi falar, ele estava preso no Limbo. Bom, mas era um cara imprevisível. Talvez você fique melhor comigo mesmo, nesse caso.

- Temos que trazer Eddie de volta de alguma maneira...
- Ele era o único que saberia como fazer isso – Adrian soltou um grunhido e ficou de pé, sua figura massiva se erguendo como uma árvore.
- Talvez o Colin.

Jim assentiu e voltou a observar sua adaga de cristal. A arma era transparente como um cubo de gelo, forte como aço, leve como uma pena. Fora Eddie quem lhe dera.

Ouviu um barulho de algo caindo no chão molhado e voltou os olhos para o parceiro. Ad deixara cair o sabonete, suas mãos estavam erguidas próximas ao rosto e sua boca parecia tentar praguejar.

- O que foi?
- Ah... merda... – Ad observou as costas das mãos. – Merda, não...
- O quê?

– Estão pretas – o anjo mostrou os braços. – Você não vê? Ela está dentro de mim, Devina está dentro de mim... e está me dominando...

Jim ficou aturdido por um momento, mas sabia que precisava fazer alguma coisa para trazer aquela situação de volta à realidade, e mais que depressa. Deixou a adaga na pia, tirou a cortina de plástico do caminho e agarrou os pulsos de Adrian.

Aquela sensação ruim se apoderou dele de novo, estimulando as terminações nervosas de seus dedos e palmas, como se as tivesse mergulhado em ácido. Concentrou-se na pele de Adrian e imaginou o que diabos tinha acontecido naquele sonho.

Mas a carne estava completamente normal. E pessoas que perdem seus melhores amigos têm motivos de sobra para perder também a razão. Mas não podiam permanecer assim.

– Adrian, meu amigo... – ele deu uma bela sacudida no cara – ei, olhe para mim.

Quando o pobre coitado finalmente olhou, Jim encarou aqueles olhos como se estivesse entrando em sua mente e tomando parte de seu cérebro.

– Você está bem. Não há nada de errado aqui. Ela não está dentro de você, ela não está aqui e...

– Você está errado.

As palavras sombrias fizeram Jim parar de repente. Mas então balançou a cabeça.

– Você é um anjo, Adrian.

– Eu sou?

Com a voz grave, Jim respondeu:

– Digamos que... é bom que você seja.

Após um silêncio tenso, os lábios de Jim começaram a se mover, palavras eram ditas, sílabas sensatas e apaziguadoras cruzavam a distância que os separava. Mas, no fundo de sua mente, ele rezava por quem quer que estivesse ouvindo.

Devina era um parasita, o tipo de coisa que invade as pessoas e as infecta.

Fazia sentido que alguém emocionalmente abalado fosse mais vulnerável.

Porém, a tragédia era que ele não podia ter o inimigo tão perto assim.

Não importava o quanto amasse seu amigo.

CAPÍTULO 8

– O que aconteceu com seu olho?

Mels entrou na cozinha de sua mãe, não respondeu a pergunta e foi direto para a garrafa de café. O fato de o objeto estar do outro lado, e por isso permitir que ela tomasse o café de costas para a mãe, era um bônus além da cafeína.

Maldita maquiagem. Elas supostamente serviam para *cobrir* aquilo que você queria esconder. Como pés de galinha, olheiras... e hematomas de acidentes de carro sobre os quais você preferia que sua família não ficasse sabendo.

– Mels?

Não precisava se virar para ver o que estava atrás dela: sua mãe, magrinha e baixinha, aparentando ser mais jovem do que era, estaria sentada do outro lado da mesa, com o *Correio de Caldwell* aberto ao lado de uma tigela de cereal rico em fibras e uma xícara de café. Os cabelos lisos pretos com mechas grisalhas estariam penteados num corte bem aparado, e as roupas seriam casuais, mas parecendo perfeitamente passadas a ferro.

Sua mãe era uma dessas mulheres pequeninas que sempre pareciam bem arrumadas, mesmo sem maquiagem. Como se tivesse nascido com uma lata de spray para cabelo debaixo de um braço e uma escova debaixo do outro.

Mas ela era frágil. Como um bibelô gentil e bondoso.

Era uma porcelana delicada, em contraste com o touro que fora seu pai.

Sabendo muito bem que a pergunta ainda estava no ar, Mels serviu-se de café. Tomou um gole. Manteve-se ocupada passando uma toalha de papel em um balcão que já estava limpo e seco.

– Ah, não foi nada. Escorreguei e caí. Bati a cabeça na torneira do chuveiro. Foi tão estúpido!

Houve um momento de silêncio.

– Você chegou tarde ontem à noite.

– Fiquei na casa de uma amiga.

– Você não tinha falado que ia num bar?

– Fui pra casa dela depois do bar.

– Ah. Entendi.

Mels ficou observando a janela em cima da pia. Com sorte, sua tia ligaria a qualquer momento, como geralmente fazia, e ela não teria que inventar mais uma mentira para explicar por que voltara de táxi do trabalho.

Os sons de goles de café e cereal sendo mastigado preencheram a cozinha, e Mels tentou pensar em algum assunto minimamente normal para conversarem. O clima. Esportes – não, sua mãe não tinha interesse em atividades organizadas que envolviam campos, bolas ou raquetes de qualquer tipo. Livros seria uma boa opção – porém Mels não lia nada além de estatísticas criminais, e sua mãe ainda estava no trem do Clube do Livro da Oprah, mesmo esse trem já não tendo motor ou trilhos.

Deus... momentos como esse a faziam sentir tanta falta do pai que até doía. Os dois nunca ficavam constrangidos um com o outro. Nunca. Conversavam sobre a cidade, ou sobre seu trabalho como policial, ou sobre a escola... ou simplesmente ficavam em silêncio – e, de um jeito ou de outro, nunca havia problema. Mas com sua mãe?

– Então – Mels tomou outro gole de café –, o que vai fazer de bom hoje?

Recebeu uma resposta, mas não a ouviu porque seu desejo de sair gritava alto demais.

Mels terminou o resto de seu café preto – sua mãe tomava com leite e açúcar –, colocou a xícara na lava-louça e cruzou os braços.

– Então, vejo você à noite – ela disse. – Não vou chegar tarde. Prometo.

Os olhos de sua mãe se levantaram para encontrar os dela. A tigela cheia de cereal integral era rosa e tinha pequenas flores brancas em volta, a toalha de mesa tinha flores amarelas e o papel de parede tinha flores maiores azuis.

Flores por toda a parte.

– Você está bem? – perguntou a mãe. – Precisa ir ao médico?

– É só um machucado. Nada de mais – olhou para a sala de jantar. Do outro lado da mesa de mogno, depois da cortina branca, um Chevrolet amarelo estacionou. – O táxi chegou. Deixei meu carro no bar porque bebi uma ou duas taças de vinho.

– Ah, você podia pegar o meu carro para ir trabalhar.

– Você vai precisar dele – ela olhou para o calendário pendurado na parede, rezando para que algo estivesse marcado ali. – Hoje você tem jogo de cartas às quatro.

– Eu podia ir de carona. Ainda posso, se você quiser...

– Não, é melhor assim. Posso pegar meu carro e dirigir de volta pra

casa.

Droga. Acabara de criar um problema. A única maneira de Fifi ir para qualquer lugar seria na traseira de um caminhão de guincho – a pobrezinha fora levada para um mecânico.

– Ah. Tá bom.

Quando sua mãe caiu no silêncio, Mels teve vontade de pedir desculpas, mas era difícil demais colocar aquele complicado *desculpe* em palavras. Inferno, talvez ela precisasse simplesmente se mudar dali. Ficar constantemente exposta àquela bondade e autossacrifício, em vez de ser uma alegria, era um peso muito grande para carregar, pois nunca tinha um fim. Sempre havia uma sugestão, uma oferta, um quer-que-eu-isso-ou-aquilo...

– Preciso ir. Mas agradeço.

– Tá bom.

– Vejo você à noite.

Mels beijou o rosto macio que sua mãe ofereceu e saiu apressada pela porta da frente. Lá fora o ar estava fresco e agradável e o sol brilhava, prometendo calor na hora do almoço.

Entrando no banco de trás do táxi, ela disse:

– Escritório do *Correio de Caldwell*, na rua Trade.

– Pode deixar.

A caminho do centro da cidade, as molas do banco do táxi pareciam feitas de aço, e o estofado não era muito diferente de cimento, mas ela nem se importou com a viagem desconfortável. Sua mente estava caótica demais para pensar em seu traseiro sendo castigado por um banco duro.

Aquele homem da noite anterior ainda estava em seus pensamentos – podia quase senti-lo ao seu lado.

Fora assim durante toda a noite.

Deixando a cabeça cair para trás, fechou os olhos e lembrou o acidente, checando duas, três vezes para ter certeza de que não poderia ter feito nada para evitá-lo. Então ficou pensando em outras coisas, como a maneira como o homem ficara deitado, totalmente imóvel, naquela cama de hospital.

Mesmo machucado, em alguns lugares com gravidade, ele ainda parecia um... predador.

Um poderoso animal, ferido, mas...

Certo, agora ela realmente estava perdendo a cabeça. E talvez devesse olhar mais de perto para sua vida amorosa – que era completamente vazia...

Infelizmente, Mels não conseguia parar de pensar na estranha atração

que aquele homem exercera. Que desagradável, ela deveria é estar preocupada com a saúde e o bem-estar dele, além da possibilidade de querer processá-la e tirar dela o pouco que tinha.

Em vez disso, ela ficou pensando no som daquela voz rouca, e na maneira como ele a observara, como se qualquer detalhe dela fosse uma fonte de fascinação e importância...

Ele fora ferido há algum tempo, ela pensou. As cicatrizes ao lado do olho tinham se curado com o tempo.

O que será que acontecera com ele? Como era seu nome...?

Enquanto ela vagava pela terra das perguntas sem resposta, o motorista do táxi fez seu trabalho discretamente. Dezesseis dólares, dezoito minutos e um traseiro dolorido depois, ela chegou à redação.

O local já estava barulhento, com pessoas falando e andando apressadas, e aquele caos acalmou seus nervos – da mesma maneira que uma aula de ioga a deixava nervosa.

Ela sentou em sua mesa, checkou o correio de voz, entrou em seu e-mail e pegou a xícara que vinha usando desde que herdou aquele lugar, há pouco mais de um ano e meio. Caminhou até a cozinha coletiva e encontrou seis opções de potes de café: nenhum deles era descafeinado; três eram da boa e velha marca Maxwell House; e os outros eram aquele horror com essência de nozes, um daqueles macchiato-sei-lá-o-quê.

Dane-se esse último. Se quisesse uma droga de um sorvete de caramelo, ela pediria um no almoço. Aquela coisa *não* devia ser colocada em uma xícara de café.

Enquanto servia seu café preto e puro, pensou na verdadeira dona da xícara, Beth Randall, a jornalista que sentara naquele cubículo por... bem, devia ter sido mais de dois anos. Em uma certa tarde, a mulher partira e nunca mais voltara. Mels lamentava o desaparecimento – não que conhecesse a colega muito bem – e sentia-se mal porque foram nessas as circunstâncias que ela finalmente conseguira um lugar só para ela.

Mantivera a xícara por nenhuma razão especial. Mas agora, enquanto tomava um gole, percebeu que a guardara por ainda ter esperança de que a mulher retornasse. Ou que pelo menos estivesse bem.

Parecia que Mels estava rodeada de pessoas desaparecidas.

Ou pelo menos foi assim que se sentiu naquela manhã. Principalmente quando pensou sobre o homem da noite anterior – aquele que nunca veria novamente, mas que não conseguia tirar da cabeça.

Aquela não era sua casa.

Quando o táxi estacionou em frente a um rancho em uma vizinhança modesta, Matthias sabia que não morava sob aquele teto. Nunca tinha morado. Não iria morar.

– Você vai descer do carro ou não?

Matthias encontrou os olhos do motorista através do retrovisor.

– Me dê um minuto.

– O taxímetro está correndo.

Concordando, ele desceu e usou a bengala para andar no passeio que levava à frente da casa, balançando a perna machucada em um longo arco para não ter de dobrar os joelhos. Não havia nada de lar, doce lar: a trepadeira invadia as janelas. O gramado não estava aparado. As calhas estavam cheias de mato que subia alto em busca do sol.

A porta da frente estava trancada, então ele fez uma viseira com as mãos para tentar olhar pela janela. Viu camadas de poeira. Móveis que não combinavam. Cortinas envelhecidas.

Havia uma caixa de correio barata pregada na parede. Ele abriu a tampa. Propagandas. Um talão de cupons de desconto endereçado ao “ocupante”. Nada de contas, solicitações de cartão de crédito, cartas. A única outra correspondência era uma revista da AARP¹ endereçada ao mesmo nome que havia na sua carteira de motorista.

Matthias enrolou a revista, guardou no bolso da jaqueta e voltou para o táxi. Aquela não era sua residência – e mais ninguém morava ali. A pessoa que vivia ali devia ter morrido, digamos, há umas quatro ou seis semanas – tempo suficiente para a família cuidar das contas, mas não para esvaziar a casa e colocá-la à venda.

Entrando no táxi, fixou o olhar à frente.

– Para onde?

Com um grunhido, Matthias se ajeitou e puxou a carteira. Pegou o cartão de Mels Carmichael e foi atingido por uma profunda convicção de que não deveria envolver aquela mulher.

Era perigoso demais.

– E então, chefe?

Mas, droga, ele tinha de começar por algum lugar. E seu cérebro estava como uma conexão de internet fora do ar.

– Rua Trade – murmurou.

Enquanto dirigiam-se para o centro da cidade em meio ao trânsito pesado, ele observou os outros carros, onde pessoas bebiam café, conversavam com outros passageiros, paravam nos sinais vermelhos, avançavam nos verdes. Um mundo que parecia muito distante dele. O tipo de vida em que a pessoa trabalha das nove às sete todo dia, até morrer aos

setenta e poucos anos. Essa não era a maneira como Matthias vivia.

Então, *como* ele vivia?, perguntou ao seu cérebro idiota. Como diabos ele vivia?

Tudo o que recebeu de resposta foi uma dor de cabeça.

Quando o edifício do *Correio de Caldwell* surgiu, Matthias pegou uma das dez notas de vinte que tinha na carteira.

– Guarde o troco.

O motorista parecia mais do que feliz em se livrar dele.

Usando a porta da frente como apoio, Matthias emergiu do carro sob a luz do sol, tomando cuidado para não corresponder a nenhum dos olhares curiosos. E havia muitos deles. Por algum motivo, ele tinha a tendência de atrair atenção, geralmente das mulheres – se bem que ficar atraída por alguém machucado era coisa normal de mulher, e ele estava cheio de cicatrizes no rosto.

Uau, que romântico.

Por fim, sentou-se na cadeira de plástico duro do ponto de ônibus do outro lado da rua, respirando a fumaça dos fumantes impacientes que esperavam o transporte público. A espera não o incomodava. Era como se ele estivesse acostumado a espreitar. Para passar o tempo, inventou um jogo: memorizava os rostos das pessoas que entravam e saíam dos escritórios do *Correio de Caldwell*.

Matthias era extremamente bom nisso. Só era preciso uma olhada para adicionar a pessoa ao seu banco de dados interno.

Pelo menos sua memória de curto prazo estava funcionando...

As portas duplas se abriram e lá estava ela.

Matthias se ajeitou na cadeira quando a luz do sol atingiu os cabelos de Mels e fez brilhar vários tons de castanho. Mels Carmichael, repórter associada, estava junto de um cara bem arrumado que precisava puxar a calça cáqui para cima antes de pisar nos degraus. Os dois pareciam estar discutindo amigavelmente sobre alguma coisa e, quando Mels sorriu, parecia que ela vencera o debate.

Como se soubesse que estava sendo observada, Mels olhou para o outro lado da rua e parou de repente. Ela tocou a manga do casaco de seu colega e disse algo, então eles se separaram e ela começou a se aproximar de Matthias, andando no meio do trânsito.

Matthias cravou a bengala no chão, levantou-se e ajeitou as roupas. Não tinha ideia de por que queria se arrumar para ela, mas queria – mas não dava para parecer pior. Vestia roupas que não eram dele, ainda cheirava a quarto de hospital e lavara o cabelo com xampu antibacteriano, pois era o único disponível.

Naturalmente, a primeira coisa para a qual ela olhou foi seu olho ruim, aquela coisa feia e arruinada. Como não poderia?

– Oi – ela disse.

Mels estava linda com suas roupas normais do dia a dia: com aquela calça, a blusa de lã e o lenço bege que usava ao redor do pescoço, para Matthias ela poderia muito bem estar em uma passarela.

E continuava sem aliança.

Isso é bom, ele pensou, sem uma razão especial.

Desviando o olhar para a direita, esperando que assim seu defeito fosse menos aparente, ele respondeu:

– Oi.

Certo. Hum. E agora?

– Não estou te seguindo, eu juro – mentiroso. – Eu teria ligado, mas não tenho telefone.

– Não tem problema. Você precisa de alguma coisa? A polícia me ligou hoje de manhã, e acho que eles ainda querem falar com você.

– Pois é – deixou esse assunto do jeito que estava. – Escuta, eu...

O fato de que estava interrompendo uma frase no meio parecia pouco natural, mas seu cérebro simplesmente não conseguia produzir nada.

– Vamos sentar – ela disse, mostrando os assentos. – Não acredito que eles deixaram você sair.

Naquele momento, um ônibus chegou e parou, bloqueando a luz do sol e soltando uma fumaça que o fez tossir. Os dois sentaram e ficaram em silêncio enquanto esperavam os passageiros embarcarem.

O ônibus partiu e o sol reapareceu, banhando-a com sua luz amarela.

Por alguma razão estúpida, os olhos dele começaram a piscar com força.

– O que posso fazer por você? – ela perguntou suavemente. – Está sentindo dor?

Sim. Mas não era dor física. E piorava sempre que olhava para ela.

– Como você sabe que eu preciso de ajuda?

– Imagino que sua memória não tenha voltado magicamente.

– Não, não voltou. Mas isso não é culpa sua.

– Bom, eu te atropeliei. Então estou te devendo uma.

Ele gesticulou mostrando a perna ruim.

– Eu já estava assim antes.

– Consegue lembrar de alguma coisa? Quer dizer, anterior ao acidente? – quando ele negou com a cabeça, ela murmurou: – Muitos militares também voltaram na sua condição.

Ah... ela queria dizer o Exército, Marinha, Aeronáutica. E parte disso parecia ser correto. O governo... sim, Matthias tinha alguma ligação com

o Departamento de Defesa, ou com a segurança nacional... ou...

Mas não era um soldado abatido. Porque nunca fora um herói.

– Eles encontraram minha carteira – ele murmurou.

– Oh, isso é ótimo.

Por alguma razão, Matthias entregou o objeto para ela.

Quando Mels abriu e olhou a carteira de motorista, ela assentiu.

– Esse é você.

Observando o emblema do *Correio de Caldwell* sobre a porta da qual ela saíra, ele disse:

– Veja bem, tudo o que estou falando fica entre nós dois, certo?

– É claro.

– Gostaria de ter outra opção. Gostaria... não quero te colocar em encrenca.

– Você ainda não me pediu pra fazer nada – ela o observou. – Em que está pensando?

– Consegue descobrir quem é esse cara? – apontou para a carteira de motorista. – Porque não sou eu.

N.T.: AARP é uma ONG norte-americana destinada a defender os interesses dos cidadãos com mais de cinquenta anos.

CAPÍTULO 9

Durante o silêncio que se seguiu, tudo o que Mels podia pensar era no fato de que tivera plena certeza de que nunca mais veria aquele homem.

Pelo jeito, o destino tinha outros planos.

O homem de roupas pretas sentado ao seu lado era grande, supermalhado e dava a impressão de ser forte em todos os sentidos, com seus olhos estreitos e o queixo quadrado... mas parecia envergonhado de suas cicatrizes e do defeito na perna.

Olhando mais uma vez a carteira de motorista, ela franziu a testa. A foto parecia verdadeira, os hologramas estavam onde deveriam estar, altura, peso e data de nascimento estavam corretos, o endereço ficava ali mesmo em Caldwell – e não muito longe da casa de sua mãe, na verdade.

Ele provavelmente estava voltando para casa no momento do atropelamento. Assim como ela.

Observando agora o homem em vez da imagem, ela teve a sensação de que, para procurá-la, ele fizera um grande esforço e engolira o orgulho. Ele não parecia o tipo de pessoa que gostava de depender dos outros, mas a vida claramente não lhe deixara outra escolha.

Sem memória. Poucos recursos.

E com aqueles olhos assombrados e um corpo remendado, ele tinha de ser um militar, voltara da guerra apenas fisicamente, mas não em espírito.

Naturalmente, a jornalista dentro dela gostava de um bom mistério – e o fato de ter um pouco de culpa em relação à sua amnésia era outra razão para ela mergulhar de cabeça nisso. Mas Mels não era idiota. Não queria se envolver em algum tipo de drama, principalmente se ele fosse um maluco ou paranoico.

A foto era dele mesmo, sem dúvida.

– Odeio colocar você nessa posição – suas mãos grandes acariciaram a bengala que equilibrava nas coxas. – Mas não tenho mais ninguém. E a casa nesse endereço não é minha. Não sei onde moro, mas com certeza não é naquela casa. Eu chequei a correspondência quando fui até lá – ele recostou-se para o lado e retirou uma revista dobrada do bolso da jaqueta. – Encontrei isto. O nome está certo, mas eu não tenho mais de cinquenta e cinco anos. Por que isto estaria na minha caixa de correio, endereçado a

mim?

Ela desdobrou a revista e observou o logotipo da AARP e a foto de uma graciosa modelo da terceira idade vestindo roupas de ginástica. O nome acima do endereço era Matthias Hault, e o número e rua eram os mesmos da carteira de motorista... talvez ele morasse com o pai e os dois tivessem o mesmo nome.

Mas um pai não teria ficado feliz em ver o filho aparecer na porta de casa?

– Eu poderia contratar um detetive particular – ele disse –, mas isso custa dinheiro, e nesse momento tenho apenas duzentos dólares no bolso... bom, cento e oitenta, depois que paguei o taxista.

– Tem certeza de que ninguém está tentando te encontrar? – quando ele permaneceu em silêncio, ela pensou que Matthias estava vasculhando sua memória, mas ele encontrou apenas o vazio, por culpa dela. – O que os médicos disseram? Como eu disse, honestamente, estou chocada de você estar de pé andando por aí.

– Então, você vai me ajudar? – ele respondeu.

Aquele era um momento de limite que precisava ser considerado com respeito. Mas ela decidiu cruzar a linha.

– Se eu ajudar, você vai ter que falar comigo. O que os médicos disseram?

Seu olho bom procurou ao redor, como se estivesse pensando em uma resposta.

– Fui embora sem avisar.

– O quê?! Por quê?

– Não me senti seguro. E não posso explicar mais do que isso. É tudo o que sei.

Estresse pós-traumático, ela pensou. Só podia ser.

Talvez se Mels confirmasse a identidade dele, sua mente poderia descansar e isso ajudaria na recuperação.

– Certo, vou fazer o possível – ela disse.

Matthias abaixou a cabeça, como se aceitar ajuda de outra pessoa fosse um tipo de derrota.

– Obrigado. Tudo o que preciso é de uma busca com esse nome. Um lugar para começar.

– Posso voltar pro escritório e fazer isso na minha mesa agora mesmo – ela apontou para o lado direito. – Tem um restaurante ao lado do rio, a uns dois quarteirões daqui. Você pode comer algo e eu te encontro lá assim que puder. Ah... claro, se você conseguir andar...

– Eu consigo chegar lá – ele disse, rangendo os dentes.

Ou morreria tentando, ela pensou, ao observar seu queixo contraído.

Que, por sinal, lembrava muito o ator Jon Hamm.

O homem levantou-se com a ajuda da bengala.

– Então eu te encontro lá. Não precisa se apressar.

Quando ele olhou para a rua, a luz do sol brilhou em seus olhos; tanto naquele que obviamente ainda enxergava como no que estava cego.

– Quer ficar com meus óculos escuros? – ela perguntou. – É um Ray-Ban, mais unissex que isso é impossível. E também não precisa de receita.

Ela não esperou ele dar uma de fortão e recusar. Pegou a caixa e a estendeu na sua frente.

Matthias Hault ficou observando a sua oferta por um longo tempo, como se o simples gesto fosse algo a que não estava acostumado.

– Aceite – ela disse suavemente.

Sua mão tremeu um pouco ao aceitar a caixa, e ele não a olhou mais nos olhos.

– Não vou riscá-los. E vou devolver no restaurante.

– Sem pressa.

Quando ele colocou os óculos escuros, seu rosto se transformou em algo... inegavelmente perigoso.

E definitivamente sensual.

Um calor percorreu o corpo de Mels, atingindo-a num lugar que há muito tempo não se acendia.

– Melhor? – ele disse.

– Eu acho que sim.

Ele ainda se recusava a olhar para ela. Seus ombros e costas estavam retos, os lábios tensos. Um homem tão orgulhoso, preso daquele jeito em uma posição de fraqueza...

Ela sempre lembraria daquele momento, pensou, sem qualquer motivo. Sim, este momento agora, com o sol brilhando nas feições endurecidas de seu rosto bonito.

Aquilo era um momento decisivo, concluiu. Essa intersecção aparentemente aleatória entre os dois mudaria as coisas para sempre.

– Eu queria te perguntar uma coisa – ele disse.

– O quê? – ela sussurrou, imersa em um momento que não podia compreender totalmente.

– Onde aconteceu o acidente?

Sacudindo a si mesma, ela puxou seu cérebro de volta à realidade.

– Foi, ah, bem ao lado do Cemitério Pine Grove. Perto de onde moro. Não muito longe do bairro onde fica sua casa.

– Um cemitério.

– Isso mesmo.

Ele assentiu e, quando começou a caminhar em direção ao restaurante, ela podia jurar que o ouviu dizer “Por que isso não me surpreende?”.

O Riverside Diner era um restaurante típico de cidade pequena americana. Cheio de estofados de couro sintético, cortinas com estampa xadrez e garçonetes mal-humoradas. A comida era gordurosa, mas de uma maneira gloriosa, e quando Matthias cortou seus ovos mexidos com o garfo, seu estômago roncou como se fizesse anos que não comia.

Já era tarde para o café da manhã, mas não existe acompanhamento melhor para uma xícara de café do que ovos e bacon.

Enquanto comia, os óculos escuros que recebera da repórter eram uma benção, pois lhe permitiam ficar de olho nas pessoas que entravam e saíam, nas garçonetes indo e vindo, e nos fregueses que entravam no banheiro e em quanto tempo ficavam lá.

Mas vigilância não era o motivo de Mels ter lhe emprestado os óculos.

Droga. Por que aquela mulher fazia ele desejar não ter mais seus defeitos?

– Mais café? – perguntou a garçonete.

– Sim, por favor – ele ofereceu a xícara e ela despejou o café fumegante.

– E mais um prato de tudo isto também.

Ela sorriu como se estivesse calculando uma gorjeta maior.

– Você come bem.

Quando não se sabe quando ou onde vai ser a próxima refeição, é melhor fazer valer a pena, ele pensou consigo mesmo.

A repórter apareceu pouco depois de Matthias terminar o segundo café da manhã. Ela olhou para a esquerda e depois para a direita e o encontrou sentado nos fundos, ao lado da saída de emergência. Então começou a percorrer o longo caminho de mesas vazias.

Quando sentou à sua frente, seu rosto estava vermelho, como se tivesse se apressado.

– Devia estar lotado quando você chegou – ela disse.

– Estava – mentira: ele queria ficar nos fundos para o caso de precisar sair às pressas.

A garçonete voltou com o pote de café.

– Olá... gostaria de café?

– Sim, por favor – Mels tirou a blusa. – E o meu de sempre.

– Almoço ou café da manhã?

– Almoço.

– Já está saindo.
– Você almoça sempre aqui? – ele perguntou, imaginando por que se importava.

– Duas, três vezes por semana, desde que comecei a trabalhar no jornal.

– E quando começou?

– Um milhão de anos atrás.

– Engaçado, você não parece um dinossauro.

Sorrindo um pouco, ela tomou um gole do café e se preparou para a conversa. Seus lábios ficaram tensos e seus olhos se estreitaram.

Ela ficava sexy daquele jeito. A intensidade. O foco. Naquele momento, ela o fazia se lembrar de si mesmo...

E isso era um milagre, se você pensar que Matthias tinha a mesma quantidade de informação sobre os dois... sendo ela uma estranha.

– Diga o que descobriu – ele exigiu.

– Você está morto.

– E eu que achei que era só uma sensação.

Durante a pausa que se seguiu, ele podia sentir que Mels tentava entendê-lo.

– Você não está surpreso – ela disse.

Ele observou sua xícara meio vazia e balançou a cabeça.

– Eu sabia que havia algo de errado naquela casa.

– O dono verdadeiro desse nome tinha oitenta e sete anos e morreu de insuficiência cardíaca cinco semanas atrás.

– Em se tratando de identidades falsas, essa não é uma das melhores, não é?

– Você fala como se conhecesse bem o assunto – quando ele não comentou nada, ela se inclinou para frente. – Por acaso você faz parte do programa governamental de proteção a testemunhas?

Não, ele estava do outro lado da lei... seja lá o que isso significasse.

– Se for o caso – ele disse –, não estão cuidando muito bem de mim.

– Tenho uma ideia. Vamos voltar ao cemitério, no local do acidente. Vamos ver se você se lembra de alguma coisa.

– Não posso pedir pra você fazer isso.

– Não pediu. Estou oferecendo... – ela parou. Franziu a testa. Coçou a sobancelha. – Meu Deus, espero não estar me transformando na minha mãe.

– Ela gosta de cemitérios?

– Não, é uma longa história. Enfim, peguei emprestado o carro do meu amigo. Posso te levar até lá depois que terminarmos de comer.

– Não. Mas eu agradeço.

– Por que você se deu ao trabalho de perguntar sobre o nome se não vai continuar investigando?

– Posso pegar um táxi, foi o que quis dizer.

– Ah.

A garçonete voltou com o “de sempre”, que era um sanduíche de frango em pão integral e o que parecia ser tomates extras, além de batatas fritas em vez de batatas chips.

– Acho que eu deveria levar você – ela disse, pegando o ketchup.

Matthias observou quando dois policiais entraram pela porta da frente e sentaram no balcão.

– Posso ser sincero com você?

– Por favor.

Ele abaixou o queixo e a olhou por cima dos óculos escuros.

– Não quero que fique sozinha comigo. É muito perigoso.

Ela parou com uma batata frita a meio caminho da boca.

– Sem ofensa, mas, considerando sua condição física, eu poderia quebrar suas duas pernas e te deixar inconsciente em questão de segundos – as sobrancelhas dele foram erguidas ao máximo, e ela assentiu. – Sou faixa preta, tenho permissão para porte de armas e nunca vou a lugar algum sem uma boa faca ou sem minha arma.

Ela deu um sorriso rápido, pegou o sanduíche de frango e deu uma mordida.

– Então, o que me diz?

CAPÍTULO 10

Felizmente, aquilo não era um encontro romântico, pensou Mels quando o silêncio imperou. Pois dizer a um homem que você é capaz de acabar com ele não seria um bom começo, meio ou fim para um almoço a dois.

Aquilo era trabalho – é claro que a história daquele homem, seja lá qual fosse, não terminaria nos jornais, mas era algo a ser investigado, e Deus sabia que ela nunca dispensava uma oportunidade dessas.

– É um belo currículo – ele disse depois de um bom tempo.

– Meu pai se certificou de que eu seria capaz de me defender. Ele era um policial à moda antiga.

– O que isso quer dizer?

Ela limpou a boca com um guardanapo, tomou outro gole de café e desejou ter pedido uma Coca.

– Digamos que hoje em dia, com câmeras nos carros de polícia, reuniões da corregedoria, e pastas cheias de protocolos de procedimentos, ele não teria durado nem um mês antes de ser suspenso. Mas no passado ele fazia seu trabalho, e as pessoas estavam mais seguras nesta cidade graças a ele. Ele dava conta de tudo.

– Um cara durão?

– Um cara justo.

– E você aprova esses métodos?

Ela deu de ombros.

– Ele tinha minha aprovação. Por outro lado, sua maneira de agir... digamos apenas que era outra época. Antes de testes de DNA e internet.

– Parece meu tipo de pessoa.

Mels teve que sorrir ao ouvir aquilo. Mas então uma tristeza pela perda do pai a fez virar o rosto e observar o rio e as gaivotas que seguiam a lenta correnteza.

– Ele nunca perdia o controle ou ficava bravo. Mas às vezes os criminosos só entendem as coisas quando elas são explicadas na língua deles.

– Você tem irmãos ou irmãs?

– Apenas eu. E meu pai não se importava por eu ser uma garota. Ele me tratava como trataria um filho: me treinou, ensinou autodefesa, insistiu que

eu aprendesse a disparar armas de fogo – ela riu. – Minha mãe quase tinha ataques do coração por causa disso. Até hoje ela é assim.

– Ele já se aposentou?

– Faleceu – ela voltou ao sanduíche. – Foi morto em serviço.

Houve uma pausa. Então Matthias disse suavemente:

– Sinto muito.

Mels não ousou levantar os olhos, pois falara demais e, com aqueles óculos escuros, não sabia onde estavam os olhos dele – embora não fosse necessário ser um gênio para saber que estavam focados nela.

– Obrigada. Mas chega de falar de mim. E chega dessa porcaria de é-perigoso-demais. Tenho cuidado de mim mesma faz tempo, e sou muito boa nisso. Não teria oferecido ajuda se não achasse que poderia lidar com você.

Ele soltou uma risada súbita.

– Você é muito segura de si mesma.

– Sei quais são meus limites.

– Mas você não me conhece. E eu também não.

– E nós queremos consertar isso, não é?

O homem recostou-se.

– Sim.

Quando terminou o sanduíche – deixando o resto das batatas de lado – ela pagou a conta e levantou-se.

– Então, vamos lá.

Quando ele pousou os olhos nela, aquele calor a invadiu novamente, uma atração sem sentido passando por seu corpo.

– Prometa uma coisa – ele disse em voz baixa.

– Depende do que for.

– Você não vai correr nenhum risco.

– Feito.

Matthias assentiu, pegou a bengala, deslizou as pernas para fora da cadeira e esperou por um momento, como se estivesse preparando o corpo para um massacre. O primeiro instinto de Mels foi colocar um braço sob o ombro dele para ajudar, mas sabia que ele não gostaria disso. E ficar encarando sua fragilidade também não era respeitoso, então ela se virou e fingiu checar o cardápio iluminado que ficava sobre o balcão.

Um grunhido denunciou que ele se levantara, então Mels seguiu em frente até a porta. Enquanto passavam pelos outros fregueses, ela sentiu os olhos de todos pairando sobre o homem que estava atrás dela.

Deus, ela imaginava como seria a vida daquele jeito, atraindo constantemente os olhares curiosos. Se bem que as mulheres

provavelmente estavam vendo apenas aquilo que ela própria enxergava. Que não tinha nada a ver com defeitos.

Muito pelo contrário.

O carro de Tony, que estava no estacionamento, parecia já ter visto dias melhores, não era como a Fifi, mantida com carinho. Aquele carro parecia mais uma lata de lixo ambulante.

– Não repara na sujeira – ela disse ao destrancar o veículo.

Ao entrar, Mels tirou do banco do passageiro as várias revistas *Newsweek* e *The New Republics*. Como era de se imaginar, Matthias levou um tempo para entrar no carro e, quando colocou os joelhos para dentro, suas botas pisaram em lixo, amassando embalagens vazias de Taco Bells, McDonald's, Burger King e Wendy's.

– Seu amigo gosta de fast-food – ele comentou.

– E come rápido também.

Ela acelerou e entrou no trânsito, espremendo o sedã entre um táxi e uma caminhonete.

– Cinto de segurança – disse Matthias.

Mels olhou para ele.

– Pois é. Você está usando um.

– Gosta de viver perigosamente?

– Cintos de segurança nem sempre salvam vidas.

– Então todas essas pessoas ao redor estão erradas?

– Elas podem fazer o que quiserem, e eu também.

– E as multas?

– Nunca fui parada no trânsito. E se acontecer, simplesmente pago a multa.

– Quando. Você quer dizer “*quando* acontecer”.

O Cemitério Pine Grove ficava a uns dez minutos – mas não do jeito que Mels dirigia. Em nenhum momento ela foi imprudente, apenas eficiente, escolhendo rotas que evitavam semáforos e as obras ao redor do parque.

– É ali, à direita – Mels se inclinou sobre o volante e olhou através do para-brisa. – Na verdade, é um lugar lindo. Há algo tão pacífico em cemitérios...

Matthias não parecia impressionado.

– Toda essa coisa de descanso eterno é uma ilusão.

– Você não acredita no Céu?

– Acredito no Inferno, isso sim.

Não houve tempo para ela responder quando chegaram na entrada.

– O acidente aconteceu por aqui... um pouco depois do portão principal.

Bem... um pouco mais para frente... aqui.

Enquanto ela estacionava o carro de Tony e desligava o motor, Matthias já estava saindo. Andando rápido com sua bengala, ele parou no meio da rua, em cima das marcas onde ele havia aterrissado. Olhou para os dois lados e seguiu até as marcas dos pneus da Fifi e a árvore atingida... e finalmente chegou no portão de três metros de altura que cercava o cemitério.

Aquilo é que era estilo gótico. Feitas com barras de ferro com pontas em forma de flor de lis, as fronteiras do Pine Grove eram imponentes... e perigosas, se alguém tentasse escalá-las.

E veja só, enquanto se aproximava, Mels viu uma mancha de sangue no topo de uma das pontas – e havia também um pedaço de roupa. Como se alguém tivesse tentado pular o cercado.

– Eu peguei – ela disse, pulando e agarrando o tecido. – Aqui.

Matthias segurou o pano.

– Tecido impermeável. Aposto que aquele sangue seco é meu. Tenho um ferimento recente na perna.

Mas por que ele não teria simplesmente passado pelo portão da frente? Bem, à noite ele provavelmente ficava trancado.

– Podemos entrar? – ele perguntou.

– Agora mesmo.

De volta ao carro, ela passou pela entrada e virou à esquerda, indo em direção ao ponto onde encontraram o tecido. Chegando lá, ela parou novamente, saiu e esperou que a memória dele se manifestasse. Se é que isso aconteceria.

Enquanto ele olhava ao redor, Mels ficou um pouco distante, ouvindo a brisa que soprava entre os galhos dos pinheiros e sentindo o sol brilhar em seus ombros... e tentou não pensar no lugar onde estava seu pai...

Logo atrás, a uns cem metros, no meio do cemitério, entre a família Thomas e os três irmãos Krensky.

Pelo jeito, ela se lembrava muito bem.

A última vez em que estivera ali fora no dia seguinte ao enterro do pai. Mels estivera trabalhando em Nova York por quase cinco anos. Ele estava tão orgulhoso de sua filha na cidade grande, fazendo aquilo que tinha estudado – o jornalismo...

– É por aqui – Matthias disse, distraído.

Enquanto ele caminhava pelo gramado desigual, Mels largou seu passado para se concentrar no presente dele, e juntos andaram decididamente, mesmo com os passos de Matthias se mostrando instáveis e precisando do suporte da bengala. De vez em quando ele parava, como

se estivesse calibrando a direção, e Mels não o interrompia com perguntas.

A construção onde finalmente chegaram combinava com as lápides e sepulturas. Sua fachada de pedra ecoava a arquitetura usada na entrada principal e nos balaústres que se intercalavam aos portões de ferro.

– Eu estava nu – ele disse. – Vim até aqui, entrei pela janela e peguei...

Ele empurrou a porta, que rangeu enquanto se abria. Lá dentro, caminhou até a parede de trás e comparou o pedaço de tecido rasgado com um macacão impermeável que estava pendurado.

Nu?, ela pensou.

– Onde estavam suas roupas?

Ele deu de ombros.

– Só sei que estive aqui na noite passada.

Matthias voltou para fora e continuou pelo caminho que estavam fazendo, mas agora ele andava em zigue-zague – talvez para manter a trilha ou para tentar encontrá-la; Mels não sabia e também não perguntou. Apenas o seguiu, e eles passaram por dezenas de lápides, além de funcionários que cuidavam do gramado e pessoas que visitavam túmulos de parentes.

Finalmente, quando estavam a quase meio quilômetro de onde deixaram o carro, ele parou.

– Aqui. Isto é... sim, foi aqui que começou. Tenho certeza.

A lápide que ele observava pertencia a um dos túmulos mais recentes – e em cima da terra fofa que fora colocada sobre o caixão, havia realmente a silhueta de um corpo, como se uma pessoa do tamanho dele tivesse deitado ali em posição fetal.

– Foi aqui que começou – ele se apoiou na bengala e se agachou. Tocando a terra, sussurrou: – Aqui.

– James Heron – ela disse, lendo a inscrição simples na lápide. – Você conhece ele?

Matthias olhou ao redor do cemitério.

– Sim.

– Em que contexto?

– Preciso ir – ele se levantou e se afastou dela. – Obrigado.

Mels franziu a testa.

– Do que está falando?

– Você precisa ir embora agora...

– Você não tem condições de andar de volta até a cidade. E boa sorte se quiser achar um táxi.

– Por favor, você precisa ir embora.

– Diga por que e talvez eu considere.

Em um movimento súbito, o homem se aproximou dela, chegando perto... muito perto. Tomando fôlego, Mels precisou forçar para que seus pés não se mexessem... e foi um choque quando percebeu que os pés desejavam que seu corpo terminasse o que ele havia começado.

Só era preciso mais um passo para que seus peitos se tocassem e seus quadris se apertassem um contra o outro.

Não era a ideia mais brilhante, já que parecia que o predador dentro dele se libertara. Mas ela não queria ser sensata.

Mels o desejava.

Mas isso *não* fazia parte do plano.

Levantando o queixo, ela disse:

– Se pensa que essa agressividade é persuasiva, você está errado. E eu estou esperando uma explicação.

Matthias se inclinou para frente, e o movimento de seus quadris a deixou totalmente ciente do quão mais alto ele era. Quão mais forte, mesmo machucado. E o quanto seus olhos ardiam, mesmo através dos óculos escuros.

Com uma voz grave e perigosa, Matthias disse:

– Porque você vai morrer se não se afastar de mim.

CAPÍTULO 11

Local não revelado Washington, D.C.

– Este é o alvo.

A foto que caiu com a imagem para cima na lustrosa mesa chegou ao agente por força da inércia.

O rosto instantaneamente pareceu familiar. Afinal, quem nas Operações Extraoficiais não conhecia aquele homem?

O agente ergueu os olhos na direção de seu superior.

– Qual a localização?

– Caldwell, Nova York.

O endereço foi passado oralmente, assim como todas as outras instruções. E ele não podia ficar com a foto. E aquela sala, em um prédio absolutamente comum na capital da nação, não registrava nada daquela conversa. Sem rastros. Nunca.

– Obviamente, consideramos que ele está armado e é extremamente perigoso.

Com certeza. Sempre fora – mas glórias não duram para sempre, e você nunca deixa de ser um agente das Operações. As únicas classificações para um agente eram “em atividade” ou “eliminado”.

E ele seria o responsável pelo carimbo de “eliminado”, nesse caso.

– As regras normais se aplicam – disse o superior.

É claro que sim: agiria sozinho, era o único responsável pela missão e, se falhasse, era melhor rezar para morrer – ou fazer isso por si próprio. Essas regras eram muito conhecidas pelo pequeno grupo de agentes que foram escolhidos a dedo pelo diabo em pessoa...

Matthias. Aquele que os liderara nos últimos dez anos. O astuto jogador de xadrez, o mestre da manipulação, o violento sociopata que servira de modelo para todos eles.

Por um momento, parecia estranho receber ordens de outra pessoa – mas, considerando quem era o alvo...

No entanto, a organização precisava seguir em frente, e seu atual superior subira rápido na hierarquia, claramente se posicionando como o herdeiro do trono. Isso explicava o que estava fazendo agora. Pontas soltas

eram inaceitáveis.

- Mais alguma coisa de que eu precise saber?
- Apenas não estrague tudo. Você tem 24 horas.

O agente esticou a mão enluvada e trouxe a foto para mais perto. Observando aquele rosto, pensou que, se alguém tivesse lhe contado sobre as mudanças que aconteceram nos últimos dois anos, ele se convenceria de que essa pessoa estava maluca.

Porém, lá estava ele, olhando para aquele poderoso homem na fotografia, que agora estava condenado à morte. Se o agente falhasse ao tentar matá-lo, a organização mandaria outro. E outro. E mais outro. Até que a missão fosse cumprida.

E, conhecendo o alvo, talvez precisassem de mais de uma tentativa.

Seu superior pegou de volta a fotografia e caminhou até uma porta que parecia normal, mas que na verdade era à prova de balas, fogo, bombas e som. Assim como as paredes, o teto e o chão.

Após um escaneamento da retina, a porta se abriu e depois fechou, deixando o agente sozinho para ponderar suas opções: uma vez que a missão fosse entregue, os métodos de execução ficavam por conta do agente designado. Os chefes se importavam apenas com os fins, não com os meios.

Caldwell, em Nova York, ficava a apenas uma hora e meia de avião, mas era melhor ir de carro. Não dava para saber que recursos tinha seu alvo, e aviões podiam ser rastreados mais facilmente do que carros sem identificação.

Enquanto o agente deixava o edifício, o fato de que poderia estar se dirigindo para a própria morte era irrelevante – e essa era parte da razão de ele ter sido selecionado dentre tantos outros soldados e civis que se “inscreviam” para as Operações Extraoficiais. Cuidadosas avaliações psicológicas e físicas eram conduzidas, não durante semanas ou meses, mas por anos, antes que o candidato recebesse o sinal verde. Afinal, o trabalho exigia uma incomum combinação de urgência e desapego, lógica e iniciativa, disciplina mental e física.

Assim como o simples prazer em matar outros seres humanos.

Ao final do dia, ele achava divertido bancar o Ceifeiro da Morte, e essa era a única maneira legal e sancionada de fazer isso. Mesmo o mais cuidadoso assassino em série acaba preso com o passar do tempo. Mas e trabalhando para o governo dos Estados Unidos?

Seu único limite era sua habilidade de permanecer vivo.

CAPÍTULO 12

Matthias precisava se afastar de Mels.

Não havia nenhuma outra opção. No cemitério, junto dela, encarando a lápide de Jim Heron, pareceu muito claro que eles estavam separados entre a vida e a morte – e ela estava no lado da vida.

Matthias queria mantê-la assim.

Depois de discutirem por um momento, ela o deixou, afastando-se com uma rapidez eficiente que ele aprovava. Matthias permaneceu no local de descanso de Jim Heron pelo tempo que julgou ser necessário até Mels chegar ao carro de seu amigo – e, como ele esperava, o Toyota não estava mais no portão principal do cemitério quando ele retornou.

E ela estava certa quanto à falta de táxis, mas havia um ponto de ônibus não muito longe e, embora isso o obrigasse a esperar, acabou conseguindo voltar ao centro da cidade por conta própria.

Melhor assim. Uma separação definitiva – ao menos fisicamente. Em sua mente, ele tinha o pressentimento de que não seria tão fácil.

Apesar de ainda possuir uma parte dela, de forma concreta: os óculos escuros. Ela não os pedira de volta, e ele esqueceu que estavam em seu rosto.

E esconder seu olho ruim seria muito útil em uma situação como a dele.

Matthias entrou no Starbucks da rua Quinze e avaliou o local através de seu Ray-Ban. O horário de pico do almoço já tinha passado e os fregueses das três da tarde ainda não tinham aparecido para lotar o local em busca de um remédio para sua sonolência vespertina. Havia apenas duas pessoas tomando café com leite, além de um par de baristas do outro lado no balcão.

Ele escolheu a barista cheia de piercings na sobrancelha e cabelo espetado azul e rosa.

Quando se aproximou, ela ergueu um olhar que parecia contar as horas para ir embora, mas sua expressão mudou rapidamente. Para algo a que ele já estava acostumado.

Era uma expressão de interesse feminino.

Matthias escolheu sabiamente.

– Olá – ela disse, enquanto pesquisava seu rosto... e depois a bengala e

a jaqueta preta.

Ele sorriu, como se também estivesse momentaneamente interessado nela.

– Ah, escuta, eu combinei de encontrar um amigo aqui, mas ele não apareceu. Eu ia ligar para ele do meu celular, mas percebi que esqueci em casa. Posso usar seu telefone?

Ela deu uma olhada em seu colega de cafeteria. O cara estava encostado nos fundos ao lado das máquinas de café, braços cruzados ao redor do peito magro, como se estivesse descansando em pé.

– Sim. Pode sim. Venha aqui.

Matthias a seguiu pelo balcão, exagerando seu andar manco.

– Preciso ligar para o disque-informações primeiro, pois não lembro o número dele. Mas não se preocupe, é uma ligação local. Não acredito que esqueci meu celular!

– Acontece com todo mundo! – ela estava toda agitada, seus olhos pousavam rapidamente nele e depois se desviavam, como se ele fosse brilhante demais para se olhar por muito tempo. – Mas eu preciso discar, você não pode entrar atrás do balcão.

– Sem problema – quando ela lhe entregou o fone, ele o pegou e sorriu devagar. – Obrigado.

Ela ficou ainda mais encabulada. Ao ponto de precisar discar duas vezes até conseguir chamar o número desejado.

Matthias casualmente se virou e fingiu checar a entrada procurando por seu “amigo” quando uma voz gravada atendeu:

– Cidade e estado, por favor.

– Caldwell, Nova York – houve uma pausa. Ele esperou um atendente. – Por favor, o número de James Heron.

Enquanto Matthias esperava pela informação, a garota pegou um pano e passou casualmente pelo balcão. Mas ela estava escutando, com as sobancelhas abaixadas.

– H-E-R-O-N – soletrou Matthias. – O primeiro nome é James.

Mas que droga, de que outro jeito dá para soletrar esse nome?

A atendente voltou a falar:

– Desculpe, mas não encontro ninguém com esse sobrenome em Caldwell. Quer tentar algum outro nome?

Que merda! Mas, de alguma forma, isso não o surpreendia. Seria muito fácil. E nem um pouco seguro.

– Não, obrigado – Matthias virou-se e entregou o fone para a garota. – Não tive sorte. O nome não está na lista.

– Você disse “Heron”? – perguntou a garota enquanto pendurava o fone.

– Aquele cara que morreu?

Matthias estreitou os olhos – mas ela não podia ver, graças ao Ray-Ban.

– Mais ou menos. Meu amigo é irmão dele, na verdade. Moravam juntos. O telefone estava no nome de Jim. Como eu disse, meu amigo e eu combinamos de nos encontrar aqui pra, você sabe, conversar sobre tudo isso. É tão difícil perder alguém dessa maneira, e estou preocupado com o que isso pode fazer com a cabeça dele.

– Oh, Deus, foi triste *demais* – a garota jogava o pano de uma mão para outra. – Meu tio trabalhou com ele. E estava lá quando foi eletrocutado. E pensar que levou um tiro, tipo, dias depois. Quer dizer, como é possível? Sinto muito por seu amigo.

– Seu tio conhecia o Jim?

– Ele é gerente de recursos humanos na construtora em que Jim trabalhava.

Matthias respirou fundo, como se estivesse engasgando.

– Jim era um cara muito legal. Nós estivemos na guerra juntos – bateu com a bengala no balcão. – Sabe como isso é.

Quatro... três... dois... um...

– Olha, eu posso ligar pro meu tio se você quiser. Talvez ele tenha o telefone. Espera um pouco.

A garota saiu de trás do balcão, parou um pouco, depois assentiu para si mesma, como se estivesse em uma missão pelo bem, determinada a “fazer a coisa certa”.

Enquanto Matthias esperava ela voltar, ficou esperando também que sua consciência o repreendesse por causa da manipulação.

Quando não sentiu nada, ficou perturbado com a facilidade da coisa. Como se mentir fosse tão familiar e insignificante que seu cérebro registrasse essa ação como um simples reflexo.

A barista retornou cerca de cinco minutos depois com um número escrito em um papel de carta feminino, que traía completamente seu visual radical.

– Vou discar pra você.

A barista voltou para trás do balcão e entregou novamente o telefone a Matthias, que ficou escutando o som das teclas enquanto ela apertava os botões.

Ouviu o som de chamada. Um. Dois. Três. Quatro toques.

Nada de correio de voz. Nenhuma resposta.

Ele devolveu o telefone.

– Não tem ninguém em casa.

Afinal, o que ele esperava? Acordara no tumulto do cara e agora achava

que Heron fosse atender o telefone? Era uma longa distância entre o caixão e a companhia telefônica.

– Talvez ele esteja a caminho?

– Talvez – Matthias encarou a garota por um momento. – Obrigado. Obrigado mesmo.

– Quer um café enquanto espera?

– Acho que vou dar uma passada na casa dele. Às vezes as pessoas reagem a uma tragédia... de um jeito estranho.

Ela assentiu, preocupada.

– Sinto muito.

E sentia mesmo. Uma completa estranha sentia pena, honestamente, por o que quer que ele estava passando.

Ele imediatamente pensou em Mels, que também parecia tão disposta a ajudar.

Pessoas boas. Pessoas gentis. E sua memória defeituosa dizia que Matthias não merecia ficar entre esse tipo de companhia.

– Obrigado – ele disse com a voz rouca antes de sair mancando pela porta.

A pistola calibre quarenta na mão de Jim pesava menos de um quilo, e já estava carregada com dez balas no pente e uma na agulha.

Ele manteve a arma abaixada ao lado da coxa enquanto saía da garagem. Depois do episódio no chuveiro, Adrian saíra para tomar ar e trazer comida, levando sua Harley, mas não o capacete. O Cachorro estava seguro no andar de cima, descansando na cama sob o sol. Jim estava de guarda.

Você não vê? Ela está dentro de mim... e está me dominando...

Merda.

Pelo menos Jim tinha um escape. O bom da garagem era que ela ficava nos fundos do terreno de uma casa de fazenda – e a casa da frente, branca, com sua varanda e chaminé de tijolos, estava vazia desde que ele começara a alugar o local.

Ninguém veria. Mas isso ainda não era suficiente.

Ele enfiou a mão livre dentro da bota e retirou um silenciador. A peça adicionava quase trezentos gramas ao peso da pistola automática e mudava seu centro de gravidade, mas Jim estava acostumado a usá-la daquela maneira.

Agora, ninguém ouviria também.

De pé sobre o cascalho solto do caminho de entrada, ele tritou o cigarro

e então o segurou com a mão esquerda. Concentrando-se em um galho que estava a dez metros do chão, levantou a arma e mirou no pedaço de madeira de três centímetros.

Respirando calmamente, Jim fechou os olhos e pensou no rosto de Devina.

Crack!

Graças ao silenciador, o som da pistola foi bastante reduzido, apenas um estampido contra sua mão e o impacto na árvore.

Crack!

O gatilho, assim como o cabo e o tambor, não eram apenas uma extensão de seu braço, mas também de seu corpo, e ele não precisava dos olhos para reajustar a trajetória. Sabia exatamente onde o chumbo acertaria.

Crack!

Calmo. Concentrado. Respirando pela barriga, não pelo peito. Imóvel, exceto pelo dedo indicador e depois pelos músculos do antebraço ao absorverem o súbito coice da arma.

O impacto da última bala foi mais suave; afinal, já não restava muita madeira.

Ele abriu os olhos assim que o galho começou uma queda livre, batendo em seus irmãos até chegar ao chão duro.

Colocando o Marlboro de volta entre os dentes, Jim esmagou as pinhas e a grama rala com suas botas de combate ao andar até a árvore e pegar o galho. Foi um corte preciso, relativamente falando. Nada igual ao que uma serra faria, mas, considerando a distância e os meios, parecia bom o suficiente.

– Você é um ótimo atirador.

O sotaque inglês altivo vindo de trás de Jim o fez querer continuar apertando o gatilho.

– Nigel.

– Cheguei num momento inapropriado?

– Ainda tenho sete balas. Você decide.

– Devina sofreu uma reprimenda – Jim girou o corpo e estreitou os olhos na direção do arcanjo aristocrático, que assentiu. – Queria que soubesse. Pensei que seria muito importante te informar disso.

– Está preocupado pensando que estou perdendo o rumo?

– Mas é claro.

Jim teve de sorrir.

– Você consegue ser direto quando lhe convém. Então, o que é que seu Criador fez com minha inimiga?

– Ela é seu oponente...

– Inimiga.

Nigel colocou as mãos para trás e começou uma caminhada excêntrica. Vestia um terno fora de moda cortado à mão, do tipo que era totalmente estranho a Jim, e que continuaria desse jeito.

– Qual é o problema, chefe? – Jim murmurou. – O gato comeu sua língua?

O arcanjo lhe lançou um olhar que o faria cair morto ali mesmo, se Jim estivesse vivo do jeito convencional.

– Você não é o único com temperamento explosivo, e eu devo te lembrar de tomar cuidado com o tom e as palavras quando se dirigir a mim.

Jim guardou a arma na cintura.

– Certo. Chega de papo furado. O que posso fazer por você?

– Nada. Eu simplesmente pensei que você se acalmaria se soubesse que o Criador agiu. Eu te disse pra deixar que o demônio cruzasse os limites. Eu te disse pra esperar pelas consequências. E elas vieram.

– O que Ele fez com ela?

– As vitórias e derrotas que vocês conquistaram são permanentes. Não há nada que Ele ou qualquer um de nós possa fazer a respeito de onde as bandeiras foram... elas são imutáveis. Mas Ele decretou que as ações de Devina não podem ficar impunes.

– Espere, não estou entendendo. Se o que Devina fez afetou o resultado de uma rodada, então sua vitória tem que ser anulada.

– Não é assim que essa competição funciona. As vitórias... – o arcanjo olhou para o céu. – O paralelo seria propriedade pessoal, suponho.

– Minha?

– De certa maneira, eu diria que sim.

– Então, se ela quebrou as regras e isso mudou o resultado, o Criador deveria dar de volta aquilo que é meu de direito. E, já que estamos falando nisso, quero lembrar que, se eu soubesse que a alma em questão era o Matthias, eu não teria me concentrado no homem errado.

– E isso foi corrigido.

– Como?

Ao longe, do outro lado do campo, um carro saiu da estrada e entrou no caminho que passava pela casa da fazenda.

Merda. Visitantes não eram nada bem-vindos – e a cor amarela sugeria um táxi.

O carro não parou na residência principal.

Nigel levantou uma sobrancelha.

– Acredito que ficará evidente.

Após mais uma de suas frases enigmáticas, o chefe desapareceu.

– Obrigado, amigo – Jim murmurou. – Grande ajuda de merda. Como sempre.

Protegendo-se em um canto, Jim encostou os ombros na parede de alumínio. A arma não permaneceu na cintura. Ele a segurou mais uma vez, preparado para atirar.

O táxi estacionou na frente da garagem.

Um momento depois, um homem que ele nunca esperava ver de novo saiu do banco do passageiro... um pesadelo que vivia e respirava... um problema do passado, que Jim já resolvera.

Então *esta* era a solução para a trapaça de Devina?

– Filho... da puta – Jim sussurrou.

CAPÍTULO 13

Matthias saiu do táxi e pediu que o motorista esperasse. A garagem à sua frente era uma espécie de galpão de armazenamento, com escadas que levavam para o segundo andar. As portas duplas no andar térreo estavam fechadas; a do andar de cima e as cortinas também.

Na janela do andar superior, as cortinas se separaram e um cachorro desgrehado apareceu, como se estivesse de pé com as patas da frente apoiadas na parede.

Alguém claramente vivia ali.

– Mande o táxi embora.

Matthias virou rapidamente a cabeça para a direita, e o homem que surgiu de trás da garagem o fez quase perder o equilíbrio, fazendo uma lembrança vívida e instantânea surgir em sua memória.

Jim Heron. De volta do mundo dos mortos.

O instinto de Matthias lhe dizia que o cara sempre tivera aquele grande corpo musculoso, cabelo loiro escuro, o rosto frio e de feições endurecidas. Mas não havia contexto em sua lembrança, não havia um comentário interno sobre como ele conhecia o homem, ou o que viram e fizeram juntos. Porém, uma coisa estava clara... mesmo sem a arma, era óbvio que aquele não era o tipo de cara que você quer por perto se estiver desarmado e sem um veículo de fuga.

Matthias bateu no vidro, entregou uma nota de vinte ao motorista e o deixou ir embora.

Quando o carro manobrou e partiu pelo caminho de entrada, o som dos pneus esmagando o cascalho parecia tão alto quanto disparos de uma arma.

– Isso é uma arma na sua perna ou você está apenas feliz de me ver? – Matthias disse secamente.

– É uma arma. E você quer me dizer o que está fazendo aqui?

– Diria, se soubesse. Talvez você possa me ajudar com essa pergunta.

– O quê? – quando Matthias não respondeu, os olhos azuis cínicos de Heron ficaram ainda mais estreitos. – Você está falando sério. Isso foi uma pergunta sincera.

Matthias deu de ombros.

– Interprete do jeito que quiser. E enquanto pensa, eu gostaria de

comentar que você supostamente está morto.

– Como você me encontrou?

– Procurei na central de informações. De certa maneira.

Quando Heron se aproximou, Matthias percebeu que a posição da arma com o silenciador mudou e que agora o tambor estava apontado diretamente para seu peito. E podia apostar que o gatilho seria apertado em um instante, se fosse preciso. O que significava que aquele homem com estilo militar era paranoico... ou que, por alguma razão, considerava Matthias perigoso.

– Estou desarmado – Matthias anunciou.

– Não faz o seu feitiço.

A arma não foi abaixada; aquele corpo não relaxou; aqueles olhos não perderam o ar de alerta.

– Você não acredita em mim – disse Matthias.

– Depois de tudo o que passamos? Nem um pouco, meu velho amigo.

– Nós éramos amigos?

– Não, você está certo. Nós fomos muitas coisas, mas nunca amigos – Heron balançou a cabeça. – Mas que merda, sempre que não espero mais te ver, você aparece.

Heron sabia as respostas, pensou Matthias. O homem que estava bem à sua frente era o caminho para ele descobrir quem era.

– Bom – murmurou Matthias –, considerando que você ainda está respirando, mas que eu visitei o seu túmulo uma hora atrás, eu não sou o único tirando coelhos da cartola. Se importa de me contar onde foi que nos vimos pela última vez?

– Você está falando sério? – quando ele assentiu, Heron balançou a cabeça novamente. – Está dizendo que não se lembra?

Matthias levantou as mãos, mostrando as palmas.

– Não tenho nada.

A atitude desconfiada de Jim foi substituída por uma breve surpresa.

– Jesus.

– Acho que não. Minha carteira de motorista diz “Matthias”.

A risada que recebeu como resposta foi um pouco assustadora.

– Se importa se eu te revistar?

Matthias encostou a bengala na perna e levantou as mãos.

– Manda ver.

Jim fez o procedimento com uma das mãos e, quando se afastou de novo, soltou outro palavrão.

– Claramente você perdeu a cabeça.

– Não, apenas minha memória. E preciso que você me diga quem sou

eu.

Houve um longo silêncio, como se Heron tentasse preencher os buracos da história em sua cabeça. Finalmente, disse:

– Vou pensar bem antes de contar as coisas do seu passado. Mas vou te ajudar. Disso você pode ter certeza.

– Isso não é bom o suficiente. Preciso das informações. Agora.

– Acha mesmo que está em posição para fazer exigências?

Enquanto Jim conduzia seu antigo chefe, Matthias, o Cretino, para o andar de cima, ele não conseguia acreditar em tudo aquilo. E não importava o quanto seu cérebro se esforçasse: parecia que os porcos realmente podiam voar, que o Inferno estava cheio de bolas de neve, e que em algum lugar um cachorro velho aprendia a dirigir uma droga de um carro.

Era disso que Nigel estava falando? Uma repetição da segunda rodada?

Você o reconhecerá como um antigo amigo e um antigo inimigo a quem encontrou recentemente. O caminho não poderia ser mais óbvio se estivesse iluminado com placas.

Parece que concentrar-se na alma errada não seria um problema desta vez – desde que o discurso cifrado de Nigel estivesse mesmo certo e Matthias, mais uma vez, fosse a alma em jogo.

O que *não* era uma maneira tão boa de penalizar Devina. Merda!

Mas havia uma boa notícia – se é que podia existir alguma notícia boa nessa história de voltar do mundo dos mortos: a perda de memória. O velho Matthias nunca se exporia com uma fraqueza como amnésia, portanto provavelmente era verdade – e Deus sabia que esse buraco negro de informações seria muito útil.

Assim, Jim precisava trabalhar apenas contra a natureza.

Abriu a porta e deu espaço para Matthias entrar.

– Humilde lar, e essas coisas.

Enquanto Matthias mancava para dentro, o Cachorro correu e balançou o rabo lhe dando boas-vindas, com suas patas fazendo barulho no chão de madeira.

Considerando a alegria do cão, parecia óbvio que Devina não estava usando o corpo daquele homem. O que foi uma boa dica.

Jim fechou a porta e observou seu ex-chefe. Mancava do mesmo jeito. Tinha a mesma voz. O mesmo rosto. Os óculos escuros não surpreendiam, considerando o estado dos olhos do cara.

– Eu ofereceria comida, mas tenho que esperar meu amigo voltar. Pode

usar o sofá enquanto isso.

Matthias grunhiu quando sentou.

– Eu ainda fumo – ele disse, acenando para o maço em cima da mesa.

– Pensei que não se lembrava de nada.

– Certas coisas... eu acabo lembrando.

Jim foi até a pequena cozinha e parou em frente à pia. Por alguma razão, ele queria estar perto de Eddie.

– Então, vamos começar com exatamente o que você lembra.

– Eu sei que acordei na sua sepultura.

– A morte é relativa.

– Então, nós dois somos um milagre.

Jim levantou uma sobrancelha.

– Pelo menos um de nós é. Vamos ver quanto ao outro. Como me encontrou?

– Central de informações.

– O telefone daqui não está no meu nome.

– Mas você deu esse número no seu último emprego. Fui até a biblioteca, busquei o número na internet e achei você. Não é um esconderijo muito bom.

– Não estou me escondendo de ninguém.

– Então, por que você está morto, mas vivo?

– Vamos nos concentrar apenas em você, certo?

– Certo. Então, por que está com medo de mim? – quando Jim apertou o maxilar, Matthias sorriu do jeito que sempre fazia, mostrando todos os dentes brancos e afiados. – Aliás, isso não é uma lembrança. É a arma na sua mão. Estamos na sua casa, protegidos... se eu não fosse uma ameaça, você guardaria a arma.

Filho... da puta.

Mesmo com amnésia, o cara era um cretino.

Com essa deixa, Jim se aproximou, mantendo os olhos no Ray-Ban que o outro usava. Com a ponta da arma virada para Matthias, colocou a pistola na mesa e a empurrou para o outro lado.

– Fica com ela, se quiser.

– Você vai me dar uma arma?

– Claro, por que não? Pense nisso como um presente por sua volta pra casa.

– Estou em casa?

– Não neste lugar em particular... você não pode ficar aqui, e nunca esteve aqui. Nunca.

Matthias sorriu um pouco.

– Bom, não quero ficar na minha casa.

– E onde é isso exatamente?

O homem colocou a mão no bolso, tirou a carteira e jogou a carteira de motorista na mesa, sobre a arma.

Jim olhou a identificação. Era bem feita, com todos os hologramas no lugar certo. O sobrenome não estava correto, é claro, mas o primeiro nome e a foto estavam.

– O que você sabe sobre mim? – exigiu o homem.

– Bela foto – Jim disse ao recostar-se na parede.

– Não estou perguntando sobre meu futuro como modelo. Por que está evitando minhas perguntas?

– Estou tentando decidir como fazer esta jogada.

– Estamos em um jogo?

– Sim, estamos. E você não pode nem imaginar o que está em jogo – Jim decidiu sentar ao lado de seu hóspede. – Como eu disse antes, por que não começa contando o que você lembra?

Os óculos escuros baixaram, como se Matthias estivesse encarando o chão. Ou talvez suas botas, ou a bengala.

– Fui atropelado por um carro do lado de fora do Cemitério Pine Grove ontem à noite e acordei no hospital sem saber quem eu era ou onde estava. Hoje, tentei me lembrar refazendo meus passos, até que cheguei na sua sepultura – o Ray-Ban subiu de novo e ele olhou ao redor. – Eu reconheci seu nome no instante em que o vi. Reconheci você também, no exato momento em que saiu de trás da casa.

A expressão no rosto de Jim não mudou.

– Não é uma surpresa... nós dois temos muita história juntos. E é por isso que vou te ajudar.

– Então comece dizendo como isso tudo... – Matthias fez um gesto com a mão, mostrando todo o seu corpo – aconteceu.

– Os ferimentos?

– Não, minha roupa de balé. De que merda você acha que estou falando?

– Tire os óculos.

– Por quê?

– Quero olhar nos seus olhos quando responder.

A mão tremeu quando tirou os óculos, mas Jim apostava que era uma fraqueza física, e não mental. E ele estava certo.

– Como os ferimentos aconteceram? – seu ex-chefe repetiu, com uma voz grave.

– Você tentou se matar na minha frente. Plantou uma bomba na areia e

pisou nela, bem na minha frente.

Matthias olhou para a própria perna e suas sobrancelhas se juntaram, como se o cérebro estivesse calculando dois mais dois.

– Por que eu fiz isso?

Como responder sem revelar demais?

– Você odiava o homem que era. Não podia mais continuar daquele jeito, e deu um jeito de não ter mais que fazer isso.

– Mas eu não morri.

– Não dessa vez – Jim levantou-se. – Meu amigo voltou.

Um segundo depois, o som de uma Harley invadiu o local através da janela, aumentando até parar totalmente.

– Você tem um bom ouvido – Matthias comentou.

Jim encarou o homem, pensando em como faria para trabalhar a situação em seu favor. Com um pequeno sorriso, murmurou:

– É o menor dos meus truques.

CAPÍTULO 14

– Você quer que eu faça *o quê*?

Em resposta, uma caixa da L’Oreal foi jogada das sombras e quando a mulher a pegou, ela pensou: certo, a noite começou muito bem. Já estava cansada, dolorida e querendo que fosse uma da manhã, quando acabava seu turno – e esse “cliente” era um esquisitão com algum fetiche por tintura de cabelo?

Estava cansada dessa rotina de prostituta; estava mesmo. Já não aguentava mais aqueles motéis velhos e escuros, e homens feios com ideias malucas – isso sem contar aquele “gerente”.

– Você quer que eu pinte meu cabelo de loiro. Sem brincadeira.

Um maço de quinhentos dólares foi jogado do canto, e a luz do teto fez as notas brilharem no quarto pouco iluminado. Com certeza parecia um presente dos céus – principalmente considerando-se que o idiota já pagara para poder entrar naquela espelunca junto dela.

– Está bem, certo – ela se aproximou e pegou o dinheiro. – Mais alguma coisa?

A voz profunda soou em um tom baixo:

– Quero que o deixe bem liso.

– Só isso?

– Só isso.

– Nada de sexo?

– Não quero você pra isso.

Sentiu um calafrio começando a subir por suas costas até chegar à base do pescoço. Mas não havia motivo para se preocupar. Havia outras garotas nos quartos dos dois lados, e o patrão estava no estacionamento a menos de dez metros. Além disso, ela carregava um spray de pimenta.

O que ele poderia fazer com ela?

Resmungando para si mesma, entrou no banheiro e acendeu a luz. No espelho, ela parecia estar em seus quarenta anos, com bolsas sob os olhos e o cabelo com a consistência de um tufo de feno. A boa notícia era que ela precisava mesmo retocar as raízes – a lateral do cabelo já estava parecendo um mapa rodoviário, com a cor natural subindo pelo couro cabeludo. Mas não porque ela quisesse imitar Marilyn Monroe.

Acontece que gostava de ser ruiva. E, caramba, se o cabelo já estava crespo daquele jeito, não seria uma tintura que iria ajudar...

Ah, veja só, veio um condicionador junto. Legal.

Colocou em cima da pia o frasco cheio de creme, o tubo da tinta e o aplicador. Demorou um pouco para ler as instruções, afinal, ela nunca fora muito boa nessa coisa de ler e escrever, apesar de aquele texto não ser nenhum tratado científico.

Através da porta entreaberta, pôde ver que o cliente sentou-se no canto mais distante, com as botas bem separadas plantadas no chão, e as mãos descansando nos joelhos em vez de estarem no meio das pernas. A luz no teto iluminava apenas a parte inferior de seu corpo, portanto não dava para enxergar o rosto. Melhor assim – isso o deixava ainda mais anônimo.

Engraçado, ela não lembrava que esses quartos eram tão escuros.

Voltando ao trabalho, furou a ponta do tubo com a tampa de plástico, espremeu a gosma mal cheirosa dentro do aplicador e mexeu a mistura como se estivesse dando um trato em um cliente. Empurrou as mãos para dentro das luvas de plástico que estavam atrás das instruções. Ainda bem que eram grandes, pois assim havia espaço para suas unhas postiças.

Aplicou a tintura nas laterais sem problemas, mas as pontas estavam embaraçadas demais. Pegou uma escova em sua bolsa e forçou os cabelos da raiz às pontas duplas até que pudesse terminar o trabalho; depois se livrou como pôde de tudo o que saiu na escova.

A tintura cheirava a aromatizador misturado com cola química e tinha a consistência de sêmen.

Será que era isso que excitava aquele cara?

Homens são tão nojentos.

Durante a espera para a tinta secar, enquanto sua cabeça queimava e o nariz coçava, enviou mensagens de texto contando sobre o esquisitão que estava com ela. Não havia razão para conversar com o cliente – ele ainda estava apenas sentado lá, como uma estátua.

Trinta e cinco minutos depois ela entrou no banho com um frasco de xampu que fora deixado na pia. Fora usado até a metade por outra pessoa, mas tinha o suficiente para uma boa enxaguada. A água morna estava gostosa e o condicionador cheirava bem melhor que a tintura.

Quando saiu, seu cabelo tinha a mesma cor de pipoca de cinema, e todo aquele amarelo dourado fez sua bunda branca quase parecer esverdeada. Vestir suas roupas de puta não ajudou muito a melhorar a imagem.

Ligando o secador na tomada, virou-se, com os pés ainda descalços.

– Está pronto?

O homem levantou da cadeira e, ao se aproximar, a luz brilhou em seu

rosto. Era bonito o suficiente, mas, por alguma razão, ela desejou devolver o dinheiro e sair dali. Rápido.

– Deixe o resto comigo – ele disse, tirando o secador e a escova das suas mãos.

O barulho do ar quente rugiu em seus ouvidos quando ele começou a escovar vagarosamente os cabelos dela. Com firmeza. Com decisão. Como se já tivesse feito aquilo antes.

Que cara maluco.

Quando tudo estava seco e macio, ele desligou o secador e o colocou na pia ao lado.

Encontrando os olhos dela através do espelho, o homem apenas a encarou.

Ela limpou a garganta.

– Eu preciso ir...

De repente, o rosto dele parecia diferente, as feições pareciam estar mudando...

Ela abriu a boca e tomou seu último fôlego para gritar quando uma lâmina surgiu atrás de sua cabeça.

Com um rápido corte na garganta, o monstro abriu um novo caminho para o ar entrar nos pulmões dela, e o que seria um grito agudo de terror transformou-se em um bizarro borbulhar de sangue.

A última coisa que ela viu foi um cadáver ambulante, com um sorriso em meio à carne podre.

– É hora da festa – disse uma voz feminina.

CAPÍTULO 15

Suicídio.

Enquanto Matthias digerira a palavra, um homem do tamanho de um ônibus entrou pela porta da frente: sua jaqueta preta, luvas e calça de couro o deixavam parecido com um membro da gangue dos Hells Angels. Sua expressão severa também se encaixava na descrição – e todos aqueles piercings confirmavam que Matthias não estava diante de nenhum cara frouxo.

Jim os apresentou, classificando Matthias como um “amigo” e o colega motoqueiro como “Adrian”.

Suicídio.

Experimentando o conceito em sua mente, Matthias descobriu que se encaixava e tentou se lembrar de mais coisas: um contexto, um lugar, uma razão. Mas nada surgiu, mesmo quando ele forçou seu cérebro até doer.

Com uma súbita clareza, olhou para Heron.

– O deserto.

O homem que tinha as respostas parou de conversar com seu colega e assentiu.

– Sim. Foi lá que aconteceu.

– E você estava junto – quando Heron assentiu novamente, a frustração de Matthias rugiu. – Como diabos nós nos conhecemos...?

A resposta foi interrompida pelo som de um carro parando na frente da garagem. Instantaneamente, armas foram sacadas, e Matthias também se juntou à festa, empunhando a pistola que estava na mesa.

Deus... ele sentia-se tão bem com ela na mão. Parecia tão natural!

Matthias se esquivou pela parede e olhou por entre as cortinas. Assim que viu o que estava lá fora, se acalmou, soltando um grunhido.

– Filha da puta.

– Você conhece ela? – perguntou Jim, que estava na janela perto da porta.

Voltando a olhar entre as cortinas, Matthias observou Mels sair do Toyota e concentrar-se na Harley. Não era uma surpresa que ela tivesse encontrado a droga do endereço; se ele conseguira, ela também conseguiria. Mas não podia acreditar que ela o seguira até ali. Antes de se

separarem, Matthias falara a dura realidade, e a maioria das pessoas deixaria aquele drama para trás na mesma hora.

Sou faixa preta, tenho permissão para porte de armas e nunca vou a lugar algum sem uma boa faca.

– Deixa que eu cuido disso – ele falou, andando até a porta e tirando Jim do caminho, mesmo o cara sendo muito mais pesado e saudável. – E vou deixar bem claro: ninguém toca nela. Entenderam? Ninguém.

Ele podia estar comprometido fisicamente, mas não era preciso muita força para apertar um gatilho. E se alguém se aproximasse demais daquela mulher encantadora lá fora, ele os caçaria e mataria, mesmo que fosse a última coisa que fizesse em sua vida.

No silêncio pesado, dois pares de sobrancelhas foram erguidos, mas nenhum dos homens abriu a boca.

Acho bom mesmo, garotos.

No instante em que Matthias pisou na varanda superior, os olhos de Mels dispararam em sua direção.

Com as mãos na cintura, ela de alguma forma o confrontou olho no olho, mesmo estando no térreo.

– Surpresa!

Mantendo a arma fora da vista, ele disse:

– Você precisa ir embora.

Ela acenou para a moto.

– Pegou carona com um homem morto?

– É claro que não.

Franzindo a testa, ela subitamente atravessou o cascalho e pegou o que parecia ser uma das pedras. Mas a luz do sol refletida no objeto sugeria que era algo metálico.

Mels levou a cápsula vazia de uma bala de revólver até o nariz e cheirou.

– Andou praticando um pouco sua mira?

Enquanto ela segurava a bala vazia, Matthias quis praguejar. Principalmente quando ela sorriu friamente.

– Essa bala foi atirada recentemente, não mais do que vinte minutos atrás, talvez trinta.

Guardando a arma nas costas da cintura, ele desceu o mais rápido que pôde. Ficaram frente a frente, e Matthias nunca se sentira tão impotente em sua vida. Ele tentara intimidá-la para que nunca voltasse, mas isso claramente não funcionara. Talvez a honestidade funcionasse.

Ele percorreu seu rosto com os olhos, aquele lindo e teimoso rosto.

– Por favor – ele disse num tom baixo. – Estou implorando. Esqueça

tudo isso.

– Você continua falando sobre perigo, mas tudo o que vejo é um homem sem memória que não sabe o que está procurando. Olha, apenas converse comigo...

– Jim Heron está morto. E eu não sei de quem é essa Harley, ou quem estava atirando...

– Então, com quem você estava falando lá em cima? E se disser que não tem ninguém, é mentira. Não tem como você ter trazido essa moto até aqui. Seria impossível. E o motor ainda está engatado. Aposto que se eu for até ela vou sentir o tanque ainda quente.

– Você realmente precisa esquecer isso tudo...

– Não vou colocar nada disso no papel, já combinamos assim. Tudo que me disser será extraoficial...

– Então por que você se importa?

– O trabalho não é tudo pra mim.

Matthias levantou as mãos.

– Por que diabos estou discutindo com você? Você nem usa cinto de segurança. Por que eu devo esperar que...

Nesse momento, a porta se abriu e Jim Heron saiu na luz do sol.

Mels olhou para o cara e balançou a cabeça.

– Bem, quem diria... sabe, você se parece muito com aquele trabalhador da construção que levou um tiro e morreu umas duas semanas atrás. Na verdade, eu mesma escrevi o artigo sobre você para o *Correio de Caldwell*.

Matthias apertou os olhos com as mãos.

– Filho da puta...

A primeira boa notícia, pensou Jim, era que a mulher tinha uma sombra. Ou seja, sem chance de ela ser uma criação de Devina.

A segunda boa notícia foi Matthias ter aquela atitude que dizia “ela é minha e de mais ninguém”. Aquele bastardo cruel nunca tinha mostrado preferência por nenhuma mulher, exceto se fosse um alvo marcado para morrer – e nunca bancara o protetor em relação a ninguém. Mas algo naquela jornalista de olhos faiscantes e personalidade forte o afetara. E isso era bom.

A mulher em questão pousou os olhos em Matthias. Na verdade, ela o encarava.

– Não vai nos apresentar?

– Deixa que eu faço isso – anunciou Jim enquanto descia as escadas.

– Como é bom ver que a boa educação ainda não morreu – ela

murmurou. – Se bem que, com vocês, a morte é algo relativo, não é?

Matthias não estava contente por trás daquele Ray-Ban, mas teria de engolir sua insatisfação. Junto com outras coisas.

– Meu nome é Jim – ele estendeu a mão. – Prazer em conhecê-la.

Mels parecia desconfiada, mas também estendeu a mão.

– Talvez *you* queira me contar o que está acontecendo aqui...

No instante que suas mãos se tocaram, Jim a colocou em transe: ela apenas o encarou, relaxada, pronta para ser informada, com a memória de curto prazo totalmente apagada.

Legal. Jim não tinha certeza se conseguiria fazer aquilo.

Matthias apertou com força o braço dele.

– Que merda *you* fez com ela?

– Nada. Só um pouco de hipnose – olhou para seu ex-chefe. – Vou dizer o que vai acontecer. Ela não vai se lembrar de mim, vai ser mais fácil e limpo desse jeito. E *you* vai levar ela até o hotel que eu vou reservar pra vocês...

Matthias estava concentrado apenas em sua jornalista.

– Mels? Mels... *you* está bem?

Jim colocou o rosto bem em frente aos olhos do cara.

– Ela tá bem... nunca ouviu falar em Heron, o Mágico?

Eeeee... uma arma foi sacada. Matthias a encostou no pescoço de Jim, seu rosto subitamente mostrando os velhos traços tensos dos dias de glória no antigo emprego.

– Que *merda* *you* fez com ela? – não era exatamente uma pergunta, mas uma contagem regressiva antes de apertar o gatilho.

– Bom – disse Jim calmamente –, se *you* atirar no meu pescoço, nunca vai conseguir tirar ela do transe, não é mesmo?

Na verdade, se o cara atirasse, nada aconteceria. Mas já havia drama demais ali, e Jim não tinha certeza se conseguiria fazer aquele truque mental em mais de uma pessoa ao mesmo tempo. Além disso, por causa do estado mental frágil de Matthias, Jim não queria arriscar explodir o cérebro do cara, revelando toda aquela história de anjos e demônios. Pelo menos, não agora.

A arma não saiu do lugar.

– Faça ela voltar. Agora.

– *You* vai levá-la para um quarto de hotel.

– Sou eu quem tá segurando uma arma. Eu faço os planos.

– Pense bem. Se *you* estiver com ela, vai poder se certificar de que eu não vou mais importunar ela, certo?

A voz de Matthias ficou mais grave do que o normal.

– Você não sabe com quem está falando.

– E você também não – Jim inclinou-se na direção do cara. – Você precisa de mim. Sou o único que pode te contar o que você quer saber. Confie em mim. Estou mais ciente que você sobre o quanto seu passado está enterrado, e ninguém além de mim pode desenterrá-lo. Então entre na merda do carro, faça ela dirigir com você até o hotel Marriott no centro da cidade, e eu te encontro lá quando achar que estou pronto.

Matthias apenas ficou onde estava, impassível por um longo tempo.

– Eu poderia atirar agora mesmo.

– Então atire.

Matthias franziu a testa e levou a mão livre até a têmpora, como se estivesse com dor de cabeça.

– Eu... já atirei em você, não é...?

– Temos muita história juntos. E se quiser descobrir tudo, fique com ela. E não discuta. Agora eu tenho controle sobre você, e sou eu quem dita as regras. Uma ótima mudança de cenário, se me permite dizer.

Jim voltou para as escadas e subiu, deixando Matthias parado em frente a Mels. No andar de cima, ele estalou os dedos e entrou no apartamento. Depois assistiu por trás da cortina quando a mulher saiu do transe e os dois começaram a conversar.

– Então Matthias é a alma – disse Ad enquanto mordida um sanduíche.

– Parece que sim.

– Tem certeza de que quer colocar a mulher no meio disso?

– Você viu a maneira como ele olha para ela?

– Talvez ele só queira uma transa.

– Boa sorte pra ele – Jim murmurou. – E, sim, ela vai ser valiosa para nós.

A questão agora era descobrir qual seria a encruzilhada. Mais cedo ou mais tarde, Devina apresentaria uma escolha para Matthias, e Jim teria até então para mudar completamente aquele déspota sem consciência e faminto por poder, transformando-o no oposto disso.

Ótimo. Que maravilha.

Estava tão plenamente satisfeito com seu emprego que praticamente engasgava com essa merda toda.

– Vamos até o hotel – ele disse.

– Que hotel?

– O Marriott – Jim foi buscar sua carteira. Havia um cartão de crédito em seu nome que não estava exatamente atualizado, mas a Master-Card não descobriria que ele estava tecnicamente morto, simplesmente porque Jim não iria contar.

Adrian limpou a boca com um guardanapo.

– Tem certeza de que quer fazer isso num local tão público? O centro da cidade é cheio de gente e Devina adora ser o centro das atenções.

– Sim, mas a falta de privacidade vai deixá-la de mãos atadas. Primeiro, ela vai ter que limpar qualquer confusão. Segundo, ela vai precisar ter muito cuidado ao decidir como proceder nessa rodada; e não acho que matar civis inocentes seria visto com bons olhos pelo Criador.

Jim foi até o armário improvisado e tirou seus coldres. Vestindo-os, colocou sua adaga de um lado e uma arma do outro. Checou os bolsos, querendo saber quantos cigarros ainda tinha...

Um pedaço de papel dobrado no bolso de trás da calça o fez parar e fechar os olhos por um instante.

Não havia razão para pegar o artigo de jornal; ele já sabia o texto de cor. Cada palavra, cada parágrafo – e principalmente a foto.

Sua Sissy.

Que não era realmente dele.

Mas que estava sempre com ele. Nunca esquecida.

Certificando-se de que Adrian não podia vê-lo, tirou o papel, desdobrou a página e observou a foto. Ela tinha dezenove anos quando foi levada pelo demônio, eternamente presa naquele muro de almas.

Jim franziu a testa e olhou para a porta. Matthias estivera naquele Inferno maldito. As coisas que vira lá dentro...

Oh, merda, o que ele tinha feito lá?

A ideia de que a garota ainda estava lá sofrendo era suficiente para deixar Jim queimando de raiva.

– Se apresse, Ad – ele murmurou. – Temos que ir.

CAPÍTULO 16

Sentado no banco do passageiro do Toyota, Matthias sentia que estavam em um passeio. Mels não apenas obedecia a todos os sinais de trânsito, como também dirigia a dez quilômetros por hora em uma via em obras cheia de britadeiras e rolos compressores.

Ele a observou. Ela parecia estar bem, calma, normal, mesmo não se lembrando de Jim Heron.

Que diabos aquele cara tinha feito com ela?

Normalmente, Matthias não teria acreditado naquela coisa toda. Que merda é essa de hipnose? Mas... bem, ele estava mais ou menos na mesma situação, mas em vez de esquecer alguns minutos, ele não se lembrava da droga da sua vida inteira.

E, de qualquer maneira, o que “normalmente” significava nesses dias?

Quando pararam em um sinal vermelho ao final da via em obras, ele olhou através da janela.

– Não gosto de não estar no controle.

– Ninguém gosta – Mels respirou fundo. – Estou contente por você me deixar te levar de volta ao hotel.

Se você estiver com ela, vai poder se certificar de que eu não vou mais importunar ela, certo?

Matthias passou os dedos por baixo do Ray-Ban e esfregou os olhos.

– Estamos quase chegando – ela disse. Como se pensasse que ele iria desmaiar, ou algo assim.

Mas aquilo não tinha nada a ver com sua saúde física.

– Você me faz sentir... impotente.

– Não acho que seja eu. Acho que é por causa da situação em que você está.

– Não, é você – ele sentia que, se Mels não estivesse envolvida, as coisas seriam mais fáceis, mesmo se ele nunca se lembrasse de qualquer evento de sua vida: ele só precisaria se preocupar consigo mesmo, e ter um problema era definitivamente melhor do que ter dois.

– Eu tentei fazer a coisa certa – ele murmurou, e então se perguntou para quem realmente dissera aquilo.

– E você *está* fazendo a coisa certa ao se dirigir pra um lugar onde pode

descansar. Suas últimas 24 horas foram caóticas. Você precisa dormir.

Deixando a cabeça cair no encosto do banco, Matthias fechou os olhos e pensou no confronto com Jim. Estivera plenamente preparado para apertar o gatilho e matar o cara.

Dormir não era exatamente o que ele precisava. Talvez algemas e uma avaliação psicológica: naquele momento em que seu dedo esteve no gatilho, não houve hesitação de sua parte – encostara o cano no pescoço do cara com rapidez, sem se importar com testemunhas e sem nenhum apelo moral de sua consciência quanto ao valor de uma vida humana.

Será que ele fora um soldado? Porque aquela atitude não tinha nada de civil, era totalmente militar.

Sim, pensou, era isso. E ele fora um dos tipos mais perigosos de soldados... aqueles que possuem um grande vazio no peito. O que significava que eram capazes de tudo.

Você odiava o homem que era.

Quando o semáforo ficou verde, Mels dirigiu por uma rua onde havia um pequeno centro comercial cheio de lojas grudadas umas nas outras. Eram coisas que ele nunca notava: os pequenos cafés aconchegantes, as lojas que vendiam presentes artesanais, as butikues de bijuterias e badulaques. Tudo tão banal. Tão cotidiano. Tão normal...

– Eu tentei cometer suicídio.

Mels pisou no freio por um instante, mesmo com o trânsito fluindo bem pela via de quatro pistas em que estava.

– Você tentou...? – limpou a garganta. – Sua memória está voltando?

– Algumas coisas.

– O que aconteceu? Quero dizer, se eu não estiver me intrometendo demais.

Pensando novamente em Jim Heron, ele respondeu com suas palavras:

– Eu não gostava de quem eu era.

– E *quem* você era?

Era sombrio como a noite, frio como o inverno, cruel como uma lâmina. Mas guardou isso para si.

– Você é persistente, sabia?

Ela tocou o próprio peito.

– Repórter. Faz parte do meu emprego.

– Estou descobrindo isso.

Matthias fechou novamente os olhos e escutou o motor do carro rugir e se acalmar. Quando algo morno e macio cobriu seu pulso, ele se exaltou. Era a mão de Mels, sua bondosa e elegante mão.

Por algum motivo, ele não podia acreditar que ela gostaria de tocá-lo.

Engolindo seco, ele apertou a mão dela e então desfez o contato.

Eles chegaram ao Marriott dez minutos depois. O lugar era um típico hotel de cidade grande, pairando sobre jardins bem cuidados no meio do centro comercial de Caldwell. Entraram pelo pórtico principal e acabaram em meio a uma confusão de carros, porteiros e pessoas carregando bagagens. Afinal, já passava das três da tarde, o que significava que era a hora da correria para os viajantes.

– Você vai subir comigo? – Matthias escutou a si mesmo dizer, enquanto imaginava quem poderia tê-los seguido; e que tipo de relacionamento ele realmente tinha com Jim Heron.

O cara tinha usado a palavra *ajuda*, mas sempre é preciso se perguntar que tipo de motivação está por trás de um gesto bem intencionado, e não é muito esperto simplesmente aceitá-lo cegamente.

– Vou te fazer companhia até você estar bem instalado, o que acha?

– Está... bem – ele ainda preferia uma separação direta, mas isso já não era possível.

Graças a Heron.

Se bem que... não era nada mal poder passar mais um pouco de tempo com ela.

Mels dirigiu lentamente entre funcionários que empurravam carrinhos de bagagem e seguiu para o estacionamento. O ar quente do motor invadia o interior do carro, então Matthias abriu uma fresta da janela – mas logo percebeu que aquilo não adiantaria. O ar que vinha do motor era a fonte do mal cheiro.

Mels entregou o carro de seu amigo para um manobrista – que não pareceu muito entusiasmado para estacionar aquela lata velha – e os dois entraram por uma porta giratória até o saguão subterrâneo, que estava decorado com carpetes vermelho-sangue e paredes douradas. Infelizmente, apesar daquela combinação – ou talvez por causa dela –, a decoração parecia mais a de um bordel do que um lugar para negócios: era uma tentativa mal sucedida de imitar o luxo de um Four Seasons.

– Sempre achei que este lugar se esforçava demais para parecer o Waldorf – Mels disse enquanto apertava o botão do elevador. – Mas estamos em Caldwell, não em Manhattan.

– Engraçado, eu estava pensando a mesma coisa.

– Aliás, não repara no meu mau humor – ela disse. – Sabe como é, eu não sou daqui.

– Você é de Nova York?

– Bom, eu nasci aqui, mas sou de lá. Estou só esperando pra voltar.

– O que te mantém em Caldwell?

– Tudo. Nada – Mels olhou ao redor. – De um jeito estranho, eu invejo a sua amnésia.

– Se eu fosse você, não invejaria.

Pois é, Matthias realmente não queria isso para ela, e não porque estava sendo um cavalheiro. De pé ao seu lado, ele até mataria para saber mais sobre Mels, sua família, onde ela crescera, tudo o que a trouxera para este momento de fragilidade.

– Mels...

Antes que ele pudesse perguntar, uma família se juntou a eles na espera pelo elevador, as filhas correndo de lá para cá, os pais parecendo viver presos em uma versão do Inferno que cheirava a chiclete e era povoada por diabinhos vestindo roupas de princesa que pediam sorvete a cada três minutos.

Ding!

Quando as portas do elevador se abriram, Matthias colocou as mãos nas costas de Mels e a conduziu para dentro. Ele não queria parar de tocá-la, mas baixou o braço e teve de aguentar o olhar vidrado das crianças em cima dele.

No saguão do andar térreo, a agitação do pórtico invadia a área da recepção, e havia uma fila de pessoas serpenteando por um labirinto de cordões de veludo.

– Isso é um pesadelo – Matthias murmurou secamente.

– Poderia ser pior. Nunca ouviu falar do Motel 6?²

– Bom argumento.

Quando finalmente chegou sua vez de serem atendidos na recepção, Matthias deu seu nome, mas não tinha certeza de como aquilo funcionaria. Normalmente, você precisa apresentar o cartão de crédito com o qual fez a reserva...

– Ah, sim, sr. Hault, o senhor já fez o *check-in* – a mulher disse, digitando com rapidez. – Só preciso da sua carteira de motorista.

Matthias olhou ao redor do saguão. Como diabos Heron conseguira chegar até ali e arranjar tudo? O trânsito estava pesado, mas não tão pesado na rota que ele e Mels fizeram. Podia ser, é claro, que o cara tivesse tirado um helicóptero do traseiro.

E quanto ao cartão de crédito, será que Heron usara um próprio? O filho da puta supostamente estava morto, então era de se imaginar como a companhia poderia enviar a conta para o Cemitério Pine Grove. Por outro lado, números de cartão de crédito eram tão fáceis de arranjar como um livro em uma biblioteca, se você conhecesse as pessoas certas – e, considerando o olhar no rosto do colega de Heron, acesso ao mercado

negro com certeza não seria difícil.

– Senhor? A carteira de motorista?

– Sim, desculpe.

Quando entregou a carteira, a recepcionista sorriu profissionalmente. Sua expressão era equivalente a um tapete de boas-vindas.

– Certo, aqui estão os cartões para o seu quarto. É só pegar o elevador até o sexto andar. O senhor vai ficar no quarto...

Não no 666, pensou ele, sem motivo aparente.

– ... 642. Gostaria de alguém pra ajudar com a bagagem?

– Não, pode deixar. Obrigado.

– Espero que goste da estadia.

Enquanto ele e Mels se dirigiam para os elevadores, Matthias observou todo o saguão, sem mover a cabeça. As pessoas ao redor não eram nada especiais... apenas gente normal carregando malas, ou falando no celular, ou discutindo com a esposa/marido/namorado. Ninguém estava prestando atenção nele, e é por isso que às vezes locais públicos podem ser o lugar mais seguro para você se esconder.

Mesmo assim, ele estava contente por ainda possuir a arma que pegara de Jim.

A segunda espera por um elevador foi maior do que a primeira, e quando finalmente chegou, Mels deu um passo para a frente junto de outro casal.

Matthias tocou seu braço e a fez esperar.

– Vamos pegar o próximo.

As portas se fecharam enquanto ela o observava.

– Claustrofobia?

– É. É isso.

Desta vez, ele deixou a mão em Mels por um pouco mais de tempo. De pé atrás dela, era possível observar o quão mais alto ele era, mesmo Mels não sendo nenhuma baixinha – e Matthias imaginou como seria apertar o corpo dela contra o seu.

Um pensamento estranho, por muitas razões. Mas que inegavelmente lhe trouxe uma imagem mental...

– Chegou outro – ela disse, quebrando o contato entre eles. – E estamos sozinhos desta vez.

Cara, quando se tratava de Mels Carmichael, *sozinhos* parecia realmente um termo muito bom.

A viagem até o quarto foi tranquila – com exceção da direção que seus pensamentos estavam tomando. E a outra boa notícia era que o quarto não ficava longe da saída de emergência. Perfeito. Lá dentro, o espaço era

preenchido de maneira padrão, com uma cama, escrivaninha, armário e cadeira, mas o que mais chamou sua atenção foi o colchão *king-size*.

Mas ela não estava procurando por um caso com um estranho, e ele nem conseguiria dar conta do serviço, de qualquer maneira.

Quando Matthias se aproximou da janela e fechou a cortina, Mels acendeu a luz do banheiro e olhou ao redor.

– Você vai ter uma bela banheira.

Sem querer, ele observou-a de cima a baixo e concluiu que sim realmente gostava de suas curvas naquela calça apertada.

Merda. Ele a desejava – e muito. Queria ela nua e debaixo de seu corpo, com as pernas bem abertas enquanto a penetrava fortemente.

Limpando a garganta, ele disse, com a voz rouca:

– Posso te pagar um jantar? Eu sei que é cedo, mas estou com fome.

Estava mesmo era faminto por ela. Dane-se a comida.

Endireitando-se, ela o observou, e Matthias ficou aliviado por ainda estar usando os óculos dela. Nada de bom poderia sair do olhar que ele estava escondendo por trás das lentes escuras. “Desejo” não era a palavra certa, não naquela circunstância.

Ei, veja só, quem diria. Ele podia ser um assassino casual, mas ao menos tinha um pouco de decência.

– Sim – ela sorriu um pouco. – Claro. Eu gostaria de comer algo.

Enquanto Matthias olhava o cardápio que pegou sobre a escrivaninha, disse a si mesmo que estava apenas fazendo o que Jim Heron sugerira: mantendo-se junto de Mels, pois assim saberia que ela estava bem.

Ele podia não conhecer seu passado, mas de uma coisa tinha certeza: estava disposto a morrer para proteger aquela mulher inteligente e bondosa... e seu traseiro perfeito.

N.T.: Motel 6 é uma rede de hotéis de baixo custo e qualidade.

CAPÍTULO 17

Mels finalmente conseguiu terminar uma porção de batatas fritas.

Elas vieram junto com um hambúrguer perfeitamente ao ponto, uma fatia de pickles bem generosa e uma Coca saída de um comercial, com o copo transpirando e tudo mais.

Sobre o console de mogno, a televisão do quarto estava ligada no canal WCLD, uma afiliada local da NBC, e o jornal das cinco horas estava começando.

– Tenho que dizer – ela murmurou, pegando a última batata e passando no ketchup – que essas batatas são bem melhores que as do Riverside.

Matthias, sentado na cama, ainda estava comendo seu sanduíche, mas ela podia perceber que ele olhava em sua direção. Mesmo com os óculos escuros.

Ele fazia muito isso: seus olhos pousavam nela como se gostasse da maneira como ela se movia, mesmo quando estava sentada – e, por alguma razão, aquilo o deixava ainda mais sexy... ao ponto de fazer Mels se perguntar como seria ter aquilo sem nenhuma barreira.

Quer dizer, os olhares.

Você sabe, sem o Ray-Ban...

Droga, ela estava se fazendo corar.

– Sabe, você pode tirar se quiser – ela disse suavemente. – Os óculos.

Ele congelou. E então voltou a mastigar. Depois de engolir, disse:

– Me sinto melhor com eles.

– Certo, é você quem manda.

Matthias não disse nada sobre sua busca por Jim Heron, ou sobre como descobriu o endereço no qual se encontraram. Ele apenas entrara no carro do Tony e a deixara dirigir até ali.

Mas é claro que Mels não questionaria essa mudança de postura.

– Não tem alguém em casa te esperando? – ele perguntou casualmente.

– Ah, na verdade não. Acho que não tenho muita vida pessoal.

– Sei como é isso... – ele parou. – Caramba, na verdade eu sei mesmo como é isso.

Ela esperou que ele continuasse. Em vez disso, Matthias apenas ficou lá sentado encarando seu prato de comida, que ainda estava na metade, como

se aquilo fosse uma televisão.

– Me conta – ela disse.

Ele deu de ombros.

– Não sou casado. Não tenho filhos. Não tenho ninguém permanente. O que explica por que ninguém está me procurando... bem, pelo menos não no sentido familiar.

– Sinto muito. E quanto a seus pais?

Matthias estremeceu, depois pareceu se recompor.

– E então...? – ela insistiu.

– Não lembro nada sobre eles.

No silêncio que se seguiu, ela apanhou sua bandeja e colocou no corredor. Quando voltou para dentro, sabia que era hora ir.

Provavelmente, também era hora de esquecer aquela história.

Jim Heron estava morto – ao menos de acordo com o arquivo não-tão-distante do *Correio de Caldwell*, e também com aquela lápide do túmulo. Ela encontrara seu endereço por meio de uma das fontes que dera declarações para o jornal – mas, claro, ele não estava lá.

Uma dor de cabeça surgiu em suas têmporas, mas passou quando ela mudou seu pensamento para Matthias Hault. Ele estava seguro ali, e se recuperando bem. E, quanto à sua memória, ele era o único que podia chegar ao fundo da questão. Mels fizera o que podia para ajudar com o básico; mais do que isso... ela poderia dar dinheiro se ele a processasse pelo atropelamento, mas ele não parecia ter essa intenção.

Claro, havia algo de estranho sobre aquela casa que supostamente era “dele”, e outras coisas que não faziam sentido, como quem realmente estivera naquela garagem. Mas, se ela não iria publicar nada daquilo, os detalhes realmente não eram da sua conta.

Mels se aproximou e sentou ao pé da cama. Quando Matthias colocou a bandeja de lado e a encarou, aquele calor percorreu novamente seu corpo.

Definitivamente, ela estava atraída.

Principalmente ali naquele quarto, onde estavam a sós. Mas ela realmente não estava procurando esse tipo de complicação.

– É melhor eu ir – Mels disse, tentando ler seu rosto.

– Então vá – ele sussurrou, olhando-a olhos nos olhos através das lentes escuras.

Nenhum dos dois se mexeu, o corpo grande e malhado dele ficou tão imóvel quanto o dela.

Deus... Mels queria que ele a beijasse. O que era loucura...

– Você me faz... – Matthias respirou fundo.

– O quê?

Inclinando-se para frente, ele esticou a mão e acariciou seu rosto.

– Você me faz desejar que eu fosse diferente.

O toque fez o coração dela parar – e então acelerar.

– Acho que você é um homem muito melhor do que pensa.

– E é exatamente isso que me assusta.

– A ideia de que você é um homem bom?

– Não, a ideia de que você pensa assim.

Mels desviou o olhar brevemente e se perguntou o que diabos estava fazendo naquele quarto de hotel... desejando que os dois arrancassem a roupa e suas inibições. Caramba, eram ambos adultos, e ela estava realmente cansada de viver uma vida pela metade, de querer coisas que não tinha, de adiar seus sonhos em troca de nada.

Ela queria viver plenamente de novo. Do jeito que era antes de as coisas mudarem, antes de se mudar para Caldwell e sabotar... a si mesma.

Franzindo a testa, ela começou a imaginar há quanto tempo não sentia-se dessa maneira.

E então...

Não tinha certeza do que a fez agir – a voz dele? Os olhos, que ela não podia ver, mas podia sentir? Seu orgulho inveterado misturado com uma ponta de insegurança?

A garota das cavernas que havia dentro dela?

Qualquer que fosse a motivação, Mels colou os lábios contra os dele. De um jeito breve, recatado. Mas poderoso.

Quando ela se afastou, Matthias parecia surpreso.

– Mais uma coisa fora do seu controle, não é? – ela disse com a voz baixa.

– Você parece ter um talento para isso.

Bom, ela também surpreendera a si mesma. Mas acontece que simplesmente não conseguia pensar em uma razão para lutar contra o desejo que sentia por ele. A vida é curta... e, depois daqueles últimos dois anos, Mels tinha mais medo de não correr riscos do que de voar por um instante para depois cair em um desastre.

– Se importa se eu terminar o que você começou? – ele disse com um grunhido.

– Nem... um pouco.

Ouvindo a resposta que queria, Matthias deslizou a mão atrás do pescoço de Mels e a puxou para mais perto, possuindo-a, tomando o controle. E, no segundo antes das bocas se encontrarem, ela pensou que era incrível como os dois eram relativos estranhos e, no entanto, a essência dele era melhor do que qualquer contexto ou situação: ela se sentia segura

com aquele homem misterioso, apesar de ele tentar convencê-la do contrário.

E, meu Deus, ela realmente o desejava.

E parecia que o sentimento era mútuo.

Matthias a beijou com força e a soltou; então voltou a beijá-la como se ainda não fosse suficiente. Enquanto travavam uma luta com as línguas, ele a segurava pela nuca, controlando o ritmo, ganhando e cedendo espaço. Com um ardor se concentrando onde há muito não sentia nada, Mels parecia decolar de maneira louca e selvagem – e pensou que aquilo era o que precisava. Exatamente aquilo, ali mesmo, com aquele homem.

Sexo naquele quarto, naquela cama. Com ele.

Abruptamente, Matthias se afastou, como se precisasse recuperar o fôlego.

– Por acaso você tem o hábito de beijar suas histórias? – ele perguntou com a voz rouca.

– Você não é uma história. Nada disso é oficial, lembra?

– Bem lembrado – os olhos dele percorreram o corpo de Mels. – Quero você nua.

Ela sorriu vagarosamente.

– Não é exatamente uma surpresa, considerando o jeito como me beijou.

Com um grunhido, ele avançou para cima dela novamente, deslocando-a pelo colchão, rolando sobre ela. Antes do “acidente”, ele provavelmente dominava fisicamente as mulheres – não de maneira violadora; não havia coerção ou o sentimento de estar presa por ele. A melhor descrição seria dizer que era uma dominação animal.

Principalmente quando sua perna se enfiou entre as dela, a coxa pressionando seu sexo.

Mels se arqueou contra o peso do peito dele e colocou os braços ao redor de seu corpo.

Com um movimento sutil, ele a segurou, e então parou totalmente. Quando se afastou, havia tensão em seu rosto – e não do tipo vou-agarrar-você-agora.

– O que foi? – ela sussurrou. – Qual é o problema?

Matthias se arrastou para o pé da cama. Seus pulmões estavam queimando e sua cabeça doía muito. Mas que droga de corpo! Lá estava ele com uma bela e saudável mulher que tinha todos os sinais de estar sexualmente atraída por ele, porém... o desejo existia, mas o corpo não ajudava.

Ele a queria. Mas não havia muito que pudesse fazer.

Pensando naquela enfermeira e na maneira como ela o havia tocado, parecia uma piada cruel que seu problema tivesse voltado justo agora: a distância entre ele e sua repórter era tal que nenhuma quantidade de beijos a resolveria. Nem carícias, toques ou mesmo nudez total. Mais uma vez, estavam em lados opostos de um túmulo – ela no mundo dos vivos, ele no cemitério.

Por alguma razão, aquilo o deixou ainda mais desesperado para possuí-la. E, com uma súbita clareza, ele lembrou que no passado tivera todas as mulheres que quis – e nunca sofrera por falta de voluntárias. Mas isso não significava que se importasse com elas.

No caso de Mels era diferente. *Ela* era diferente.

Mas Matthias nunca poderia tê-la totalmente, não com seu corpo naquele estado.

– Qual é o problema? – ela perguntou novamente.

Matthias não queria que ela soubesse. Mesmo que Mels fosse descobrir mais tarde, gostaria de preservar por um pouco mais de tempo a ilusão de que era um homem de verdade. Se é que iria vê-la novamente.

– Não acredito que estamos fazendo isto – ele se esquivou. Mas era verdade. Toda aquela história, desde acordar ao pé da sepultura de Jim Heron até o acidente com ela, não parecia estar certa. Era como se alguém estivesse manipulando tudo, como se a perda de memória tivesse um propósito.

– Nem eu – ela respondeu, olhando para sua boca como se quisesse mais.

Ela não parecia o tipo de mulher que gostava de encontros casuais. Não se vestia com roupas provocantes, não se insinuava em seus movimentos, não tentava seduzir a todo momento. E emanava uma vibração hesitante, mas positiva, como se fizesse algum tempo que as coisas não aconteciam com ela, e sentisse que estava na hora.

Diga para ela ir embora, pensou Matthias. Impotência à parte, havia muitas outras razões para não ficarem juntos naquela noite. Ou em qualquer noite.

Voltando a se aproximar, ele colocou as mãos ao redor de seu corpo e a puxou para perto – mas não perto demais. Os quadris não se encostaram.

Deus, ela cheirava muito bem.

As sensações estavam todas lá: o calor correndo em seu quadril, o coração batendo com urgência, os braços e pernas parecendo ainda mais fortes do que o normal. Mas seu pênis não participava desse conjunto.

Talvez fosse melhor assim, pois precisava dizer a ela que...

- Posso fazer algo por você? – ele soltou.
- Certo, isso não era exatamente um “boa noite”.
- Você já fez.
- Tenho muita certeza de que posso fazer melhor.
- Bom, quem sou eu para impedir um especialista?

Quando ele se aproximou para beijá-la novamente, pensou em como ela ficaria com a blusa aberta e sem o sutiã, os seios prontos para receber seus lábios, a pele macia da barriga conduzindo-o para outros territórios.

Tudo aquilo era incrivelmente bom, e também parecia tão novo para ele – mas essa sensação não se devia ao fato de que nunca estivera com Mels antes. Ele sentia como se nunca tivesse se apaixonado de verdade por alguém. Por outro lado, considerando a falta de memória... realmente era como se ele nunca tivesse ficado com outra pessoa antes.

Do nada, uma imagem atingiu seus sentidos. Ele e uma mulher de pele escura e macia de pé contra uma parede. Ele a segurava pela garganta e ela o envolvia com as pernas, e Matthias a penetrava furiosamente...

Ele se afastou num sobressalto. De uma só vez, várias imagens inundaram sua mente, uma linha cronológica de todas as mulheres com quem já tinha transado – jovens, quando ele era jovem; mais velhas e variadas, quando já estava adulto; e então uma série de mulheres extremamente agressivas.

Ele viu a si mesmo com elas, quando seu corpo era forte e inteiro, suas emoções claras e organizadas, seu coração frio como gelo. Ele via as mulheres, nuas ou seminuas, armadas e desarmadas, tendo orgasmos com grandes movimentos exagerados.

- Do que está se lembrando? – Mels perguntou.

Ele abriu a boca para falar, mas a sucessão de nomes, lugares, rostos era um dilúvio do qual não conseguia se livrar, uma avalanche entupindo seus neurônios, deixando-o quase inconsciente. E, quando cedeu àquela força, sentiu seu corpo sendo conduzido de volta para os travesseiros, não mais no papel de dominador.

Levando as mãos à cabeça, ele praguejou.

- Vou chamar um médico...

Matthias esticou o braço e agarrou o pulso dela.

- Não, estou bem...
- Não, não está!
- Só me dê um minuto.

Ele respirou brevemente e decidiu parar de lutar contra aquela onda. Foi a decisão certa – em vez de se atropelar, as lembranças começaram a se revelar de modo mais ordenado. Ao menos... até chegar ao final. A última

lembrança o mostravam junto com... algum tipo de monstro? Deve ter sido um pesadelo... mas, Deus, ela era horrível, e estava transando com ele como uma forma de tomar posse de seu corpo, em um calabouço no fundo de um poço escuro...

Pânico o atingiu como um relâmpago, fazendo Matthias se contorcer fortemente. Mas ele continuou segurando Mels pelo pulso, certificando-se de que ela não correria para o telefone.

– Por favor – ouviu-a dizer.

– Nada... de médico... já está passando...

Por fim, ele a soltou, tirou os óculos escuros e esfregou os olhos.

– Achei que lembraria das coisas devagar.

– Posso, *por favor*, chamar o atendimento médico? – ela pegou uma pasta e colocou em frente ao seu rosto. – Tá vendo? O hotel tem um médico de prontidão.

– Não, sério, estou bem. É que veio tudo de uma vez. A gente nunca pensa em quanta coisa fica guardada aqui em cima – ele apontou para a cabeça. – É muita informação.

– De que tipo de informação estamos falando?

Ele desviou o olhar.

– Bom, eu definitivamente não sou virgem. E não vamos nos aprofundar no assunto.

– Ah.

Houve um embaraçoso momento de silêncio. Então, Mels limpou a garganta.

– Sabe, acho melhor eu ir embora.

– Pois é.

Ela se levantou. Pegou o casaco. Vestiu-o.

– Antes de eu ir... – ela se aproximou da escrivaninha e escreveu algo no bloco de notas do hotel. – Aqui está o número do meu celular de novo...

O celular começou a tocar em seu bolso.

– Falando no diabo... – Matthias murmurou enquanto a observava terminar de escrever antes de atender a chamada.

– Alô – sua voz estava animada e profissional, e ele gostou de saber que ela podia se recuperar tão rápido.

Bom, na verdade isso era só mais uma coisa de que ele gostava naquela mulher.

Mels franziu a testa.

– Onde? Temos alguém ligado a ela? Como ela morreu? É mesmo? Certo, estou indo agora mesmo. Ainda estou com o carro do Tony – ela

desligou o celular e pegou a bolsa. – Tenho que ir.

– Alguma coisa oficial?

– Meu chefe deve estar mudando de atitude. Ele me mandou para uma cena de crime.

– Ele não costuma reconhecer suas qualidades?

– Não aquelas que eu quero que reconheça – ela parou na porta. – Você tem certeza de que está bem?

– Você sempre foi uma santa assim? – ele murmurou.

– Não até te conhecer.

Quando ela já estava saindo pela porta, ele a chamou:

– Mels.

Ela virou a cabeça e a luz do corredor iluminou seu rosto. Quando seus olhos se encontraram, Matthias pensou que seria capaz de trocar todas aquelas mulheres que apareceram em sua memória por uma noite com Mels.

Não vou sair desta vivo, ele pensou.

Então, se algum dia tivesse mais uma chance de beijá-la, não iria parar. E quem sabe? Talvez tivesse mais sorte da segunda vez.

Contanto que não tivesse mais uma daquelas tempestades em sua memória.

– Use o cinto de segurança – ele ordenou, com a voz baixa.

– Chame um maldito médico – ela retrucou, com um pequeno sorriso.

Quando a porta se fechou, ele praguejou consigo mesmo. E então pensou em como se sentira quando a beijou.

Correndo o olhar por seu quadril, começou a pensar que gostaria de se tornar um homem saudável outra vez.

CAPÍTULO 18

O bar do saguão do Marriott fora nomeado em homenagem ao proprietário original do hotel, um tal de Não-Sei-Lá-Quem Sassemán. Pelo menos foi isso que a garçonete contou a Adrian com uma voz provocante enquanto anotava o pedido de cervejas dele e de Jim. Ela também fingiu deixar cair sua caneta e abaixou lentamente para pegar, depois foi embora rebolando como se sua pélvis tivesse recebido uma troca de óleo e ficado lubrificada demais.

Sua atitude até fazia sentido, já que os outros clientes dali eram homens de negócios com olhares esguios que provavelmente já estavam no time do Viagra, e ela era uma bela jovem com vinte e poucos anos.

Nos tempos de Eddie, Adrian teria ido atrás dela em um piscar de olhos. Mas agora aquilo simplesmente não despertava sua atenção.

O banco no qual estavam sentados era revestido de couro sintético e fazia um barulho peculiar toda vez que um deles se ajeitava. Mas o lugar era perfeito para seus propósitos: ficava de frente para a grande porta que dava no saguão. Ninguém podia entrar ou sair sem que eles soubessem.

Se bem que, com o radar de Jim, eles conseguiriam rastrear Matthias e aquela mulher mesmo se estivessem parados no estacionamento de trás: o anjo certificara-se de tocar os dois, e mesmo Ad podia sentir a magia de rastreamento emanando pelos andares do hotel. O casal estava seis andares acima, muito próximos um do outro.

O que fazia ele se perguntar o que estavam fazendo.

Provavelmente jogando cartas.

É claro.

Enquanto os minutos passavam, transformando-se em uma hora inteira, as conversas dos outros clientes eram a única coisa que preenchia o silêncio. As cervejas transformaram-se em jantares. O tempo... parecia não passar.

Cara, ser imortal podia ser mesmo um saco quando a pessoa não se importava com nada. Tudo o que se tem é o tempo. Que ótimo, longas horas que perpetuamente o mastigavam com seus dentes, comendo-o vivo, mas mantendo-o inalterado.

Bom, com que ótimo humor ele estava naquela noite!

E esse humor não mudou nada enquanto observava as próprias mãos. A mancha negra que vira quando estava no chuveiro não reaparecera, mas ele não conseguia parar de checar a cada segundo para ver se ela tinha voltado. Até agora tudo bem, com exceção do sentimento de morte que o perseguia naquela noite.

Sentia literalmente como se seu corpo tivesse sido esvaziado por dentro, e não restasse nada além de um espaço dentro de seu peito...

– Ela está descendo – disse Jim, dando um último gole na cerveja quente que estava guardando. – A mulher saiu do quarto.

Ad não se importou em terminar seu copo. Na verdade, não tinha gostado nem de começá-lo.

Mas era melhor que Coors Light, de qualquer maneira.

– Você fica com ela – disse Jim enquanto entravam no saguão. – Não quero que ela fique sozinha.

– Mas a alma não é ele?

– Acho que sim. E se for, então ela é a chave para esta rodada.

– Tem certeza?

– Percebi o jeito como ele olha pra ela. Isso é tudo o que preciso saber – Jim acenou na direção da repórter que estava saindo do elevador. – Fique na cola dela. Vou esperar Devina aparecer por aqui.

Ad não estava interessado em ficar seguindo a namorada de Matthias. Ele queria esperar pelo demônio. Queria ficar cara a cara e rezar para que ela fizesse outra piada sobre Eddie – só para poder mostrar que não se abalava mais com qualquer coisa que ela dissesse. E depois, queria olhar em seus olhos enquanto a frustração explodia dentro dela até forçá-la a atacá-lo fisicamente.

E nesse momento ele poderia acabar com tudo. Lutar até morrer. Ter o fim de um verdadeiro guerreiro.

A vadia com certeza venceria, mas como seria bom arrancar umas camadas de carne dela. E depois, sentiria o alívio por tudo estar acabado.

– Adrian? Alô? Você está aí?

– Quero ficar aqui.

– Preciso de você junto daquela mulher. Ela precisa ficar viva tempo suficiente para influenciar Matthias. Se Devina conseguir farejar essa conexão entre eles, a mulher vai virar um defunto flutuando no rio Hudson. Ou pior...

Jim o encarou, deixando sua lógica subentendida – o anjo mais poderoso deveria enfrentar o demônio, e naquele momento não era Ad. E não por ele não possuir aqueles poderes legais de Jim.

– Você quer vencer – Jim disse com a voz calma –, ou quer nos ferrar de

vez?

Ad praguejou, virou-se e concentrou-se na essência da mulher. Começou a andar normalmente, pois seria complicado demais desaparecer em meio àquela plateia.

Dirigindo-se para o elevador que levava ao estacionamento, a namorada de Matthias andava como se estivesse em uma missão, e Ad invejou aquele senso de propósito. Mas não invejou seu meio de locomoção. A lata velha tinha um motor e um teto – fora isso, mal se podia chamar aquilo de carro.

Só para deixar as coisas mais engraçadas, ele se transportou para o banco de trás – e apareceu em meio a um monte de jornais e revistas velhas, suficientes para encher a Biblioteca do Congresso. A boa notícia foi que ela escolheu justo aquele momento para ligar o motor – mas ainda ouviu o barulho de traseiro invisível amassando aquele monte de papel. Ela virou a cabeça e encarou o vazio onde ele estava. Só para ser legal, Ad deu um tchauzinho, mesmo que ela pensasse estar sozinha no carro.

– Estou perdendo a cabeça – ela murmurou enquanto engatava a primeira marcha e acelerava o carro.

Era uma boa motorista. Rápida nos pedais, eficiente no trânsito.

Acabaram na parte oeste do centro da cidade, em um motel que era apenas um pouco melhor do que um canil. Depois de saírem do carro – ele ainda invisível, ela ainda obstinada –, eles se juntaram a uma convenção de policiais e repórteres que se concentrava em um quarto à esquerda.

Adrian franziu a testa e abruptamente passou a se preocupar com aquela cena. Quando a mulher que estava protegendo se aproximou dos policiais que guardavam a fita amarela de isolamento, ele passou pela fraca proteção e se infiltrou na aglomeração de pessoas.

Que diabos?, pensou consigo mesmo.

Devina estivera ali; seu fedor residual pairava no ar como se um caminhão de lixo tivesse despejado um carregamento por toda parte.

Adrian se espremeu para dentro e precisou pressionar o nariz para não engasgar com o cheiro ruim que não afetava os humanos.

Olá, garota morta.

Do outro lado de quatro ou cinco policiais, um corpo estava visível através da porta aberta do banheiro: pernas brancas, tatuagem nas coxas, roupas que estavam amarrotadas como se ela tivesse resistido a um ataque. A garganta fora cortada e o sangue respingara na blusa cheia de lantejoulas e nos azulejos onde ela estava deitada.

Era loira, graças à L'Oréal: os restos do kit de tintura de cabelo estavam espalhados pela pia, e luvas de plástico manchadas, no lixo. E o cabelo

fora alisado – graças ao secador Conair e a uma escova que tinha fios pretos grudados no meio e fios mais claros nas laterais.

– Maldita Devina – murmurou Ad.

– A fotografia já chegou? – gritou um homem de aparência cansada.

Os policiais olharam uns para os outros, como se não quisessem dar a má notícia.

– Ainda não, detetive De la Cruz – disse alguém.

– Aquela mulher me deixa louco – o cara falou, pegando o celular e andando para o outro lado.

Quando os policiais se aproximaram do detetive, como se quisessem assistir à fotografia levar uma bronca, Adrian aproveitou o espaço livre no banheiro e ajoelhou-se.

Rezando para não encontrar nada, levantou um pedaço da blusa ensopada.

– Ah, mas que *droga*...

Por baixo da blusa, a pele clara fora marcada com símbolos que não estavam endereçados àquela mulher, nem aos homens que a encontraram ou à família que lamentaria sua morte.

Era uma mensagem de Devina.

E Ad nunca, nunca permitiria que Jim visse aquilo.

Ad olhou o aglomerado de policiais ao redor do detetive, certificando-se novamente de que o telefonema estava lhe proporcionando um pouco de privacidade. Então passou a palma da mão várias vezes sobre a carne que fora marcada.

Felizmente, ainda restava um pouco vitalidade nas células da pele. Mas a remoção foi vagarosa.

– ... venha aqui *agora* – gritou o detetive – ou eu mesmo vou tirar as fotos! Você tem quinze minutos para chegar...

Ad franziu a testa, concentrando-se, esforçando-se o máximo que podia. Os símbolos foram esculpidos fundo na pele e pareciam irregulares, como se tivessem sido desenhados com uma faca dentada... ou, mais provável, com uma garra.

– Vamos lá... vamos lá... – ele olhou para trás. A reunião estava terminada, e o detetive estava voltando.

Retirou a mão e levantou-se rapidamente – então lembrou que ainda estava invisível.

– Quem mexeu no corpo? – exclamou o detetive. – Quem mexeu no maldito corpo?

Merda. A camisa ainda estava levantada um pouco acima dos seios. E não era assim que estava antes. E a pele estava avermelhada de um jeito

não natural, considerando-se não apenas a etnia da vítima, mas também o seu estado de decomposição. Ainda assim, Ad atingira seu objetivo e isso era mais importante do que qualquer confusão que os humanos teriam para entender o que acontecera.

Que diabos Devina estava aprontando agora?

– Aquela vadia! – Adrian rosnou enquanto caminhava para fora. – Ela vai pagar por isso.

Jim já estava cansado de vigiar o saguão, mas ficou por lá mesmo com o cair da noite. Matthias ainda estava em seu quarto e isso significava que tudo o que Jim podia fazer era esperar.

Assim era a vida de um agente: grandes períodos de inatividade separados por grandes arroubos de uma dança que decidia entre a vida e a morte.

Droga, aquilo era igualzinho aos bons e velhos tempos – que não tiveram nada de “bons” e naquele momento nem pareciam tão velhos, pois a antiga identidade de Matthias não era a única coisa em que Jim estava pensando. Desde que seu novo emprego como anjo tomara conta de sua vida, era como se tudo o que acontecera antes tivesse sido apagado – mas nesta rodada isso não acontecera. Jim podia ter deixado sua outra vida de lado, mas isso não significava que ele não tinha muita história...

Olhando para o teto circular, ele franziu a testa. Matthias estava se movendo.

Um minuto e meio depois, as portas do elevador se abriram e o homem surgiu no saguão, apoiando-se em sua bengala, usando óculos escuros mesmo à noite. As pessoas ao redor notaram sua presença – mas sempre fora assim, como se o poder de Matthias criasse um farol que sinalizava até para os mais desatentos.

Tornando-se visível, Jim entrou no caminho do cara.

– Marcou algum encontro para tarde da noite?

O Ray-Ban virou em sua direção, mas a reação parou por aí.

– Você virou minha babá?

– Pois é, e estou sendo mal pago – Jim acenou para a porta giratória da entrada principal. – Está indo a algum lugar?

– Não, só quero tomar um pouco de ar. Sinto que... – Matthias passou a mão no cabelo. – Estou preso. Não aguento mais olhar para aquelas paredes... O que foi? Por que está me olhando desse jeito?

Antes que Jim pudesse pensar em uma mentira, disse:

– Você parece muito mais humano agora.

– Que merda isso quer dizer?

Jim deu de ombros.

- Não importa. Posso ir junto?
- Eu tenho escolha?
- Você pode tentar sair correndo.
- Não é legal tirar sarro de um inválido.
- Inválido? Onde?

Matthias soltou uma risada.

- Certo. Faça o que quiser.

Lá fora, a noite estava mais quente do que o normal para essa época do ano e um grosso nevoeiro deixava o ar pesado, com sua umidade pairando entre nuvens sobre o asfalto, como se não conseguisse decidir se despejava a água ou não.

Jim tirou seu maço de cigarros do bolso, acendeu um e exalou um fio de fumaça. Com o nevoeiro, os Marlboros e o ressoar de seus passos na calçada, aquela cena podia perfeitamente fazer parte de um *film noir*... principalmente quando perceberam que havia um grupo de homens seguindo seus passos – ou marchando, como parecia o caso.

Mas. Que. Diabos?

Todos os seis cretinos vestiam roupas de couro, o que poderia indicar que eram góticos... mas a maneira como andavam atrás de seu líder tinha um ar de militar profissional.

Quando o grupo passou por eles, Matthias e Jim se puseram de lado, e o líder lhes lançou um olhar.

Realmente era um filho da puta mal encarado, com os olhos cheios de agressividade.

Hum... em sua antiga vida, Jim poderia até considerá-los candidatos para recrutamento. Pareciam capazes de matar qualquer coisa ou qualquer pessoa em seu caminho, principalmente o cara da frente.

Mas Jim já não era o mesmo. E tinha esperança de que Matthias também não fosse.

– Lembrei de uma coisa – disse seu antigo chefe, quando ficaram novamente sozinhos na calçada.

– Lembrou?

– Apenas coisas pessoais. Nada em que eu estivesse interessado.

Quando o silêncio se tornou tão pronunciado quanto o nevoeiro, Jim deu outro trago no cigarro e falou, enquanto exalava a fumaça:

- Está esperando que eu preencha o silêncio?
- Você é quem quis vir junto. Podia pelo menos fazer alguma coisa útil.
- E eu pensando que estava aqui só pra deixar a paisagem mais bonita.
- Não pra mim, cara – quando Jim não respondeu, Matthias virou o olhar em sua direção. – Então, estive pensando sobre você.

- Não de um jeito romântico, espero.
- Não, eu costumava gostar de mulheres. Gostar muito.
- Costumava?

Matthias parou e o encarou.

- O que quero saber é...

Da outra ponta do quarteirão, uma figura surgiu na calçada com jeito de quem está acostumado a fazer emboscadas, e a arma que disparou na direção deles quase não fez barulho. Tudo o que Jim viu foi a breve explosão quando a bala saiu pelo cano do silenciador.

Praguejando, ele saltou sobre Matthias e o empurrou para um beco. Sua força de seus cem quilos levantou o homem no ar e os dois voaram juntos até atingirem o chão como se estivessem em câmera lenta. No meio da queda, e com perfeita sincronização, ambos sacaram suas armas, miraram no atirador e puxaram o gatilho – e então Jim girou o corpo para cair no pavimento por baixo de Matthias servindo como colchão para o outro.

Não havia tempo a perder, e ele não precisava dizer isso a seu ex-chefe – claramente, sua preferência por mulheres não era a única coisa que Matthias lembrava. Em um piscar de olhos ele já estava de pé e pronto para se proteger atrás de um carro que estava a uns três metros de distância.

Mais tiros foram disparados na direção deles, ricocheteando no pavimento, na porta e no pneu do carro. O atirador os seguiu e se manteve nas sombras enquanto se aproximava.

Esse tipo de movimentação esquiva também era um indicativo. O agressor chegou sem fazer barulho, e não só porque usava uma arma com silenciador igual à de Jim: não havia som dos passos nem respiração pesada; aquela pessoa era um assassino treinado, acostumado com aquele tipo de situação.

Um agente das Operações Extraoficiais, pensou Jim. Tinha que ser.

Praguejando novamente, olhou ao redor à procura de opções. O carro não era bom o suficiente para dar cobertura, pois tinha um tanque de gasolina – Jim sabia o quanto poderia aguentar, mas não sabia bem como Matthias se encaixava nessa coisa de voltar dos mortos, e uma explosão de um carro não seria a melhor maneira de testar.

Agarrando um dos braços de Matthias, ele ajudou o cara a correr para trás do carro – que, por pura sorte, estava estacionado em frente à entrada de serviço do hotel, com duas portas de metal no meio de um muro de tijolos. Jim foi direto para a maçaneta e tentou girar.

Obviamente estava trancada.

Mas que se dane. Ele sabia o que tinha de fazer.

Lançando uma rajada de energia no metal, ele explodiu o mecanismo da tranca e, usando o ombro, empurrou a porta. Quando ela cedeu com um rangido, Matthias congelou, como que condicionado pelo medo.

Ele arrastou o homem para dentro e voltou a fechar as portas. Ajudando-o a ficar de pé, lançou outra rajada de energia, desta vez mais longa e forte, e soldou rapidamente a porta, para que ganhassem um pouco de tempo para a fuga.

A boa notícia era que funcionou – e seu ex-chefe estava ocupado demais checando a munição para notar o truque mágico.

Com a bengala em uma das mãos e a arma na outra, Matthias recobrou a consciência.

– Por aqui – gritou, como se estivesse no controle. – Tem que ter uma saída.

Jim não contestou a liderança e voltou a apoiar o cara. Enquanto percorriam o caminho, manteve um olho na retaguarda.

Não era preciso ser um gênio para saber quem era o alvo. Matthias era o antigo chefe das Operações e havia “morrido”. O procedimento padrão era confirmar visualmente a morte, mas ninguém pudera fazer isso, já que Isaac Rothe se livrara dos restos mortais.

De algum jeito, eles descobriram que Matthias estava bem vivo e perambulando por Caldwell.

Talvez Devina tivesse um “contato” na organização.

– Você trancou a porta atrás de nós? – Matthias grunhiu.

– Sim – e provavelmente o assassino teria dificuldade em...

A explosão foi rápida e precisa, pouco mais do que um lampejo de luz. E então a porta rangeu mais uma vez e o agente surgiu no corredor.

À frente, Jim não encontrou nenhuma porta. Apenas o longo corredor que se estendia até onde podia enxergar.

Como se tivessem o mesmo cérebro, Matthias e ele se viraram e apertaram o gatilho, disparando tudo que tinham. Tiros, deles e do agente, ricochetearam por toda parte – e nem é preciso dizer que Jim se posicionou na frente de Matthias, usando o próprio corpo como escudo.

Alguns tiros o acertaram e a dor foi desagradável, mas nada que pudesse matá-lo ou desviar sua atenção. E então, a munição da dupla acabou.

O mesmo aconteceu com o agente.

Houve uma breve calmaria, que claramente estava sendo usada pelo agente para recarregar, e Jim não tinha escolha a não ser correr novamente. Feitiços de proteção eram ótimos contra os lacaios de Devina, mas não eram muito eficazes contra tiros reais. Então, usando o corpo como escudo, escolheu um lado do corredor e correu como um louco. E

enquanto passavam por pilhas de cadeiras do restaurante, Matthias ajudou como pôde – mas, com sua deficiência nas pernas, era melhor que ficasse parado e se deixasse carregar pelo chão.

Afinal, não tinham tempo para discutir se aquilo feria a dignidade de Matthias ou não.

Percorreram três metros e então Jim percebeu que não havia mais tiros.

Nenhum profissional demoraria tanto para recarregar. O que diabos estava se passando?

Naquele instante, sentiu a presença de Devina, tão perceptível quanto uma sombra passando por sua própria tumba.

Que merda fantástica.

CAPÍTULO 19

– Vamos lá, Monty, você precisa me dar alguma coisa.

Diferente dos outros repórteres na cena do crime, Mels não ficou no meio da confusão em frente à fita amarela que isolava a porta entreaberta do quarto. Ela estava do outro lado, em meio ao nevoeiro que surgiu de repente junto com seu velho amigo Monty, o Boca. Monty era um bom policial, mas o que o tornava muito útil era seu ego. Ele adorava contar detalhes dos crimes só para mostrar que podia, e isso era muito conveniente.

Mas aquela noite era diferente, pois a história era sua – dessa vez Mels não estava juntando informações para outra pessoa.

Ela se aproximou.

– Eu sei que você sabe o que tá acontecendo.

Monty ajustou o cinto e passou a mão no cabelo cheio de gel. Aquela figura parecia saída de outra época. Se raspasse a cabeça e tivesse um pirulito na mão, ficaria a cara do Kojak.

– Pois é, fui um dos primeiros a chegar. Você sabe, na cena do crime.

O problema com Monty era que ele fazia você se esforçar pelas informações.

– Quando você foi chamado?

– Duas horas atrás. O gerente ligou para a emergência e eu era o policial mais próximo do local. O cara que alugou o quarto pagou por apenas um período de uma a cinco horas, mas já tinham se passado nove horas e ninguém tinha feito o *check-out* na recepção. Eu bati na porta. Ninguém respondeu. O gerente usou sua chave e... bom, lá estava.

– O que você acha que aconteceu? – era importante usar o pronome *você*.

– Era sabido que ela era uma prostituta, então há três possibilidades.

Depois de uma pausa, ela completou o raciocínio, como já era o costume entre eles.

– Um cafetão, um desconhecido ou um namorado ciumento.

– Nada mal, nada mal – ele ajustou novamente o cinto. – A porta não foi arrombada. Claramente houve resistência, já que as roupas dela estavam amarrotadas. Mas nem tudo parecia ser um caso do beco azul.

“Beco azul” era uma referência a um corredor pelo qual, por gerações, os policiais levavam suspeitos para dar entrada na delegacia. Com o tempo, o termo se tornou um código para casos criminosos sem nada de anormal ou de inesperado.

– E a surpresa foi...?

Monty aproximou o rosto, como se estivesse prestes a contar um segredo.

– Ela tinha acabado de pintar o cabelo. Por alguma razão, isso fez parte do programa. Deixou o cabelo loiro e liso. E então ele a matou.

– Como sabe que era um “ele”?

Monty lançou um olhar descrente.

– E, não, não posso dar o nome dela. Ainda não foi divulgado porque estamos procurando a família. Mas eu sei quem ela era, e ela tem sorte de ter sobrevivido os últimos dois anos. Sua ficha é longa e tem muita violência... e ela como agressora.

– Certo, bom, você me liga se puder contar mais alguma coisa? Eu não divulgo minhas fontes, você sabe disso.

– Sim, nisso você é boa, mas, sem ofensa, você não cobre muito esse tipo de crime. Escuta, você não pode me colocar em contato com seu amigo Tony? Geralmente é ele quem faz esse tipo de show.

Naquele momento, ela perdeu um pouco do respeito por Monty, e não por ele desdenhar da falta de credenciais dela com o *Correio de Caldwell*. Pelo amor de Deus, ele não era nenhum astro do rock, aquilo não era nenhum show e, caramba, será que dava para parar de mexer naquele coldre? Aquilo era uma cena de crime, e a filha, irmã ou namorada de alguém estava morta ali no banheiro.

Ele podia pelo menos ficar um pouco constrangido e se sentir culpado por vazar aquelas informações. Assim como ela estava.

– Dick me passou essa pauta – ela disse.

– É mesmo? Ei, parece que você está evoluindo. E, sim, eu te ligo, desde que não cite meu nome.

– Eu prometo.

– Nos falamos mais tarde – ele acenou para o lado, dispensando-a. – E atenda o telefone quando eu ligar, tenho um pressentimento sobre este caso.

Ela mostrou o celular.

– Eu sempre atendo.

Quando Mels se virou, ela passou a mão na nuca e sentiu os fios de cabelo arrepiados. Olhando ao redor, viu apenas pessoas trabalhando. Policiais. Detetives. Uma fotógrafa passando apressada pela fita. Havia

também duas equipes de jornalismo no estacionamento, uma delas gravando e lançando luzes fortes sobre uma jornalista de cabelos morenos.

Mels virou-se completamente. Esfregou a nuca mais um pouco.

Cara, esse nevoeiro estava estranho.

Checando o relógio, pegou o celular e fez uma chamada. Quando alguém atendeu, colocou as mãos em forma de concha ao redor da boca.

– Mãe? Oi, sou eu. Escuta, eu sei que disse que ia chegar cedo, mas ainda estou trabalhando. O quê? Desculpe, não estou escutando... Certo, agora melhorou. Sim, eu... ah, não, não se preocupe. Estou com metade da força policial aqui... – provavelmente não foi a melhor coisa para dizer. – Não, estou bem, mãe. Sim, é um homicídio, mas é um caso grande, e estou contente porque o Dick me passou. Sim, eu prometo. Certo... sim, claro. Escuta, preciso ir... e eu bato na porta assim que chegar em casa.

Ela desligou, achando que não chegaria tão cedo em casa – e estava preparada para esperar o tempo que fosse necessário. O corpo precisaria ser fotografado, a equipe forense viria fazer exames e só então a vítima poderia ser removida.

Mels ficaria até que a polícia terminasse seu trabalho, os jornalistas da televisão fossem embora e qualquer outro repórter tivesse desistido.

Andando até o carro de Tony, enviou uma mensagem de texto ao colega, dizendo que ainda não dera perda total em seu veículo – e que o levaria para almoçar amanhã e o pegaria em casa às oito e meia em seu caminho para o trabalho.

Então ela dobrou o casaco sobre si mesma e sentou no capô do carro.

Imediatamente, Mels se levantou, tensa e olhou para trás. Mas não havia nada além de postes de luz no lado mais distante do longo estacionamento do motel. Ninguém espreitando atrás dela, ninguém mesmo.

Então por que tinha a sensação de estar sendo vigiada?

Massageando a cabeça, ela começou a imaginar se a paranoia de Matthias era contagiosa. Ou talvez aquilo que acontecera entre os dois na cama estivesse embaralhando seu cérebro.

Não importa o que digam sobre amnésia, aquele homem sabia muito bem como usar os lábios...

Por algum motivo, ela não podia acreditar que aquilo tinha acontecido. Mels nunca gostara de encontros casuais, mesmo nos tempos de faculdade – mas, se Matthias não tivesse parado, ela deixaria que as coisas chegassem à sua conclusão natural cheia de nudez.

Que surpresa. Principalmente porque sabia que seria capaz de fazer aquilo de novo.

Se é que teria uma nova chance.

Congelado no corredor do porão do Marriott, com Jim Heron o cobrindo como um cobertor, Matthias sentia-se como um boxeador. Mas não como Muhammad Ali ou George Foreman. Sentia como se fosse um *sparring*, aqueles caras que servem como parceiros de treino e que os verdadeiros lutadores esmurravam antes de encarar um oponente à altura: sua arma estava descarregada, seu peito arfava, a cabeça girava, estava exausto por toda aquela correria. Pelo menos parecia que não fora atingido pelos tiros.

Mas alguém fora. O cheiro de sangue fresco os perseguia e o som de alguma coisa pingando sugeria um vazamento – e provavelmente não era no encanamento do hotel.

– Fique aqui – ordenou Jim.

Como se fosse uma garotinha?

– Vai se foder.

Juntos, eles marcharam em direção ao atirador incapacitado, com Jim na frente porque ele conseguia andar um pouco mais rápido.

Pouco depois da porta que eles arrombaram, um homem vestindo roupas apertadas pretas estava de costas no chão, com os olhos fixos e dilatados, encarando o vazio. Sua garganta fora rasgada logo abaixo da linha do queixo – as veias e artérias não foram apenas cortadas, mas totalmente abertas, em um corte limpo.

– Que sujeira – murmurou Matthias, que olhava ao redor pensando em como limpar tudo aquilo... e se perguntando quem diabos os salvara.

Enquanto considerava os prós e contras de várias técnicas de descarte de cadáveres, estava ciente de que a morte, o corpo, a violência de ter sido perseguido a tiros, essas coisas pouco o afetaram emocionalmente: aquilo era o trabalho de sempre, nada além de ações práticas que visavam evitar o envolvimento da polícia.

Era assim que ele vivia, pensou. Aquela era a sua praia.

Apoiando-se na bengala, abaixou-se e um de seus joelhos estalou como um galho de árvore.

– Você tem um carro?

– Não aqui, agora, mas posso cuidar disso. Faça um favor e...

Matthias começou a revistar o cadáver, apalpando-o, retirando a munição extra, uma faca e outra arma.

– Certo, certo – Jim disse com a voz seca. – Vou dar uma olhada lá fora pra ver se não tem ninguém na rua.

– Então você também não sabe quem é o nosso bom samaritano?

– Nem ideia.

A porta de metal rangeu novamente quando Jim a abriu e, por uma fração de segundo, Matthias ficou paralisado de medo, o terror congelou seu corpo do coração até os pés. Seus olhos percorreram todas as direções buscando inimigos nas sombras, esperando que saltassem sobre ele a qualquer momento.

Não havia nada.

Resmungando consigo mesmo, voltou a se concentrar e abriu a camisa do homem. O colete à prova de balas tinha pelo menos uma marca de tiro – então ele e Jim não haviam desperdiçado toda a munição. Nada de celular. E, considerando que Jim acabara de sair mas não fora de encontro a uma saraivada de balas, não havia ninguém para dar cobertura àquele soldado.

Sentando-se, Matthias avaliou a porta de metal. No centro, ao redor do mecanismo da tranca, havia uma mancha queimada onde o agressor usara algum tipo de bomba portátil.

De repente, Matthias foi atingido por uma lembrança, na qual enxergou as próprias mãos segurando um detonador de uma bomba improvisada. Ele a preparara para atingir a si próprio: era uma combinação de circuitos eletrônicos e explosivos que serviriam como rota de fuga da sua vida...

Jim estava errado. Ele não odiava a si mesmo ou o que se tornara. Estava apenas exausto de ser quem era.

E ele era o...

A dor de cabeça surgiu com força, como se o cérebro tivesse uma câibra: a dor limpou seus pensamentos e as memórias foram bloqueadas novamente pela agonia.

Merda, ele queria acesso ao que estava escondido, mas não podia arriscar ficar indefeso debruçado sobre um cadáver.

Baixando os olhos até o rosto do morto, se forçou a parar de pensar na amnésia e notou a mudança na cor da pele do cara: a vermelhidão causada pelo exercício era substituída por um cinza opaco. Acompanhando o processo da morte e concentrando-se apenas nisso, ele conseguiu voltar à realidade.

– Eu conheço você? – perguntou ao cadáver.

Parte de si estava convencida de que sim. O rosto pertencia a um jovem de pele clara, magro por falta de gordura no corpo, pálido por falta de sol, como se estivesse acostumado a trabalhar à noite. Por outro lado, quantos milhões de caucasianos na casa dos vinte anos existiam por aí?

Não, pensou, ele conhecia aquele garoto de algum lugar.

Na verdade, sentia que escolhera aquele filho da puta.

Será que ele participava de algum recrutamento? Para os militares?

Jim voltou ao corredor, fechou a porta e se recostou nela, cruzando os braços em cima do peito e parecendo querer socar uma parede.

– Estamos sozinhos? – perguntou Matthias.

– Eu diria que sim.

Abruptamente, notou os furos na camisa de Jim.

– Ainda bem que você também está usando colete à prova de balas.

– O quê?

Matthias franziu a testa.

– Você foi atingido...

De uma só vez, seu cérebro cuspiu outro pedaço do passado: viu os dois em uma sala forrada de aço inoxidável, um corpo gelado deitado em uma maca entre eles, uma arma levantada, um gatilho sendo acionado... na direção do maldito Heron. E foi Matthias quem atirou.

– Eu atirei em você em um necrotério – Matthias soltou. – Eu atirei em você... bem no meio do peito.

CAPÍTULO 20

Que sincronia perfeita, pensou Jim enquanto Matthias o encarava como se tivesse brotado um chifre no meio de sua testa.

Não era uma boa hora para a memória dele voltar a se conectar: claramente, alguém das Operações estava seguindo o rastro de Matthias. Essa era a única explicação lógica para o que acontecera – embora não fosse isso que estava embaralhando seu cérebro.

Evidentemente, Devina salvara seus traseiros.

Ela surgiu, esfaqueou e sumiu. E, como o demônio nunca fazia nada que não fosse para o próprio benefício, Jim ficou imaginando qual seria o motivo daquilo tudo. Talvez nenhum – afinal, se queria influenciar Matthias em sua nova encruzilhada, Devina precisava que ele continuasse vivo.

E Jim obviamente não fizera um trabalho muito bom protegendo o cara.

– Eu atirei em você... – Matthias repetiu.

Jim lançou um olhar do tipo supere-logo-isso.

– E daí? Você quer uma medalha? Vou comprar uma pra você na internet. Mas antes que fique aí todo existencialista, saiba que é pra isso que existe colete à prova de balas, certo?

– Você não estava usando um – Matthias retirou os óculos escuros e estreitou o olhar. – E não está usando agora.

– Certo, estamos num local público com um cadáver cheio de balas que saíram das nossas armas. Você realmente acha que é hora pra ficar de conversa?

– Eu conheço esse cara – Matthias apontou para o morto. – Mas não sei dizer de onde.

– Olha, vou levar o lixo para fora. Se não se importa, dá pra voltar para a droga do seu hotel agora?

– Fale comigo. Ou não vou a lugar nenhum.

Por uma fração de segundo, Jim lembrou-se claramente da razão de sempre chamar o cara de Matthias, o Cretino.

– Que seja. Você era o chefe dele.

– Que tipo de chefe eu era?

Eles não tinham tempo para aquilo.

– Bom, posso dizer que não era do tipo que eu gostava.

– Eu também era seu chefe... não é mesmo? – quando Jim não respondeu, o outro apertou os dentes. – Por que diabos você tá me deixando no escuro? De um jeito ou de outro vou acabar juntando todos os pedaços, e tudo o que você tá fazendo é me deixar cada vez mais nervoso.

Merda. Havia uma possibilidade muito real de o cara não se mover, e Devina poderia voltar – ou, quase tão ruim, a polícia ou os seguranças do hotel poderiam aparecer.

– Certo – Jim disse, frustrado. – Acontece que eu tenho medo que, se você souber, vai acabar no Inferno. Satisfeito?

Matthias recuou.

– Você não parece um religioso fanático.

– Porque eu não sou. Então, podemos parar com essa besteira e começar a nos mexer?

Matthias apoiou-se nos pés, colocou a bengala nos ombros e segurou os calcanhares do cadáver.

– Você não vai conseguir evitar essa pergunta pra sempre.

– Que diabos você está fazendo?

– Vamos lidar com isto juntos.

– Não, não vamos...

O som de sirenes interrompeu a discussão e os dois olharam para a porta ao mesmo tempo. Com sorte, os policiais passariam direto – o som aumentaria e depois diminuiria quando as viaturas comesçassem a se distanciar...

Não. Alguém devia ter visto ou ouvido alguma coisa e chamado a polícia.

Quando um carro freou no beco, Jim quis sair daquela situação da maneira mais fácil – colocar Matthias em transe, teletransportar o cadáver e jogar uma névoa na mente dos policiais que, naquele exato instante, saíam das viaturas com lanternas nas mãos. Mas o truque mental era difícil de fazer com mais de uma pessoa ao mesmo tempo. E botar fogo no corpo denunciaria sua posição aos policiais.

Com sorte, eles levariam um tempo vasculhando o beco primeiro.

– Fique calado – Jim grunhiu. Então agarrou Matthias pelo tronco, sustentando-o com o ombro, e começou a correr pelo corredor.

– Você... está... de... brincadeira... – Matthias disse, aos pulos, enquanto era carregado.

A sessão de reclamação parecia ter terminado, fosse porque Matthias engolira a língua na correria ou porque seu cérebro fritara de vez. Mas, caramba, pelo menos conseguiram chegar ao final do longo corredor, e

dessa vez Jim não precisou esconder a rajada de energia que usou para abrir outra tranca. Irrompendo pela porta, ele...

Oh, *merda*.

... entrou direto nos fundos de um dos restaurantes do hotel.

A boa notícia era que parecia ser uma instalação usada apenas para o café da manhã e almoço; o lugar parecia uma cidade fantasma, os balcões de aço inoxidável da cozinha estavam limpos e prontos para o próximo turno. Infelizmente, o arrombamento disparou o alarme de segurança e luzes vermelhas começaram a piscar por toda parte.

– Por ali – Matthias disse, apontando para um conjunto de portas duplas com janelas redondas. – E me ponha no chão.

Jim soltou o cara e ambos voltaram a andar, passando por um fogão tão longo quanto um campo de futebol e por uma pia grande o suficiente para dar banho em um elefante. Enquanto seus passos ecoavam no chão de ladrilho vermelho, Jim olhou ao redor em busca do controle do alarme. Que, claro, não estaria bem visível no meio daquela cozinha enorme. Além disso, mesmo se ele pudesse desligar o alarme, o sinal já fora enviado para alguma central.

Passando pelas portas duplas, entraram em um salão cheio de mesas quadradas esperando por esfomeados que só apareceriam dali a sete horas.

No lado mais distante, as grandes janelas de vidro vermelho que separavam o restaurante do saguão principal mostravam um trio de pessoas correndo – provavelmente seguranças do hotel.

Ele e Matthias olharam para a esquerda, onde cortinas que iam do chão ao teto cobriam grandes janelas duplas de estilo antigo.

Sem discussão, partiram para a única saída disponível. E, para o crédito de Matthias, ele não tentou bancar o herói quando chegaram ali; parou pouco antes e deixou Jim cuidar da tranca usando a alça de bronze da janela.

Jim usou mais do que o peso de seu corpo para abrir a janela. Usou seu poder mental, e a janela abriu com um estalo, como se estivesse se soltando de uma tintura recém-seca.

Era uma queda de quatro metros até o chão.

– Merda – disse Matthias. – Você vai ter que me pegar.

– Sim, senhor.

Com um impulso coordenado, Jim jogou-se nas mãos frouxas da gravidade. Aterrisou com firmeza em suas botas de combate e deixou os braços levantados. O pulo de Matthias seria mais complicado, parecia que ele tinha dificuldade para dobrar as pernas, mas o cara era esperto. Ele agarrou a janela e a fechou pelo lado de fora, mesmo com seu traseiro

quase não cabendo no parapeito.

Quando deixou o corpo cair em queda livre, sua jaqueta preta se agitou inutilmente, como se fosse um paraquedas que levara um tiro.

Jim agarrou seu ex-chefe com um grunhido, impedindo que ele atingisse o chão.

– Encontraram nosso amigo – Matthias disse enquanto se recompunha.

De fato, do outro lado do edifício, os policiais haviam aberto aquela porta dupla e entrado no corredor. Suas lanternas se refletiam pelo beco, como se estivessem vasculhando ao redor do cadáver.

Hora de virar fantasma.

Movendo-se o mais rápido e silenciosamente que podiam, os dois tomaram a direção oposta. Diferente das Operações Extraoficiais, cobertura era o procedimento padrão da polícia de Caldwell e, como já esperavam, mais sirenes ecoaram pela noite.

Pouco mais de cinquenta metros depois, eles pararam no outro canto do hotel, olharam ao redor e saíram do beco, com o máximo de calma que conseguiam fingir.

– Tire os óculos – Jim disse enquanto focava a calçada à frente.

– Já tirei.

Jim olhou para seu ex-chefe. O homem estava com o queixo erguido e olhava diretamente para a frente. Seus lábios estavam entreabertos e ele respirava como um trem de carga, mas ninguém perceberia, a menos que procurassem especificamente por sinais de falta de ar.

Até onde as pessoas podiam notar, os dois eram apenas amigos que haviam saído para um passeio, longe de estarem ligados a qualquer acontecimento estranho.

Jim ficou com muita vontade de dizer ao seu antigo chefe que o cretino fizera um bom trabalho. Mas aquilo seria ridículo. Os dois foram treinados pelo mesmo sargento, passaram anos exercitando técnicas de evasão lado a lado e estiveram em muitas variações desse mesmo cenário.

Quando entraram no saguão, Matthias já estava respirando normalmente.

Nem é preciso dizer que o cara continuaria hospedado no Marriott. Agora que a tentativa de fuga não só fora frustrada, mas também acabara envolvendo a polícia, uma nova tentativa seria mais arriscada e complicada, pelo menos nos próximos dias.

Além disso, depois de conhecerem aquela cozinha de primeira...

Seria uma pena não experimentar o almoço.

A persistência de Mels foi recompensada... de um jeito triste.

As equipes de reportagem foram embora depois da meia-noite, e então os policiais começaram a deixar o local. Até Monty foi embora antes dela. Finalmente, restaram apenas a equipe forense, dois detetives e Mels.

A fita de isolamento da polícia foi diminuindo cada vez mais à medida que as pessoas iam embora, e Mels também foi se aproximando cada vez mais da porta aberta do quarto do motel. Então, quando chegou a hora de remover a vítima, ela teve uma visão clara do procedimento. Dois homens entraram com um grande saco preto e, por causa do espaço pequeno no banheiro, tiveram que colocar o saco na sala e carregá-la para fora.

Pobre garota.

– É, foi terrível.

Mels virou-se, sem saber se tinha falado em voz alta. Um cara alto e de aparência assustadora estava atrás dela – era um típico mal-encarado com piercings no rosto e uma jaqueta de motoqueiro. Mas sua expressão parecia denunciar um coração partido, o que imediatamente fez Mels mudar de opinião quanto ao sujeito. Ele não estava prestando atenção nela; encarava a garota morta cujo corpo estava sendo arrumado para entrar naquele grande saco preto.

Mels voltou a olhar para a cena.

– Sinto pena do pai dela.

– Você o conhece?

– Não. Mas posso imaginar o sofrimento – por outro lado, talvez o cara não tivesse sido um bom pai e isso fosse um dos motivos para a garota ter entrado naquela vida. – É só que... ela um dia foi só um bebê. Deve ter havido alguma inocência em algum ponto.

– Espero que sim.

A curiosidade fez Mels avaliar novamente o cara.

– Você está hospedado aqui?

– Sou apenas um espectador – o homem suspirou com uma curiosa aparência de derrota. – Cara, eu odeio a morte.

Naquele momento, por alguma razão, Mels pensou em seu pai. Ele também fora removido daquele acidente em um saco plástico – depois de as ferramentas de corte hidráulico terem cortado caminho até o banco do motorista.

Será que agora ele estava no Céu? Olhando-a lá de cima? Ou seria a morte realmente o apagar definitivo das luzes, como um carro sendo desligado ou um aspirador fora da tomada?

Bom, não havia vida após a morte para eletrodomésticos. Então, por que os humanos achavam que seu destino seria diferente?

– Porque é, sim, diferente.

Ela olhou por cima do ombro e sorriu sem jeito.

– Desculpa, não percebi que falei em voz alta.

– Tudo bem – o cara sorriu um pouco. – E não há nada de errado em ter fé e esperança de que seus entes queridos estejam em paz em algum lugar. Na verdade, a fé é uma coisa boa.

Mels voltou a olhar o quarto do motel, pensando que era estranho ter esse tipo de conversa com um total estranho.

– Mas eu queria ter certeza.

– Ah, mas você é uma repórter, então vazaria a informação.

Ela riu.

– Então a existência do Céu e do Inferno é um segredo?

– Exatamente. Os humanos precisam de duas coisas para criar vínculos verdadeiros entre si: a escassez e o desconhecido. Se as pessoas que amamos vivessem para sempre, talvez não déssemos importância para sua presença, e se soubéssemos com certeza que iríamos nos reencontrar, nunca sentiríamos falta delas. É tudo parte do plano divino.

Então ele era um maluco religioso.

– Bom, isso faz sentido.

Eles se afastaram quando os policiais pegaram as alças do saco plástico e começaram a retirar a vítima. Enquanto a sombria procissão passava, Mels começou a entender a razão de Dick ter lhe passado aquela pauta. Uma garota morta, uma cena macabra, as ruas perigosas de Caldwell, blá, blá, blá. Ele era simplesmente o tipo de cretino que revidaria por Mels tê-lo esnobado tantas vezes.

E a verdade é que aquilo a deixou realmente abalada, como qualquer pessoa com uma consciência ficaria. Mas ela faria seu trabalho mesmo assim.

Inclinando-se para a porta, ela falou com o homem que estava no comando:

– Detetive De la Cruz? Você poderia dar uma declaração?

O detetive levantou os olhos de seu bloco de anotações antiquado.

– Você ainda está aqui, Carmichael?

– É claro.

– Seu pai ficaria orgulhoso, você sabe disso.

– Obrigada, detetive.

Quando se aproximou, o detetive nem sequer olhou para o grande homem que estava ao lado dela; mas De la Cruz era assim mesmo. Não se perturbava com quase nada.

– Não tenho nada para dizer ainda. Desculpe.

– Nenhum suspeito?

– Sem comentários – ele apertou o ombro dela. – Diga “oi” para sua mãe, certo?

– E quanto à cor do cabelo?

Ele apenas acenou e continuou andando, entrou no seu velho Ford cinza e dirigiu para fora do estacionamento.

Quando o último policial trancou a porta do quarto e colocou a fita de segurança, Mels virou-se para o homem atrás dela...

Sumiu. Como se nunca tivesse estado ali.

Estranho.

Andando até o carro de Tony, ela ainda podia jurar que estava sendo seguida, mas não havia ninguém por perto. A sensação persistiu enquanto dirigia para casa, ao ponto de ela se perguntar se paranoia poderia ser um vírus contagioso.

Matthias com certeza estava nervoso, mas ele tinha razão para estar. Ela com certeza não tinha.

Mels tomou o caminho mais curto para casa e, quando passou pelo cemitério novamente, decidiu fazer um pequeno desvio.

Parou em uma rua onde cada garagem possuía dois postes de luz brilhando em cada lado da porta. Com exceção desse rancho em particular, que tinha as luzes apagadas, tanto fora como dentro, como um buraco negro em meio a uma rua cheia de casas ocupadas e iluminadas.

Ela aproximou a mão da porta do carro, querendo dar uma olhada ao redor, espiar dentro das janelas, talvez encontrar uma porta aberta para entrar na garagem. Mas, assim que tocou a maçaneta, uma onda de pavor tomou seu corpo, como se aquela sensação de estar sendo vigiada tivesse se transformado em um bicho papão real prestes a pular nela com uma faca.

Mels deu um tempo para que o medo passasse, caso fosse apenas uma indigestão do hambúrguer com batata frita que comera no Marriott, mas quando a sensação não passou, ela engatou a primeira marcha e deu meia volta com o carro.

Provavelmente o culpado era o nevoeiro que ainda pairava no ar.

Sim, tinha de ser isso – um nevoeiro de cinema, que fazia a noite parecer ainda mais escura e perigosa do que realmente era.

Acelerando, ela trancou a porta e segurou firme o volante.

Não relaxou enquanto não entrou na garagem da casa de sua mãe, com os faróis do carro de Tony iluminando a casa em que crescera.

Por alguma razão, ela observou as janelas duplas no segundo andar. Aquelas que ficavam no parapeito de seu quarto.

Seu pai consertara aquelas janelas quando ela tinha dez anos: depois que um vendaval as arrancou completamente, ele usou uma brilhante escada de alumínio e carregou os pesados painéis de madeira para cima, equilibrando-os no beiral, apertando os parafusos, deixando tudo novo em folha.

Ela segurara a base da escada só porque queria fazer parte daquilo. Não estava preocupada que ele fosse cair. Ele parecia o Super-Homem naquele dia.

Na verdade, em todos os dias.

Mels pensou naquele estranho no motel, aquele maluco religioso cheio de piercings. Talvez aquela teoria da escassez e do mistério estivesse certa em se tratando de algumas pessoas. Mas se ela soubesse com certeza que seu pai estava bem, conseguiria encontrar um pouco de paz para si mesma.

Engraçado, até aquela noite não havia percebido que talvez precisasse disso.

Afinal, desde que ele se fora, ela vinha se esforçando para não pensar muito nas coisas.

Era doloroso demais.

CAPÍTULO 21

Por volta das cinco da manhã, Jim estava no quarto de Matthias no hotel Marriott, sentado em uma cadeira no canto, encarando a televisão sem som. Duas horas antes, ele recebera uma mensagem de texto de Ad informando que a repórter estava segura na casa de sua mãe e que o anjo checaria se estava tudo bem com Eddie e deixaria o Cachorro sair um pouco. A próxima mensagem chegou 45 minutos depois: Ad ia tirar um cochilo.

Ao lado, na cama de casal, Matthias dormia sobre as cobertas como uma pedra, deitado de costas, cabeça no travesseiro, mãos cruzadas sobre o peito. Só faltava uma rosa branca entre os dedos e o som de um órgão de igreja para que Jim começasse a prestar suas condolências.

Por que diabos Devina ajudara os dois?

Droga, a única coisa pior do que ela atacando era ela o salvando. E Jim não precisava daquele resgate. Ainda tinha truques na manga, caramba. Estava prestes a fazer um grande show de luzes.

Talvez ela estivesse tentando puxar o saco do Criador.

O que seria algo muito irritante...

A edição das cinco da manhã do programa *Wake Up, Caldwell!* começou com uma repórter cobrindo uma cena de crime no centro da cidade. A mulher, que estava em frente a um motel, virou e apontou para um quarto aberto onde policiais entravam e saíam. Então o vídeo cortou para uma caixa de tintura de cabelo e depois para a foto de uma mulher com cabelo tingido.

Havia tanto pecado no mundo, pensou Jim.

E, pensando nisso, lembrou que precisava de mais munição.

Quando um comercial de salsicha apareceu, seu estômago roncou e ele quase pegou o telefone para chamar o serviço de quarto.

– Você pode pelo menos dizer qual é o meu nome?

Jim olhou para a cama. Os olhos de Matthias estavam abertos, mas ele ficou estático, como uma cobra enrolada ao sol.

– Sempre conheci você como Matthias.

– Fomos treinados juntos, não é? Ontem nós usamos exatamente os mesmos movimentos, ao mesmo tempo.

– Pois é.

Sentindo aonde ele queria chegar, Jim pegou seu maço de cigarros, puxou um entre os dentes e então lembrou que estava em um local público. E não seria irônico se fossem expulsos do hotel por acender um cigarro, sendo que o invadiram pelos fundos, abriram fogo, deixaram um corpo e fugiram dali?

É, seria muito engraçado.

Jim voltou a olhar para a televisão, que agora passava um comercial de desodorante. Por uma fração de segundo, invejou os caras na propaganda: tudo o que tinham para se preocupar eram suas axilas, e, desde que usassem Speed Stick, não precisariam se preocupar com nada.

Se pelo menos a solução para Devina também viesse em spray ou em bastão...

– Conte como eu me matei – quando Jim não respondeu, o outro homem disse: – Por que você tá com medo de falar sobre isso? Você não parece ser um covarde.

Jim esfregou o rosto.

– Sabe de uma coisa? Você devia dormir menos, porque quando está descansado você é um saco.

– Então acho que você é um covarde, sim, afinal de contas.

Jim bufou e soltou ar, desejando que fosse fumaça.

– Certo, sabe o que me preocupa? Que quando você descobrir quem era, vai se tornar aquele homem novamente e eu vou te perder. Sem ofensa, mas essa sua mente vazia é uma benção.

– Você fala como se eu fosse uma pessoa do mal...

– Você era – Jim encarou seu ex-chefe. – Você estava completamente infectado, ao ponto de me fazer concluir que nasceu assim. Mas vendo você do jeito que está agora... – Fez um gesto com as mãos. – É uma surpresa descobrir que não é de nascença.

– Que diabos aconteceu comigo? – Matthias sussurrou.

– Não sei nada do seu passado antes das Operações Extraoficiais.

– Esse era o nome da organização?

– Esse é o nome. E, sim, nós dois treinamos juntos. Antes disso, não sei de nada. Havia rumores sobre você, mas provavelmente eram exageros por causa da sua reputação.

– Que reputação?

– Diziam que você era um sociopata – o homem praguejou baixinho e Jim deu de ombros. – Escuta, eu também não era nenhum santo. Não antes de entrar, e com certeza não enquanto eu estive lá. Mas você... estabeleceu um outro nível. Você era... algo mais.

Houve um período de silêncio. Então, Matthias disse:

– Você ainda não está falando nada específico.

Jim esfregou os cabelos e pensou. Bem, que inferno, havia tanta coisa para escolher.

– Certo, que tal isso: havia um homem, o coronel Alistair Childe. Esse nome traz alguma lembrança? – quando Matthias balançou a cabeça, Jim realmente desejou que estivessem lá fora, para poder acender um cigarro. – Ele era um cara legal, tinha uma filha que era advogada. O filho tinha problemas com drogas. A esposa morreu de câncer. Morava em Boston, mas trabalhava bastante em D.C. Ele chegou perto demais.

– Perto demais do quê?

– Da firma, digamos assim. Você mandou sequestrarem e levarem ele para a casa onde o filho se drogava. Seus agentes encheram o garoto até ele ter uma overdose de heroína e filmaram Alistair gritando enquanto o filho espumava pela boca até morrer. E você pensou que fez um favor para o cara, porque, nas suas próprias palavras, usou o filho que já estava perdido. A ameaça, é claro, era que, se Childe não se afastasse, você mandaria matar sua filha também.

Matthias não se moveu, mal respirava, apenas piscava. Mas sua voz foi o que o denunciou. Rouca e áspera, mal conseguiu pronunciar as palavras.

– Não me lembro disso.

– Você vai lembrar. Em algum momento. Vai se lembrar de muitas outras merdas como essa... e coisas que eu provavelmente nem faço ideia.

– E como você sabe tanto?

– Sobre o caso do Childe? Eu estava lá quando você foi atrás da filha.

Matthias fechou os olhos e seu peito subiu e desceu devagar, como se houvesse um grande peso em cima dele.

Isso deu um pouco de esperança para Jim. Talvez a revelação o afastasse um pouco mais do pecado.

– Se isso é verdade, posso entender por que está preocupado com minha bússola moral.

– É a mais pura verdade. E, como eu disse, tem muito mais.

Matthias limpou a garganta.

– Então, como exatamente isso aconteceu?

Matthias apontou para os olhos e Jim começou a relembrar o passado que compartilhavam.

– Eu quis sair, mas não existe aposentadoria das Operações, e você era o único que podia me exonerar. Nós discutimos sobre isso, e então você apareceu onde eu estava numa missão no deserto. Você disse pra eu te encontrar sozinho à noite num lugar muito longe do acampamento, e eu

achei que era o fim, tudo estava acabado pra mim. Mas você estava sozinho. Olhou nos meus olhos quando levantou o pé e pisou na areia. A explosão... foi direcionada pra cima, não pra fora. Você não queria me acertar, e não foi um acidente – memórias daquela cabana, da areia áspera em seus olhos e da fumaça em seu nariz voltaram rápido e com força. – Depois de tudo, eu carreguei você pra fora e te levei pra onde teria ajuda.

– Por que não me deixou para morrer?

– Eu não aguentava mais jogar segundo suas regras. Era hora de o poderoso chefe não conseguir o que queria.

– Mas se você desejava sair e, se eu tivesse me matado... quem iria atrás de você? Se isso for mesmo verdade, você estaria livre.

Jim deu de ombros.

– Eu estava numa posição ideal. Você não queria que as pessoas soubessem que tentou suicídio, então eu tinha o melhor dos dois mundos. Eu estava livre e você passaria o resto da vida todo quebrado e morrendo de dor.

Matthias riu de repente.

– De um jeito estranho, eu até respeito isso. Mas não entendo por que está me ajudando agora.

– Mudei de emprego – Jim pegou o controle remoto. – Olha, nós saímos no jornal!

Quando colocou som na televisão, um apresentador diferente dava informações sobre um corpo que fora encontrado, veja só, bem onde eles estiveram naquele corredor de serviço. Não havia suspeitos. Não havia documento com a vítima – e boa sorte com isso. Mesmo que encontrassem algo, as identidades falsas das Operações Extraoficiais eram impenetráveis. Além disso, o legista não teria muito tempo: o corpo desapareceria do necrotério a qualquer instante – se é que já não fora removido.

Seria apenas mais um caso não resolvido que ficaria perdido num arquivo da polícia.

– Que tipo de trabalho você faz agora? – perguntou Matthias.

– Sou um trabalhador autônomo.

– Isso ainda não explica por que está ajudando um homem que odeia.

Jim o encarou e pensou em tudo o que Matthias representava na guerra contra Devina.

– Agora... eu preciso de você.

Arrumando-se para o trabalho, Mels quebrou uma unha enquanto se

vestia e derramou café na blusa. E, como falta de sorte vem sempre em três, ela continuava com a sensação de estar na lista de algum assassino, mas pelo menos sua mãe estava na aula de ioga – e isso significava que podia sair sem ter de conversar muito.

À vezes, conversar com sua mãe sobre o trabalho era difícil. Ela não precisava ouvir os detalhes do que acontecera com aquela garota no motel.

Não era um assunto para o café da manhã.

Além disso, Mels não estava com vontade nenhuma de conversar. A noite fora longa, principalmente porque escrevera o artigo sobre o assassinato ainda na madrugada, para que o editorial pudesse postar a notícia primeiro na versão on-line. E hoje se concentraria em conseguir mais informações para escrever um artigo mais detalhado para a edição impressa de amanhã.

Com sorte, Monty não aguentaria e ligaria para ela, deixando aquela boca dele fazer sua parte.

No caminho para pegar Tony, ela ficou presa na fila do *drive-thru* no McDonald's, pois não queria de jeito nenhum aparecer na casa dele sem um café da manhã. Finalmente, com dois pãezinhos de salsicha em uma sacola e um par de copos cheios de café, Mels voltou para as ruas no Toyota emprestado.

Quando estacionou o carro em frente ao prédio dele, o cara se levantou dos degraus da escada frontal e desceu correndo, seu grande corpo fazendo-o parecer mais alto do que era.

– Eu já disse ultimamente o quanto eu te amo? – ela perguntou enquanto Tony entrava no carro.

Tony abriu um grande sorriso.

– Se isso é café da manhã, então sim, você disse.

– Comprei dois pãezinhos e um café pra você – ela entregou a sacola. – O outro café é pra mim.

– Melhor do que um par de brincos – ele desembulhou um dos pacotes. – Hum... comestível...

– Eu queria agradecer de verdade por você ter emprestado o carro.

– Ah, nem preciso tanto assim dele. Desde que consiga ir e voltar do trabalho, pra mim está bom – enquanto mastigava, ele franziu a testa e pegou um recibo no cinzeiro. – Você esteve no Marriott ontem?

Mels ligou a seta para a esquerda e entrou no trânsito, desejando que seu amigo não fosse um observador tão bom.

– Ah, sim, estive.

– Que horas?

Mels manteve os olhos na rua, reconhecendo a “voz de repórter” que

seu amigo estava usando.

– Ontem à noite. Estava só visitando um amigo.

– Então você viu toda a movimentação?

– Movimentação?

– Você não sabe o que aconteceu?

– Fui chamada pra cobrir uma cena de crime do centro da cidade. Do que você tá falando?

– Espera um pouco, você pegou a história da prostituta de cabelo loiro?

– Sim. Então, o que aconteceu no Marriott?

Enquanto Tony levava um milhão de anos pra terminar de mastigar o Mc-Sei-Lá-O-Quê, o estômago de Mels começou a embrulhar. Cara, se ele comesse a comer o segundo pãozinho ela pularia em seu pescoço...

– Aconteceu um tiroteio no porão do hotel. O Eric vai cobrir a história. Teve troca de tiros no beco, e alguém invadiu o prédio pela entrada dos fundos de um dos restaurantes. Ligaram pra central da polícia e os policiais encontraram um homem morto sem identificação e desarmado, com a garganta cortada.

– Mas você não disse que houve tiros?

– Ah, ele foi atingido por tiros, sim. Mas não foi isso que matou ele – Tony fez um gesto como se cortasse a própria garganta. – Cortou de um lado a outro.

Mels sentiu um arrepio.

Porque você vai morrer se não se afastar de mim.

Mels disse a si mesma para se acalmar. Aquele era um hotel grande em uma parte da cidade que era perigosa à noite. Assassínatos acontecem, principalmente entre traficantes e seus clientes.

Tony revirou a sacola para pegar o segundo pãozinho de salsicha.

– Parece que o cara poderia ter morrido por causa dos tiros, mas ele usava um belo colete à prova de balas. Eric disse que os policiais ficaram babando quando viram o colete. Nunca tinham visto um daquele jeito – o gentil som da embalagem branca sendo dobrada foi seguido por um generoso suspiro de satisfação causado por aquela comida não saudável, mas deliciosa. – Então, o que você descobriu ontem à noite? – ele perguntou com a boca cheia.

Mels ignorou uma placa “Pare” e virou à esquerda na rua Trade. Sua mente estava muito longe: Matthias estava se preparando para dormir quando ela foi embora – embora isso não significasse que ele não poderia ter saído depois que ela...

– Olá? Mels?

– Desculpa, o que foi?

– Quando você estava no motel. O que descobriu?
– Ah... certo, desculpa. Não descobri muita coisa. A mulher foi morta depois de ter tingido o cabelo... a garganta dela estava cortada.

– Duas numa única noite. É uma epidemia.

Bom, podia até ser, ela pensou. Ninguém poderia estar em dois lugares ao mesmo tempo, não é?

Certo, agora ela estava ficando maluca.

– Pois é. Que estranho.

Cinco quartos depois, eles chegaram ao prédio do *Correio de Caldwell*. Mels estacionou e devolveu as chaves para Tony enquanto andavam até a entrada dos fundos.

– Obrigada de novo.

– Como eu disse, pode pedir sempre que precisar. Principalmente se comprar café da manhã pra mim. E pare de colocar dinheiro na minha gaveta quando pegar um chocolate meu. Você tem permissão pra usar minha reserva de comida sempre que quiser.

Tony guardava um monte de comida em sua escrivaninha e ela já era conhecida por beliscar ali de vez em quando. Mas não pegava simplesmente de graça.

Mels segurou a porta aberta para ele entrar.

– Não vou roubar comida de você.

– Mas se eu der permissão, não é roubo. Além disso, você não pega mais do que uns dois bombons e um chocolate por mês.

– Furto é furto.

Eles alcançaram os degraus que levavam à redação, e desta vez foi ele quem segurou aberta a porta de vidro.

– Queria que todo mundo pensasse assim.

– É disso que eu estou falando. Você não tem a obrigação de alimentar todo mundo.

No instante em que entraram, Mels ouviu os telefones tocando, as vozes agitadas, os passos rápidos: tudo isso era uma sinfonia familiar que invadiu seu corpo, carregando-a até sua escrivaninha. Quando sentou, aquele burburinho acalmou a ansiedade que sentia por causa de Matthias, e ela ligou o computador sem sequer pensar no que estava fazendo.

Um envelope marrom foi jogado em sua mesa, assustando-a.

– Tenho algo bonito pra você ver – disse Dick com um sorriso maroto.

Ela pegou o pacote e abriu.

Ficou contente em ter dado os dois pãezinhos para Tony: dentro do envelope estavam as fotos do corpo da prostituta, fotos grandes e em cores mostrando tudo em detalhes.

Dick ficou ao lado, como se estivesse esperando que ela se abalasse, e Mels se recusou a satisfazer seu desejo, mesmo com o peito doendo por causa das imagens... principalmente a que mostrava em detalhes o ferimento na garganta, o corte profundo que atravessou a pele e penetrou os músculos rosa e vermelho, e a cartilagem pálida.

Mels colocou as fotos em cima mesa, fazendo questão de deixar a da garganta virada para cima, e notou que Dick, mesmo com todo aquele jeito machão, não quis olhar para a imagem.

– Obrigada – ela manteve os olhos colados nos dele. – Isso vai ajudar bastante.

Dick limpou a garganta como se tivesse percebido que fora longe demais, mesmo para seus padrões de cretinice.

– Quero ler o artigo detalhado assim que estiver pronto.

– Pode deixar.

Assim que ele sumiu, ela balançou a cabeça. Ele deveria saber que não podia mexer com Mels, sendo filha de quem era.

Na verdade, só o fato de querer dar em cima dela era nojento por si só.

Fez Mels pensar na maneira como Monty tirava proveito da tragédia dos outros.

Franzindo a testa, ela olhou as fotografias novamente, e então se concentrou na que fora tirada no necrotério. Havia uma mancha avermelhada estranha na barriga da vítima, como uma queimadura de sol...

O celular tocou e Mels atendeu sem olhar quem era.

– Carmichael.

– Olá.

A voz profunda despejou um calor que desceu por todo seu corpo. *Matthias*.

Por uma fração de segundo, ela imaginou como conseguira o número de seu celular. Mas então lembrou que escrevera o número em seu cartão de visitas.

– Ah, bom dia – ela disse.

– Como você está?

Em sua mente, começou uma partida de pingue-pongue entre o que Tony contara no carro e como se sentira ao beijar Matthias. Indo e vindo, indo e vindo...

– Mels, você está aí?

– Sim – ela esfregou os olhos, mas teve de parar, pois um deles ficou irritado. – Desculpa. Estou bem, e você? Lembrou de mais alguma coisa?

– Pra falar a verdade, lembrei sim.

Mels se ajeitou na cadeira e voltou a concentrar-se em uma coisa só.

– Como o quê?

– Será que você se importaria de investigar uma coisa para mim?

– Nem um pouco. Diga o que quer saber – enquanto ele falava, Mels tomava nota e escrevia nomes, aceitando a tarefa. – Certo. Sem problemas. Você quer que eu ligue de volta?

– Sim, por favor.

Houve uma pausa estranha.

– Certo – ela disse, constrangida. – Então, eu te ligo...

– Mels...

Fechando os olhos, ela sentiu aquele corpo pressionando contra o seu, aquela boca tomando a sua, a dominação intrínseca à personalidade dele começando a se manifestar.

– Você sabe o que aconteceu no seu hotel ontem à noite? – ela perguntou, abruptamente.

– Sim. Passei horas pensando em você.

Ela fechou novamente os olhos, tentando lutar contra a sedução.

– A polícia encontrou um cadáver. Que estava vestindo um colete à prova de balas muito moderno.

Outra pausa. Então, ele respondeu:

– Hum. Suspeitos?

– Ainda não.

– Eu não o matei, Mels, se é isso que está perguntando.

– Eu não disse que você matou.

– Mas é isso que está pensando.

– Quem são essas pessoas que você quer checar? – ela interrompeu, desenhando quadrados em volta dos nomes que ele havia passado.

– Apenas coisas que surgiram na minha mente – sua voz se tornou distante. – Olha, eu não deveria ter pedido isso. Vou conseguir as informações de outro jeito...

– Não – ela disse com firmeza. – Vou fazer isso e depois te ligo.

Mels desligou e ficou encarando o vazio. Então levantou e andou até chegar em outro cubículo. Inclinando-se por sobre a divisória, deu um sorriso forçado para um colega que não a conhecia bem o suficiente para perceber a falsidade.

– Oi, Eric, como é que vai?

Os olhos do cara se desviaram do computador.

– Oi, Carmichael. O que posso fazer por você?

– Queria saber sobre o assassinato do Marriott.

O repórter sorriu, como se estivesse orgulhoso de sua pauta.

– Algo específico?
– O colete.
– Ah, o colete – ele buscou em seus papéis em cima da mesa. – O colete, vejamos... – puxou uma folha e entregou para ela. – Encontrei isto na internet.

Mels franziu a testa enquanto lia as especificações.

– Cinco mil dólares?
– É o que custam sem ser personalizados. E o colete dele com certeza foi.

– Quem é que pode pagar tudo isso?
– É exatamente o que estou me perguntando – ele procurou outros papéis. – Grandes empresas de segurança é uma opção. O governo é outra, mas não pra um agente qualquer do FBI. Teria que ser um agente muito especial.

– Tinha algum VIP no hotel?
– Bom, foi isso que tentei descobrir na noite de ontem. Oficialmente, a equipe do hotel não pode divulgar nomes, mas ouvi o gerente da noite falando com um dos policiais. Não havia ninguém de especial sob o teto deles.

– E quanto aos arredores, no centro da cidade?
– Pois é, existem algumas grandes empresas na vizinhança, mas estavam todas fechadas, pois já tinha passado bastante da hora de expediente normal. E não faz sentido que alguém importante estivesse andando em Caldwell e algum de seus seguranças tivesse enlouquecido e entrado no caminho da faca de alguém.

– A que horas aconteceu?
– Perto das onze.
Depois que ela saiu em direção à cena do crime no motel.
– E ninguém tem pistas sobre a identidade?
– Nenhuma. O que nos leva a outra questão interessante – Eric mordeu a ponta de uma caneta Bic. – Não havia impressões digitais.

– Na cena?
– No cadáver. Ele não tinha impressões: foram totalmente removidas. Os ouvidos de Mels começaram a zumbir.
– Algum outro tipo de identificador?
– Uma tatuagem, aparentemente. Estou tentando conseguir umas fotos dela e do corpo, mas minhas fontes estão meio devagar – ele estreitou os olhos. – Por que está tão interessada?

Colete à prova de balas moderno. Sem digitais.

– E armas?

– Nenhuma arma, alguém deve ter levado – Eric inclinou-se para frente em sua cadeira. – Então, você não está pensando em falar com Dick pra conseguir um lugarzinho nessa história, não é?

– Meu Deus, não. É só curiosidade – ela se virou. – Mas agradeço pelas informações.

CAPÍTULO 22

Quando o telefone toucou meia hora depois, Matthias ficou apenas olhando para a coisa. Provavelmente era Mels retornando a ligação.

Droga, que confusão...

Depois que Jim saiu para tomar café da manhã, ou cuidar de suas coisas, ou fazer seja lá o quê, a primeira coisa que Matthias fez ao ficar sozinho, naturalmente, foi ligar para Mels e tentar descobrir se era verdadeira aquela história sobre o pai e o filho em Boston. Mas ainda não estava raciocinando direito, e nem passou por sua cabeça que ela já tinha ouvido sobre o tiroteio da noite passada. Estava em todos os jornais. Não precisava ser um repórter para saber da merda que acontecera por lá.

O telefone parou de tocar. Mas ela iria tentar de novo.

Deus, a voz dela quando ele telefonou... Mels parecia desconfiada, e por muitos motivos isso era bom para ela. Mas também o deixava triste.

Quando o telefone voltou a tocar, ele não aguentou mais. Pegou sua bengala, saiu do quarto e andou cegamente até um elevador. Começou a descer, sem fazer ideia de onde estava indo. Talvez para o café da manhã.

Sim, café da manhã.

Era o que as pessoas faziam às nove da manhã no país inteiro.

E, é claro, o único restaurante aberto era aquele que ele conhecera intimamente na noite anterior – ao passar pelas paredes de vidro colorido, ele decidiu que sairia do Marriott para...

– Matthias?

Ao ouvir a voz feminina, ele se virou. Era a enfermeira do hospital, aquela que lhe dera uma mãozinha, por assim dizer. Fora do trabalho, ela tinha um frescor de verão, com o cabelo preto solto sobre os ombros e um vestido esverdeado que descia até os joelhos.

Até parecia uma noiva.

– O que você está fazendo aqui? – ela disse quando se aproximou. – Pensei que estaria em casa se recuperando.

Quando as pessoas passavam por ela, os olhares eram inevitáveis: homens com desejo nos olhos, mulheres com vários níveis de inveja e desdém. Afinal, ela era realmente linda.

– Estou bem – ele tentou não olhar demais, pois era como encarar o sol:

doía nos olhos. – E você?

– Minha mãe está vindo me visitar. Ou melhor, já deveria estar aqui. O voo dela deveria ter chegado meia hora atrás, mas teve um atraso em Cincinnati por causa das tempestades. Estou decidindo se espero ou se vou pra casa: iríamos tomar café da manhã juntas no restaurante. É pra lá que você tá indo?

– Ah, sim.

– Bom, que tal se formos juntos? Estou com fome.

Seus olhos negros brilhavam com alegria, ao ponto de lembrá-lo de uma noite estrelada. Mas isso não era suficiente para fazê-lo aceitar o convite.

– Sim, vamos – ouviu sua própria voz, como se outra pessoa estivesse controlando sua boca.

Juntos, caminharam até a entrada do restaurante.

– Duas pessoas – Matthias disse, enquanto o recepcionista checava a enfermeira de cima a baixo para depois congelar como um animal na estrada olhando para os faróis de um carro, aparentemente impressionado com toda aquela beleza.

– Gostaria de um lugar perto da janela – ela disse, sorrindo vagarosamente para o cara. – Talvez perto...

Não a janela que ele usara para escapar, pensou Matthias.

– ... daquela ali.

Mas é claro que ela escolheu exatamente aquela.

– Ah, sim, claro, é para já – o recepcionista fez sua parte, conduzindo-os com alguns cardápios debaixo do braço. – Mas temos vistas melhores no salão, que dão pro jardim.

– Não queremos que bata muito sol – ela colocou a mão no braço de Matthias e apertou um pouco, como se quisesse demonstrar que estava preocupada com seu olho ruim.

Cara, ele realmente não gostava que ela o tocasse.

Enquanto andavam pelo salão, a enfermeira criou uma total comoção, com homens olhando por cima dos jornais, das canecas de café e até sobre a cabeça de suas esposas. Ela continuou andando a passos largos, como se aquilo fosse totalmente natural.

Depois de sentarem na frente da janela que ele e Jim haviam violado, o café chegou rápido e eles olharam o cardápio. Aquele ritual civilizado de escolher entre cinquenta tipos de pratos o deixava nervoso. E Matthias não queria comer junto com a enfermeira. Bom, não queria comer com ninguém.

A situação desconfortável com Mels era o problema. Sim, ele ligara pedindo as informações, mas a verdade era que queria apenas ouvir a voz

dela.

Ele sentira saudade durante a noite...

– Em que está pensando? – disse a enfermeira suavemente.

Ele olhou através da janela para o prédio do outro lado da rua.

– Acabei de perceber... que ainda não sei o seu nome.

– Oh, desculpe. Achei que estava escrito na ficha do quarto do hospital.

– Provavelmente estava, mas mesmo que estivesse escrito em neon não sei se notaria.

Era mentira, claro. Na verdade, não havia nenhuma enfermeira registrada na ficha, apenas um médico, e cujo uniforme também não tinha um crachá com nome.

O que parecia um pouco estranho, pensando bem...

Ela pousou elegantemente a mão no meio do peito, como se fosse um convite para ele olhar seu decote.

– Você pode me chamar de Dê.

Olhou em seus olhos.

– De Deidre?

– De Devina – ela desviou os olhos, como se não quisesse falar muito sobre seu nome. – Minha mãe sempre foi uma pessoa religiosa.

– O que explica seu vestido.

Dê balançou a cabeça com pesar e ajeitou a saia.

– Como você sabia que eu não me visto assim normalmente?

– Bom, primeiro porque parece um vestido para uma mulher com mais de quarenta anos. A calça jeans e a blusa que usou naquele dia pareciam mais apropriadas pra sua idade.

– Quantos anos você acha que eu tenho?

– Uns vinte e cinco – e talvez fosse por isso que não gostava quando ela o tocava. Ela era muito jovem, jovem demais para um cara como ele.

– Na verdade, tenho vinte e quatro. É por isso que minha mãe vem me visitar – ela tocou o peito novamente. – Meu aniversário.

– Parabéns.

– Obrigada.

– Seu pai também vai vir?

– Ah... então. Não – agora ela se fechou completamente. – Não, ele não virá.

Droga, a última coisa que ele precisava era entrar em detalhes pessoais.

– Por que não?

Ela ficou mexendo na caneca de café em cima do pires, movendo de lá para cá.

– Você é tão estranho.

– Por quê?

– Eu não gosto de falar sobre mim mesma, mas aqui estou eu, falando sem parar.

– Não me contou muita coisa, se isso faz você se sentir melhor.

– Mas... eu quero falar – por um segundo, seus olhos focaram os lábios dele, como se estivesse pensando em fazer coisas de que Matthias realmente não precisava. – Eu quero.

Não. Nem pensar.

Principalmente não depois de Mels, ele pensou.

Dê se inclinou e seus peitos ameaçaram saltar para fora do vestido.

– Não consigo parar de pensar em você.

Ótimo. Que maravilha. Que merda perfeita.

No tenso silêncio que se seguiu, Matthias olhou brevemente para a janela. Já tinha escapado por ali uma vez.

Se as coisas continuassem constrangedoras, poderia tentar de novo.

Mels colocou o telefone na base e se esticou na cadeira do escritório. Quando ouviu o chiado de sempre, fez uma nova musiquinha com o couro, balançando para frente e para trás.

Por alguma razão, seus olhos ficaram encarando a caneca de café que pertencera àquela repórter que trabalhava em seu cubículo.

Quando o celular tocou, Mels pulou e o agarrou. Checou rapidamente quem estava ligando e praguejou – não por causa de quem era, mas por causa de quem *não* era.

Talvez Matthias estivesse tomando banho.

As pessoas tomam banho pela manhã, não é?

Mas, tipo, por meia hora? Ela estava ligando de cinco em cinco minutos!

– Alô?

– Oi, Carmichael – era Monty, o Boca. Ela sabia por causa do jeito como ele falava. – Sou eu.

Bom, pelo menos ela também queria que ele ligasse.

– Bom dia.

– Eu tenho algo pra contar – sua voz ficou mais baixa, como se fosse um agente secreto falando. – É uma coisa explosiva.

Mels ajeitou-se na cadeira, mas não ficou com muita expectativa. Com sua sorte, “explosivo” devia ser apenas um grande exagero da parte dele.

– É mesmo?

– Alguém adulterou o corpo.

– Como é?

– Como eu disse, fui o primeiro na cena do crime e tirei algumas fotos.

Você sabe, como parte do trabalho – ela ouviu algo se mexendo, e então uma conversa aos fundos, como se ele estivesse falando com alguém enquanto cobria o fone. – Desculpa. Estou na delegacia. Vou sair daqui e depois ligo de novo.

Ele desligou antes que Mels pudesse dizer alguma coisa, e ela o visualizou evitando seus colegas e correndo para o estacionamento como se fosse um jogador de futebol.

De fato, quando ligou de volta, ele estava sem fôlego.

– Está me ouvindo?

– Sim, estou.

– Então, minhas fotos do corpo mostram algo que não aparece nas fotos oficiais.

Essa era a deixa para ela mostrar surpresa, e neste caso nem precisava fingir.

– Qual é a diferença?

– Venha me encontrar e eu te mostro.

– Quando e onde?

Depois de desligar, Mels checkou seu relógio e ligou para Matthias novamente. Ninguém respondeu.

– Ei, Tony – ela disse, esticando-se no corredor entre os cubículos. – Posso emprestar seu...

O cara jogou a chave sem nem mesmo parar de falar ao telefone. Quando ela mandou um beijo, ele agarrou o ar e beijou de volta.

Saindo apressada da redação, Mels entrou no carro de Tony e dirigiu para o centro da cidade, usando um caminho que... olha só, passava pelo hotel Marriott.

E digamos que ela estava uma meia hora adiantada de seu encontro com o Boca.

Por pura sorte, encontrou uma vaga apertada bem em frente à entrada do saguão. Precisou de duas tentativas para colocar o carro no lugar – sua habilidade para fazer balizas já não era a mesma desde que se mudara para Caldwell.

Além disso, a culpa que sentia por perseguir Matthias também não estava ajudando.

Enquanto entrava no saguão, pensou que alguém da segurança iria barrá-la a qualquer momento, mas ninguém prestou muita atenção nela – o que a fez pensar quantas outras pessoas entravam e saíam despercebidas dali.

No elevador, subiu até o sexto andar junto com um homem de negócios cujo terno antiquado e olhos vermelhos sugeriam que acabara de chegar de

um longo voo noturno. Talvez até tivesse vindo batendo as próprias asas.

Ao chegar no andar, virou à esquerda e andou pelo corredor acarpetado. Bandejas do serviço de quarto estavam ao lado das portas, como traiçoeiros tapetes de boas-vindas com seus pratos sujos, canecas vazias e guardanapos manchados. Ao final do corredor, um carrinho da camareira estava estacionado em frente a uma porta aberta, que vazava luz iluminando pacotes de papel higiênico, toalhas dobradas e várias latas de spray.

A porta de Matthias ainda tinha o sinal de “não perturbe” pendurado, e Mels entendeu que aquilo significava que ele ainda não fizera o *check-out*. Colando a orelha na porta, rezou para ele não escolher aquele momento para sair.

Não ouviu água correndo. Nem som de televisão. Nenhuma voz profunda ao telefone.

Ela bateu na porta. Depois bateu um pouco mais forte.

– Matthias – ela disse. – Sou eu. Abra a porta.

Enquanto esperava por uma resposta que não veio, Mels olhou para a camareira que saía com um saco de lixo na mão. Por um instante, considerou mentir dizendo que tinha esquecido a chave do quarto, mas, em um mundo pós-onze de setembro, sentiu que isso não iria funcionar – e poderia acabar sendo expulsa do hotel.

Bom, isso dizia muito sobre sua bússola moral: o problema nem era a invasão de privacidade, mas sim o medo de ser descoberta.

Com desgosto de si mesma e brava com Matthias, Mels voltou para o elevador. Quando chegou no térreo, sua intenção era marchar até o carro de Tony, dirigir e chegar realmente cedo em seu encontro com Monty e sua boca grande.

Em vez disso, ficou perambulando casualmente no saguão do hotel, olhando as vitrines da loja de conveniência, passando pelo spa...

Porque, claro, ele estaria comprando toalhas e recebendo massagens com duas rodela de chuchu nos olhos. Óbvio.

Quando chegou ao restaurante que estava aberto, Mels estava quase abandonando a busca, mas então deu uma última olhada lá dentro...

Do outro lado das mesas de jantar, sentado ao lado de uma janela, Matthias estava comendo junto com uma morena que usava um vestido verde-limão.

Quem era ela...?

Era aquela enfermeira? Do hospital?

– Gostaria de mesa pra um? – disse o recepcionista do restaurante.

Claro que não – a menos que a mesa tivesse um saco para vômito.

– Não, obrigada.

A morena começou a rir, jogando a cabeça para trás e deixando o cabelo voar para todo lado. Ela era tão perfeitamente bonita, como se fosse uma fotografia retocada em todos os lugares certos.

Era difícil dizer em que Matthias, sentado à sua frente, estava pensando, e em um momento absurdo de possessividade Mels ficou contente por ele estar usando os óculos escuros dela. Como se aquilo fosse um jeito de demarcar seu território.

– Então veio para se encontrar com alguém? – disse o recepcionista.

– Não – ela respondeu. – Acho que ele está ocupado.

CAPÍTULO 23

A risada de Dê era... bem, para falar a verdade, era divina. Ao ponto de até fritar um pouco o cérebro de Matthias: ele nem conseguia lembrar o que ela dissera de tão engraçado.

– Então, como está sua memória? – ela perguntou.

– Falhando.

– Ela vai voltar. Faz o quê, uns dois dias desde o acidente? – ela se ajeitou quando chegou seu prato com ovos mexidos, salsicha, torrada e batata assada. – É só dar um pouco de tempo.

O pão com manteiga que chegou para ele parecia anêmico em comparação com o prato dela.

– Tem certeza de que é só isso que você quer? – ela gesticulou com o garfo. – Você precisa ganhar peso. E eu acredito que um bom café da manhã é a melhor maneira de começar o dia.

– É bom estar com uma mulher que não é enjoada com comida.

– Pois é, eu sou assim, como de tudo – ela fez um sinal chamando o garçom novamente. – Ele vai querer um prato igual ao meu, obrigada.

Parecia falta de educação dizer que ele explodiria se comesse tudo aquilo, então apenas colocou de lado o pão com manteiga. Ela provavelmente estava certa. Matthias se sentia sem energia e desconectado: o sanduíche que comera com Mels já havia sido digerido faz tempo, graças àquele ninja cretino que apareceu do nada atirando.

– Não espere por mim – ele disse.

– Eu não ia esperar.

Matthias sorriu friamente e passou um tempo olhando ao redor no salão do restaurante. A maioria das pessoas era exatamente o que se esperava encontrar em um hotel daquele tipo... exceto por um sujeito no canto que parecia seriamente fora de lugar: estava usando um terno mais bem cortado do que qualquer outro ali, e parecia fora de moda até para quem não entende dessas coisas.

Caramba, aquela roupa parecia ser própria para uma festa dos anos 20 – talvez tivesse até sido criada nessa época...

Como se percebesse que estava sendo observado, o homem levantou os olhos, com uma aparência aristocrática.

Matthias voltou a se concentrar em sua companhia. Dê cortava a comida com movimentos precisos do garfo, cujas pontas penetravam com facilidade nos ovos mexidos e na batata.

– Às vezes, não lembrar pode ser uma coisa boa – ela disse.

Pois é, ele pensou, sentia que isso era particularmente verdade em se tratando de sua vida. Deus, se aquela história que Jim contou fosse verdade...

– E eu não tive intenção de ser evasiva quanto ao meu pai – ela continuou. – É só que... eu não gosto de pensar nele – baixou o garfo no prato e ficou observando a janela. – Eu faria qualquer coisa para esquecer meu pai. Ele era... um homem violento... malvado e violento.

Com um movimento rápido, o olhar dela voltou a se fixar nos olhos dele.

– Sabe do que estou falando? Matthias...

De repente, surgiu outra daquelas dores de cabeça, invadindo seus pensamentos e acumulando em suas têmporas, como duas pontadas de dor em cada lado da cabeça.

Ele viu, vagamente, que os perfeitos lábios vermelhos de Dê se moviam, mas não ouvia as palavras: era como se tivesse saído do corpo... e então, o próprio restaurante começou a recuar, como se as paredes estivessem sendo puxadas para trás e desaparecendo ao longe, até que repentinamente Matthias já não estava mais no Marriott, mas em algum outro lugar.

Estava no segundo andar de uma casa de fazenda forrada por tábuas de madeira no chão, paredes e teto. A escada à sua frente era íngreme, e o corrimão feito de pinho já estava escurecido pelas inúmeras mãos que o usaram como apoio.

O ar estava parado e abafado, embora não fizesse calor.

Matthias olhou para trás e encontrou um quarto que reconhecia como seu. As duas camas tinham cobertores diferentes e nenhum travesseiro... a escrivaninha tinha arranhões e os puxadores estavam caindo... não havia tapete. Mas, na pequena mesa perto de onde dormia, havia um rádio novo em folha que parecia completamente fora de lugar, com detalhes em imitação de madeira e um botão prateado.

Olhando para baixo, notou que vestia calças rasgadas com bainhas enroladas que deixavam os pés expostos; a mesma coisa acontecia com as mãos, que pareciam gigantes comparadas com os magros antebraços – suas extremidades estavam grandes demais em relação ao resto do corpo.

Lembrou-se desse estágio em sua vida e entendeu que era um jovem. Catorze ou quinze anos...

Um som o fez virar a cabeça.

Um homem estava subindo a escada. Seu sobretudo estava sujo; o cabelo estava liso de suor, como se um chapéu ou boné o tivesse coberto por muito tempo; as botas soavam alto.

Um homem grande. Um homem alto.

Um homem mau.

Seu pai.

De uma só vez, tudo mudou: sua consciência separou-se da carne de tal maneira que não era mais capaz de controlar o corpo, a direção de sua vida parecia ter sido tomada por outra pessoa.

Tudo o que podia fazer era olhar através dos próprios olhos quando seu pai subiu o último degrau e parou.

Aquele rosto tinha ficado exposto ao clima por tanto tempo que agora parecia revestido de couro bovino, e havia um dente faltando quando ele sorriu como um assassino em série.

Seu pai ia morrer, pensou Matthias. Aqui e agora.

Por mais improvável que fosse, dada a diferença de tamanho entre eles, o homem iria ao chão e estaria morto em questão de minutos...

De repente, Matthias sentiu a si mesmo começar a falar, seus lábios formando sons que ele não registrava, mas que tinham impacto em seu pai.

A expressão mudou, o sorriso sumiu, o dente faltando desapareceu quando a boca do pai se fechou. A raiva fez aqueles olhos azuis elétricos ficarem estreitos, mas isso não durou muito. Uma onda de choque se seguiu. Como se ele estivesse muito confiante sobre algo, mas agora não tivesse mais tanta certeza.

E, enquanto isso, Matthias continuava a falar devagar e com fimeza.

Foi ali que tudo começou, pensou consigo mesmo: aquele homem, aquele homem do mal com quem vivera sozinho por tempo demais, aquele cretino nojento que o “criou”. Mas agora era hora do acerto de contas, e sua versão mais jovem não sentia nada enquanto falava aquelas palavras, sabendo muito bem que estava finalmente enfrentando o monstro.

Seu pai agarrou a frente do próprio sobretudo, bem acima do coração, apertando o tecido com as unhas cheias de sujeira.

E Matthias continuou a falar.

Até o outro cair ao chão. Seu pai caiu de joelhos, a palma da mão livre escorregando do corrimão, a boca abrindo-se tanto que os outros dentes que faltavam no fundo também ficaram expostos.

Ele nunca achou que seria pego. Foi isso que o matou.

Bom... tecnicamente, a causa da morte foi um infarto no miocárdio. Mas a causa verdadeira foi o fato de que o segredo sujo que compartilhavam fora revelado.

A morte levou todo o tempo que precisava.

Enquanto seu pai agonizava deitado de costas, as mãos agora apertando a axila esquerda, que doía como o diabo, Matthias ficou parado onde estava e assistiu o processo se desenrolar. Aparentemente, respirar estava cada vez mais difícil, o peito subia e descia sem muito efeito; debaixo do bronzeado, a cor de seu pai estava sumindo.

Quando a vista voltou a mostrar o quarto, Matthias entendeu que ele se virara e estava andando em direção ao rádio, que ligou enquanto se sentava. Ainda podia enxergar seu pai lutando como uma mosca presa em um parapeito, os membros se contraindo de um lado para outro, a cabeça arqueando para trás como se pensasse que um ângulo diferente pudesse ajudar com a respiração.

Mas não ajudaria. Mesmo um garoto de quinze anos da fazenda sabia que, se o coração não estivesse bombeando, cérebro e órgãos vitais falhariam, não importava quanto ar ele tentasse puxar.

Lá no campo, o rádio pegava apenas cinco estações, e três eram religiosas. As outras duas tocavam música country e pop, então ficou virando o botão, indo e vindo entre elas. De tempos em tempos, apenas porque sabia que seu pai logo iria encontrar o Criador, ele deixava um sermão ecoar pela casa.

Matthias não sentiu nada além de frustração por não conseguir encontrar um rock pesado para tocar. Achava que um Van Halen combinava mais com a demorada morte de seu pai do que um cretino como Conway Twitty ou Phil Collins.

Fora isso, ele estava sereno como um lago, forte como concreto.

Caramba, ele nem se importava que aquilo significasse o fim dos abusos. Queria apenas saber se era capaz de se livrar do velho, como se a empreitada fosse um projeto da escola: ele planejou, colocou as peças no lugar e então acordou naquela manhã e decidiu empurrar a primeira peça do dominó.

E conseguiu, graças a sua professora muito religiosa, maleável e de bom coração.

No corredor da escola, ele chorou na frente dela enquanto contava sobre o inferno no qual vivia, mas aquele show de lágrimas era apenas para lhe dar uma motivação extra. Na verdade, a grande revelação não causou mais emoção nele do que uma troca de roupa: enquanto manipulava a professora com a verdade, em seu interior ele estava frio como gelo, sem sentir nem satisfação pela primeira parte do plano realizada, nem excitação por aquilo estar finalmente acontecendo.

O resto aconteceu rápido, e essa velocidade foi a única coisa que não

esperava: ele foi mandado imediatamente para a enfermaria, depois a polícia chegou, papéis foram preenchidos e enviados, e lá se foi Matthias para as mãos do sistema.

As autoridades enviaram apenas mulheres para tratar dele, como se isso fosse deixar as coisas mais fáceis. Principalmente durante os exames físicos – que eles achavam que seriam realmente perturbadores para Matthias.

E quem era ele para não fazer o que eles queriam?

Entretanto, não esperava mesmo ser mandado para um lar adotivo em menos de duas horas.

Acontece que a única coisa que realmente queria era aquela parte, o acerto final com seu pai deitado ali no chão – e foi preciso escapar e roubar um carro para chegar antes que a polícia levasse seu pai para a prisão, quando o homem voltasse do trabalho nos campos de milho. Tudo teria sido em vão se ele estragasse essa parte.

Mas funcionou perfeitamente.

Nos últimos momentos da vida miserável de seu pai, Matthias virou o botão do rádio para uma das estações religiosas – e parou por um momento. O sermão era sobre o Inferno.

Parecia apropriado.

Ele assistiu quando o último suspiro surgiu e a calma prevaleceu. Era tão estranho, um ser humano repentinamente passando para o outro lado, um ser vivo tornando-se indistinguível de uma torradeira, um tapete, ou até mesmo um rádio relógio.

Matthias esperou mais um pouco até aquele rosto tornar-se completamente cinza. Então levantou, tirou o rádio da tomada e colocou-o debaixo do braço.

Os olhos de seu pai estavam abertos e encaravam o teto, da mesma maneira que ele próprio fizera por muitas noites durante o passar dos anos.

Matthias não mostrou o dedo do meio, não cuspiu nem chutou o corpo. Apenas passou por ele e desceu as escadas. Seu último pensamento enquanto deixava a casa era que aquilo tinha sido um interessante exercício mental...

E queria saber se conseguiria fazer de novo.

– Matthias?

Deixando escapar um grito, ele pulou em sua cadeira. O restaurante ressurgiu ao seu redor, as paredes se reergueram, o som ambiente de pessoas comendo e conversando voltou a ser registrado por seu cérebro.

Quando as pessoas olharam para ele, Dê se inclinou e disse:

– Você tá bem?

Seu belo rosto mostrava uma perfeita expressão de compaixão, os lábios entreabertos como se a aflição dele dificultasse sua respiração.

O afastamento que o seu eu jovem sentira voltou a ocupar um lugar em seu peito, como se a memória tivesse calibrado seu motor interno, reajustando-o, como um carro que precisa de alinhamento. Encarou a mulher com distanciamento, uma fria objetividade que os separava mesmo estando a poucos metros um do outro.

Emoções podiam ser facilmente fingidas. Ele sabia muito bem disso.

O sorriso que mostrou a ela parecia diferente em seu rosto – mas ao mesmo tempo era muito familiar.

– Estou muito bem.

O garçom se aproximou naquele momento trazendo o grande café da manhã e, quando o colocou na mesa, Matthias podia jurar que viu Dê recostar-se e sorrir de satisfação.

De pé ao lado do recepcionista do restaurante, Mels estava cansada de bancar a perseguidora. O fato de ela ter vindo até o hotel já era razão suficiente para se sentir mal, mas agora que o encontrara com aquela enfermeira... Tinha duas razões para se sentir mal: não respeitava a si mesma, e aquela outra mulher era tão bonita quanto a Sofia Vergara, só um tolo não veria isso.

Quando um prato do tamanho de um ônibus foi colocado na frente de Matthias, ele olhou para sua companheira com um sorriso maroto e...

A cabeça dele virou sem motivo, bem quando Mels estava prestes a dar meia-volta.

Seus olhos se encontraram e instantaneamente aquela expressão cínica dele se transformou em algo que Mels não conseguia interpretar – mas ela disse a si mesma que não se importava.

Tanto faz. Aquilo não era da sua conta.

E ela não faria nenhuma cena. Em vez disso, se dirigiu calmamente para a porta giratória do saguão...

– Mels! – ouviu um grito vindo de trás.

Não dava para fingir que ele não estava vindo atrás dela, e, além disso, ela não tinha razão para ignorá-lo.

– Eu não queria interromper seu café da manhã – ela disse quando parou e deixou ele se aproximar. – E estou a caminho de uma reunião. Quando você não atendeu o telefone, pensei em parar um pouco no hotel.

– Mels...

– Aquela história que você me pediu pra checar é verdadeira. A única

diferença é que o nome é escrito com um “e”. O certo é Childe. O filho morreu de overdose, e o pai estava presente quando aconteceu. A filha ainda está viva... é uma advogada em Boston. O pai trabalha para o governo, em vários cargos. Pelo menos, é isso que consta nos jornais. Não sei de informações que não sejam públicas – enquanto ele apenas a encarou, Mels levantou o queixo. – Bom, o que esperava que eu encontrasse?

Ele esfregou o rosto como se estivesse com dor de cabeça.

– Não sei. Eu... quando o filho morreu?

– Não faz muito tempo. Dois anos e meio, acho...

– Seu café da manhã está esfriando.

Mels olhou para a enfermeira. A mulher olhava apenas para Matthias enquanto se aproximava, como se ele não estivesse falando com mais ninguém.

Certo, ela parecia fantástica com aquele vestido. Seu corpo transformava algo essencialmente recatado em um grande show sexy...

Repentinamente, Mels lembrou daquele episódio de *Seinfeld* com a Terri Hatcher... é, aqueles seios eram provavelmente reais e espetaculares. Já Mels tinha de usar sutiãs com armação para levantar um pouco os seus...

– Eu estava mesmo indo embora – Mels disse. – Ou vou me atrasar para minha reunião.

A enfermeira lançou um olhar dispensando-a, com aqueles olhos castanhos dizendo não apenas “vai logo embora”, mas também “dane-se você”.

– Vem, vamos voltar pra mesa.

Matthias apenas continuou encarando Mels, ao ponto de ela pensar que ele tentava dizer algo. Mas ele tinha ovos frios e pernas quentes para se preocupar, então seu prato já estava cheio sem Mels para atrapalhar.

Ela acenou para os dois e saiu pela porta em direção à rua.

O sol brilhava enquanto Mels andava até o carro de Tony. O interior do sedã estava quente. Ajeitando-se no banco do motorista, ela deu um sermão em si mesma antes de girar a chave – mas aquilo não ajudou em nada.

Nem mesmo a parte sobre como um homem misterioso e não disponível tinha muito mais chances de, segundo seu instinto de repórter, parecer muito mais atraente do que um cara normal qualquer – mas ser atraente não fazia dele uma boa opção.

Talvez fosse por isso que ela ainda estava solteira. Não era por falta de convites para sair. Provavelmente tinha mais a ver com o fato de que os

homens que a convidavam para sair tinham empregos fixos, aparência boa o suficiente... e memórias.

Nada de mistério, nada de emoção.

Ela tinha de gostar de um cara com um passado nebuloso e uma companheira de café da manhã que tinha corpo de Barbie e cabelo de comercial de TV.

Saudável, muito saudável.

Mels deu a partida no carro e entrou no trânsito: seu encontro com Monty, o Boca, estava marcado em um parque a sete quarteirões dali.

Pelo menos a sincronia de tudo estava a seu favor: se tivesse de voltar à redação e encarar a tela do computador fingindo que trabalha, ela acabaria louca.

Malditos homens, pensou consigo mesma ao encontrar uma vaga, e desta vez fez uma baliza melhor.

Seguiu as instruções que recebeu – toda aquela história com Monty parecia saída de filmes de espionagem, com ela o encontrando em um banco debaixo de um bordo específico. Só precisava de um jornal para se esconder e uma senha secreta para entrar definitivamente no mundo de James Bond.

Monty chegou dez minutos depois, vestindo roupas civis que o faziam parecer um cafajeste qualquer. Ele estava de bom humor: essa coisa de espionagem claramente produzia o drama que ele necessitava.

– Ande atrás de mim – ele disse, com a voz baixa, ao passar por ela.

Ah, isso era ridículo!

Mels levantou quando ele estava a uns três metros. Ela caminhou mantendo o ritmo de Monty, se perguntando por que diabos estava se submetendo àquilo.

Depois de andarem um pouco, chegaram ao leito do rio, ao lado de um grande embarcadouro com estilo vitoriano onde as pessoas podiam ancorar suas canoas e barcos nos meses mais quentes.

Quando ela entrou, seus olhos levaram um segundo para se acostumar à escuridão: as janelas em forma de diamante não deixavam entrar muita luz do sol, as prateleiras cheias de remos, as pilhas de boias e as velas enroladas faziam o lugar parecer completamente lotado. E também era barulhento, em certo sentido: por toda parte, as ondas do rio batiam nas paredes do lugar e o som ecoava pelos espaços vazios debaixo do grande teto...

De repente, um bando de andorinhas voou de seu ninho, passando em rasante sobre eles antes de escapar pela janela, ganhando o céu.

Quando seu coração voltou a bater no ritmo normal, Mels disse:

– Então, o que você tem pra mim?

Monty lhe entregou um grande envelope.

– Imprimi isto em casa hoje de manhã.

Mels retirou o clipe de metal e abriu o envelope.

– Quem mais sabe sobre isto?

– No momento, apenas eu e você.

Uma a uma, ela retirou três fotos coloridas, todas da vítima: a primeira era de corpo inteiro com a camisa no lugar, a segunda mais aproximada e com a camisa levantada, a terceira em close mostrando o que parecia ser uma série de símbolos.

Cecília Barten.

Esse foi o nome que surgiu na mente de Mels enquanto examinava as imagens: Sissy fora outra garota, mais jovem e muito, muito longe de uma vida na qual ser assassinada fosse um dos ossos do ofício. Seu corpo fora encontrado recentemente em uma pedreira, com o mesmo tipo de símbolos gravados no abdômen. Sua garganta também fora cortada. E ela era loira.

– Você viu as fotos da cena do crime, não é? – perguntou Monty.

– Sim – Mels voltou a olhar a foto dos símbolos. – A pele estava vermelha, mas não havia nada disso. Então, me conte, de modo extraoficial se você preferir: como isso aconteceu? Você disse que foi um dos primeiros a chegar...

– Fui o primeiro a chegar. Fui com o gerente até o quarto e prontamente comecei os procedimentos de rotina. Isolei a porta e chamei reforços.

– Onde estava sua parceira?

– Ela estava doente, então eu saí sozinho. Corte de gastos, sabe como é. Nada de substitutos. Tanto faz, enquanto eu esperava, tirei essas fotos.

Ela odiava gente que falava *tanto faz*.

– Você mexeu na camisa.

– Eu estava examinando o corpo e a cena, seguindo os procedimentos normais.

Perverso.

– Mas por que tirou as fotos se a fotógrafa oficial estava pra chegar?

– A verdadeira pergunta é: o que aconteceu com os símbolos?

Caramba, aquilo não estava cheirando bem, pensou Mels.

Olhando em seu rosto, ela perguntou:

– Então, o que posso fazer com isto?

– No momento, nada. Não quero ser acusado de adulterar o corpo.

Mas você fez exatamente isso, ela pensou consigo mesma.

– Então por que está me dando as fotos?

– Alguém tem que saber. Talvez eu fale com De la Cruz... ou talvez

você possa publicar no jornal e dizer que as fotos são de uma fonte anônima. O negócio é que o horário da morte foi dado como perto das cinco ou seis horas, então o assassinato aconteceu logo depois que o sei-lá-quem pagou e entrou no quarto. Quando eu cheguei eram quase nove e quinze. Isso deixa quatro horas e meia para alguém ter entrado e saído de lá.

Mas o que ele não percebia, talvez de propósito, era o fato de que aqueles símbolos tinham desaparecido entre o momento em que ele chegara à cena do crime e o momento das fotos oficiais. O corpo não podia ter ficado muito tempo sozinho, e cicatrizes não desaparecem simplesmente.

Aquilo *realmente* não estava cheirando bem.

– Certo, só me diga o que posso publicar sem te trazer problemas – ela disse. – Quando você quiser.

Ele assentiu como se tivessem fechado um acordo e começou a andar.

– Espera um pouco, Monty, tenho uma pergunta rápida sobre outro assunto.

Ele parou na porta.

– O que foi?

– Sabe aquele homem que foi encontrado morto no Marriott?

– Ah, aquele cadáver na entrada de serviço? Que depois desapareceu do necrotério?

Mels parou de respirar.

– Como é?

– Você não ficou sabendo? – ele se aproximou novamente. – O corpo sumiu. Hoje de manhã.

Impossível.

– Foi roubado? Do necrotério do Hospital St. Francis?

– Aparentemente.

– Como uma coisa dessas pode acontecer? – quando Monty deu de ombros, ela balançou a cabeça, pois sabia que, seja lá o que acontecera com o corpo, boa coisa não era. – Bom, espero que encontrem. Escuta, você por acaso sabe que tipo de balas eles encontraram no colete que a vítima estava vestindo?

– Calibre quarenta.

– E ouvi falar que tinha uma tatuagem no corpo?

– Não sei. Mas posso descobrir.

– Eu agradeço.

Ele deu uma piscadela e um sorriso maroto.

– Sem problema, Carmichael.

Quando ficou sozinha, Mels observou as fotos novamente, uma a uma... e deduziu que Caldwell provavelmente tinha outro assassino serial em suas ruas.

Não era exatamente o tipo de segurança do trabalho que ela e os policiais esperavam.

E começou a suspeitar que talvez fosse alguém da própria força policial.

CAPÍTULO 24

Quando Devina dobrou seu guardanapo ao lado do prato vazio do café da manhã, ela sorriu para sua vítima, que estava sentada do outro lado da mesa. De uma forma geral, as coisas até que iam bem. A memória de Matthias estava voltando, e a lembrança que ela destravara sobre o pai dele trouxera de volta aos seus olhos o tipo de brilho que ela gostava de ver.

Seu velho pai fora essencial, é claro: fora o início da maldade, uma prova definitiva de que a infecção podia acontecer mesmo de humano para humano, e não apenas de demônio para humano.

Mas ela precisava ter cuidado ao mexer nesse vespeiro.

– Eu pago a conta – disse Matthias, levantando o braço para chamar o garçom.

– Você é um perfeito cavalheiro – ela colocou a mão dentro da bolsa e começou a contar seus batons da esquerda para a direita. – Estou feliz por termos encontrado um ao outro.

... três, quatro, cinco...

– Foi um golpe de sorte – ele olhou para a janela, como se estivesse fazendo planos. – Quais seriam as chances disso acontecer?

... seis, sete, oito...

– O que você vai fazer hoje? – ela perguntou, seu coração batendo mais forte enquanto o fim da contagem se aproximava.

... nove, dez, onze...

Ele respondeu, mas ela não prestou atenção, pois estava quase acabando de contar.

Doze.

Treze.

Deu um suspiro, pegou o último tubo e tirou a tampa. Encarando Matthias, ela o fez olhar para sua boca enquanto expunha a ponta vermelha do batom e passava lentamente pelos lábios.

Ele fez exatamente o que ela queria, mas a resposta não foi a que desejava: a reação dele foi mais clínica do que sexual. Como se ela fosse um instrumento que Matthias estava considerando brevemente se usaria ou não.

Devina franziu a testa. Quando ele disparou atrás daquela repórter, não

havia nada dessa frieza distante. Mesmo vestido ele parecia nu, focado naquela mulher como se ela estivesse dentro dele, em vez de ser algo separado e distinto.

O demônio apertou e soltou os lábios, sentindo a boca voltar a mostrar a maciez de sempre – e, para ter certeza que ele entendera a intenção, ela inseriu em sua mente um pensamento sobre aquela boca envolvendo seu pau, chupando, sugando e engolindo.

Não funcionou.

Ele apenas olhou para o garçom, pegou a conta e escreveu o número de seu quarto.

Uma forte lufada de vento estremeceu as janelas e seu som fez todos no restaurante levantarem a cabeça, incluindo Matthias. Sentada em frente a ele, Devina fervilhava de raiva. Seu ódio se manifestou e tocou os elementos lá fora, atraindo uma ventania do Sul.

Tudo o que ela conseguia pensar era em como Jim a enganara – e agora esse cretino aleijado, que voltaria para o Inferno assim que a rodada terminasse, também a estava esnobando.

Cretinos. Os dois eram grandes cretinos.

Ela se levantou e pendurou a bolsa no ombro.

– Até quando você vai ficar hospedado aqui?

– Não por muito tempo.

Era verdade. As coisas estavam acontecendo com muita velocidade, mesmo que ele não estivesse ciente, e esta rodada terminaria rapidamente.

Talvez Devina devesse levá-lo para o quarto e lembrá-lo de que era um homem e não um robô – e aquela “dificuldade” não seria problema desde que estivesse com ela.

Boa sorte com aquela repórter nesse quesito, pensou ela.

– Vou sair agora – ele disse, como se a estivesse dispensando.

Devina estreitou os olhos e então lembrou que estava representando um papel.

– Bom, tenho certeza de que vou te encontrar por aí.

– Parece que sim. Boa sorte com sua mãe.

Quando ele se virou, ela quis transar com ele por outras razões além daquela rodada. Matthias tinha o mesmo tipo de força – e a mesma personalidade elusiva – de Jim.

Ela deveria ter prestado mais atenção nesse homem na época em que o possuía. Felizmente, ele logo voltaria para casa.

Nesse meio tempo, Devina precisava cuidar daquela repórter. Ela não precisava desse tipo de influência no jogo.

E acidentes acontecem a toda hora. O Criador não poderia culpá-la por

isso.

Matthias tomou um táxi até a sede do *Correio de Caldwell* e esperou no estacionamento atrás do edifício. Ele deduziu que Mels tinha emprestado o Toyota para ir até o hotel e, de fato, aquela lata-velha não estava estacionada junto com os outros carros velhos cheios de lixo.

Parecia até que ter um carro caindo aos pedaços fazia parte da profissão de jornalista.

Ficou ao lado da porta dos fundos, encostado na parede e apoiando-se na bengala. No céu, nuvens cobriram o sol e sombras tomaram conta do lugar enquanto a noite se anunciava.

Ele estava sendo observado.

Não pelas pessoas que surgiam e sumiam pela saída... ou pelos fumantes que baforavam por alguns minutos e voltavam para dentro... ou pelas pessoas dirigindo pelo estacionamento lotado à procura de uma vaga.

Havia alguém observando-o constantemente, em posição fixa, à sua direita.

Poderia ser alguém em um daqueles carros alinhados na rua ao lado do estacionamento. A única outra opção era o telhado do edifício do outro lado da rua, já que as paredes não tinham janelas.

Ele precisava conseguir um pouco de munição. Sem balas, a arma calibre quarenta com silenciador que ele pegara “emprestado” de Jim servia apenas para golpear – o que não era exatamente inútil, mas não era a mesma coisa que um projétil mortal de longa distância.

O Toyota que ele esperava apareceu na curva e entrou. Quando o carro parou bruscamente, Matthias soube que Mels o avistara.

Ela estacionou na primeira vaga disponível, saiu do carro e se aproximou com a cabeça erguida e os cabelos balançando ao vento.

– Está queimando as calorias do seu café da manhã com uma boa caminhada? – ela perguntou.

Uma sutil pontada em seu peito surgiu quando ele a olhou nos olhos, e aumentou gradualmente, chegando até a dificultar sua respiração.

– Sinto muito – ele disse com a voz rouca.

– Pelo quê?

Tudo que ele conseguiu fazer foi balançar a cabeça, pois sua voz sumira. Aquela clareza fria e calculada que sentira após ser atingido pelas visões do passado havia sumido. Em seu lugar, havia uma sensação de impotência, como se ele fosse uma fortificação que perdeu a linha de defesa.

– Matthias, você está bem?

O que veio a seguir simplesmente aconteceu: ele se aproximou e colocou as mãos ao redor da cintura dela... e então a abraçou, mergulhando o rosto em seus cabelos soltos e perfumados.

– O que aconteceu? – ela disse suavemente enquanto acariciava as costas dele.

– Eu não... – que droga, ele estava fora de si. – Não posso...

– Está tudo bem...

Eles ficaram abraçados por um tempo enquanto trovões ecoaram, como se o céu não os aprovasse, e relâmpagos rasgaram o ar por baixo da camada de nuvens escuras.

Que diabos ele estava fazendo? A verdade era que Matthias queria ficar ali para sempre: quando abraçava o corpo quente daquela quase estranha, não havia passado nem futuro, apenas o presente, e aquela falta de um horizonte ou paisagem era o abrigo de que ele necessitava no momento.

A chuva começou a cair em grandes gotas, ao ponto de sentirem como se fossem atingidos por pedregulhos.

– Vem pra dentro – ela disse, tomando sua mão e usando um cartão de identificação para entrar no prédio.

Um estranho perfume químico invadiu o nariz dele. Mas não era nenhum produto de limpeza; Matthias estava sentindo o cheiro da tinta nas prensas.

– Aqui – ela disse, virando a maçaneta e empurrando a porta vermelha com o quadril.

A sala de reunião tinha cadeiras desiguais e uma longa mesa. Nada ali combinava, o lugar parecia um verdadeiro Frankenstein de móveis de escritório. Mas havia um bebedouro em um canto, e Mels trouxe um copo de água.

– Beba isto.

Matthias fez o que ela pediu e, enquanto bebia, fez o possível para se recompor.

Mels sentou em cima da mesa deixando as pernas balançarem de lá para cá vagarosamente.

– Converse comigo.

Mas que droga, como poderia contar o que aconteceu? O que é que ele estava fazendo ali, afinal?

Bom, pelo menos sabia a resposta para essa última pergunta. Ele queria ser honesto com uma pessoa. Finalmente. Precisava apenas fazer uma conexão com ela, como se Matthias estivesse em queda livre e Mels fosse uma corda para ser agarrada, e as palavras que ele precisava dizer fossem

sua maneira de lutar pela vida.

– Eu matei meu pai.

Os pés dela pararam em meio ao balanço, os ombros ficaram tensos.

– Depois de muitos anos em que ele... – fale. Vamos, fale. Fale, seu idiota! – Ele era um homem violento, e bebia muito. Coisas... aconteceram. Coisas que não deveriam acontecer e eu...

O olhar no rosto dela gradualmente mudou, voltando a mostrar compaixão.

Mas, quando parecia que ela colocaria os pés no chão para abraçá-lo, Matthias levantou as duas mãos.

– Não, eu não posso... não vou conseguir terminar de falar se você me tocar.

– Certo – ela respondeu vagorosamente.

– Nem sei por que estou contando isso.

– Não precisa ter uma razão.

– Sinto que deveria ter.

– Você sabe que pode confiar em mim, não é? Posso ser repórter, mas eu estava falando a verdade quando disse que isso é apenas meu trabalho, e não quem eu sou.

– Sim – ele passou a mão nos cabelos e então tirou os óculos escuros. – Desculpa, mas preciso ter uma visão clara de você.

Ela franziu a testa.

– Não precisa pedir desculpa.

Ele mostrou o Ray-Ban e disse:

– Pensei que preferia que eu usasse os óculos. Você sabe, lá no restaurante... porque assim você não precisava olhar pro meu rosto.

– Não foi por isso que eu disse que você podia ficar com os óculos. Você não é feio pra mim, Matthias. Nem um pouco. E não precisa se esconder.

Por algum motivo, ele sabia que aquilo não iria durar. Sentia que quanto mais coisas ele lembrasse, pior seria a imagem de seu passado – como um quebra-cabeça que você achava que se tornaria uma linda paisagem, mas acaba sendo a horrível figura de Michael Myers, do filme *Halloween*.

– Eu denunciei ele – Matthias ouviu a si mesmo falar. – Falei com a minha professora, depois fui mandado para a enfermaria da escola, e eu contei tudo a eles, expliquei minhas faltas, os hematomas e... as outras coisas. Eu tinha quinze anos. Aguentei tudo calado até aquele ponto...

– Meu Deus, Matthias...

– ... mas então larguei mão de tudo, e o sistema entrou em ação. Ele teve um ataque do coração na minha frente quando eu contei que agora

todo mundo sabia do segredo.

– E é por isso que você pensa que matou ele? Matthias, você não fez nada de errado.

– Sim, eu fiz. Assisti a morte dele. Não telefonei para a emergência, não corri para buscar ajuda, fiquei lá parado assistindo quando ele caiu na minha frente.

– Você era uma vítima de abuso e estava em estado de choque. Não é sua culpa...

– Eu fiz de propósito.

Agora ela franziu a testa novamente.

– Não estou entendendo.

– Eu não me importava com as coisas que ele fez comigo. Aquilo era mais uma chateação do que qualquer outra coisa – ele deu de ombros. – A coisa toda sobre a denúncia foi só um exercício mental pra mim. Entende? Eu conhecia ele muito bem – ele apertou as têmporas. – Eu conhecia a maneira como ele pensava, as coisas que o deixavam forte. Ele gostava de ser mal e ter poder sobre mim. Era um cara não muito esperto que trabalhava o dia todo com animais burros e espigas de milho. Quando ele precisava lidar com adultos do mesmo nível, seu complexo de inferioridade surgia. Ele ameaçava me matar se eu contasse pra alguém, e isso era seu inferno pessoal. Aquele segredo era muito importante pra ele, e não porque abusar de um filho é algo ilegal. Eu *sabia* que isso o afetaria além de parar com os abusos... e eu queria ver o que aconteceria.

– Espera, deixa eu perguntar uma coisa. Quanto tempo você passou vivendo com ele?

– Minha mãe morreu no parto.

– Então passou a vida inteira.

– Morei em outro lugar por um tempo, mas depois voltei a ficar com ele.

– Quando era pequeno.

– Sim.

– E não te ocorreu que naquela época você era apenas um garoto salvando a si próprio?

– Esse foi o resultado final, mas não era minha motivação. E é isso que me abala tanto.

Mels balançou a cabeça.

– Eu acho que você precisa aprender a se perdoar um pouco.

Ah, inferno, ela nunca entenderia. Matthias podia ver em seus olhos – ela já tinha cristalizado uma opinião sobre ele e nada mudaria aquilo.

– Matthias não é meu nome verdadeiro.

– Então como se chama?

Havia se lembrado. No café da manhã.

Ele a encarou por um longo tempo, observando o rosto, o pescoço, o corpo esguio... e então voltou aos olhos inteligentes.

Não compartilharia aquela informação. Não conseguiria.

E, no silêncio que se seguiu, ele sentiu uma necessidade esmagadora de ficar sozinho com ela novamente, e não em um lugar público. Em seu quarto. Naquela cama de hotel cujos lençóis cheiravam a limão. Ele queria mais um pouco dela antes de partir, como se ela fosse um remédio que o deixava vivo por mais um pouco de tempo.

Porque Matthias entendera que ia morrer logo.

Não era apenas paranoia. Era... inevitável, como se seu passado estivesse escrito em pedra.

– Meu tempo está acabando – ele disse suavemente. – E quero ficar com você antes de ir embora.

– Pra onde você vai?

– Pra longe – ele respondeu após um momento.

CAPÍTULO 25

Mels parou de respirar quando ficou convencida de que Matthias era uma das pessoas desaparecidas de Caldwell, mesmo ele possuindo carteira de motorista e, supostamente, uma casa. Ali na sua frente, olhando-a nos olhos, era como se ele nem estivesse na sala.

Esteve aqui por apenas uma fração de segundo e agora se fora para sempre.

– Por que está indo embora? – ele apenas balançou a cabeça, e ela perguntou: – É por causa disso que você não quer me dizer seu nome verdadeiro?

– Não, é porque não importa. São apenas sílabas. Não sou mais essa pessoa já faz muitos anos, é simplesmente irrelevante.

– Não tenho tanta certeza disso – ele deu de ombros, e ela teve de pressioná-lo. – E você não precisa ir pra lugar nenhum.

Ela não acreditava que as pessoas podiam saber do futuro. Se ele partisse, seria por vontade própria – e a decisão podia ser desfeita a qualquer momento. Por ele.

Exceto... o problema com aquele argumento era que Mels também sentia que os dois não teriam um final feliz. Eles haviam se encontrado por causa de um acidente. Suas vidas colidiram, e assim como o impacto, sua relação também não duraria muito.

Apenas os ferimentos seriam eternos.

Ela tinha uma terrível sensação de que nunca esqueceria os momentos que passara com aquele homem.

– Quanto tempo nós temos? – ela exigiu saber.

– Eu não sei.

Levantando da mesa, ela se aproximou, o envolveu com os braços e encostou o rosto no peito dele, ouvindo as batidas de seu coração. Quando Matthias a abraçou de volta, ela ficou imaginando por que sentia aquela conexão tão forte com ele. Todos os outros homens, os normais, nunca conseguiram realmente mexer com ela.

Mas este homem...

Matthias se inclinou para trás e tocou o rosto dela.

– Posso beijar aqui?

– Você quer dizer aqui no meu rosto ou aqui na sala de reunião?

– Bom, você trabalha aqui, então...

Ela pressionou os lábios contra os dele, silenciando-o. Quem se importava com o local onde estavam? Havia um monte de namoros entre funcionários, e pessoas traziam esposas, maridos e namorados pro trabalho a toda hora.

Além disso, se o chefe podia assediá-la sexualmente debaixo daquele teto, então Mels podia beijar ali o homem que realmente desejava.

Fechando os olhos, ela inclinou a cabeça e o beijou novamente, desta vez colando os lábios por mais tempo. E quando ele a beijou de volta, Mels desejou capturar aquele momento e torná-lo físico de alguma forma, para que pudesse segurá-lo com as mãos ou guardá-lo em um local seguro, como faria com um livro ou um vaso.

Mas a vida não é assim. As pessoas não podem guardar para sempre os momentos que as definem ou as emocionam – não é possível tocá-los com a palma da mão ou a ponta dos dedos. As maquinacões do destino são tão elusivas quanto a ferramenta de um escultor, que surge de repente modelando contornos e depois parte para o próximo pedaço de argila.

Com um movimento decidido, Matthias subiu a palma da mão pelas costas dela até chegar em sua nuca, tomando controle. E quando sua língua lambeu entre os lábios de Mels, ela se abriu para ele, desejando que estivessem em um local privado quando o calor começou a se intensificar dentro dela, subindo por seu corpo cada vez mais rápido e quente...

Mels franziu a testa ao perceber que sua mão estava tocando algo duro nas costas de Matthias, na altura da cintura.

Não era parte de um suporte.

Não era nada médico.

Passando a mão por baixo da camisa ela encontrou... o cabo de uma pistola.

Mels puxou a arma para fora do coldre e se afastou.

Era uma pistola calibre quarenta, e ela rapidamente checkou a câmara. Vazia. O mesmo com o carregador.

– Você não é a única que tem permissão de porte de armas – ele disse vagamente.

Ela entregou a automática de volta.

– Pelo visto não. Posso perguntar onde conseguiu isso?

– Eu comprei.

– E esqueceu a munição?

– Não veio junto no pacote.
– Sabe de uma coisa? A pessoa que morreu no seu hotel ontem à noite levou tiros de uma arma desse calibre.

– E você acha que fui eu porque estou sem munição.

Mels deu de ombros.

– Você me disse pra não me envolver porque eu poderia morrer. Você aparece com uma arma depois de alguém ser assassinado no Marriott. Não é preciso ser nenhum Einstein pra ver uma ligação aqui.

– Eu não matei aquele homem.

– Como sabe que era um homem?

– Apareceu em todos os jornais.

Mels cruzou os braços acima do peito e encarou o chão, pensando que nada de bom poderia sair daquela conversa, considerando a direção que estava tomando.

– Acho que é melhor eu ir embora.

– Pois é – ela disse.

Que grande decepção. De um beijo para uma discussão em menos de cinco segundos.

– Sinto muito – ele murmurou quando já estava na porta.

– Por que está pedindo desculpa?

– Não gosto de sair te deixando assim.

Bom, ela também não gostava nem um pouco.

Quando a porta se fechou, Mels se perguntou se o veria de novo – e deu mais um sermão em si mesma sobre manter a cabeça erguida e não deixar que sua libido a jogasse em situações perigosas.

Aquilo não era algo que seu pai aprovaria. Não era algo que mulheres inteligentes faziam.

Mas que droga...

Depois de chutar o próprio traseiro por quinze minutos, ela voltou para a redação, encheu uma xícara de café forte sem açúcar e retornou para sua mesa.

– Diga que você não bateu meu carro também.

Ela deu um sobressalto e olhou para Tony.

– O quê...? Ah, não. Aqui estão as chaves.

– Você parece ter saído de outro acidente.

Vai entender.

Ajeitando-se em sua cadeira, ela encarou a tela do computador.

– Você está bem? – perguntou Tony. – Precisa de um chocolate?

Mels riu.

– Acho que vou ficar no café mesmo, mas obrigada.

- Então, o que é que está te incomodando?
- Estou apenas pensando como é possível, fisiologicamente, que cicatrizes num cadáver possam sumir sozinhas.

Certo, não era a pergunta que realmente estava em sua mente, mas era uma boa substituta socialmente aceitável. Ela estava mesmo pensando naquilo em algum nível de sua consciência, e Tony era uma enciclopédia ambulante, portanto aquela era uma boa oportunidade para mencionar a questão.

Agora foi a vez dele se ajeitar e encarar o vazio enquanto pensava.

- Não é possível. Cicatrizes são cicatrizes.
- Então, como você explicaria dois conjuntos de fotografias, um que mostra marcas na pele e outro que mostra a pele sem as marcas?
- Fácil. Alguém usou Photoshop.
- É isso que estou pensando.

O que ela não entendia era o “porquê”. Embora suspeitasse do “quem”.

Mels deixou a cabeça pender para o lado. Qualquer alteração não poderia ter sido feita pela fotógrafa oficial – enquanto a mulher trabalhava, havia meia dúzia de homens no recinto. E, se ela mudasse alguma coisa nas imagens depois, eles teriam apontado para a discrepância no momento em que vissem as fotos.

Então restava Monty, um homem que masturbava seu ego falando com a imprensa quando não podia e tentando criar um drama onde não havia nenhum. Quais seriam as chances de ele adulterar as imagens apenas para se divertir?

Mels começou a agir, acessando os arquivos do *Correio de Caldwell*.

- Ou foi isso – Tony disse –, ou foi um caso de intervenção divina.

- Encontrei a tatuagem.

Às cinco da tarde, Mels tirou os olhos da versão final de seu artigo sobre a prostituta. Eric estava de pé à sua frente, com uma pasta na mão, um sorriso enorme no rosto.

- Da vítima do Marriott que desapareceu no necrotério?
- Exatamente.
- Deixa eu ver – ela disse, levantando a mão.
- É o desenho de... – ele entregou a foto. – Bom, não é meu estilo. Gosto mais das tribais.

Quando ela abriu a pasta, suas sobrancelhas se levantaram. A foto era colorida, mas nem precisava – pelo menos não considerando a tinta do desenho. A tatuagem mostrava o Ceifeiro da Morte em preto e branco,

com detalhes assustadores... mesmo na foto, os olhos brilhantes sob o capuz rasgado e a mão esquelética apontando para quem olha pareciam se dirigir a ela especificamente.

– Bem macabro, né? – Eric comentou. – E o cemitério também ficou legal, você não acha?

Era verdade. A horrível figura estava de pé em um campo de lápides. As tumbas se estendiam até o horizonte e a túnica decrepita cobria e obscurecia o cenário, que parecia ser infinito.

– O que são esses traços marcados embaixo? – ela perguntou.

– Deve ser a contagem de alguma coisa... e com certeza não é a contagem de amores que ele teve, eu posso apostar.

– Pode ser relacionado a alguma gangue.

– É isso que eu estava pensando, principalmente porque, segundo a minha fonte, faz pouco tempo que outro corpo chegou no necrotério com algo parecido.

– O que a polícia pensa disso?

– Estou tentando descobrir agora mesmo.

Mels olhou para Eric.

– Você já procurou a imagem na internet?

– Existem milhares de representações do Ceifeiro da Morte na internet... algumas são tatuagens. Não encontrei nenhuma idêntica a essa, mas todas são meio parecidas, se é que isso faz sentido.

– Então, como sua fonte conseguiu isso? Ouvi dizer que o arquivo também tinha desaparecido.

O Hospital St. Francis estava uma loucura por causa do incidente; era como se o homem nunca tivesse entrado no sistema.

Alguém fizera um trabalho limpo. Muito limpo.

– Tenho um colega que gosta de tatuagens. Ele tirou as fotos no celular quando o corpo chegou.

– Que ótimo – ela murmurou enquanto voltava a olhar a pasta. – Então, se assumirmos que a tatuagem é de alguma gangue, o que diabos o cara estava fazendo vestindo um colete à prova de balas ultramoderno? E o desaparecimento? Gangues não são tão sofisticadas assim pra resgatar seus mortos invadindo um hospital dessa maneira, incluindo o sistema digital. Sem chance. A mesma coisa com a máfia.

Eric mastigou sua caneta Bic.

– Tem que ser algo do governo. Quer dizer, quem mais poderia fazer uma coisa dessas?

Ela pensou na pistola descarregada de Matthias.

– Ouvi dizer que as balas eram calibre quarenta.

– A arma que foi usada contra o cara? Sim. E a boa notícia é que a polícia guardou o colete, as roupas e as botas como evidências, então elas não sumiram, como o corpo – os olhos de Eric se estreitaram. – Então, agora você vai me dizer por que está tão interessada?

– A garota da minha história também morreu com a garganta cortada. – Embora, sendo realista, quais seriam as chances de as duas mortes estarem relacionadas?

– Ah, então você está colecionando ferimentos no pescoço?

– Estou apenas sendo detalhista.

– E como está saindo a história da prostituta? Alguma coisa nova?

– Estou trabalhando em algumas coisas.

– Me chame se precisar de ajuda.

– O mesmo para você.

Quando Eric foi embora, ela percebeu que a redação estava praticamente vazia. E seu prazo para entregar o artigo estava quase acabando.

Ela leu novamente a história, e ainda não estava satisfeita. Não havia nenhuma informação nova além da identidade da vítima e, quando Mels ligou para a família, recebeu uma resposta surpreendentemente desinteressada.

Como alguém poderia não ficar abalado com a morte de uma filha?

Mels não gostava de enviar seu material daquele jeito. Estava bem escrito, e a revisão automática fizera seu trabalho, mas a verdadeira história estava com Monty e suas fotos, e ela ainda não podia acrescentar nada daquilo.

Praguejando, clicou no botão *enviar* e jurou que chegaria até o fundo daquela história. Mesmo se não pudesse publicar nada.

Trocou de janela no computador e voltou a analisar uma montagem de duas imagens, que preparara uma hora antes: eram de marcas semelhantes gravadas na pele do abdômen. Uma era de Cecília Barten, encontrada morta na pedreira dos arredores da cidade há alguns dias... e a outra era a imagem do que Monty dizia ser a barriga da prostituta.

O padrão das marcas parecia algum tipo de linguagem: havia caracteres idênticos nas duas fotos, embora não estivessem na mesma sequência – o que em sua mente não descartava a teoria de que Monty alterara digitalmente as fotos. Afinal, aquilo seria perfeito, pois ligaria as duas mortes sem deixar a manipulação parecer óbvia demais.

Na verdade, quanto mais pensava naquilo, mais se convencia de que a manipulação se encaixava com a personalidade de Monty. O quanto ele se divertiria se pudesse ser a “fonte” de um novo assassino em série?

Mas ela então ficou pensando: quando ninguém mais aparecesse morto como aquelas garotas, o que ele iria fazer? E seu emprego estava em jogo. Entregar informações daquela maneira já era arriscado para ele. Aumentar os riscos mentindo sobre aquilo seria muita tolice.

Talvez ele simplesmente estivesse ficando desleixado.

Mas... e quanto à cor do cabelo? A prostituta usara tintura um pouco antes de ser assassinada, um tom de loiro igual ao de Cecília Barten. Isso não mudara entre as fotos: isso acontecera de verdade.

E se Monty fosse um imitador de assassinatos?

– Como está sua situação com o transporte? – quando Mels se sobressaltou, Tony parou de guardar suas coisas. – Tudo bem por aí?

– Sim. Desculpa. Estava só pensando.

O colega pendurou uma bolsa sobre os ombros.

– Precisa pegar emprestado meu velho carro de novo?

Mels hesitou.

– Ah, eu não poderia te incomodar de novo...

– Não se preocupe. Apenas me leve pra casa e o carro é todo seu, contanto que me traga café da manhã de novo amanhã cedo – ele segurou as chaves pelo chaveiro do Kiss e ficou balançando-as de um lado para o outro. – Eu realmente não preciso dele.

– Só mais uma noite – ela cedeu.

– Você quer dizer mais dois pãozinhos de salsicha com café.

Os dois riram enquanto Mels desligava o computador. Ela levantou, jogou dentro da bolsa as fotos que Monty lhe entregara e começou a andar de braços dados com Tony.

– Você é um príncipe entre os homens, sabia disso?

Ele sorriu.

– Sim, eu sei. Mas é legal ouvir isso de vez em quando.

– Escuta, você conhece alguém que seja bom com fotografias?

– Está querendo tirar um retrato de si mesma?

– Estou querendo uma análise.

– Ah – ele segurou a porta aberta para ela passar. – Pra falar a verdade, eu conheço uma pessoa com quem você pode conversar... e provavelmente podemos encontrar essa pessoa no caminho pra casa.

CAPÍTULO 26

Jim não esperava visitar o necrotério do Hospital St. Francis tão cedo. Um passeio em meio às macas e cadáveres já fora suficiente para ele.

É claro, a boa notícia era que desta vez ele não precisou morrer. E a autópsia não seria realizada nele.

Que belo padrão para se medir uma boa notícia.

O problema era que as coisas estavam silenciosas demais. E isso significava que Jim precisava procurar por Devina – e pensou que um bom lugar para começar seria o corpo do agente no necrotério.

Ainda não acreditava, nem por um minuto, na ajuda dela na noite anterior, quando chegara com sua faca brilhante para “salvá-los”. Depois de passar o dia seguindo Matthias e esperando que Devina fizesse algo mais do que tomar café da manhã, Jim pediu que Ad ficasse de guarda enquanto ele fazia uma visita ao mundo do formol, dos azulejos verdes e das balanças que pesavam cérebros e fígados.

Ele queria dar uma boa olhada no corpo do “agente”.

Durante a luta da noite anterior, Jim não tivera tempo de prestar muita atenção no cadáver – e, embora não tivesse certeza do que estava procurando, aquilo era a única coisa que restara do duelo...

Isso se ele conseguisse encontrar o cadáver antes do pessoal das Operações.

A primeira pista de que nem tudo estava certo no mundo dos legistas foi a presença da polícia no corredor em frente ao necrotério: havia tiras por toda parte, perambulando e conversando uns com os outros. E então, quando Jim passou como um fantasma pelas portas duplas do local, havia mais um amontoado deles na recepção, desta vez misturados com o pessoal do hospital.

De alguma forma, o lugar havia se transformado em uma cena de crime.

Uau. Que surpresa.

– ... horas você chegou?

O funcionário que estava sendo interrogado na recepção cruzou os braços e passou a mão em seu cavanhaque cheio de falhas.

– Eu já disse. Meu turno começou às nove da manhã.

– E você chegou nessa hora?

– Foi nessa hora que eu bati o cartão. Eu já disse que...

Jim deixou o interrogatório, saiu da parte burocrática do necrotério e entrou na parte clínica. Depois da porta que dizia “Apenas funcionários”, a área iluminada por luzes fluorescentes, com suas cinco estações de trabalho, meia dúzia de pias grandes e todas aquelas balanças, tinha mais metal cromado do que uma metalúrgica.

Na parede mais distante, as fileiras de compartimentos refrigerados estavam todas fechadas, como se os funcionários do hospital acreditassem em zumbis – exceto por um único compartimento no canto. Estava totalmente aberto, e vários técnicos forenses buscando impressões digitais ao redor da abertura.

Quanto você quer apostar que o corpo do agente desapareceu, pensou Jim.

Que surpresa.

Ele praguejou quando se aproximou e não encontrou sinal algum de Devina – geralmente, depois de uma aparição, ela deixava para trás um fedor que persistia no ar. Mas ali? Havia um odor suave dentro do compartimento, mas nada que fosse recente.

Pelo jeito não fora o demônio, mas sim o pessoal das Operações Extraoficiais quem aparecera para bancar a faxineira.

– Droga.

Ele falou em voz alta, o que fez alguns policiais olharem na direção de Jim, como se esperassem encontrar um colega.

Quando franziram a testa e voltaram para o trabalho, Jim considerou fazer uma visita ao andar de cima – e não estava se referindo ao pronto-socorro ou à sala de espera do hospital. Mas o que o arcanjo Nigel faria por ele? Visitas ao Céu não o ajudaram no passado, e Jim já estava frustrado e mal-humorado o suficiente.

Estava quase indo embora quando pensou em uma coisa.

Aproximando-se dos compartimentos refrigerados, ele observou os nomes que apareciam nas etiquetas de cada unidade.

E lá estava, do outro lado, uma etiqueta que dizia “BARTEN, CECÍLIA”.

Por um lado, ficou surpreso que seus restos mortais ainda estivessem ali, mas então lembrou que apenas *parecia* uma eternidade desde que encontrara o corpo naquela pedreira. Na realidade, fazia apenas alguns dias e, afinal de contas, ela era parte de uma investigação criminal.

Não que qualquer membro da polícia fosse capaz de encontrar Devina e fazê-la pagar por seus crimes.

Esse era o trabalho dele.

Levantando a mão, Jim tocou o aço inoxidável. Mais cedo ou mais tarde, a mãe de Sissy teria a oportunidade de enterrar a filha, e esse tipo de despedida seria tão fria quanto o ar no qual seu corpo estava envolvido agora, não é mesmo?

Era como um cofre onde a dor e tristeza de uma pessoa ficavam trancadas para o resto de seus dias...

Jim franziu a testa e virou a cabeça, quando percebeu seus sentidos dispararem.

Praguejando, saiu da sala de exame, passou pela recepção e entrou no saguão principal.

Procure, ele pensou... e você encontrará.

Pena que todo mundo apareceu ao mesmo tempo.

– Sabe do que mais gosto em hospitais? – perguntou Tony.

Mels caminhou junto dele até um dos grandes prédios do Hospital St. Francis, onde esperaram as portas giratórias automáticas liberarem a passagem.

– Espero que não seja a comida.

– Ao contrário... as máquinas de salgadinhos – ao passarem juntos pela porta, ele colocou a mão no bolso da frente da calça e tirou um punhado de moedas. – Eles têm uma ótima variedade aqui.

– Bom, você pode guardar as moedas, pois eu vou pagar.

– Me diga uma coisa... por que nós não estamos namorando?

Forçando uma risada, ela pensou que... bom, ele não queria ouvir a resposta. E nem ela queria responder.

Havia um aglomerado de funcionários e visitantes tentando pegar o elevador, então eles se aproximaram e escolheram o mais próximo, pois parecia menos congestionado. Segundos depois, o elevador chegou e as portas se abriram.

– Escolhemos sabiamente – Tony disse, fazendo graça com a voz.

Mels riu enquanto aguardavam a saída de alguns seguranças uniformizados. Então os dois entraram, junto com um trabalhador de construção cheio de ferramentas.

Era um milagre que aquele homem conseguisse andar com tantos martelos e chaves de fenda pendurados na cintura.

Quando chegaram ao andar do porão, Tony virou à esquerda e Mels o seguiu. O cara dos martelos fez a mesma coisa, mas tomou a frente e andou em direção ao som de pregos sendo batidos e serras cortando madeira.

– Talvez precisemos esperar – Tony disse, enquanto seguiam as placas que indicavam o necrotério. – Suraj disse que nos encontraria quando chegássemos, mas...

Os dois viraram uma esquina e então pararam.

Havia policiais por toda parte, lotando a entrada do necrotério.

– Pelo jeito a investigação ainda anda a todo vapor – ela murmurou. – Tem certeza de que seu amigo pode sair daí?

– Bem, vamos ver como ele está – disse Tony enquanto digitava uma mensagem de texto no celular.

Mels pensou que aquilo era justamente a distração que precisava para se concentrar em algo que não fosse Matthias – e esperava que durasse um bom tempo. Deus sabe que a última coisa que ela precisaria era de um carro e tempo livre, pois correria o risco de voltar ao Marriott, onde Matthias e a enfermeira gostosona poderiam muito bem estar jantando juntos... ou pior.

Mas vamos lá, o fato de ele possuir uma arma calibre quarenta não significava que atirara em alguém. Ela mesma tinha uma nove milímetros na bolsa e isso não a tornava um suspeito para cada tiroteio que acontecia no centro da cidade.

– Droga.

Tony olhou para ela.

– O que foi?

– Nada. É só frustração.

– Talvez isso ainda dê certo... – seu celular soltou um bipe e ele checkou a mensagem. – Ah, bom, o Suraj não vai nos deixar esperando. Vamos ficar aqui... ah, veja. Máquinas de salgadinhos. Que surpresa.

De fato, do outro lado do necrotério havia uma sala de descanso com vários tipos de máquinas.

– Ah, então você planejou isso.

– Não a parte dos policiais.

Quando entraram na sala, Tony começou a avaliar as opções enquanto Mels andava ao redor das mesas que eram pregadas ao chão e das cadeiras de plástico que não eram – provavelmente porque eram tão feias e desconfortáveis que ninguém iria querer roubá-las.

Lembrando de sua promessa, ela tirou a carteira da bolsa e contou as notas que tinha.

– Não precisa economizar, tenho bastante dinheiro.

– É só um lanchinho antes do jantar. E não gosto de comer sozinho – Tony olhou por cima do ombro. – Olá? Parceira?

Foi triste perceber que ela achava relaxante o processo de escolher entre

as gororobas pouco saudáveis produzidas em massa.

Um sinal claro de que Mels precisava de férias. E de uma vida.

– Você já escolheu? – ela perguntou, enquanto a serra na construção ao lado começava a fazer ainda mais barulho.

– Com certeza.

Depois de sete notas inseridas nas máquinas, Tony tinha uma coleção de salgadinhos e chocolates nas mãos.

– Agora é a sua vez – ele disse.

– Eu não tenho esse metabolismo todo.

Tony esfregou a barriga.

– Nem eu.

Ela escolheu um pacote de M&M's clássico, do tipo que adorava quando era criança, mas percebeu que não tinha mais notas. Procurando em todos os bolsos, encontrou um punhado de moedas e começou a selecionar as de vinte e cinco centavos...

E então Mels congelou.

– O que foi? – perguntou Tony.

A cápsula de uma bala.

Em seu bolso?

Então, ao separar a bala das moedas em sua mão, ela se lembrou... daquela garagem na zona rural. Onde encontrara uma Harley com um motor aquecido, Matthias com uma mentira em seu rosto e... mais uma coisa...

Mais *alguém*...

Uma dor repentina percorreu sua cabeça, interrompendo seus pensamentos e fazendo tudo parar... exceto a convicção de que vira algo importante lá. Mas o que era?

Esforçando-se, sua mente simplesmente não conseguia lembrar, e quanto mais tentava, mais doía.

– Mels?

– Estou bem. De verdade, eu apenas... provavelmente preciso de um pouco de açúcar.

Tony assentiu enquanto abria um pacote de Doritos.

– Buscar um pouco de energia nunca é ruim – ele disse.

Um cara baixinho vestindo um jaleco branco entrou.

– Oi, desculpem pela demora.

Tony se levantou para apertar a mão do homem.

– Ei, Suraj!

Voltando a se concentrar, Mels guardou a cápsula de bala na bolsa e esforçou-se para cumprimentar Suraj.

– Não queremos interromper seu trabalho – ela disse enquanto eles se agrupavam em uma das mesas.

– Bom, não trabalhamos muito hoje, de qualquer maneira – Suraj deu um sorriso, mostrando todos os dentes brancos. – A polícia está aqui desde hoje de manhã, nos importunando sobre o sumiço do corpo.

– O que você pode nos contar? – perguntou Tony enquanto mastigava os Doritos.

– Extraoficialmente, esse é o corpo que foi encontrado na entrada de serviço do Marriott na noite passada – Suraj deu de ombros e se ajeitou na cadeira, como se já estivesse acostumado àquele assento. – Eu não sei muita coisa. Cheguei ao meio-dia pra começar meu turno e a polícia já estava em toda parte. Rick é o cara que está cuidando de todas as perguntas. Foi ele quem descobriu que o corpo tinha sumido. Foi retirar para a autópsia e... nada. Não estava lá. É estranho demais. Quer dizer, não é como se o morto pudesse andar por aí ou algo assim. Mas nenhum alarme foi disparado, e não é fácil esconder um corpo. Não é como se alguém pudesse colocar um cadáver debaixo do braço e sair andando. Além disso, este lugar tem olhos em todos os cantos. Câmeras, seguranças...

– Isso já aconteceu antes? – perguntou Mels.

– Se aconteceu, foi antes de eu começar a trabalhar aqui. Por outro lado, faz só uns dois anos que eu vim pra cá. É um grande mistério.

– Você nos chama quando puder dar uma declaração? – pediu Tony.

– Quem vai poder fazer isso é o meu chefe, mas eu te mantenho informado por baixo do pano o máximo que puder. Agora, o que posso fazer por você?

Tony olhou para Mels e apontou com um pacote de Cheetos na direção de Suraj.

– Então, o Suraj não é bom apenas aqui no necrotério. Ele também é ótimo com análise de fotos nas horas extras. Por isso acho que ele pode te ajudar.

Suraj sorriu novamente.

– E tenho uma terceira habilidade também: sei preparar um ótimo frango *tikka masala*.

– E pão *naan* com alho – acrescentou Tony. – Simplesmente demais!

– Então, de que tipo de imagem estamos falando? – perguntou Suraj.

Mels pegou o envelope que Monty lhe dera.

– Antes de você olhar ... precisa saber que eu não posso contar quem me deu essas fotos e em que contexto elas acabaram nas mãos dele ou dela.

– O que você quer dizer é que, se perguntarem, eu nunca vi essas fotos na vida.

– Exatamente.

Quando o homem pegou o envelope e o abriu, Mels franziu a testa e olhou ao redor. A sensação de estar sendo observada voltou a incomodá-la, arrepiando sua nuca e fazendo-a apertar as mãos. Mas não havia ninguém na porta. Ninguém no corredor. Ninguém espreitando atrás das máquinas de comida ou debaixo daquelas cadeiras horríveis, ou das mesas pregadas ao chão...

– Conheço esse caso – Suraj disse enquanto olhava as fotos, e Tony se inclinou para também poder enxergar. – É a prostituta que foi encontrada no motel. Eu reconheço as roupas. Mas essas marcas não estavam no abdômen quando ela chegou.

– Essa é a questão – Mels disse, com sua paranoia. – As fotos oficiais do corpo não mostram nada, mas essas, que supostamente foram tiradas antes das oficiais, mostram. Então eu quero saber se essas imagens foram manipuladas ou não.

Suraj olhou para Mels do outro lado da mesa.

– Você tem os arquivos dessas imagens? O jpeg? Gif?

– Não, as impressões são tudo o que tenho.

– Posso levar essas cópias pro meu local de trabalho por um minuto? Tenho um microscópio lá.

Mels se aproximou. Com a voz baixa, ela disse:

– A polícia não sabe sobre essas fotos e eu não tenho certeza do que o dono vai fazer com elas.

– Então vou ser discreto.

– Mas saiba que eu não vou obstruir a justiça, se esse for o caso. Faz pouco tempo que estou com elas, e vou avisar rapidamente as autoridades se for preciso.

– Mas você provavelmente não quer que use meu escâner e faça uma cópia no meu computador para análise, não é?

– Prefiro não fazer cópias. Principalmente digitais.

– Certo, posso encontrar muita coisa no microscópio – o cara se levantou. – Espere uns dez minutos e vou ver o que posso fazer.

Quando Suraj saiu e Tony ficou brincando de acertar o cesto de lixo, Mels esfregou a nuca, pensando no que havia encontrado em seu bolso.

– Por acaso você não conhece alguém que goste de balística, não é? – ela disse.

– Pra falar a verdade, conheço sim. O que você tem?

Mels massageou as têmporas.

- Uma dor de cabeça.
- Você ainda não comprou sua comida. E nem comeu nada.
- Bem lembrado, meu amigo – ela se levantou e se aproximou das máquinas. – Muito bem lembrado.

CAPÍTULO 27

Jim estava de pé dentro da sala de descanso do necrotério. Ele já havia testemunhado que a invisibilidade tinha seus benefícios – e que também podia colocá-lo em apuros.

Ele sentira o momento em que Mels Carmichael entrou no complexo do St. Francis e, considerando o número de policiais no subsolo, não foi uma total surpresa que ela tivesse se encaminhado diretamente para lá. Infelizmente, Jim também sentira um reflexo de Devina em algum lugar – mas não conseguia definir precisamente onde.

E então ele viu aquelas fotos.

Diferente da repórter, de seu colega e daquele cara com o uniforme do hospital, Jim sabia exatamente o que eram aquelas marcas – e quem as fizera.

E também sabia quem as apagara.

Aquelas marcas na pele da mulher morta eram exatamente iguais aos símbolos no abdômen de Sissy. Eram provavelmente um tipo de mensagem, escrita com um alfabeto de runas. E se Devina conseguia marcar a pele, então aquilo provavelmente também poderia ser apagado – afinal, ela era capaz de criar, o tempo todo, uma imagem tridimensional de beleza sobre sua verdadeira aparência de carcaça ambulante.

Um feitiço para apagar algumas marcas não era algo fora da realidade.

Quando o cara do hospital levantou e foi embora, Jim o seguiu até o necrotério, mesmo que não pudesse fazer nada – e que sair de perto da repórter não fosse uma boa ideia.

Mas por que Devina se importaria em matar uma mulher qualquer? Ela provavelmente estava ocupada demais com a guerra – e aquela prostituta claramente não era uma virgem, então não poderia ser usada para proteger o espelho do demônio...

O cabelo. O cabelo loiro.

E alisado.

Igual a Sissy.

Quais eram as chances?

– Filha da puta...

O cara do hospital parou em meio ao aglomerado de policiais e olhou

para trás – e Jim mandou um lembrete para si mesmo dizendo que ser invisível era uma coisa, silencioso era outra.

Quando o homem seguiu por um corredor e entrou em um escritório cheio de aparelhos, Jim ficou de lado, encostando-se em uma lousa branca cheia de nomes, datas e procedimentos. Alguns minutos depois, quando o telefone tocou e o cara se distraiu, Jim quis puxar o fio da tomada e obrigá-lo a se concentrar.

Mas vamos lá. Ele já sabia o que havia acontecido – a questão agora era com quem estava mais bravo. Com ele mesmo, com Devina, ou...

Jim franziu a testa quando pensou em uma coisa. Quando trocara informações com Adrian de manhã, o anjo mencionou que estivera com a repórter em uma cena de crime.

Mas que grande coincidência.

Depois de quase meia hora, o homem se levantou da posição onde usava o microscópio e voltou para a sala de descanso onde estavam a repórter e seu colega.

– Então, qual é o veredito? – ela perguntou quando ele sentou.

– Certo, primeiro as ressalvas. Sem o arquivo digital ou a possibilidade de usar um escâner, eu realmente não posso dar uma resposta cem por cento...

O som de um martelo veio do andar superior e os três olharam para cima e cobriram os olhos quando uma chuva de partículas se despreendeu do teto.

– Desde quando essa reforma está acontecendo? – perguntou Tony quando uma serra começou a fazer ainda mais barulho.

– Faz uma eternidade – o homem alinhou as fotos na mesa. – Enfim, feitas as ressalvas, eu penso o seguinte: pelo que posso ver no microscópio, parece que as imagens não foram manipuladas, mas isso não quer dizer muita coisa, já que tenho apenas as fotos impressas e hoje em dia é possível fazer coisas bem sutis e sofisticadas com imagens se você tiver o equipamento correto.

Mels respirou fundo.

– Obrigada...

Suraj levantou a mão.

– Espera, ainda não terminei. Eu vi o corpo. Tem uma vermelhidão no abdômen, mas obviamente não é o que mostram essas fotos. E eu lembro desse padrão. Também está presente na garota que foi encontrada na pedreira...

Outro som, mais alto, como um trovão, reverberou pelo teto. Como se algo tivesse caído no chão diretamente acima deles.

A última coisa que Jim viu antes de toda a confusão foi Mels olhando para cima. Um segundo depois, uma seção inteira do teto se soltou e ficou pendurada pelas vigas como um pêndulo...

E balançou em direção a Mels.

Ele entrou em ação, saltando para frente e jogando-a para fora da cadeira e para longe do perigo. As costas e os ombros de Jim receberam o impacto. As extremidades afiadas do pedaço de concreto cortaram sua pele, jorrando sangue enquanto todos na sala gritavam e se protegiam.

A dor fez Jim se revelar, mas esse não era o maior problema. Ao olhar em direção ao buraco que se abrira no teto, Jim colocou os olhos em um trabalhador que estava iluminado pela luz que subia da sala de descanso.

De pé, com suas botas plantadas nas vigas e as mãos na cintura no vasto espaço acima, aquele homem não parecia normal.

Seus olhos eram negros como as profundezas do Inferno.

– Devina – sussurrou Jim.

De uma só vez, o trabalhador agarrou o próprio peito e começou uma queda livre. Seu corpo caía com uma curiosa graça: todas aquelas ferramentas em sua cintura balançaram como o cabelo de uma modelo em frente a um ventilador.

Jim tomou a responsabilidade para si novamente e agarrou o cara meio sem jeito, pois um corpo inconsciente é bem mais difícil de segurar com cuidado do que um grande pedaço de concreto.

Houve uma abrupta explosão de vozes, mas Jim não prestou atenção. Estava ocupado demais deitando o trabalhador inconsciente no chão – e sentindo Devina sumir repentinamente.

Droga...

– Oh, meu Deus! – disse Mels, se abaixando.

Um cotovelo empurrou Jim para o lado, o homem do hospital se abaixou e colocou dois dedos sobre o pescoço do trabalhador. Quando Jim se afastou...

– Jim Heron.

Jim olhou para a repórter, que se levantava do chão, encarando-o. Mas que inferno, ele pensou.

– E então? – ela exigiu saber, aparentemente inabalada pelo fato de quase ter morrido. – Não negue. Já vi sua foto em vários lugares.

– Sou o irmão gêmeo dele.

– Sei.

O cara do hospital olhou para cima.

– Disque nove, zero, zero, zero naquele telefone. Diga que estamos do lado do necrotério.

Mels entrou em ação e fez o pedido calma e rapidamente. Quando voltou, se aproximou de seu colega do jornal, que, apesar de todo o drama, tinha aberto a embalagem de um chocolate e estava agora mastigando.

– Você está bem? – ela perguntou.

– Foi por pouco – ele murmurou, olhando para o corpo inconsciente no chão.

Mels encarou Jim novamente, então fez uma careta e voltou a massagear as têmporas como se estivessem doendo.

Aquela reunião se tornou uma convenção quando outros trabalhadores da reforma chegaram, junto com uma equipe do hospital, seguranças e dois policiais que ouviram o barulho.

Quando o trabalhador caído foi finalmente colocado em uma maca, ele abriu os olhos. Estavam azuis como o céu. E não pretos.

Não foi uma surpresa.

Aquele demônio tinha audácia. Se a teoria convencional sobre uma força superior estiver correta, então o Cara-Lá-de-Cima sabe de tudo o que acontece, em todos os momentos, no planeta inteiro – desde cada botão que floresce, as penas de uma andorinha, até... trabalhadores que caíam em salas de descanso em grandes hospitais porque foram temporariamente possuídos.

Sem dúvida, Devina pretendia que aquele pedaço de concreto acertasse Mels. E isso seria um grande destabilizador no jogo: Matthias finalmente encontra alguém e de repente ela morre?

Seria um belo contexto para ele fazer uma escolha idiota.

E Jim pensando que Devina estava quieta demais...

Mantendo-se longe da confusão, Jim voltou a ficar invisível, imaginando que Mels pensaria que ele fora embora. Em vez disso, ele ficou por perto, vigiando a repórter – e tinha de admitir que ficou impressionado. Ela era uma garota forte: respondia às perguntas do pessoal do hospital sem denunciar seu colega e o cara do microscópio, e ainda ajudava a organizar o aglomerado de gente enquanto o trabalhador era removido da cena.

Ela olhava ao redor de tempos em tempos, como se procurasse por alguém, mas no fim tudo o que pôde fazer foi descrever seu “salvador” para os seguranças do St. Francis. E não deu nomes. Afinal, Mels realmente não sabia quem ele era, não é mesmo?

Até onde a repórter de Matthias sabia, ele era apenas muito parecido com uma pessoa que morrera. Só isso.

Engraçado, por mais que Jim desaprovasse as coisas que seu ex-chefe fez durante a vida, não podia criticar o gosto dele sobre o sexo oposto.

E Jim precisava juntar os dois o mais rápido possível. Não só porque seria mais fácil defendê-los, mas quem sabe quando a encruzilhada surgiria e Matthias precisaria fazer sua escolha?

Quanto mais tempo seu ex-chefe passasse com aquela mulher, melhor seria para todos.

Onde diabos estava “Jim Heron”, Mels se perguntou quando ela e Tony finalmente foram liberados para ir embora.

– Ainda bem que pude comer alguma coisa – disse seu colega quando voltaram para o mesmo elevador que usaram ao chegar. – Já são oito horas da noite.

– Pois é... – ela apertou o botão para subir.

A mão de Tony pousou sobre o ombro dela.

– Você está bem?

Ela respirou fundo e eles começaram a subir.

– Não me pergunte isso até chegarmos lá em cima. Com o meu acidente de carro e o que acabou de acontecer, estou com medo de que mais uma grande colisão esteja prestes a acontecer. Essas coisas acontecem de três em três, sabe?

– Isso é só superstição.

– Espero que você esteja certo – e pensar que ela um dia se preocupara com manchas de café e unhas quebradas. A sequência de catástrofes pela qual estava passando era muito mais difícil de se prevenir do que simplesmente carregar uma camisa limpa e esmalte na bolsa. Depois de um momento, ela disse: – Ah, Tony, eu tenho mais um favor para pedir – Deus, ela realmente faria aquilo?

– É só falar.

– Lembra quando perguntei se você conhece alguém que trabalha com balística? Preciso analisar uma bala.

– Ah, sim, claro. Conheço umas pessoas com quem posso entrar em contato. Qual é o seu prazo?

– O mais rápido possível.

– Deixa eu fazer umas ligações e depois te mostro com quem você pode falar.

– Você é um salvador.

– Não. Aquele cara no porão sim, é um herói.

– Não subestime a si mesmo.

Quando chegaram ao saguão, ela saiu do elevador e... quem diria. Jim Heron, ou seu irmão gêmeo, estava esperando do outro lado, encostado em uma parede, tão discreto quanto alguém daquele tamanho poderia ser.

Colocando a mão no braço de Tony, ela o deteve e devolveu as chaves

do carro.

– Escuta, vou tomar um táxi de volta pra casa, tudo bem?

Seu amigo franziu a testa.

– Posso levar você de volta. Não fica longe do meu caminho.

– Vou voltar pra redação.

– Já está tarde e nós tivemos uma noite muito puxada.

Era verdade – e Mels provavelmente ficaria apenas pensando no acidente. Mas não perderia a chance de conversar com o herói que surgiu no momento certo... e que agora parecia estar esperando por ela.

Mels se inclinou e beijou o rosto de seu amigo.

– Vejo você amanhã.

Tony deu boa noite e andou lentamente em direção à porta giratória. Quando ele pegou o celular, Mels podia apostar que ele estava ligando para algum restaurante entregar comida em sua casa, e isso a fazia gostar ainda mais dele.

Ela virou para trás e seus olhos encontraram os de Heron – ou seja lá quem fosse. Ela percebeu que a pose casual daquele homem não a enganava. Seu tamanho era suficiente para amedrontar, e aquele sorriso vago no rosto também não a fazia pensar em gentilezas e educação.

Mas mesmo assim ela não estava com medo quando se aproximou.

E nem por um segundo acreditava naquela história de irmão gêmeo...

Por outro lado, por que se expor em um local público onde alguém poderia reconhecê-lo?

– Pensei que você tinha ido embora – ela disse.

– Não, fiquei aqui o tempo todo.

– Está visitando alguém no hospital?

– Pode-se dizer que sim.

– Os seguranças querem falar com você.

– Tenho certeza de que sim.

Mels ficou esperando que Jim dissesse mais alguma coisa, qualquer coisa, mas ele ficou em silêncio, encarando-a de volta como se estivesse preparado para fazer isso pelos próximos cem anos.

– Acho que devo te agradecer por salvar minha vida – ela murmurou.

– Não precisa. Não sou do tipo sentimental.

– Bom, você parece querer me dizer alguma coisa...

– Matthias precisa de você.

As sobranças dela se levantaram, e então Mels desviou o olhar. Mesmo tendo ouvido perfeitamente, ela sussurrou:

– O que disse?

– Você pode vir comigo? Ele está no hotel.

Mels olhou novamente para o homem.

– Sem ofensa, mas não vou a lugar nenhum com ninguém. E, se não se importa que eu pergunte – não que ela se importava se o ofendesse até as pontas de seus coturnos –, qual é a sua ligação com ele?

– É um velho amigo que estou tentando ajudar. Ele esteve na pior por um longo tempo, e o jeito como fala sobre você me dá esperança.

Mels apenas piscou, descrente.

– Ele não me conhece mais do que eu conheço ele.

– Isso realmente importa?

Ela soltou uma risada repentina.

– Ah... sim. Importa sim.

O “irmão gêmeo” de Jim Heron balançou a cabeça.

– Veja, faz anos que eu me preocupo com ele, entende? Ele está indo direto para um poço sem fundo agora mesmo, vagando sem destino, procurando por um propósito, e eu sou exatamente o tipo de cretino que vai fazer tudo o que puder e, se necessário, envolver outras pessoas que possam ajudar ele a encontrar seu caminho.

– E você acha que eu posso ajudar?

– Não. Eu tenho certeza.

Mels deu outra risada.

– Bom, você deveria ter visto com quem ele estava tomando café da manhã hoje cedo.

O homem praguejou.

– Deixa eu adivinhar. Uma morena com pernas que não acabam mais?

– Pra falar a verdade... sim. Quem é ela?

– Ela é um mau agouro – o cara passou a mão nos cabelos loiros. – Por favor... veja bem, eu... realmente preciso da sua ajuda. Não posso dar mais detalhes, mas Matthias e eu trabalhamos juntos no exército por vinte anos, e nem preciso dizer o que a guerra faz com as pessoas. Você é uma jornalista. E um ser humano. Pode imaginar como é. Ele precisa... de uma razão pra viver.

Ela pensou na arma que estava na cintura de Matthias. Então lembrou de como ele a abraçou no estacionamento do jornal.

Estou indo embora.

– Se você acha que ele é um perigo pra si mesmo – ela disse secamente –, deveria chamar as autoridades. Mais do que isso... eu sinto muito, mas não posso fazer...

– Por favor – os olhos do homem pareciam brilhar, não por causa de lágrimas, mas com uma luz que lembrava o nascer do sol no oceano. – Ele aguentou firme por muito tempo pra perder tudo agora.

Aquelas pupilas eram hipnóticas. E ela sentia que já havia encarado aqueles olhos antes... encarado profundamente e...

Quando aquela dor de cabeça voltou, Mels fechou os olhos e se perguntou se tinha algum analgésico na bolsa.

– Por que você pensa que eu posso dar qualquer resposta para aquele cara? – mas, mesmo dizendo aquelas palavras, ela não parava de pensar na ligação que sentira com Matthias, e sabia exatamente de que Heron estava falando. – Eu não deveria importar tanto assim pra ele.

E ele não deveria importar tanto para *ela*.

Matthias andava armado, caramba. E estava em um hotel onde uma pessoa foi baleada...

– Mas você importa.

Mels abriu os olhos e franziu a testa.

– Seja honesto comigo. Você me seguiu até aqui hoje?

– Sim, eu segui. Queria uma chance pra falar com você, mas não tinha certeza de como me aproximar sem te assustar.

– Bom, você acertou em cheio – ela disse secamente. – Salvou minha vida, que belo plano.

– Então, nesse sentido, você me deve uma, não é?

Ela teve de rir.

– Não acredito que está usando isso.

– Como disse, farei tudo o que puder para salvá-lo.

– Salvá-lo? Escolha interessante de palavras, sr. Heron.

O homem não disse mais nada, e ela continuou encarando seu rosto por ainda mais tempo.

– Mas que droga.

– Isso é um sim?

Ela virou-se e dirigiu-se para a saída, esperando que Jim a seguisse até os táxis que estavam parados na entrada do hospital. E ele fez exatamente isso.

– Diga uma coisa, sr. Heron... e esse é o seu nome, certo? Jim Heron – ele não respondeu, mas nem precisava. – Você acredita que má sorte acontece de três em três?

Quando um táxi parou à frente deles, Heron abriu a porta para ela.

– Não tenho certeza sobre números. Mas ultimamente a má sorte tem vindo na forma de uma morena.

Soltando outro palavrão, Mels passou por ele e entrou no táxi.

CAPÍTULO 28

Matthias estava mergulhado na escuridão. E não era o tipo de escuridão produzida por um quarto com as luzes apagadas ou pela noite no campo. E nem aquela causada quando se fecha os olhos e se cobre a cabeça com o cobertor.

Era o tipo de escuridão que invade o corpo e preenche os espaços entre as moléculas, uma escuridão que polui a carne em um estado permanente de decomposição, que apaga todo o passado e o futuro, deixando a pessoa suspensa em um sufocante estado de tristeza e desespero.

E ele não estava sozinho nessa horrível prisão.

Enquanto se contorcia no imenso vazio, outros faziam o mesmo, suas vozes se misturavam em lamentos que escapavam de lábios rachados, e infinitos pedidos de misericórdia emergiam e ecoavam, como a respiração de uma grande fera. De tempos em tempos, ele era escolhido para receber atenção especial de monstros com garras afiadas e grandes presas que arrancavam, prendiam e puxavam. Os ferimentos sempre se curavam, oferecendo nova tela para aquela arte macabra.

O tempo não tinha nenhum significado. E ele sabia que nunca escaparia dali.

Aquele era seu destino.

Era seu eterno pagamento pelo modo como vivera a vida: merecia um lugar no Inferno por causa de seus pecados na Terra. Mesmo assim, argumentava contra a injustiça aos outros com quem estava preso. Era um debate difícil. Havia poucos argumentos mostrando o lado bom para dar suporte ao seu pedido de liberdade – e, mais importante, ninguém estava ouvindo.

Ele teve sua chance em vida. E escolheu seu caminho.

Mas, oh Deus, se soubesse, teria lutado contra a correnteza dentro de si, impedindo seus atos, que tiraram tantas vidas – incluindo a sua.

Preso na escuridão, torturado junto com outros pecadores, desolado e mais desesperado do que no pior dos pesadelos. Em um momento sem esperança, uma luz apareceu, suas emoções emergiram e...

– Matthias?

Acordou com um grito, levantando instantaneamente a cabeça e jogando

os braços para frente, como se estivesse lutando contra algo.

Mas não havia nada na sua frente. Ninguém em posição de luta.

E havia luz.

No tênue brilho que vinha do banheiro, Mels... sua querida Mels... estava de pé à beira da cama em seu quarto de hotel. Ela trazia o casaco e a bolsa pendurados no ombro, como se tivesse acabado de chegar do trabalho. E sua expressão não era distante, mas sim bondosa.

Um sonho ruim, ele disse a si mesmo. Fora apenas um sonho...

Não, não fora apenas um sonho.

– Matthias – ela disse suavemente –, você está bem?

A princípio, não conseguia entender por que ela estava perguntando aquilo. Sim, ele tivera um pesadelo, mas...

Ah, merda, ele estava *chorando*?

Limpando o rosto com as mãos, Matthias se levantou da cama e pediu licença para usar o banheiro. Estava chorando na frente dela? Que droga estava acontecendo com ele?

– Apenas me dê um minuto.

Fechou a porta, apoiou as mãos no balcão e deixou a cabeça pender sobre a pia. Abriu a torneira para fingir que estava fazendo alguma coisa, e seus braços perderam força enquanto ele tentava se convencer de que aquele lugar horrível em seu sonho não era um lugar de verdade e que ele nunca estivera lá.

Mas não estava funcionando.

O Inferno que vira era uma memória, não um pesadelo. E aquilo era suficiente para fazer suas mãos tremerem.

Jogar água no rosto não ajudou em nada, e esfregar com a toalha também não. Depois de usar a privada, ele voltou para o quarto – tinha de voltar. Se ficasse mais tempo no banheiro, Mels pensaria que ele se enforcara por lá ou algo assim.

Quando ele surgiu no quarto novamente, encontrou-a sentada na cadeira ao lado da janela, com as mãos no colo e a cabeça baixa, como se estivesse analisando se precisava ou não aparar as unhas.

Ciente de que vestia apenas a camiseta e a cueca que comprara na loja do hotel – e que suas pernas arruinadas estavam totalmente à mostra –, Matthias voltou a deitar debaixo dos lençóis.

– Estou surpreso que esteja aqui – ele sussurrou enquanto colocava os óculos escuros.

– O suposto irmão do Jim Heron me trouxe aqui de táxi e me deixou entrar.

Que *filho da puta*, pensou Matthias.

Mels deu de ombros, como se soubesse que ele ficara bravo.

– E sabe o que mais?

– O quê?

– Eu não acredito nesse negócio de irmão gêmeo nem por um segundo. Eu acho que esse cara é o Jim Heron, e ele deve ter fingido a própria morte por alguma razão. E acho que você sabe a razão.

Na pausa que se seguiu, ficou óbvio que ela esperava que Matthias preenchesse os detalhes, mas o cérebro dele praticamente desligou. Ele não a queria perto daquele cara, muito menos sozinha com ele – pois não podia confiar em ninguém. Principalmente em se tratando dela.

– Você estava indo se encontrar com ele quando eu te achei naquela garagem. Não é?

– É complicado. E quanto ao nome dele, essa não é uma história que eu possa contar.

– Ele me disse que vocês serviram no exército juntos – Mels esperou novamente que ele acrescentasse algo. – Ficou claro que ele se sente responsável por você.

Enquanto o passado se revirava por trás do véu da amnésia, ele pelo menos não teria de mentir para ela.

– Muito dessa história... eu não consigo lembrar direito. Não posso dizer mais nada – ele observou o corpo todo dela. – Estou feliz que você veio.

Houve uma longa pausa.

– Você quer me contar por que estava tão agitado? – perguntou Mels.

– Acho que você não acreditaria em mim.

Ela riu um pouco.

– Depois dos últimos dois dias eu posso até acreditar, confie em mim.

– Por quê?

– Tudo parece... errado. Quer dizer, foram muitas coisas esquisitas de uma vez só, entende? – ela o encarou como se estivesse avaliando sua temperatura, sua pressão e seus batimentos cardíacos. – Converse comigo, Matthias. Você precisa se abrir. Se não puder me contar sobre suas lembranças, ao menos diga o que está sentindo.

Fechando os olhos, ele sentiu como se estivesse preso: sem poder responder, mas incapaz de ignorá-la.

Finalmente, murmurou:

– O que você diria se te contasse que acredito no Inferno? E não de um ponto de vista religioso, mas porque estive lá pessoalmente. E acho que fui enviado de volta pra fazer alguma coisa – ela ficou muito quieta de repente. – Não sei o que é, mas vou descobrir. Talvez seja uma segunda

chance. Talvez seja... outra coisa.

Pausa para mais um pouco de silêncio.

Erguendo o olhar, Matthias tentou ler a reação dela.

– Sei que parece maluco, mas... acordei pelado na sepultura de Jim, e acho que fui colocado lá. Não me lembro de mais nada antes disso, mas tenho a sensação de que deveria fazer alguma coisa, que existe um propósito para eu estar aqui... e que não tenho muito tempo.

Mels colocou os cabelos para trás e limpou a garganta.

– Você não se lembra de nada porque está com amnésia.

– Ou talvez seja porque eu não devo me lembrar. Eu juro... estive no Inferno. Estava preso lá com incontáveis outras pessoas, numa prisão onde tudo o que havia era... sofrimento. Eterno – ele esfregou o peito e deixou a mão sobre o coração. – Sinto isso dentro do meu peito. Assim como sei que era o meu destino te encontrar naquela noite, e que devemos ficar juntos agora mesmo. E, sim, isso tudo é loucura, mas se a vida após a morte não existe, então por que tantas pessoas acreditam nisso?

Mels balançou a cabeça.

– Eu não tenho uma resposta pra essa pergunta.

– Estou feliz por você estar aqui – ele disse.

Quanto mais tempo ela demorava para responder, mais ele achava que fora longe demais... até que ela sorriu, um pouco triste.

– Meu pai acreditava no Céu e no Inferno. E não apenas na teoria. É um pouco irônico, considerando como ele vivia. Por outro lado, talvez ele se sentisse responsável pela “fúria de Deus” na Terra.

– Ele frequentava a igreja?

– Todo domingo. Como um relógio. Talvez pensasse que isso compensaria as coisas mais... digamos... pesadas que ele fez em nome da lei.

– Nada compensa.

Quando os olhos dela dispararam e encontraram os dele, Matthias quis soltar um palavrão. Muito bem, ele pensou, você a fez pensar que o pai está no Inferno. Parabéns.

– O que quero dizer é...

– Ele também fez muitas coisas boas. Salvou mulheres e crianças de situações terríveis, protegeu inocentes, se certificou de que bandidos tivessem o que mereciam.

– Então isso deve pesar a favor dele – que patético. – Veja, eu não quis sugerir que...

– Está tudo bem...

– Não, não está. Não sei o que estou falando – Matthias levantou as

palmas das mãos. – Não ouça o que eu digo. Foi só... um pesadelo horrível. Sim, nada mais do que isso. Eu não sei... de coisa alguma.

Mentiroso. Que grande mentiroso. Mas os sinais sutis de alívio que vieram dela, desde o relaxamento dos ombros até a maneira como suspirou, disseram a ele que a mentira valia a pena. Com toda a certeza.

– O nome dele era Thomas – ela disse abruptamente. – Mas todos o chamavam de Carmichael. Ele era tudo pra mim. Ele representava tudo o que eu queria ser... Deus, não sei por que estou falando isso.

– Está tudo bem – ele disse, sussurrando, pois pensou que se não fizesse muito barulho, ela continuaria falando.

Mas não teve sorte. Mels parou, e Matthias se surpreendeu com o quanto queria continuar ouvindo. Caramba, queria ouvir ela falar de qualquer coisa: fosse sua lista de compras, seus pensamentos sobre a poluição nas cidades, suas convicções políticas... a teoria da relatividade.

Mas os detalhes de seu passado, seus pais? Aquilo era ouro puro.

– E quanto à sua mãe?

– Estou morando com ela, na verdade. Desde que ele morreu. É... um pouco tenso. Eu tinha muito mais em comum com meu pai. Mas com ela? Sinto como se eu fosse um elefante em uma loja de cristais. Ela não é nem um pouco como ele.

– Talvez fosse por isso que o casamento funcionava. Os opostos se atraem.

– Não sei.

– Como ele...

– Morreu? Num acidente de carro. Estava numa viatura em perseguição e um pneu do carro do infrator furou. Meu pai tentou desviar para evitar a batida, perdeu a direção e acabou acertando uma caminhonete estacionada. Tiveram de cortar as ferragens para tirar o corpo dele.

– Eu... sinto muito.

– Eu também. Sinto falta dele todos os dias e, mesmo ele não estando mais aqui, ainda tento impressioná-lo. É uma loucura.

– Acho que ele ficaria orgulhoso de você.

– É, não tenho tanta certeza. Caldwell é um palco pequeno.

– Mas é o palco em que ele atuava.

– Mas não como repórter de jornal pequeno.

– Bom, considerando a maneira como você me tratou, como alguém poderia não gostar de quem você se tornou? Você tem sido... muito boa com um estranho.

Mels o observou na cama.

– Posso ser honesta com você?

– Sempre.

Houve uma longa pausa.

– Não sinto que você é um estranho.

– Acontece o mesmo comigo – ele disse suavemente. – Sinto como se te conhecesse por toda a minha vida.

– Mas você não se lembra de nada.

– Não preciso de lembranças específicas nesse caso.

Ela olhou para as mãos novamente, observando as unhas curtas.

– Escuta, eu preciso que você fale comigo sobre aquela arma...

– Como eu disse, peguei a arma com Jim, quando fui até a garagem para encontrar ele. Peguei porque não me sentia seguro desarmado.

– Então, Heron está vivo, e estou certa quando digo que a história do gêmeo é uma mentira – seus olhos se encontraram novamente. – Preciso saber.

Ele esfregou o rosto.

– Sim, é isso mesmo. Mas deixe-me ser claro. As razões de ele bancar o morto são problema dele, e não meu. Não estou envolvido nisso, e vou continuar assim.

Depois de um momento, ela assentiu.

– Certo, obrigada por me contar. E acho que posso perdoar o cara, já que ele salvou minha vida hoje.

Matthias deu um pequeno sobressalto e sentiu as mãos querendo pegar a arma.

– Salvou você? Como?

Matthias sentou-se na cama, sua expressão mudando repentinamente. Agora parecia um cara perigoso, com o olhar cheio de uma raiva protetora que o faria capaz de qualquer coisa para defender Mels.

Ela se ajeitou na cadeira e sentiu aquele calor surgir novamente em seu corpo.

– Como foi que ele te salvou? – Matthias grunhiu.

– Bem... – enquanto buscava as palavras certas, ela afrouxou o casaco, deixando-o escorregar dos ombros e cair na cadeira. – Eu estava no Hospital St. Francis a trabalho, e tinha uma reforma acontecendo por lá. Alguém estava trabalhando no andar de cima e o teto não suportou o peso da obra. Um monte de vigas e azulejos caiu. E, tipo, do nada, esse tal de Jim Heron pulou para dentro da sala e me protegeu com seu corpo. Ele recebeu todo o impacto, e só Deus sabe quanto peso tinha naquilo. Então um trabalhador também caiu no buraco. Acho que ele teve um ataque

cardíaco. Nós estávamos conversando com um dos caras que trabalha no necrotério e ele fez uma ressuscitação imediatamente. Foi bizarro.

Matthias respirou fundo, como se estivesse profundamente aliviado.

Eram reações como aquela que a faziam confiar nele. Apesar de todo o resto.

Mels balançou a cabeça.

– Foi só um acidente maluco, do qual escapei por pouco. Mas, caramba, tive sorte de ele estar por perto.

– Posso pedir um favor?

– É claro.

– Venha aqui – ele ofereceu a mão. – Quer dizer, eu não vou te agarrar. Só quero...

Mels levantou-se imediatamente e cruzou a distância que os separava. Sentou na ponta da cama ao lado dele e inclinou o corpo em sua direção. Quando Matthias tocou a mão dela, acariciou suavemente o punho.

A carícia, mais do que qualquer palavra que ele pudesse dizer, a fez sentir-se especial.

– Estou feliz de verdade por você ter vindo – ele disse novamente.

– Também estou.

Mels esticou o braço e tirou os óculos escuros do rosto de Matthias. Os olhos dele imediatamente se abaixaram, como se fosse difícil para ele que Mels o visse como é de verdade.

– Já disse que não precisa ter vergonha – ela disse em um tom baixo.

Ele forçou uma risada.

– Do quê?

– De sua aparência.

Os olhos dele subiram novamente.

– E se eu disser que o problema não é esse?

– Então qual é?

– Não sei se você quer mesmo ouvir a resposta.

Inclinando-se, ela passou os dedos pelas cicatrizes que ele tinha nas têmporas, e depois acariciou a sobrancelha acima do olho ruim.

– Eu gosto da verdade.

Ele praguejou baixinho para si mesmo.

– Droga, mulher, você está me matando...

– Não, não estou.

Matthias fechou os olhos por alguns segundos, como se estivesse tentando manter o controle.

– Sabe do que mais me arrependo nesse momento?

– Do quê?

– De nunca ter te conhecido antes. Se conhecesse, eu poderia...

– Poderia o quê?

Quando ele voltou a focar os lábios dela, Mels sentiu uma repentina necessidade de lambê-los – e, quando cedeu a essa vontade, ele se ajeitou debaixo das cobertas, como se seu corpo precisasse de algo que ela tinha.

Cara, de repente aquele quarto começou a esquentar.

– Quero fazer amor com você, Mels. Neste quarto, agora mesmo. Pra falar a verdade, eu desejei você desde o princípio. No instante em que te vi no hospital. Foi nessa hora que aconteceu.

Certo... uau!

Talvez outra mulher pudesse agir com recato – mas ela não estava interessada em jogos.

– Eu também – Deus, ela tinha mesmo dito isso em voz alta? – Quer dizer, veja bem, faz tempo que eu não faço isso, e tudo o que aconteceu foi uma surpresa... mas havia algo diferente em você no momento em que eu... – ela teve que rir um pouco. – No momento que eu te atrolei com meu carro.

Os dedos dele voltaram a acariciar a palma da mão dela.

– Obrigado – ele disse.

– Pelo quê?

– Não sei.

Ela não sabia se acreditava naquilo.

– Você realmente acha que não é atraente?

– Você acabou de me ver só de cueca.

Mels balançou a cabeça.

– Não sou uma dessas garotas superficiais que só querem alguém cheio de músculos. Existe muito mais além disso.

– Talvez, mas tenho certeza de que você quer um homem que consiga transar com você.

Mels abriu a boca. Então fechou. Depois abriu de novo.

– Exatamente – ele disse.

Merda. Ela deveria ter previsto isso, considerando as outras cicatrizes na parte de baixo de seu corpo...

– Francamente, Mels, a única razão de eu ainda não ter te agarrado é porque não consigo. Eu... não consigo – ele desfez o contato das mãos. – E sabe o que é o pior? Já estive com muitas mulheres.

É, aquilo fez o peito de Mels doer um pouco.

– Antes dos ferimentos...

Ele assentiu.

– Entre tantas coisas de que eu poderia me lembrar, tinha que ser justo

isso...

Mels sentiu outra pontada no coração.

– Então você se lembra?

– Eu odiei lembrar... pois trocaria cada uma daquelas transas sem importância por apenas uma noite com você – ele passou os dedos pelo rosto de Mels e então deixou o polegar sobre a boca dela. Com a mesma pressão gentil que usara para acariciá-la, ele afagou seu lábio inferior. – Eu desistiria de cada uma delas. Na verdade, isso parece... uma maldição. Eu finalmente encontrei alguém como você, mas é tarde demais. De verdade. É tarde demais pra mim, Mels, e é por isso que você está me matando. Quando olho pra você, quando vejo você se mover, quando você sorri ou respira fundo, eu simplesmente... morro um pouco por dentro. Toda vez.

Mels sentiu lágrimas se acumulando no canto dos olhos: uma emoção que ela não conseguia descrever atingiu seu coração e o fez arder.

– Você gostou de me beijar – ela disse com rouquidão.

– Não. Eu adorei. Queria te beijar agora mesmo. Quero... fazer outras coisas com você para te satisfazer. Mas só posso ir até aí. E, mesmo isso sendo suficiente pra mim, eu sei que em algum ponto, seja mais tarde, amanhã, na próxima semana... não será mais suficiente para você.

Ela beijou a mão dele.

– Pensei que você estava indo embora.

– Eu estou. Isso foi apenas um exemplo retórico.

Talvez. Mas deu um pouco de esperança, e de repente Mels pensou que precisava de alguma esperança, assim como precisava de ar para respirar.

– Mels, eu...

Ela se aproximou e o impediu de terminar a frase dando um beijo em seus lábios. A princípio, quando fizeram contato, os lábios dele estavam tensos, mas essa tensão não durou muito. Logo, ele estava se movendo contra ela, desejando, tomando. Lambendo. Mordendo.

Quando ela finalmente recuou, estava sem fôlego.

– Não me deixe pensar em coisas que não deveria, certo?

Estava claro que ela não era a única a ficar abalada, pois o peito dele estava arfando com uma urgência que a excitou.

– Não preciso de sexo pra ser feliz com você – ela disse. – Honestamente, não é tão importante...

Com um impulso repentino, ele a agarrou e a jogou no colchão beijando-a com força. Quando seu grande corpo cobriu o dela, Matthias enfiou a língua naquele beijo, tomando-a para si de uma maneira tão completa que fez Mels perceber, naquele momento, o quanto os outros homens pareciam anêmicos em comparação.

Aquele calor acabou explodindo e o sangue em suas veias queimava entre as batidas do coração.

E isso foi antes de as mãos de Matthias começarem a tirar as roupas dela.

CAPÍTULO 29

Quando as coisas começaram a esquentar naquele quarto de hotel, Adrian saiu de lá rapidamente, atravessando a porta fechada e ganhando o corredor.

Jim empurrara para ele o trabalho de babá e fora embora assim que a repórter entrou no Marriott. Tudo estava indo bem – só que Ad não estava a fim de assistir a um show pornô ao vivo – a menos que estivesse envolvido, é claro. E achava uma ótima ideia dar um pouco de tempo a sós para aqueles dois. Fechando os olhos, pousou a mão na porta e usou um feitiço para selar o quarto, não apenas na entrada, mas em todo o interior.

Depois encostou na parede do corredor e colocou a mão no bolso.

Agora ele entendia por que Jim fumava. Isso ajudava a passar o tempo em meio a períodos sem muita ação.

Começou a pensar naquele pobre infeliz do Matthias. Por outro lado, até que existem coisas piores do que ter um membro impotente. Afinal, é isso que acontece quando você pisa de propósito em uma mina terrestre, bomba, ou seja lá o que era: você não pode explodir a si mesmo e depois querer foder sua mulher.

No final do corredor, as portas do elevador se abriram e uma mulher saiu junto com a filha, que tinha uns cinco ou seis anos. A mulher parecia ter passado por uma guerra – ou escapado de um parquinho infantil: seu cabelo estava desarrumado, os ombros estavam inclinados cheios de sacolas, e ela arrastava uma única mala com rodinhas como se fosse um cachorro em uma coleira. A criança, por outro lado, estava elétrica, pulando e correndo de lá para cá, gritando com uma voz tão aguda que poderia estilhaçar vidraças – ou fazer você querer quebrar as vidraças com as próprias mãos.

Adrian se ajeitou e manteve-se invisível enquanto o desfile passava. Mas não durou muito – a garotinha percebeu sua presença e diminuiu o ritmo até parar e ficar encarando o lugar onde ele estava.

- Vamos, Lisa – disse a mãe. – Nosso quarto fica por aqui.
- Mamãe, tem um anjo aqui...
- Não, não tem.
- Mas, mamãe, tem sim! Tem um anjo aqui!

– Não tem *ninguém* aí. Vem pra cá, Lisa.

Enquanto a garota o encarava com grandes olhos castanhos, a mãe, exausta, se aproximou e começou a puxar a filha.

Mas a menina tinha toda a razão, ele pensou.

Ad não estava se sentindo um anjo. Nunca se sentira como um, na verdade – e a morte de Eddie tirou qualquer noção de responsabilidade que esse epíteto lhe dava. O anjo morto era o padrão que ele usava para si. Era um modelo do que era bondoso e correto. Era sua bússola.

Sem conseguir ficar parado, Ad deu um impulso e se dirigiu para o elevador. Apertou com força o botão para descer e as portas abriram-se imediatamente: o elevador usado pela mãe e filha ainda estava lá parado. Enquanto descia, voltou a ficar visível, penteou o cabelo em frente às paredes espelhadas e arrumou a jaqueta de couro.

Aquela arrumação não ajudou em nada para melhorar sua imagem. O problema era sua expressão. Ele parecia pronto para arrancar a cabeça de alguém.

Ding!

Quando as portas se abriram, Ad saiu e começou a andar até o bar. Infelizmente, o lugar não era sombrio o suficiente para atrair o tipo de mulher que ele queria: não havia garotas góticas com pouca roupa, sorrisos cheios de Prozac e propensão a cair de joelhos. Mas isso não significava que ele não podia tentar encontrar uma candidata.

Adrian encontrou uma mesa para si em um canto escuro e deixou que sua necessidade de sexo exalasse pelo bar.

E, veja só, cada mulher que entrava no recinto, passava ao lado ou registrava um quarto no saguão, olhou em sua direção.

A garçonete que servira ele e Jim na noite anterior apareceu imediatamente.

– Olá.

Ela deu um sorriso maroto que não parecia nada profissional. Principalmente quando seus olhos percorreram cada pedaço do corpo de Ad.

O que incluía uma ereção totalmente sem vergonha.

– O que vai querer hoje? – ela perguntou, demorando-se nas palavras.

Ela era bonita de um jeito que estava ligado à sua juventude. A pele brilhava, o cabelo era exuberante e saudável, o corpo tinha tudo no lugar. Porém, um olhar mais calculado diria que uns vinte anos e vinte quilos a mais a transformariam em uma anônima de meia-idade. Bom, acontece que Ad sempre foi do tipo que aproveita o hoje e o agora.

– Você tem algum intervalo do trabalho? – ele disse com a voz baixa.

– Sim – o sorriso dela ficou ainda maior. – Eu tenho um intervalo.
– Quando?
– Em dez minutos.
– Me diga um lugar. Pra transar com você.
Seus lábios se separaram, como se ela precisasse de mais oxigênio.
– Onde... você quer...
– Aqui. Agora – ele olhou ao redor. – Mas isso seria um show e tanto para os outros fregueses.

Quando os olhos de Ad voltaram, ele a observou de cima a baixo e se imaginou transando com ela de frente, com as pernas abertas ao redor de seu quadril, seu pau entrando e saindo...

Certo, a teoria não o excitava tanto assim – mas essa era a diferença entre um filme pornô e sexo de verdade. Era da prática que ele precisava.

A conversa com a garçonete foi apressada e durou pouco, mas não era como se aquilo fosse uma transação financeira. Ela não era uma prostituta recebendo dinheiro: era apenas uma mulher de sangue quente que desejava uma boa transa, assim como ele.

Com tudo acertado, Adrian saiu do bar. Seu corpo tinha, mas o coração estava frio como um frigorífico. Seguindo as instruções, ele virou à esquerda e desceu as escadas que davam no spa. Durante a descida, o som de suas botas pesadas ecoou até o teto de mármore, e o cheiro de sais de banho e óleos perfumados o fez querer respirar pela boca e não pelo nariz.

Ele espirrou ao chegar lá embaixo, mas pelo menos não precisava passar pelas portas de vidro do spa. Se a coisa cheirava tão forte por fora, o interior provavelmente derreteria seu nariz.

Virando novamente à esquerda, ele passou por um corredor cheio de fotos em preto e branco de garotas seminuas em poses insinuantes. A porta no final estava marcada com uma discreta placa de “Apenas Funcionários”, e ele esperou ao lado com impaciência, respirando o ar pesado que entupia seus pulmões.

Merda. Praticamente não conseguia respirar...

A garçonete abriu a porta e o puxou pelo braço.

– É por aqui.

Do outro lado havia um mundo completamente diferente. Nada de fotos ou paredes lisas, apenas tijolos expostos e um chão de concreto. Mas Ad não fora até ali para apreciar a vista – ao menos, não a vista do ambiente.

Olhando por cima do ombro, a garota mostrava um sorriso maníaco, como se aquilo fosse a maior diversão que já tivera no trabalho.

– Se alguém nos descobrir, você é meu primo que chegou do interior, certo?

– Claro, que seja – desde que ninguém os descobrisse no meio do ato. Pois beijos não eram nem metade do que ia rolar.

Ele a seguiu até uma sala dos funcionários que estava toda bagunçada, com várias sacolas e roupas espalhadas pelos móveis. Uma combinação de perfumes criava um cheiro úmido que deixava o lugar parecer mais quente do que era. No outro lado, havia mais uma porta que dava em um corredor ainda mais sujo, que claramente fazia parte da antiga estrutura do edifício.

E estava sendo usado atualmente, ao menos em parte, como área de armazenagem: alinhadas contra a parede, havia fileiras de cadeiras do chão ao teto. Os pés de bronze e os assentos de veludo vermelho davam um pouco de cobertura para os dois.

– Nós temos quinze minutos – ela disse, envolvendo seu pescoço com os braços.

Adrian tomou a boca da garota como tomaria também seu corpo: com força e intensidade, fazendo sua língua encontrar-se com a dela. Em resposta, ela cravou as unhas fundo na jaqueta de couro dele enquanto levantava uma das pernas e o envolvia pela cintura. Com as mãos rudes, Ad abriu a saia dela. A garçonete usava meias que no bar pareciam bastante profissionais, mas na realidade estavam presas em uma sensual cinta liga – e usava também uma bela calcinha de renda.

Seu traseiro era firme e levantado, e Ad a girou na sua frente, fazendo seus cabelos voarem, e a deixou com o rosto colado na parede de tijolos. Ajoelhando, ele mordeu um lado da bunda, mergulhando os dentes na carne enquanto colocava a calcinha de lado.

O desejo sexual que ele estava sentindo não tinha nada a ver com ela. A garota era apenas uma versão ambulante de uma esteira de exercícios, algo que ele podia usar para aliviar a vontade, um recipiente para derramar toda sua raiva, frustração e tristeza.

E, considerando a facilidade com que a garota permitiu que se encontrassem ali, e se beijassem, e transassem... Ad ficou com a impressão de que não era a primeira vez que ela se deixava usar daquela maneira.

Talvez ela o estivesse usando mesma razão.

Com a calcinha dela nos tornozelos e a saia levantada até a cintura, Ad começou a lambê-la por trás, tomando com a boca, penetrando com a língua. O sabor dela era delicioso, seu sexo estava macio e molhado contra os lábios dele, completamente cheirosa e limpinha, como se a garota mantivesse um alto padrão para si mesma.

Depois que ela gozou algumas vezes – ele nem tinha ideia de quantas, pois na verdade não se importava –, Adrian se levantou e trocou de lugar,

ficando de costas para a parede. Quando a garota parecia querer retribuir o favor, ajoelhando e começando a abrir sua braguilha, Ad a impediu, segurou suas coxas e a suspendeu no ar, colocando as pernas dela ao redor de seus quadris.

Ele não queria a boca dela.

Seria pessoal demais, por mais estranho que pareça.

E, bem quando estava prestes a entrar nela, Adrian congelou.

Jim Heron estava de pé do outro lado da sala, com os braços cruzados sobre o peito, os olhos estreitos, parecendo muito bravo.

Que bela hora para aparecer.

Mas Ad não pararia agora. Suas bolas estavam tensas como punhos, e a ponta de seu pau estava quase explodindo.

Ele deu de ombros e penetrou a garota. Se Jim queria assistir, Ad não tinha problemas com isso. Caramba, se ele quisesse participar, também não se importaria.

Embora esta última ideia fosse pouco provável, considerando aquela expressão que dizia “vou matar você”.

Que seja.

Fechando os olhos, Ad se entregou àqueles movimentos cada vez mais fortes que tantas vezes usara para se consolar no passado.

Deus, ele sentia tanta falta de Eddie que até doía.

Seis andares acima, em seu quarto, Matthias estava descontrolado. Estava solto de suas amarras. Estava cego pelo desejo.

Enquanto beijava Mels, ele abriu os botões de sua blusa um a um, separando o fino tecido até revelar a pele macia... e um par de seios cobertos de algodão que o deixaram ainda mais louco. Deus, aquilo já era demais, os sons de seus lábios se beijando, a respiração entrecortada, as roupas se esfregando, a visão dela. E havia também a maneira como Mels se movia contra ele: o corpo dela ondulava em movimentos que traziam os seios até o peito dele e depois pressionavam a cintura contra seus quadris.

Ele queria passar a boca por todo aquele corpo, e isso aconteceria *agora* – começando pela garganta. Ele beijou o caminho macio que ia do queixo até o peito, trouxe a mão até a base dos seios e passou o polegar por baixo da armação do sutiã.

Matthias queria provocar – mas não durou muito.

– Oh, Deus, sim – ela disse enquanto ele tocava os seios.

Precisou parar e se recomprou ao ouvir o som dos gemidos dela, e mergulhou a cabeça nos cabelos de Mels enquanto tentava se controlar. A

necessidade de possuí-la era tão grande que o deixou um pouco abalado, pois não sabia se conhecia a si próprio o suficiente para confiar que não a machucaria.

Mas já não havia volta.

O sutiã sumiu um segundo depois: ao abrir o fecho frontal, ele encarou os mamilos rosados e as curvas pálidas da pele.

Matthias grunhiu nesse momento. Ao menos pensava que fora ele quem produzira o som.

Era isso ou então um puma havia invadido o quarto.

Matthias abaixou a cabeça e tomou um dos mamilos com a boca, passando a língua, chupando, mordendo. Não deixou o outro lado de fora – apertou com os dedos e pressionou o pequeno bico endurecido, como se dissesse para esperar um pouco, pois sua vez estava chegando...

As unhas de Mels apertaram sua nuca, e repentinamente ela abriu as pernas como se seu sexo, e não sua mente, estivesse controlando os movimentos – e aquele núcleo vital que a definia como mulher desejava o que ele podia oferecer.

Ou melhor... desejava o que *poderia* oferecer, se fosse capaz.

Merda.

Mesmo que ela provocasse e se pressionasse contra a cintura de Matthias, e apesar do calor que fervilhava em seu sangue, o corpo dele não respondia da maneira como um homem deveria. Não havia um grande volume para pressionar de volta, nenhuma ereção que ela pudesse agarrar com as duas mãos, nada de um pau grosso que ela pudesse envolver com os lábios em retribuição para o que seria feito com ela nos próximos minutos.

Quando uma tristeza arrebatadora caiu sobre ele, ameaçando acabar com a festa, um único gemido de Mels foi suficiente para trazê-lo de volta ao jogo: afinal, nada daquilo importava. Tudo o que Matthias queria era fazê-la sentir-se bem, então, quando chegasse a hora H, ele precisaria ser criativo.

Ele ergueu a cabeça e encarou seu rosto corado e os olhos selvagens. Os cabelos dela estavam esparramados pelo travesseiro e suas bochechas estavam da cor do Natal.

Caramba, ela era incrível.

Mantendo os olhos nos olhos, ele se ergueu sobre ela e se ajoelhou em meio às pernas abertas de Mels. E nessa pausa, antes de as coisas ficarem realmente picantes, Matthias imaginou a si mesmo da maneira como era antes: forte, poderoso, seu corpo tão dominante quanto sua vontade.

Do jeito que estava agora, ficou feliz por estar usando uma camiseta. E

pensou que era... realmente um sortudo.

Ela tinha tudo para oferecer – ele não tinha nada. E mesmo assim ela o queria.

Foi nesse momento que Matthias se apaixonou.

A mudança em seu coração e alma não fazia sentido, mas a lógica emocional era muito persuasiva. O centro de seu peito ressoava com um calor que ele nunca sentira antes: ele sabia, mesmo sem conhecer os detalhes, que passara uma vida inteira envolvido em complicada crueldade, mas agora, lá estava ele. Mesmo vestido, se sentia nu diante dela, aceito por aquilo que era em seu interior, não por sua aparência ou pelo que podia fazer.

A revelação o transformou por dentro, colocando-o em um ritmo mais cadenciado do que a loucura selvagem com a qual agarrara Mels.

Agora ele se movia deliberadamente. As mãos se aproximaram dos botões da calça e começaram a desabotoar sem pressa nenhuma. Abrindo a braguilha, ele se abaixou e beijou a barriga dela entre o umbigo e o começo da calcinha tipo biquíni, que era incrivelmente sensual.

Quem precisa de rendas e cetim? Algodão simples era suficiente para ele, desde que fosse ela quem estivesse vestindo.

Cara, ele queria chupá-la através do tecido.

– Vou te deixar nua – ele disse com a voz cheia de desejo.

Com mais um daqueles incríveis gemidos, Mels deixou a cabeça pender para o lado e assistiu Matthias puxar sua calça enquanto uma das mãos subia até a boca dela.

Então passou os dedos entre os lábios molhados de Mels.

– Chupa agora... oh, sim...

Ela obedeceu a ordem, sugando até as bochechas se contraírem, então passou a língua no meio dos dedos para depois tomá-los novamente até desaparecerem de vista.

– Assim? – ela disse, depois de soltá-los.

Ele teve de fechar os olhos. Se não fizesse isso iria desmaiar... pois tudo o que podia imaginar era seu pau dentro daquela boca molhada e quente, com ela de joelhos na sua frente, a cabeça indo e vindo enquanto sugava tudo o que podia.

– Você é linda – ele grunhiu, jogando a calça por cima do ombro.

Era hora do show.

Os lábios dele se demoraram no topo da calcinha, traçando o caminho do quadril enquanto os dedos acariciavam levemente a boca de Mels. Quando chegou na lateral, ele retirou a peça de algodão, deslizando-a por suas longas pernas.

E então Matthias fez amor com Mels usando a boca.

Foi a melhor experiência sexual de toda a sua vida. Tudo era voltado para ela: a forma como ela sentia, como gostava, até onde ele podia ir antes que ela atingisse o clímax... e foi maravilhoso. Ele não tinha intenção de parar tão cedo. Segurando-a com as duas mãos, Matthias levantou os quadris dela e a inclinou enquanto ele deitava, pronto para permanecer naquela posição para sempre.

E quem disse que ele não conseguia penetrá-la?

Esticando a língua, enfiou seguindo um ritmo que a deixava louca, alternando estocadas com lambidas que faziam o sexo dela formigar. Cada vez mais rápido. Mais fundo. Mais forte. Ele queria que Mels se descontrolasse de novo e de novo, gozando em seus lábios, indo ao céu e voltando para a Terra pelo resto de suas vidas.

– Me dê o que eu quero – ele disse. – Me dê o que eu preciso...

Colocando os dedos na boca, ele os deixou bem molhados e enfiou fundo. E aquilo foi demais. Principalmente quando ela gozou novamente, contraindo-se em ondas que pareciam invadir o corpo de Matthias como se ele também estivesse chegando ao orgasmo.

Quando acabou, ele fez uma pausa para retomar o fôlego, enquanto Mels ficou deitada em um glorioso abandono, os peitos arfando, o corpo relaxado, a pele brilhando.

Levou um tempo para ela se recompor. Até tentou falar alguma coisa, mas não conseguia.

Era o tipo de coisa que faz um cara se sentir um homem.

– Isso foi... incrível.

O som de sua voz parecia mais um gemido do que palavras em si, e aquilo era demais.

Enquanto Matthias sorria, sentiu-se um pouco... maligno. Não de um jeito ruim, de um jeito masculino – quando você tem a garota que deseja deitada em sua cama, nua, solícita, e você tem toda a intenção de despejar ainda mais atenção sobre ela.

– Você quer que eu continue? – ele disse em um tom sombrio.

CAPÍTULO 30

Enquanto esperava naquele corredor, Jim estava pronto para socar seu parceiro.

É claro, para fazer isso teria de tirar aquela garçonne da frente – e, por mais que fosse do tipo que põe a mão na massa, ele não estava preparado para chegar perto demais daquela situação constrangedora.

Maldito.

E, sim, a situação o deixava com um humor ainda pior. Ele fora até o Marriott para socar Adrian por causa daquelas fotos da prostituta – e descobriu que, em vez de fazer seu trabalho de vigia no quarto de Matthias, aquele anjo filho da puta estava transando no mesmo corredor que aquele agente fora morto por Devina na noite anterior.

Como se Jim já não tivesse motivos suficientes para estar fora de si.

Aquelas fotos, aquelas malditas fotos...

Adrian dissera ter estado em uma cena de crime com Mels, e agora a repórter aparecia com fotos de uma vítima que tivera o cabelo pintado de loiro e a garganta cortada, e runas marcadas na barriga, mas que agora, que surpresa, tinham desaparecido.

Adrian *tinha* de ser a razão desse desaparecimento.

Então era hora de acertar as contas com o Sr. Apagador.

Olhando Adrian nos olhos, ele desafiou o cara a continuar transando. E, que surpresa, o cretino continuou.

A garçonne estava se divertindo bastante – ao menos, era o que podia perceber olhando-a por trás, com os cabelos voando e os braços agarrando o pescoço de Ad. Por um momento, Jim se lembrou de suas próprias aventuras sexuais – mas então seus pensamentos pararam em uma cena que não era nem um pouco relevante:

Ele e Devina. Usado e abusado por ela e seus lacaios no Poço das Almas.

Jim não sabia por que continuava a remoer essas lembranças. Aquilo não fora sexo – fora tortura, pura e simples, e Deus sabe que ele era treinado para aguentar isso.

Ainda assim, as imagens permaneciam em sua mente, pairando no subconsciente como um cheiro ruim que não vai embora.

Não sabia por que isso acontecia. Jim já tivera os ossos quebrados antes – de propósito, por um inimigo. Também já fora cortado no passado... e pendurado de ponta-cabeça enquanto era surrado como um saco de pancadas. Ah, e teve aquela vez em Budapeste, quando foi jogado em um carro e levado até uma floresta, onde bateram nele com um martelo e depois o deixaram para morrer no meio do nada.

De repente, a garçonne gemeu da maneira como as mulheres fazem quando não estão fingindo: aquilo não foi um som planejado e bonitinho criado exatamente para fazer um cara se sentir como um deus do sexo. Aquilo foi real, o som de quando uma garota goza tão forte que nem percebe os grunhidos animais que está deixando escapar.

Enquanto ela gemia, Adrian a segurava acima do chão quase sem esforço – afinal, a garota estava totalmente sincronizada com os movimentos dele, agarrada com força em seu corpo como se fosse uma peça de roupa apertada. E os movimentos não mentiam: ele estocando em um ritmo cada vez mais rápido, ela sendo jogada para cima em cada penetração, completamente absorvida e gostando muito. Assistindo aquilo tudo, Jim provavelmente deveria ficar excitado. Deveria querer participar.

Ou, no mínimo, deveria continuar bravo com Adrian.

Em vez disso, um pânico começou a crescer nos meandros de sua mente, memórias de seus braços imobilizados e de suas próprias pernas abertas fizeram-no começar a suar frio.

Ele se virou, não porque estava tão bravo que poderia matar Adrian, e não porque estava com vergonha do show que presenciava.

Seu estômago começara a se revirar.

As mãos tremiam levemente quando tirou um cigarro do bolso, e o som de Adrian atingindo o orgasmo o fez fechar os olhos por um segundo.

Naturalmente, o cretino excitado começou tudo de novo, sem nem descansar um pouco.

E Jim não podia começar a fumar até que a garota saísse dali.

Que ótimo.

Quando a diversão finalmente acabou, Jim olhou por cima do ombro. Adrian havia colocado a garota no chão, deixando que ela descansasse com a cabeça em seu peito. Enquanto acariciava os cabelos dela, Ad parecia não estar absorto naquilo – era como se estivesse longe, em outro lugar. Na verdade, exceto nos momentos em que gozou, ele parecia ter usado um piloto automático erótico o tempo inteiro.

Então por que diabos ele foi atrás de uma transa?

A garçonne checou o relógio, se arrumou e beijou Ad nos lábios. Um pouco antes de ir embora, ela pegou uma caneta e agarrou a mão do anjo.

Com movimentos exagerados, escreveu o número do telefone na palma da mão e depois fechou os dedos dele, como se estivesse lhe entregando um grande presente. Então ela se virou e saiu, quase pulando de alegria pelo corredor na direção que a levaria para a cozinha do restaurante.

Adrian fechou o zíper da calça.

– Antes que você comece a reclamar, eu coloquei um feitiço de proteção no quarto. Eles estão bem.

Jim acendeu o cigarro e soltou a fumaça com força.

– O que você acha que Eddie pensaria sobre isso?

Aqueles olhos, que já pareciam perigosos, ficaram ainda mais estreitos.

– Como é?

– Você ouviu o que eu disse.

Adrian apontou com o dedo.

– Nunca diga isso. Nunca...

– O que você acha que ele iria pensar sobre você estar aqui em baixo, transando com uma garota no horário de trabalho dela? – Jim virou o cigarro e começou a observar a ponta acesa. – E você parecia nem estar gostando. Então o abandono do posto nem teve uma boa causa.

Ondas de raiva distorceram o ar ao redor deles, o ódio de Adrian era tão palpável que praticamente se tornou uma fonte de luz.

– Vou falar uma vez – Ad disse. – E apenas *uma* vez...

– Eddie não teria ficado impressionado com isso.

O ataque foi tão rápido, tão selvagem, que Jim nem teve tempo de jogar o cigarro fora. Quando Ad agarrou seu pescoço com as duas mãos, a ponta acesa do cigarro caiu... e entrou pela gola da camisa.

Mas a queimadura era o último de seus problemas.

Jogando as mãos entre os dois, ele separou os braços de Ad e desferiu um golpe com a cabeça, acertando o outro anjo diretamente no nariz. Mas acontece que Adrian não sentia nada ali também, e devolveu o golpe com um soco de direita que acertou o ouvido de Jim como um trem em alta velocidade.

Caindo para o lado, ele se apoiou em uma fileira de cadeiras e usou o impulso para estabelecer uma nova posição de luta – e encontrou seu oponente pronto para continuar o duelo, como se fosse um lutador profissional.

Grande parte de Jim também queria uma boa luta sangrenta mano a mano com Adrian. Mas, se ficassem lutando por uma semana inteira, ficaria difícil continuar o sermão sobre Eddie.

Um soco no estômago acabaria com aquilo.

Ele fingiu que daria um golpe alto, e o outro estava tão furioso que

acreditou. Quando Ad deixou a barriga exposta, Jim lhe deu um golpe baixo e rápido – tão rápido que não havia como bloquear, e tão baixo que até acertou suas partes sensíveis.

O filho da puta ficaria com a voz fina por um bom tempo.

Adrian se encolheu com as mãos na virilha, formando uma barreira protetora que estava uns três segundos atrasada.

Jim chacoalhou a camisa para tirar a ponta do cigarro que ainda estava lá. Sua pele foi queimada no ombro, mas comparado com a dor no ouvido, aquilo não era nada.

Imaginou se sofrera uma concussão.

Mais demência *não* era o que ele precisava nesta rodada da guerra.

De pé à frente do cara, Jim disse com a voz gutural:

– Eu sei o que você fez.

Adrian deixou um joelho cair no concreto. Depois o outro.

– É claro que sabe. Você ficou assistindo.

– A prostituta. As runas na barriga dela. Você apagou a mensagem, não é?

Ad. começou a praguejar, mas os xingamentos não foram muito longe.

– Vou deixar bem claro – Jim se abaixou e ficou frente a frente com Ad.

– Se esconder informações de mim novamente, vou te expulsar do time. E, se Nigel não concordar, vou fazer isso com minhas próprias mãos. Você está entendendo.

Aquilo não era uma pergunta.

Adrian levantou o rosto – seus olhos pareciam duas tochas ardendo de raiva, mas Jim não deu a mínima. O anjo podia soltar lava pela cabeça se quisesse: eles *não* iriam trabalhar juntos se não fosse sob as regras de Jim.

Quando Ad finalmente falou alguma coisa, sua voz saiu rouca: os pulmões do anjo ainda estavam ocupados em recuperar-se do soco de Jim.

– Você acha que Devina... fez aquilo para te *ajudar*?

– A questão não é essa – Jim balançou a cabeça. – Você *não* tem permissão para interferir no jogo.

– Ah, então eu sou um idiota por tentar ajudar você...?

– Eu preciso saber de tudo o que ela faz.

Ad sentou no chão e esfregou o rosto.

– Ora, Jim, ela está tentando foder sua cabeça porque você não quer deixar ela foder o seu rabo. Por acaso isso é um grande mistério? Você sabe que é isso mesmo. Então por que os detalhes daquela mensagem são tão importantes?

– Se eu não puder confiar em você, não sei em quem mais poderia.

– E se ela conseguir bagunçar sua cabeça, nós vamos perder não só

Eddie, mas também você.

A guerra de argumentos drenou os últimos vestígios de emoção que pairavam no ar, deixando uma exaustão que claramente era mútua.

– Mas que grande merda – murmurou Jim enquanto sentava ao lado de Ad.

– É, isso descreve bem a situação.

Jim retirou os cigarros do bolso. O maço estava amassado, alguns cigarros partidos ao meio. Mas encontrou pelo menos um que ainda estava inteiro o suficiente para ser aceso.

Quando deu o primeiro trago, olhou ao redor e pensou no que acabara de acontecer. A fraqueza que sentia em momentos como aquele era apenas mais uma razão para odiar o inimigo.

Adrian também olhou ao redor.

– Eddie teria feito a mesma coisa com aquelas runas.

– Não, não teria.

Os olhos de Ad ficaram estreitos novamente.

– Você só conheceu ele por algumas semanas. Acredite em mim: ele fazia o que fosse necessário em todas as circunstâncias. E Sissy Barten é o seu calcanhar de Aquiles.

– Esconder informação...

– Podemos parar de falar nisso...?

– ... para caras como eu e você, é como cometer um crime.

– ... e voltar ao trabalho?

Quando a raiva voltou a borbulhar nos dois, como se o humor deles estivesse esquentando em um fogão, Jim praguejou. Esse era o problema com a ausência de Eddie. Não havia alguém equilibrado para separar os dois e colocá-los de volta no caminho certo.

Não havia a voz da razão.

E Ad até que estava certo. Jim estava meio obcecado com Sissy, e Devina era esperta o suficiente para perceber isso. Mas, após anos trabalhando nas Operações, uma coisa que Jim aprendeu a valorizar tanto quanto sua própria competência era informação – essa sempre foi a melhor arma e a mais forte proteção. Conhecendo as ações, o modo de pensar, a localização e os movimentos do inimigo, pode-se formular uma estratégia.

– Não existe um chão sólido nesta guerra – Jim disse depois de um tempo. – Estou lutando na areia e o inimigo está de salto alto no concreto. As chances já estão contra nós e, se você começar a filtrar informações, isso vai se tornar mais uma preocupação pra mim.

Adrian olhou para ele, com uma expressão muito séria.

– Eu não estava tentando atrapalhar. Honestamente.

Jim praguejou ao soltar a fumaça do cigarro.

– Eu acredito em você.

– Eu não vou fazer isso de novo.

– Bom.

Enfim, embora eles não tenham se abraçado ou algo assim, Jim concluiu que haviam feito a coisa certa: a discussão acabou muito melhor do que a primeira que tiveram. Naquela vez, Eddie precisara separar os dois. Pelo visto, estavam progredindo.

– Uma última pergunta.

Adrian levantou a cabeça.

– Manda.

– O que a mensagem dizia?

O silêncio se estendeu, e Jim sabia que isso não era um bom sinal. Se alguém como Ad estava escolhendo as palavras com cuidado, era um sinal realmente ruim.

– Você quer ganhar? – exigiu saber o outro anjo. – E não estou falando só sobre esta rodada. Estou falando da guerra.

Jim estreitou os olhos.

– Sim, eu quero.

Deus, pensou Jim, aquilo era verdade.

– Então não peça para eu traduzir. Nada de bom vai sair disso.

Houve um tenso silêncio enquanto Jim estudava seu parceiro: Adrian olhava diretamente em seus olhos, sem nenhum tipo de subterfúgio. Tudo naquele corpo estava tenso, como se o anjo estivesse rezando para ouvir a resposta certa.

Merda, a vontade de saber os detalhes era o pior tipo de indigestão possível... mas era difícil argumentar com a seriedade de seu parceiro.

– Certo – Jim disse com aspereza. – É justo.

No quarto de Matthias no sexto andar, Mels estava deitada na cama, os braços soltos, as pernas se contorcendo involuntariamente, corpo e mente completamente saciados.

Sentia como se tivesse passado por uma ótima sessão de exercícios na academia, seguida pela mais incrível aula de ioga, e terminado com uma visita a um spa especializado em massagens e relaxamento com óleos e cremes.

Ah, e como se depois tivesse passado em uma sorveteria que oferece sundae com calda de chocolate quente feita de trufas Lindt.

Êxtase. Puro êxtase. A melhor transa que já tivera, mesmo eles não

tendo realmente transado...

Ao seu lado, Matthias estava encolhido na cama, a cabeça deitada no único travesseiro que sobrara, um braço dobrado debaixo do corpo e um pequeno sorriso de satisfação em seu rosto endurecido pela vida. Observando-o, Mels sentiu lágrimas inesperadas se acumulando no canto dos olhos. Ele foi tão generoso, sem pedir nada em troca, aparentemente satisfeito simplesmente por fazê-la sentir-se bem.

– O que foi? – ele sussurrou quando ela limpou uma lágrima. – Eu te machuquei?

– Não, Deus, não... eu só... – era difícil explicar sem correr o risco de ele se sentir inadequado, e isso era a última coisa que Mels queria, depois de tudo o que Matthias fizera por ela. – Acho que fiquei um pouco emocionada.

– Mentira. Você sabe o que é – a voz dele voltou ao normal e sua mão estava firme enquanto acariciava o cabelo dela. – E você pode me contar.

– Não quero estragar a noite – ela fungou um pouco. – Foi tão perfeito.

– Então por que isso? – Matthias pegou a mão dela e virou, mostrando-lhe o brilho da lágrima que havia limpado. – Conversa comigo, Mels.

– Eu realmente queria poder retribuir... você sabe, eu quero fazer essas coisas com você.

A expressão dele não mudou, mas ela sabia que o atingira onde doía. Ela podia perceber pelo modo como a respiração dele parou e depois voltou de repente – como se ele precisasse lembrar de respirar.

– Eu também gostaria disso – ele disse, com a voz um pouco triste. – Mas, mesmo se meu encanamento estivesse funcionando, o que tenho pra oferecer não é digno de se olhar, muito menos tocar.

– Eu já disse que você...

– Além disso, o que fizemos é mais do que suficiente para mim – agora ele sorria, embora seus olhos permanecessem sérios. – Sempre vou lembrar disso... e de você.

Uma fria onda de temor percorreu o corpo de Mels, substituindo o relaxamento.

– Você precisa mesmo ir embora? – ela perguntou após um momento.

– Sim, eu preciso.

Ela puxou as cobertas e cobriu o corpo.

– Quando?

– Logo.

– Pode me fazer um favor?

– Qualquer coisa.

– Diga quando chegar a hora. Não deixe que eu descubra por não

conseguir te encontrar. Prometa isso.

– Se eu puder, vou avisar...

– Isso não é bom o bastante. *Jure* que você vai me contar. Pois eu não posso... não quero viver com essa incerteza. Isso seria o inferno para mim.

Ele fechou os olhos brevemente.

– Certo. Vou contar quando chegar a hora. Mas preciso de uma coisa em retribuição.

– O quê?

– Fique comigo esta noite. Quero acordar junto com você.

O corpo dela voltou a relaxar e seu coração parou de bater tão forte.

– Eu também.

Ele abriu os braços, convidativo, e ela se aninhou contra ele, deitando a cabeça em seu peito, ouvindo as batidas de seu coração enquanto as mãos dele circulavam as costas dela, alisando devagar e com carinho. Falar sobre sexo e despedidas a deixou ansiosa, mas o contato a acalmou até ela começar a cair no sono.

Infelizmente, Mels tinha a sensação de que ele não estava sentindo o mesmo e desejou uma maneira de fazê-lo relaxar. Mas parece que aquilo era outra via de mão única entre eles.

– Matthias?

– Sim?

Eu te amo, ela completou em sua mente. Eu te amo, mesmo isso não fazendo sentido.

– Depois que você for embora, algum dia vai poder voltar?

– Não quero mentir pra você – ele disse com rouquidão.

– Então acho que é melhor você não responder.

Matthias virou o rosto para encontrar o dela e a beijou.

– Não vou te deixar com esperanças.

Ah, mas iria. Mels tinha a sensação de que, depois que tudo terminasse, ela sempre procuraria o rosto dele, em cada multidão, em cada calçada, em cada esquina.

Para o resto de sua vida.

Ela odiava esse tipo de perda. Era de se imaginar que, à medida que uma pessoa fica mais velha, ela aprende a lidar melhor com essas situações.

Mas, em vez disso, parecia que a passagem do tempo apenas evidenciava todas as coisas que ela fora forçada a deixar para trás pelo destino: o fato de que ele simplesmente sumiria de sua vida a fez sentir como se seu pai tivesse morrido ontem.

Mels ajeitou os braços de modo que também pudesse abraçá-lo. E, é claro, no instante em que suas mãos fizeram contato com o corpo dele,

Matthias ficou tenso – mas que se dane. Ele teria de sentir seu toque de alguma maneira.

Por mais abusos que ele tivesse sofrido na vida... por mais cicatrizes que tivesse... ela só enxergava beleza em Matthias.

– Você arruinou os outros homens pra mim, sabia? – ela disse.

Ele deu uma risada áspera.

– Só se você gostar de homens tipo Frankenstein...

Mels levantou a cabeça.

– Pare com isso. Simplesmente pare. Você não pode impedir que eu goste de você, e não há nada que possa fazer se eu quiser tocar seu corpo. Entendeu?

Sob a luz fraca que vinha do banheiro, ele começou a sorrir, mas então perdeu a expressão, e uma estranha emoção tomou conta de seu rosto.

Em voz baixa, ele disse:

– Você é um anjo, sabia?

Mels revirou os olhos e deitou a cabeça novamente em seu peito.

– Dificilmente. Você já percebeu o quanto eu falo palavrão?

– Quem disse que anjos não têm boca suja também?

– Sem chance.

– Por acaso você já conheceu algum para saber?

Por alguma razão, a imagem de Jim Heron pulando e protegendo-a com seu corpo surgiu na mente dela.

Se ele não tivesse aparecido naquele exato momento, ela teria morrido.

– Talvez você tenha razão – ela disse. – Eu até consigo visualizar eles por aí... realmente consigo.

CAPÍTULO 31

– Pablo, você está de brincadeira? – a mulher quase pulou da cadeira do salão de beleza. – Isto é... *loiro*.

A inflexão naquela voz estridente fazia parecer que alguém estragara completamente a “maravilhosa” cabeleira da mulher, em vez de transformar o horroroso cabelo ruivo em um lindo amarelo que combinava perfeitamente com sua pele cheia de Botox.

Francamente, Devina ficou um pouco ofendida. Aquela cor era muito sexy.

Olhando através dos olhos de Pablo, o demônio fez o homem colocar as mãos na cintura e decidiu que não tinha vocação para trabalhar em um salão. Que. Droga. Irritante. A mulher chegara trinta minutos atrasada, exigira um refrigerante enquanto esperava a tintura processar – como se aquilo fosse uma porcaria de um restaurante – e depois ficou reclamando da temperatura da água enquanto o cabelo era lavado.

E agora mais essa reclamação.

– Acho que você vai gostar mais depois que secar.

A voz que Devina usou era suave e tinha um leve sotaque difícil de definir, que parecia algo vindo da América do Sul. Mas Pablo era uma dessas pessoas que se reinventa, quase como a própria Devina. Ele se vestia de maneira que deixava sua imagem melhor do que realmente era – e também falava de um jeito diferente do seu natural.

Na verdade ele era de Nova Jersey.

Devina encontrara no Google enquanto criava seu plano, pois não tinha mais nada que pudesse fazer – e Deus sabia que conversar com a cliente fora suficiente para desejar que Pablo desse um tiro na própria cabeça.

Talvez ela devesse ter deixado alguns assistentes ficarem no salão. Hum, não, se fizesse isso, ela teria de lidar com eles também.

– Deixa eu tentar consertar – ela disse usando a boca de Pablo enquanto fazia suas mãos deslizarem pela longa cabeleira molhada. – Vou dar um jeito, você vai ver.

A cliente começou a reclamar sem parar, lembrando Devina de algumas daquelas malucas do programa *Bridezillas* que assistiu uma vez – e que também foi um bom lembrete do porquê ela nunca seria lésbica. O

machismo calhorda e o jeitão de cachorro de Jim Heron era muito mais fácil de lidar do que aquele irritante melodrama passivo-agressivo:

– ... blablablablá! Blá blá. Blá blá, blablablablablá *blá blá* ...

A falação continuou por um tempo, mas, como todo dilúvio, eventualmente chegou ao fim.

– Certo – disse a megera. – Mas é melhor que eu goste!

Devina sorriu com a boca do estilista e pegou uma escova e um secador de cabelo. Passando a escova com movimentos longos e precisos, da mesma maneira que fazia com o próprio cabelo, ela começou a alisar as ondas da mulher. Enquanto escovava, lembrou-se do mês passado, quando chegara naquele salão na hora marcada com antecedência – afinal, Pablo era o melhor estilista da cidade –, mas encontrara a mesma megera reclamando do corte que ele havia feito. Pablo teve de aguentar a reclamação e não teve outra opção: começou a retrabalhar o corte da mulher, atrasando a vez de Devina.

Ela teve de esperar quase uma hora, e tudo por alguns centímetros a menos nas pontas daquele cabelo que já estava cortado.

Como se a megera usasse uma régua para pentear o cabelo de manhã.

Às vezes, o carma ruim pode voltar com tudo para você...

Demorou uma eternidade para secar a combinação de apliques e cabelo de verdade, mas Devina não estava preocupada com interrupções: ela trancara a porta da frente do salão e, olhando da rua, era impossível enxergar as duas lá dentro. Além disso, o lugar tranquilo era um elemento a seu favor. O salão de Pablo ficava na parte rica da cidade, em uma rua cheia de lojas que vendiam roupas de cama francesas, móveis ingleses e sapatos italianos.

Era a terra das esposas dos ricos, onde tudo fechava depois das seis, menos o salão de beleza.

Afinal, as bonequinhas precisavam estar arrumadinhas quando seus maridinhos chegassem.

E, falando nisso, Devina achava que a mulher naquela cadeira era a segunda esposa de alguém. Entre os seios de plástico, o Botox e a magreza, ela era uma mulher irritadiça e nervosa: como alguém que não pode ter o que gosta, e que se vendeu para algum velho safado que pode pagar por seu estilo de vida.

Ou talvez ela estivesse transando escondida com seu “professor de pilates”.

Quando Devina finalmente fez Pablo guardar a escova e o secador, a megera se inclinou para frente na cadeira e passou a mão no cabelo, ajeitando as mechas aqui e ali.

Ela gostou do resultado.

– Bom, eu não vou pagar. Não foi isso que pedi e eu odiei – disse ela, embora estivesse fazendo beicinho ao se olhar no espelho, como se posasse para uma câmera. – Eu *não* vou pagar.

Na verdade, essa era uma boa notícia. Assim era menos provável que houvesse provas contra Pablo. Devina não queria perder seu estilista – que era apenas uma ferramenta nisso tudo e não iria se lembrar de nada.

A mulher pegou sua ridícula bolsa *Takashi Murakami LV*. Será que ela não sabia que só garotas de quinze anos podem usar uma dessas bolsas?

– Não sei até quando vou continuar vindo aqui.

Devina sabia a resposta.

Não, não seria muito tempo.

A boca de Pablo começou a jogar vários elogios para a mulher, tentando acalmá-la, enquanto ela andava até o vestiário e se fechava lá dentro.

Com um pouco de tempo nas mãos, Devina enviou Pablo até a recepção. Queria checar para quando estava marcada sua próxima visita ao salão, mas tudo era computadorizado e ela só sabia usar o Google, ali não saberia nem por onde começar a procurar a informação que queria.

Seria no fim dessa semana, não é?

Quando reapareceu, a mulher estava vestida com um estilo “moderno” que parecia ter sido escolhido por um estilista cego que a odiava. E já estava se acostumando com os cabelos loiros, que jogava de lá para cá.

Aquela megera merecia morrer por muitos motivos.

“Pablo” acompanhou sua cliente até a saída, o que significava que era hora de Devina se separar de seu hospedeiro. Quando deixou o corpo do garoto-de-Jersey-que-fingia-ser-do-Rio, ela apagou nele qualquer lembrança de sua última cliente. Até onde ele sabia, a mulher que agora estava loira nunca aparecera – e a polícia, quando encontrasse o corpo, não conseguiria relacionar a cor de cabelo àquele salão.

Devina não usou os produtos exclusivos de salão de beleza. Eram complicados demais.

Usou um L’Oréal mesmo.

E enquanto a tinta secava, ela saiu pelos fundos e colocou a embalagem usada em um carro qualquer que estava estacionado duas lojas à frente.

Ninguém associaria a tintura com Pablo – e, se fizessem isso, ele passaria por qualquer detector de mentira com louvor, pois, até onde ele sabia, nunca encontrara a mulher.

Lá fora, o ar estava fresco, e Devina assumiu a imagem de um homem qualquer enquanto andava atrás da recém-loira. A mulher imediatamente pegou o celular, como se estivesse muito excitada para contar sobre seus

momentos de trauma no salão de beleza.

Desculpe, querida, mas não vai dar.

Com uma rápida rajada de energia, Devina desligou o celular da megera – o que provavelmente foi a salvação de alguém, que acabou poupado de ouvir a ladainha sobre a “tragédia” com o Pablo.

Quando a mulher parou e tentou consertar o celular batendo-o na palma da mão, Devina passou ao seu lado com a cabeça baixa e as mãos no bolso da calça.

Ela continuou pela fileira de lojas fechadas, checando os arredores. Não havia mais ninguém na calçada, ninguém na rua, tudo estava deserto.

Ela soube quando sua presa voltara a andar pelo som dos sapatos de salto batendo no concreto. E também por causa dos palavrões, é claro.

Quando os faróis de um Range Rover preto piscaram no quarteirão seguinte, Devina sorriu. A cerca de três metros, havia uma rua que cruzava a sequência de lojas, e aquilo era exatamente o que ela precisava.

Ela fez quatro postes de luz se apagarem, diminuiu o passo e esperou que a mulher se aproximasse.

Era a oportunidade para uma execução perfeita.

Literalmente.

Devina se virou rapidamente no momento preciso e agarrou um punhado daqueles cabelos loiros, segurando com força suficiente para tirar a mulher do chão. Então, com uma ligeira sucessão de movimentos, ela dominou a situação, tomando controle de braços e pernas que se debatiam e colocando a palma da mão sobre a boca da mulher.

Usou sua força superior para arrastar a vítima até o cruzamento, apagando mais postes enquanto passava.

Não havia tempo a perder. Sim, aquela parte de Caldwell era calma durante a noite, mas um carro poderia passar a qualquer momento e seria melhor curtir aquele assassinato em paz.

Densas sombras envolveram as duas. Devina não estava preocupada com a possibilidade de o Criador ficar bravo. Ela andava sobre a Terra desde o início dos tempos, e sua natureza era definida exatamente por aquele tipo de coisa.

E ninguém poderia dizer que essa chateação fazia parte do grande plano de conquista de Jim Heron. Aquilo era uma questão paralela.

Mas e se essa mulher fosse assassinada de maneira semelhante à de outra garota? E se fosse marcado na pele um padrão rúnico exatamente igual ao dessa outra garota? E se houvesse outras semelhanças, como grupo étnico e cor do cabelo?

E se essas besteiras perturbassem Jim Heron, causando distração,

inquietação e disfunção?

Bom, como disse sua terapeuta, todo mundo é capaz de se controlar e de controlar suas ações.

Se Jim não conseguia lidar com isso, Devina não tinha culpa... e o problema também não era dela.

CAPÍTULO 32

Mels acordou sentindo mãos passeando por sua barriga e mergulhando entre suas pernas. Ainda meio sonolenta, ela se esticou de costas e virou, buscando o calor do corpo de Matthias e encontrando sua boca na escuridão. Instantaneamente, eles retornaram para a forma como passaram a maior parte da noite: pressionados um contra o outro, enquanto Mels sentia um calor se acumular em seu sexo.

Quando seu amante começou a descer, tirando os lençóis do caminho, ele encontrou os seios e passou a chupar os mamilos enquanto os dedos talentosos massageavam exatamente no ponto em que ela queria.

A ideia de que Mels o perderia em pouco tempo fez tudo parecer mais intenso, como se seu corpo entendesse exatamente o que a mente pensava: aproveite isso agora mesmo, pois as memórias terão de durar por muito, muito tempo.

Era difícil imaginar que encontraria algo igual com outro homem.

– Goze para mim – ele exigiu enquanto mordida o seio.

O orgasmo a fez apertar as coxas pressionando a mão dele, prendendo-o enquanto Matthias a penetrava profundamente – e os espasmos do quadril fizeram seu sexo roçar no punho dele exatamente no lugar certo.

Mels sussurrou o nome dele na escuridão e sentiu o corpo se enrijecer enquanto a doce pontada do orgasmo continuava além da primeira onda de prazer. Ela se concentrou no clímax, com esperança de que a sensação fugaz pudesse se estender até o infinito.

Mas, é claro, tudo chegou a um fim.

Na vida real nada dura para sempre.

Quando Matthias a aconchegou de volta contra seu peito, ela desejou que ele também estivesse nu, mas sempre que ela tentava puxar sua camisa ou mesmo colocar a mão por baixo, ele redirecionava seus movimentos.

Ela abriu um olho e soltou um grunhido quando viu o relógio. Eram seis e meia da manhã.

A noite chegara ao fim.

Droga, ela estava prestes a derramar lágrimas!

E acabara de lembrar que não avisara sua mãe de que não dormiria em casa. E estava sem carro. E não queria ir trabalhar.

Que bela maneira de começar o dia.

– É melhor eu ir – ela disse mal-humorada.

– É – ele afrouxou os braços em volta dela, beijou sua boca e então se separaram completamente.

Será que havia chegado o momento, ela pensou. Será que era hora de ele honrar sua promessa?

– O que você acha de jantarmos juntos? – ele disse.

O sorriso que surgiu no rosto dela era tão grande que poderia ter iluminado o quarto, como o flash de uma câmera.

– Acho ótimo.

O fato de que o encontraria em doze horas tornou muito mais fácil a tarefa de vestir-se. Então, como um verdadeiro cavalheiro, ele a acompanhou até a porta, ainda vestindo sua camiseta Hanes e a cueca boxer.

Ficaram um tempo parados na porta e Matthias parecia prestes a dizer alguma coisa... mas então deixou que as ações falassem por si: ele a beijou tão profunda e demoradamente que ela pensou que nunca mais tomariam ar.

Então Mels começou a andar e entrou no elevador antes que ficasse impossível ir embora. A descida demorou uma eternidade.

Lá fora, na rua, ela ficou contente por encontrar uma fila de táxis livres, mesmo ainda não sendo nem sete horas da manhã.

Ela entrou em um deles e encontrou os olhos do motorista através do retrovisor.

– Vamos até o número 242 da Pine Way.

– Nos subúrbios?

– Sim.

Ele assentiu, engatou a marcha e não disse mais nenhuma palavra. Ainda bem.

Quando entraram na rampa de acesso da Northway e se juntaram ao trânsito matinal que começava a se acumular, ela observou a cidade daquele ponto de vista elevado. Havia uma beleza tranquila na silhueta urbana: os prédios mais altos refletiam em suas fachadas espelhadas as cores rosa e laranja do nascer do sol, as ruas estavam tranquilas, o dia apenas começando e deixando o centro da cidade com um frescor matinal.

A natureza fez sua parte com a paisagem, mas após uma noite de sexo e a segurança de ter um jantar para mais tarde, Mels provavelmente estava cheia de endorfina em sua corrente sanguínea, o que a fazia ver o mundo como um grande e romântico cartão-postal.

Tudo isso durou até ela chegar aos portões do Cemitério Pine Grove,

então sua sensação de êxtase começou a desvanecer.

O que você diria se eu te contasse que acredito no Inferno? E não de um ponto de vista religioso, mas porque estive lá pessoalmente.

Mels fechou os olhos, sentindo um estresse subir pela coluna e se estabelecer na base de seu pescoço.

E acho que fui enviado de volta pra fazer alguma coisa. Não sei o que é, mas vou descobrir. Talvez seja uma segunda chance.

Matthias estava muito sério quando disse essas palavras. Ele parecia acreditar com absoluta clareza no que estava dizendo e, enquanto ela encarava seus olhos, observando com atenção, Mels esteve muito próxima de acreditar também.

Mas talvez isso fosse natural com os loucos. Eles parecem normais exceto pelo fato indiscutível e catastrófico de que sua visão de realidade é muito diferente da visão de pessoas normais. Ou seja, para eles, o que *pensam* ter visto e o que acreditam ser verdade é a realidade.

Por isso eles conseguem olhar nos olhos das pessoas com total sinceridade e falar um monte de coisas malucas sem perceber.

Se ela desconsiderasse o exagero da história dele, poderia dizer que o seguinte aconteceu: ele acordou nu em cima de uma sepultura. Conseguiu se vestir de alguma maneira e pulou o portão de ferro do cemitério. Depois pulou na frente do carro dela.

E tudo isso o fez imaginar que fora rejeitado pelo Inferno.

Ah, e estava sendo perseguido...

Além de estar armado.

Pânico percorreu as terminações nervosas dela quando a lógica começou a substituir a emoção e a conclusão de que poderia estar em perigo começou a pairar sobre seus pensamentos.

Mas ele não a machucara. Nunca a ameaçara. Estiveram juntos em um local público – um quarto de hotel com paredes finas.

E o homem que salvara a vida dela no hospital assegurara que Matthias era uma boa pessoa.

Seria ele um louco varrido ou apenas uma alma perdida?

Ou, mais importante, qual era o papel dela no meio disso tudo?

Mels estava esfregando sua cabeça cansada e dolorida quando o táxi chegou à casa de sua mãe. Depois de pagar o motorista, ela andou pelo caminho da entrada e forçou-se a não olhar para a janela que seu pai havia consertado.

Ele não aprovaria que ela chegasse em casa de manhã vestindo as mesmas roupas da véspera, com o cabelo desarrumado mesmo tendo prendido para trás e com os lábios inchados.

Ao abrir a porta, Mels não precisava do cheiro de café e do som de uma colher contra o pires para saber que sua mãe estava acordada. Ela provavelmente ficara lhe esperando.

Passando pela sala de estar, Mels viu um caça-palavra feito pela metade ao lado da poltrona preferida de sua mãe, junto com uma xícara com restos do que parecia ser chocolate quente.

Ela pegou a xícara e a levou até a cozinha.

– Oi. Olha, desculpa não ter ligado. Foi uma grosseria da minha parte. Eu perdi a noção do tempo.

Sua mãe não levantou o olhar da tigela de cereal e, quando ficou em silêncio por um tempo, Mels sentiu dificuldade para respirar.

– Sabe qual é a parte mais estranha? – disse sua mãe finalmente.

– Não.

– Se você não morasse aqui, eu não saberia que não veio para casa... e não teria me preocupado – sua mãe franziu a testa, ainda olhando para o café. – Você não acha isso estranho? Você é uma mulher adulta e, legalmente e na prática, não é nada mais do que uma inquilina aqui. Você não é mais uma garota menor de idade de quem eu preciso cuidar. Então você acha que não é importante me avisar das coisas.

Mels fechou os olhos. A distância entre ela e a mãe era tão vasta que se perguntou como poderiam sequer ouvir uma à outra.

E, claro, isso era culpa dela – e não só a parte sobre não ligar para avisar.

Soltando um palavrão baixinho, Mels foi até a pia e encheu uma xícara de café. Quando se virou, a maneira como a luz do sol refletia no rosto de sua mãe a atingiu como um soco: alguma coisa no ângulo da luz parecia revelar cada ruga, cada imperfeição, cada linha de expressão que evidenciava sua idade. Mels teve de olhar para o outro lado.

Em meio ao silêncio, pensou em seu pai. Em tudo o que ele perdeu desde sua morte – os dias, semanas, meses. Os anos.

Pensou em todo o tempo que sua mãe passara sentindo saudades dele. Na casa que ela teve de assumir sozinha. Nas noites – as noites que ficaram ainda mais longas graças à sua filha cabeça-dura.

Mels se aproximou e sentou-se. Não do outro lado da mesa, mas ao lado da mãe.

– Acho que estou me apaixonando por uma pessoa.

A mãe levantou rapidamente a cabeça, e Mels também ficou um pouco chocada com a própria revelação. Ela não compartilhava nada de sua vida desde... sim, desde quando voltou a morar naquela casa – e antes disso também não dizia muita coisa.

– É mesmo? – sua mãe sussurrou, com os olhos bem abertos.

– Pois é, ele... bom, ele é o homem que eu atropeliei, na verdade.

Sua mãe respirou fundo.

– Eu não sabia que você tinha sofrido um acidente. Foi quando você me disse que... se machucou no chuveiro?

Mels baixou os olhos.

– Eu não queria preocupar você.

– Acho que isso explica por que seu carro sumiu.

– Não foi nada sério. De verdade, estou bem – exceto pelo fato de se sentir uma idiota por mentir para a mãe.

No silêncio que se seguiu, ela se preparou para algum tipo de sermão, fosse sobre Matthias ou sobre a Fifi.

Em vez disso, sua mãe apenas disse:

– E como ele é?

– Ah... – Mels preencheu a pausa com um gole do café. – Ele se parece bastante com o papai.

Sua mãe sorriu com a maneira gentil de sempre.

– Isso não me surpreende.

– Ele... pois é, eu não sei como explicar em detalhes. Ele apenas me lembra o papai.

– Ele é católico?

– Eu não sei – eles não conversaram sobre religião. Bom, exceto por aquela história sobre “eu estive no Inferno”. Mas, agora que sua mãe mencionou, Mels pensou que seria bom se ele fosse católico. – Vou perguntar.

– Qual é o emprego dele?

– É complicado... – Deus, será que ele trabalhava?

– Ele te trata bem?

– Ah, sim. Muito bem. Ele... é um bom homem – que talvez seja um completo maluco. – Ele toma conta de mim.

– Isso é importante, sabe? Seu pai... sempre tomou conta de mim e de você...

– Sinto muito mesmo por ontem à noite.

Sua mãe segurou a xícara e ficou olhando para o vazio.

– Acho maravilhoso que você tenha encontrado alguém. E que voltou em segurança pra casa hoje.

Merda... ela também não tinha pensado sobre aquela parte – sobre sua mãe ficar não apenas acordada esperando, mas revivendo aquela noite em que a polícia veio bater na sua porta no meio da madrugada.

– Posso perguntar uma coisa sobre o papai? – Mels disse de repente.

– É claro.

Ela não podia acreditar que iria mesmo perguntar aquilo.

– Ele te tratava bem? Quer dizer, ele passava muito tempo fora de casa, não é? Trabalhando.

Os olhos de sua mãe se viraram.

– Seu pai tinha um compromisso muito forte com esta cidade. O trabalho era tudo pra ele.

– E quanto a você? Onde você se encaixava?

– Ah, você me conhece, não gosto muito de ser o centro das atenções. Você quer mais café?

– Não, obrigada.

Sua mãe levantou-se com a tigela na mão, foi até a pia e enxaguou o cereal que restou.

– Então, conte mais sobre seu homem misterioso. Qual é o nome dele?

– Matthias.

– É um nome bonito.

– Ele tem amnésia. Não consegue me contar muito mais do que isso.

Ela levantou as sobrancelhas, mas não indicou censura, preocupação ou nervosismo. Apenas uma calma aceitação.

– Ele está sob os cuidados de um bom médico?

– Foi examinado no hospital. Ele está bem... está começando a se lembrar das coisas.

– Ele mora aqui em Caldwell?

– Agora está morando – Mels limpou a garganta. – Sabe, eu queria que você conhecesse ele.

Sua mãe congelou em frente à pia. Então piscou rápido, como se tivesse dificuldade para se recompor.

– Isso seria... ótimo...

Mels assentiu, mesmo sem saber se isso seria possível. Acontece que ela nunca compartilhava nada com a mãe, e naquele momento Matthias era – ou ao menos parecia ser – a coisa mais importante em sua vida.

Então parecia correto se abrir sobre ele.

Após todo esse tempo, essa coisa de compartilhar parecia estranha e constrangedora... era quase como quando ganhou o primeiro sutiã, ou precisou usar aparelho nos dentes, ou tirou sua carteira de motorista.

Mais importante, foi só naquele momento, naquela manhã, ali na cozinha, que Mels percebeu que, mesmo com o passar dos anos, ela ainda não tinha crescido. Não de verdade. Depois que seu pai morreu, ela se retirou da vida em muitos sentidos: seus sentimentos regrediram e ficaram enterrados debaixo de objetivos na carreira, que se transformaram em um

descontentamento geral com tudo ao seu redor.

Então Matthias a abalou.

Fez Mels acordar de um longo sono.

E ela não gostou do que viu nas linhas envelhecidas do rosto da mãe.

– Então, quer ver ele? – disse Mels. – Não sei quanto tempo ele vai ficar na cidade, mas... eu realmente gostaria que você o conhecesse.

Sua mãe assentiu e pareceu passar um tempo muito longo esfregando aquela tigela.

– Quando você quiser. Estou sempre aqui.

Deus, isso era verdade, não é mesmo?

E por que Mels sentia que aquilo era um peso que ela precisava carregar?

Ela olhou para o relógio no micro-ondas e se levantou ainda segurando a xícara de café.

– Acho melhor começar a me arrumar.

– Você quer usar meu carro hoje?

– Sabe de uma coisa? Acho que sim, se você não se importar.

Agora sua mãe realmente sorriu, e a expressão desfez um pouco da eterna tristeza que ela carregava no rosto desde... bom, desde sempre.

– Isso é bom. Eu gosto de ajudar sempre que puder.

Mels parou no meio da sala de estar.

– Desculpa.

O sorriso que sua mãe usou como resposta não parecia mais sinal de fraqueza, mas de aceitação.

Hum. Só então ela percebeu o quanto as duas coisas eram diferentes – e se perguntou por que confundira uma com a outra por tanto tempo.

– Está tudo bem, Mellie.

– Não, não está – Mels disse enquanto se virava e subia as escadas. – Não está mesmo.

No geral, Matthias não estava em condições de fazer qualquer tipo de plano para o jantar.

Mas era simplesmente impossível não desejar mais um pouco de Mels nua em sua cama.

Ou no chão. Contra a parede. Em cima da pia do banheiro.

Em qualquer lugar.

Acontece que já estava na hora de ir embora. Ele já ficara tempo demais em Caldwell, exposto demais no hotel... e estava muito próximo de Mels.

Era hora de partir.

Com a alma pesada por deixar Caldwell para trás, Matthias saiu do Marriott, carregando a arma de Jim presa na cintura e usando um boné de beisebol que comprou na loja do hotel, com a aba abaixada até os óculos escuros.

O dia estava um pouco quente, e a cobertura irregular de nuvens que chegara durante a noite provavelmente não melhoraria muito a temperatura.

– Vai dar um passeio matinal até a loja de doces?

Matthias parou e se virou. Jim Heron aparecera magicamente atrás dele e, por alguma razão, aquilo não o surpreendeu.

Mas uma coisa foi chocante: a emoção que se abateu sobre ele quando seus olhos se encontraram.

Oferecendo a palma da mão, Matthias disse:

– Obrigado.

As sobrancelhas loiras de Jim se levantaram, e ele ficou parado de uma maneira quase sobrenatural enquanto as pessoas se desviavam do caminho. A multidão formou uma clareira que se abria e fechava ao redor deles, indiferente ao que acontecia entre os dois homens.

– O que foi? – disse Matthias, mantendo a mão onde estava. – Você é orgulhoso demais para aceitar um pouco de gratidão?

– Você nunca agradeceu a mim ou a qualquer outra pessoa. Por coisa alguma.

No silêncio, um momento de claro reconhecimento tomou conta do peito de Matthias, o tipo de coisa que indicava que a afirmação era verdadeira.

– Virei a página – ele murmurou.

Jim retribuiu o aperto de mão.

– Por que está me agradecendo?

– Por ter tomado conta da minha garota na noite passada. Fico te devendo uma.

Depois de uma pausa, Jim respondeu com a voz igualmente dura:

– De nada. E posso imaginar o que te fez levantar e sair do quarto. Volte comigo pra minha casa. Eu tenho muita munição por lá.

Considerando que aquilo pouparia muito dinheiro, Matthias aceitou imediatamente.

– Cadê o seu carro?

– Por aqui.

Atravessaram a rua e logo Matthias estava sentado ao lado de Jim em um Explorer preto.

Entraram na via expressa, e por alguma razão Matthias sentia

necessidade de olhar constantemente para o banco de trás. Ele cedeu a essa paranoia de tempos em tempos, mas não havia nada ou ninguém.

Que diabos...?

– Então, como está sua memória?

– Do mesmo jeito – Matthias parou por aí, pois aquela teoria sobre “voltar do Inferno” parecia estranha demais para mencionar. Uma coisa era contar aquilo para Mels. Agora falar com Jim era como... como se tirasse a calça na frente do cara.

Ou seja, nem pensar.

Matthias ligou o rádio.

– ... o corpo de uma mulher foi encontrado na escadaria da Biblioteca de Caldwell. Trisha Golding, segunda esposa de Thomas Golding, CEO da *CorTech*, foi encontrada por um gari com a garganta cortada e seminua. A polícia de Caldwell veio imediatamente e continua na cena do crime. Oficialmente, o departamento de homicídios diz ser mínima a possibilidade de outro assassino em série estar à solta na cidade, mas uma fonte nos informou com exclusividade que esta vítima está sendo relacionada ao caso de outra jovem mulher encontrada...

Enquanto a reportagem continuava, Matthias notou que as mãos de Jim agarraram com força o volante, até os dedos começarem a ficar brancos.

– Qual é o problema? – ele perguntou.

– Nada.

Sei. Mas aquilo não era problema de Matthias e ele não devia meter o nariz onde não era chamado. Além disso, já tinha coisas demais em sua cabeça para se preocupar.

Apenas mais uma noite aqui, ele prometeu a si mesmo. Uma última noite com Mels, então pegaria seus últimos cem dólares, compraria uma passagem de ônibus e... viajaria até Manhattan.

Lá havia algo de que ele precisava. Podia sentir.

Mas, caramba, seria um trabalho enorme. Qual era o tamanho de Nova York? E quanto dinheiro ele ainda tinha? Mas ele sentia que, assim que chegasse à *Big Apple*, seria direcionado para... seja lá o que fosse.

E era por isso que precisava de muita munição – não correria riscos com o que quer que estivesse esperando por ele.

Ultimamente, as surpresas não estavam sendo muito agradáveis.

Com exceção de Mels Carmichael.

CAPÍTULO 33

Mels não chegou a ir até o *Correio de Caldwell*.

Seu celular tocou logo que ela saiu de casa e, quando o tirou da bolsa para atender, ela teve de soltar um grunhido. Havia três mensagens de voz que não foram atendidas durante a noite, e todas eram de seu chefe – Dick, o Cretino.

Alguma coisa acontecera enquanto ela estava... ocupada.

– Alô?

– Você não atende mais a droga do seu celular?

– Desculpa – e não, Mels não iria explicar que estivera “ocupada”, ou Dick poderia chegar a conclusões que... estariam corretas desta vez. – O que aconteceu?

– Carmichael, você sabe que uma repórter precisa trabalhar 24 horas, sete dias por semana.

Bom, fazia apenas dois dias que ele começara a realmente tratá-la como uma repórter.

– Aconteceu alguma coisa?

– Você não ouviu as notícias do rádio hoje de manhã? – ela não disse nada e ele praguejou. – Acharam outra loira morta. Na escadaria da Biblioteca Pública. Eu quero você lá *ontem*!

– Estou indo agora mesmo!

Isso proporcionou um instante de silêncio – como se ele estivesse preparado para insistir que ela se apressasse.

– Não estrague tudo.

– Não vou – Mels sorriu para si mesma. – A propósito, tenho uma fonte na polícia e estou trabalhando com um ângulo diferente sobre a morte da prostituta. Sei de uma coisa que ninguém mais sabe.

Agora ele parecia estar impressionado de verdade.

– É mesmo?

– Depois eu te conto mais.

Mels desligou sem terminar a frase com um “se der”, pois não queria ser ambígua com o chefe – além disso, não havia como Monty não deixar que ela divulgasse a informação. Ele gostava demais da sensação de ser a fonte secreta de uma reportagem bombástica.

Ao ligar o rádio, ouviu a notícia:

– ... o Departamento de Homicídios diz ser mínima a possibilidade de outro assassino em série estar à solta na cidade, mas uma fonte nos informou com exclusividade que esta vítima está sendo relacionada ao caso de outra jovem mulher encontrada...

Uau, quem seria essa “fonte”?

Monty certamente não via problemas em não ser exclusivo.

A biblioteca de Caldwell sempre a lembrou daquela que aparece no começo do filme dos Caça-Fantasmas – a famosa Biblioteca Pública de Nova York. Na verdade, ela se perguntava se o prédio de Manhattan servira de inspiração para o de Caldwell: por toda a fachada havia colunas coríntias, um frontão com deuses gregos e, sim, até mesmo dois grandes leões, que guardavam cada lado da imponente entrada neoclássica.

Estacionando o carro de sua mãe em frente a um parquímetro, ela colocou uma moeda na máquina e começou a andar pela Avenida Washington. O local onde o corpo fora encontrado estava óbvio e com certeza fora escolhido por causa da visibilidade: a área que isolava a vítima estava bem no centro da escadaria de pedra que subia para as três portas principais.

Com a fita de isolamento da polícia pendurada entre um leão e outro, todo o acesso estava restrito, então Mels começou a andar pelos arredores procurando Monty.

Por alguma razão, ele não estava por perto e, assim como os outros repórteres, ela não conseguiu muita informação com ninguém: a única coisa que os policiais diziam era “coletiva de imprensa às onze”.

Após algum tempo, Mels fez uma pausa e entrou na padaria *Au Bon Pain* do outro lado da rua, onde pediu um café sem açúcar e um bolinho de nozes. Quando voltou para a cena do crime, comeu aquela bomba de açúcar e percebeu que sua andança não estava servindo para nada. Cheia de estimulantes depois da pausa para o café, sua mente ficava repassando todos os segundos da noite anterior.

Embora seus pensamentos não estivessem travados apenas na parte excitante. Dúvidas pairavam entre os beijos – um estranho medo surgiu e a deixou com os nervos à flor da pele.

Mesmo que jantassem juntos aquela noite, Matthias ainda iria embora.

E outras questões permaneceriam...

Com uma resignação pesarosa, Mels pegou o celular e discou o número de Tony. Esperou chamar uma, duas, três vezes.

– Onde está meu café da manhã?

Mels riu.

– Ainda no McDonald's.
– Sabe, eu devia *obrigar* você a pegar meu carro emprestado.
– Peguei o da minha mãe hoje. Quem sabe amanhã? Talvez possamos fazer negócios de novo. Escuta, você conseguiu falar com algum dos seus amigos na balística?

– Ah, droga. Sim, eu falei. Achei uma pessoa que concordou em se encontrar com você.

– Por acaso ele é da polícia?

– Você está lendo minha mente?

– Bom, eu preciso ir até a delegacia para uma coletiva daqui a uma hora, então vou estar lá de qualquer maneira.

– Certo, mas tem um porém. Ele está um pouco desconfortável. Não quer se meter em problemas e só vai fazer isso porque fui eu quem apresentei ele à esposa, alguns anos atrás. Seu nome é Jason Conneaut e ele faz parte da equipe de investigação forense. Estou esperando ele me ligar para dizer como prefere fazer o encontro. Acho que ele não quer te encontrar no prédio da polícia.

– Eu agradeço de verdade, Tony. Me liga ou manda uma mensagem de texto.

– Pode deixar.

Quando desligou, ela começou a pensar o quanto seria constrangedor se a cápsula que encontrara no bolso fosse compatível com uma outra em particular.

Parte dela não tinha certeza se queria saber – mas aquela ansiedade era exatamente a razão de ela precisar fazer isso. Uma coisa era ficar com a cabeça nas nuvens por causa de uma paixão – que poderia acabar em uma grande decepção. Outra coisa bem diferente era deixar que isso interferisse em seu trabalho, em sua segurança e no interesse público.

Enquanto observava os degraus da escadaria, Mels realmente não estava gostando do rumo que seus pensamentos tomavam.

E não era apenas por causa dos mistérios sobre Matthias.

Por muito tempo ela vivera uma vida chata, frustrada, mas relutante em fazer qualquer mudança, presa em ponto morto na cidade de Caldwell. Quase nem conseguira reconhecer o buraco que havia cavado para si mesma.

A grande questão agora era: o que iria fazer a respeito?

– Então, você vai se encontrar com a repórter de novo, não é?

Matthias estava sentado no sofá de Jim, recarregando a arma, e

realmente não estava afim de falar sobre Mels.

– Obrigado pela munição. E pelo almoço.

O pão de centeio com pastrami que o colega de Jim trouxera parecia um pouco demais para as onze da manhã, mas seu estômago não reclamou, e tudo o que restou da refeição foi o papel que embrulhava os sanduíches e algumas embalagens de batata chips.

– Mas você vai? Não é?

Matthias passou o polegar sobre a sobrancelha.

– Sim. Mas depois eu vou embora.

– Para onde?

– Aqui e ali.

– Caldwell é um bom lugar pra ficar. Grande o bastante para uma pessoa se perder, pequeno o bastante para ela manter o controle.

A questão não é essa, pensou Matthias. E, por mais que confiasse em Jim para algumas coisas, não lhe diria nada sobre Manhattan.

Em um dos cantos da sala, uma velha televisão mostrava o logotipo da afiliada local do canal NBC e então cortou para as notícias do dia. No instante que a âncora apareceu, Jim virou-se e encarou a tela, concentrando-se tão intensamente que parecia que seus olhos poderiam explodir a coisa.

– Hoje, no jornal das seis da WCLD, as últimas notícias do mundo, dos esportes e a previsão do tempo – a âncora era uma pessoa que estava “quase lá”: o cabelo era um pouco loiro demais, a voz era um pouco aguda demais, as mãos eram inquietas, sua imagem em geral não chegava a um nível digno de Nova York, mas com certeza ficava acima da média para o interior. – A principal notícia de hoje foi a descoberta de uma vítima na escadaria da Biblioteca Pública de Caldwell. O chefe de polícia Funuccio deu uma entrevista coletiva hoje de manhã e nossa equipe esteve lá...

Matthias deixou a reportagem em segundo plano e se concentrou na mudança de Jim. E não foi o único: seu colega chegou com uma lata de lixo vazia, olhou para Jim e então deu meia-volta e saiu, praguejando.

O que diabos estava acontecendo?

– ... um estranho padrão de símbolos na parte inferior da barriga da vítima. As imagens que mostraremos agora são fortes, portanto aconselhamos critério do telespectador.

Na tela, foi mostrado um close de uma barriga com a pele cheia de marcas. Os riscos gravados pareciam ser algum tipo de linguagem.

Matthias piscou uma vez. Piscou de novo. Então uma parte de seu cérebro se libertou de modo tão violento que o fez soltar um grito e jogar as mãos na cabeça...

Uma prisão negra... corpos se contorcendo... um corpo que não pertencia...

Oh, Deus, havia um corpo que não pertencia àquele lugar...

A dor o atormentava, seu corpo estava se lembrando de coisas que foram feitas nele em nível visceral. O pesadelo da noite anterior agora revelava ser uma lembrança viva: algo que acontecera no passado recente estava agarrando-o com dentes que arrancavam e garras que cortavam através de seu corpo...

– Matthias? Matthias, que merda está acontecendo?

Jim estava à sua frente, mas Matthias não conseguia enxergá-lo, seus dois olhos estavam cegos e suas pálpebras tremiam rapidamente abrindo e fechando.

– Oh... Deus... – ouvia a si mesmo gemendo enquanto se inclinava para o lado.

Inferno... ele esteve no Inferno, foi torturado e reivindicado, tragado para a eterna prisão depois de levar um tiro...

– Isaac Rothe – ele murmurou. – Foi ele quem me matou, não foi? Ele atirou em mim porque...

Alistair Childe. O homem sobre quem Jim lhe contara, o homem cujo filho fora sequestrado e cuja filha fora ameaçada... Matthias fora atrás da garota, mas ela tinha um protetor, um protetor altamente treinado que, no fim, levou a melhor e atirou no peito de Matthias.

Ele morreu no chão, na casa da filha de Childe...

Mais lembranças surgiram, com impactos que pareciam físicos, a agonia arrancava gritos de seus membros e juntas.

– Matthias, vamos...

De repente, a visão de uma garota loira, uma jovem garota loira com runas esculpidas na barriga e roupas ensanguentadas, cobriu tudo em sua mente... e assim permaneceu.

– Ela estava lá embaixo comigo – sua voz surgiu abruptamente, forte e clara, inabalada pela tempestade que acontecia em sua cabeça. – A garota... estava presa comigo.

Houve uma pausa. Ou será que ele também perdera a audição?

– Quem? – perguntou Jim com uma voz congelante.

– A garota com o cabelo loiro...

Sentiu dois apertos em seus ombros e soube que Jim o agarrara.

– Diga o nome dela.

– A garota com o cabelo loiro...

– Qual era o nome dela? – a voz de Jim falhou nesse ponto. – Diga...

– Eu não sei... – Matthias sentiu seu corpo ser fortemente sacudido,

como se Jim estivesse tentando arrancar o nome à força. – Eu não... eu só sei que ela era inocente... que não pertencia àquele lugar...

Uma grande sequência de palavrões chamou sua atenção.

– Quem é ela? – Matthias ouviu a si mesmo perguntar.

– Ela estava bem? – Jim exigiu saber.

– Não existe abrigo no Inferno – ele respondeu. – Lá, estávamos todos juntos, e eles eram implacáveis.

– Eles quem?

– Os demônios...

CAPÍTULO 34

– Bom, eu não estaria casado se não fosse pelo Tony.

Mels riu um pouco e não pôde deixar de notar que o homem que andava casualmente ao seu lado estava constantemente olhando por cima do ombro.

– Tony é um cara legal.

– É o mais legal!

Após a entrevista coletiva, ela se encontrou com Jason Conneaut, como combinado, em um shopping a céu aberto que ficava perto da delegacia. Era claramente uma tática para ficarem invisíveis na multidão, e Mels sentia que isso funcionaria: eles eram apenas mais duas pessoas em meio à enxurrada de consumidores entrando e saindo de lojas como *Victoria's Secret*, *Bath & Body Works* e *Barnes & Noble*.

Não chamavam atenção.

– Então, aqui está a cápsula – ela disse, discretamente lhe entregando um envelope com um volume pronunciado. – Eu a envolvi num lenço de papel pra não perder.

– Você pode me dizer onde a conseguiu?

– Não, não posso. Mas posso dizer o que é que estou procurando – agora era Mels quem olhava ao redor. – Quero saber se foi disparada pela mesma arma usada no tiroteio do Marriott na outra noite.

O amigo de Tony grudou seu par de olhos claros no rosto de Mels.

– Se for da mesma arma, vou ser obrigado a revelar quem foi a pessoa que me deu a cápsula.

– Vou fazer melhor que isso. Vou dizer de quem é a cápsula e onde você pode encontrar o dono.

Oh, Deus... por favor, não deixe chegar a esse ponto.

Jason ficou visivelmente mais calmo.

– Bom, pois não quero problemas.

Mels parou e esticou a mão para ele.

– Você tem minha palavra.

Quando apertaram as mãos, ele disse:

– Vou precisar de um dia ou dois.

– Sem problema. Me ligue quando quiser. Não vou ficar te

importunando.

Depois de se despedirem, Mels deu uma olhada nas vitrines, parando de tempos em tempos. A prefeitura fechara aqueles cinco quarteirões para formar o shopping a céu aberto já fazia algum tempo, mas esta era a primeira vez que ela passeava por ali – e sentiu-se bem em meio à multidão, fingindo ter uma vida normal e não estar envolvida com estranhos que andavam armados e que tinham amigos como aquele Jim Heron.

Ela estava observando mais uma vitrine quando franziu a testa e pegou o celular. Mas não era para atender a uma chamada.

Ela estava checando a data...

Bom, quem diria.

Era o aniversário da morte de seu pai.

A princípio, não entendeu o que a fez pensar naquilo, mas então percebeu que estava parada em frente a uma loja de sapatos na qual um cartaz de promoção estava pendurado em cima de uma fileira de botas de neve. Aquelas botas poderiam ser úteis na primavera do norte do estado de Nova York – o final de abril podia trazer todo tipo de clima, desde dias ensolarados até chuvas cinzentas e grandes nevascas... ou ainda um chuvisco gelado junto com neve... que fazia as estradas ficarem muito escorregadias e perigosas, onde frear se tornava quase impossível... e aumentava as chances de morte em acidente de carro. Principalmente durante perseguições policiais em alta velocidade.

Ela fechou os olhos por um momento. Então fez uma ligação no celular que nunca teria acontecido antes.

– Alô?

Ao ouvir o som da voz de sua mãe, Mels sentiu lágrimas surgindo em seus olhos.

– Você não disse nada hoje de manhã... e eu não lembrei.

Houve uma pausa.

– Eu sei. Eu não queria te lembrar, se houvesse alguma chance de você não estar pensando nisso.

Engraçado, era a primeira vez que ela se abria com relação a isso. Afinal, três anos depois, a saudade e a tristeza eram demais para que pudesse lidar sem ficar abalada.

– Como é que você tá? – ela perguntou.

A surpresa na voz de sua mãe fez Mels querer chutar o próprio traseiro.

– Eu... bom, agora que você ligou, estou melhor.

– Você deve sentir tanta falta dele quanto eu.

– Sim. Todos os dias – houve outra pausa. – Você está bem, Mels?

Seu tom parecia dizer “quem é você e o que fez com minha filha que sempre foi completamente fechada?”.

– Você tem planos pra hoje, mãe?

– Minhas amigas vão me levar pra jantar.

– Bom. Eu... talvez chegue tarde hoje de novo.

– Tudo bem... e obrigada por avisar. Obrigada... – aquela voz doce sumiu por um segundo. – Obrigada por ligar.

Mels focou os olhos no tecido grosso das botas que estavam praticamente de graça.

– Eu te amo, mãe.

Dessa vez, o silêncio foi longo. Muito longo.

– Mãe?

– Estou aqui – respondeu com a voz embargada. – Estou bem aqui.

– Estou feliz que você esteja. – Mels se afastou da vitrine, das lojas, das pessoas. – Eu aviso se for passar a noite com ele, certo?

– Por favor. E eu também te amo.

Depois de desligar, Mels andou atordoada de volta para a delegacia, passou pela porta principal e foi direto para o estacionamento dos fundos, onde seu carro estava estacionado.

Ela não foi para o prédio do *Correio de Caldwell*.

Dirigindo para fora da cidade, parou nos sinais fechados, acionou as setas propriamente, não fez ultrapassagens arriscadas... mas não tinha ideia de onde estava indo.

Até que os portões do Cemitério Pine Grove surgiram no horizonte.

Parte de si parecia reclamar. Ela não queria aquilo. Não com tudo mais que estava acontecendo em sua vida no momento. Por outro lado, sob a regra de que drama atrai drama, talvez a sincronia fosse ideal.

Ela não teve problemas para encontrar o túmulo de seu pai e, dirigindo até o local, não ficou surpresa ao ver que no espaço ao redor haviam sido plantadas várias flores da primavera, como narcisos, tulipas e flor de açafrão.

Era sua mãe sendo prestativa como sempre. E com certeza ela o visitava não só em dias especiais, mas sempre que podia.

Mels saiu do carro e cruzou o gramado verde-claro. A vegetação lentamente voltava ao lugar e ia cobrindo as marcas de seus passos.

Outras lápides pareciam abandonadas, cobertas de pequenos pedaços de galhos, líquen e musgo. Mas não a de seu pai. Sua lápide estava limpa e polida, sem evidência da passagem de três sequências de estações.

Quando Mels finalmente se ajoelhou, foi para passar os dedos pela cruz gravada fundo no granito cinza.

A voz profunda de Matthias surgiu em sua mente, falando sobre o Inferno com o tipo de convicção que ela poderia ter usado ao falar de jornalismo, ou da vida em Caldwell, ou da morte de seu pai.

Experiência pessoal parecia marcar as palavras que ele usara.

Mels passou os dedos sobre a cruz mais uma vez. Engraçado, ela nunca prestara muita atenção aos símbolos religiosos que as pessoas colocam nas lápides, fossem anjos com as asas erguidas, ou a Virgem Maria com o olhar redentor, ou as estrelas de Davi – seja lá qual fosse a religião, Mels sempre enxergara a simbologia como decoração, sem qualquer tipo de propósito divino.

Isso parecia diferente naquele momento.

Ficou feliz em ver que o espaço de terra de seu pai estava marcado com o símbolo da fé. Gostou também de lembrar que ele ia à igreja todo domingo – mesmo que ela, quando jovem, odiasse perder uma manhã de sono.

De repente, Mels rezou com um medo sem sentido de que ele não estivesse no Céu.

A ideia de uma pessoa amada ir para o Inferno seria... inimaginável.

Jim estava perdendo a cabeça.

Quando o corpo de Matthias desabou no sofá, sua boca tentava dizer algo... mas nenhum som saía. Como se houvesse um congestionamento em seu cérebro.

– Fale comigo – gritou Jim, tentando fazer o cara entender. – Você conhecia ela? Você a viu? Ela está bem?

A boca de Matthias abria e fechava, principalmente quando Jim o chacoalhou novamente.

– Matthias...

– A garota... ela está lá... – Matthias arrancou os óculos escuros e encarou Jim diretamente nos olhos. – No Inferno. A garota loira está lá. Eu estava com ela.

– Ela está bem? – que pergunta idiota. É claro que não estava. – O quê...

– Eu realmente estava lá – Matthias disse enquanto tentava se levantar, como se isso pudesse ajudar a clarear a mente. – E eu fui trazido de volta... por que fui trazido de volta? O que é que eu tenho que fazer?

Mesmo com uma grande parte de seus pensamentos presos em Sissy, Jim se forçou a voltar para o jogo: este era o momento que tanto esperava. Esta era sua abertura.

Mas, droga... Sissy...

Ele limpou a garganta. Duas vezes.

– Ah, você voltou porque precisamos que faça a escolha certa desta vez.

– Escolha?

– Na encruzilhada – Jim rezou para que aquilo fizesse algum sentido. –

Você, ah, vai chegar um momento em que você vai ter que fazer uma escolha e, se não quiser voltar para onde estava, terá que escolher o caminho dos justos e não fazer... o que costumava fazer.

– Então é verdade? Sobre o Céu e o Inferno?

– E você conseguiu uma segunda chance.

– Por quê?

– O demônio trapaceou.

Matthias focou os olhos abruptamente em Jim.

– Você esteve lá. Lá embaixo... oh, meu Deus, você esteve lá... e aquela mulher, aquela *coisa*... merda, a *enfermeira*!

– Como é?

– A enfermeira que cuidou de mim no hospital depois que fui atropelado. Que me encontrou no hotel!

Por um momento, Jim quis socar a própria cabeça.

– Deixa eu adivinhar. Uma morena?

– Era ela lá embaixo. E você estava com ela... ela amarrou você... – o cara parou de repente. – Hum, sim... você esteve lá.

Ótimo. Que merda maravilhosa.

Matthias estava assistindo quando Devina torturou Jim.

Então o anjo pensou em uma coisa. Se Matthias assistira, então Sissy também devia ter... Deus, e ele pensara que ela ter visto o final já era ruim o bastante...

O desejo de matar fez seus punhos se fecharem.

– Exatamente *como* você está envolvido nisso tudo? – Matthias exigiu saber, seus olhos se apertando cada vez mais.

O som de um estouro ao longe cortou qualquer resposta que Jim pudesse dar: era um som muito familiar, que ele não podia confundir com outra coisa. Mas não podia ter ouvido certo, podia?

Não, pensou enquanto sacava sua arma, aquilo fora um tiro acertando madeira. A confirmação veio quando Adrian apareceu de repente no apartamento. O anjo segurava uma arma e parecia muito frustrado.

– Temos companhia – ele gritou.

– Não é Devina – Jim teria sentido sua presença e, por mais que quisesse ver a cadela e poder ter uma conversinha com ela, não sentia nenhuma vibração ao redor.

– Não, é outro tipo de visita.

Merda. Agentes das Operações Extraoficiais deviam ter vigiado o Marriott e visto quando eles saíram. Não era uma surpresa – era apenas uma péssima hora para acontecer, considerando que Matthias ainda estava com o interruptor desligado – ele estava melhor, mas não bem o bastante para aquele tipo de ação.

– Deixa que eu vou lá fora – Jim disse com uma voz monótona. – Eu sei como é o treinamento desses caras...

– O que está acontecendo? – perguntou Matthias, se levantando.

– Nada.

– Nada.

Matthias agarrou sua arma com uma energia surpreendente.

– Eu vou...

– Você vai ficar aqui com Adrian.

– Vá se foder.

– Para sua informação, *você* é o alvo desses caras.

– E você acha que isso vai me fazer atirar pior? – Matthias olhou para Adrian. – O que você viu lá fora?

– Não vi muito. Ouvi um galho quebrando e, quando virei, vi um vulto se mexendo. Um segundo depois fui atingido...

Houve um momento de silêncio quando Ad percebeu o que havia dito. E Matthias também.

– Você precisa de um médico? – Matthias perguntou.

– Não, estou bem.

Quando o anjo se virou, eles puderam ver um buraco do tamanho de uma ervilha em sua jaqueta – precisamente no centro de suas costas, ao estilo execução. Claramente, as Operações ainda ensinavam os recrutas a atirar para matar. Se Adrian estivesse vivo da maneira convencional, teria morrido em segundos, os músculos de seu coração teriam virado um hambúrguer dentro do peito.

Aquele agente deve ter se surpreendido quando seu alvo meramente olhou para trás, como se alguém tivesse jogado uma pipoca nas suas costas em uma sala de cinema... e depois desapareceu.

– Você deve estar usando um colete realmente bom – Matthias murmurou.

– Fica aqui – mandou Jim. – Ad, você...

E de repente começou uma ventania. O uivo do vento significava muito mais do que uma mudança da estação; a luz desapareceu no céu não por causa de uma grande tempestade, mas porque os lacaios do demônio haviam chegado.

Merda, só de olhar para Adrian, Jim soube que tinham problemas. O rosto do anjo tinha aquela expressão que dizia que não era hora para brincadeira. Pegando sua adaga de cristal, ele se desmaterializou na frente de Matthias, jogando-se na luta sozinho, obviamente preparado para morrer lá fora.

– Será que eu estou vendo coisas? – Matthias disse calmamente.

Jim olhou para seu rosto incrédulo e sacou a própria adaga.

– Você fica aqui. Nós cuidamos disso.

Matthias não parecia tão abalado pelo desaparecimento. Afinal, ele acabara de lembrar uma parte de sua história e aceitar que demônios existiam de verdade – e a realidade é bastante maleável se você a olhar de perto.

Mas ele começou a checar sua arma mesmo assim, pronto para usá-la.

– Nem pense nisso – Jim disparou. – Eu preciso que você fique seguro.

Correndo até a porta, ele olhou para trás para ver se o cara tinha prestado atenção, mas o que chamou sua atenção não foi Matthias. O Cachorro tinha se aproximado do lugar onde Eddie estava e sentou bem do lado da porta... como se estivesse protegendo os restos sagrados do anjo.

O que era bom.

A essa altura, ele aceitaria qualquer tipo de ajuda.

Quando Matthias abriu um pouco as cortinas para olhar lá fora, Jim desmaterializou-se e rezou para conseguir manter as coisas sob controle antes que seu ex-chefe tivesse alguma ideia brilhante.

A última coisa que precisava era de dois malucos lutando ao seu lado.

CAPÍTULO 35

Enquanto Matthias observava pela janela, ele sentiu um cheiro muito ruim – e não em um sentido convencional, como se alguém tivesse deixado um prato de comida estragada na cozinha. Esse fedor invadia não apenas seu nariz: penetrava até os poros de sua pele, fazendo seu estômago revirar... e ele sabia muito bem o que era.

Aquilo era a manifestação do Inferno no qual estivera preso. Era a horrível infecção que apodrecia em sua carne.

Aquilo estava de volta.

Estava de volta para pegá-lo.

Um medo paralisante tomou conta de seus membros, congelando-o no lugar, deixando-o incapaz de pensar ou agir. A tortura e o desamparo, a maldita eternidade... ele não poderia aguentar novamente a miséria que encontrara no Inferno.

Mas foda-se essa merda.

O guerreiro dentro de si surgiu para acabar com aquelas emoções, a lógica fria que por tanto tempo o definira voltou a controlar sua mente, fechando a porta para qualquer coisa além do fato de que eles *não* o pegariam de novo. Ele não voltaria para aquele lugar de jeito nenhum.

Matthias não se importava com o que precisaria sacrificar ou quem teria de matar – ele *não* seria vencido novamente.

A arma estava carregada. O corpo estava preparado. A mente estava alerta.

Era disso que tinha certeza. O resto ele descobriria na marra.

Uma rápida busca por saídas alternativas resultou em uma grande resposta negativa: parecia que a porta principal era a única entrada e saída – a menos, é claro, que se considerassem as janelas.

No banheiro, encontrou exatamente o que procurava: uma janela grande o suficiente que abria para a mata dos fundos. Uma rápida checagem e pensou, merda, o céu já estava escurecendo. O sol estava não apenas coberto, mas inteiramente consumido por uma grossa camada de nuvens que surgira sabe-se lá de onde. Mas uma súbita tempestade não era o que preocupava: na terra, em meio aos pinheiros, sombras se moviam, e não porque alguém estivesse andando com uma lanterna na floresta.

Uma fúria explodiu em seu peito. Encruzilhada? Foda-se... o que ele queria era vingança. Nesse momento, ele tinha uma chance de acertar as contas com aqueles cretinos e com certeza iria acabar com eles.

Ao abrir o fecho da janela, Matthias de repente começou a se sentir o cara mais popular do pedaço, e estava totalmente preparado para retribuir a atenção para quem quer que fosse – agentes das Operações, policiais, demônios, o que aparecesse pela frente.

A janela se abriu por completo como em sonho, suave e silenciosamente, mas deixou a ventania de fora entrar, o ar gelado acertando diretamente seu rosto. Impulsionando o corpo através da abertura relativamente pequena, ele estava agradecido por duas coisas: primeiro, por não possuir mais seu antigo corpo – pois seus ombros largos e peito inchado teriam dificuldade para passar por ali; e segundo, por estar escuro lá fora como se fosse noite, mesmo ainda sendo o meio da tarde.

Isso era bom: a camuflagem era sua melhor arma – no momento, ele era um alvo fácil.

A janela ficava a um metro e meio do chão, com um parapeito que dava a volta completa na garagem. Em uma série de movimentos, Matthias se virou, plantou a ponta dos pés no parapeito e fechou a janela. Se fosse para a direita, teria de passar pelo canto que dava na escadaria da frente. E para a esquerda? Havia um telhado inclinado que cortava a distância até o chão e aumentava as chances de conseguir aterrissar sem quebrar sua perna ruim como se ela fosse de vidro.

Obviamente, decidiu pelo lado esquerdo.

Arrastando-se pelo parapeito, ele segurou na armação da janela pelo tempo que pôde; depois teve de agarrar com as unhas a parede da maneira que fosse possível, tentando manter o centro de gravidade para impedir que seu traseiro o derrubasse.

O vento não estava ajudando.

Mas conseguiu chegar até o telhado inclinado.

Sem perder tempo, rastejou até a borda e pulou. No instante que atingiu o chão em meio a folhas mortas, Matthias se abaixou e sacou a arma. Por todos os lados, podia ouvir sons de movimentos, sugerindo que havia muitas pessoas, coisas, seja lá o que fosse, na floresta atrás da garagem.

Ele não mexeu nada além dos olhos.

A falta de percepção de profundidade dificultava atirar a longas distâncias, e por causa disso, e também por sua mobilidade comprometida, a melhor coisa a fazer era esperar.

Se Maomé não vai à montanha...

Alguém estava se aproximando rapidamente pela esquerda, pisando com

força e fazendo o chão vibrar.

Matthias apontou sua arma calibre quarenta na direção do movimento.

Uma sombra tridimensional surgiu do abrigo da garagem: era uma criatura ambulante sem forma e sem rosto se movendo de uma forma sobrenatural. Mas algo não estava bem em seu mundo grotesco: a coisa parecia estar ferida e deixava um rastro de fumaça negra, como se estivesse fugindo para salvar a própria vida.

O que veio depois atrás daquilo obscurecia a distinção entre o bem e o mal – o colega de Jim parecia um anjo vingador ao perseguir aquilo que claramente era sua presa. Com uma adaga de cristal levantada acima do ombro e o rosto distorcido com a fúria de um guerreiro, Adrian estava obstinado a matar aquele demônio.

E foi exatamente o que ele fez, bem na frente de Matthias.

O homem pulou no ar e alcançou sua presa, mesmo que o demônio corresse o mais que podia. Aquilo não poderia terminar bem – a ponta daquela frágil adaga estava na direção certa, mas não adiantaria muito: a “arma” não parecia forte nem para cortar papel.

Errado.

Quando a ponta penetrou a nuca da criatura, a sombra soltou um urro que era como metal raspando metal – exatamente o som que Matthias ouvira durante os séculos que passou no Inferno. E então o demônio caiu com o impacto e Adrian jogou o peso do corpo em cima para prendê-lo onde estava.

O que aconteceu em seguida foi algo saído de um cinema IMAX-3D. O colega de Jim incapacitou a criatura cortando pedaços dela – um braço aqui, uma perna ali – e foi nesse momento que o sangue começou a jorrar. Na verdade, era um ácido. Uma gota caiu na mão de Matthias e ele praguejou ao sentir a queimadura, imediatamente esfregando a mão na terra...

Nesse momento, uma segunda sombra saltou de trás de uma árvore, como se a aparição tivesse sido desovada pelo próprio tronco. Mas Adrian estava pronto e se virou imediatamente, enquanto a primeira criatura se contorcia no chão da floresta.

Desta vez, ele não perdeu tempo. Acertou um golpe bem no meio da cabeça; esse parecia ser o ponto exato para matar os cretinos. Após outro grito ensurdecedor, a sombra se foi, evaporando em um piscar de olhos...

Assim que Adrian se virou de volta para o demônio no chão, mais dois saíram do tronco que havia libertado a outra sombra, como se a árvore estivesse cuspiendo as criaturas para fora.

Matthias não hesitou. Um ódio acumulado fez sua força dobrar e ele

pulou, descarregando sua arma nas duas criaturas e fazendo o sangue ácido voar por todos os lados enquanto os demônios corriam em sua direção.

– Venham me pegar! – ele gritou.

Adrian começou a praguejar, mas que se dane. Matthias libertou sua ira e encarou o combate mano a mano, puxando o gatilho de uma maneira controlada enquanto ia ao encontro do inimigo.

– Pegue uma adaga!

Em meio à fúria, ele ouviu o comando do outro homem e olhou por cima do ombro por uma fração de segundo. No instante em que fez isso, uma daquelas adagas de cristal surgiu em seu raio de visão, voando pelo ar em uma trajetória perfeita.

Matthias a agarrou no ar com sua mão livre, e entrou em ação imediatamente, seus instintos tomando conta da situação. Com movimentos coordenados, usou a pistola para segurar um demônio na esquerda enquanto cravava a adaga na têmpora da sombra que estava à direita.

Até mais, otário.

Sem hesitar nem por um segundo, ele se virou para o outro e fez igual, mesmo que o ácido estivesse jorrando para todo lado e sua pele estivesse exposta – e aquela coisa doía mesmo.

Mais sombras começaram a surgir.

Era um dilúvio de inimigos, e as balas de Matthias tinham acabado.

Ele jogou a pistola inútil para o lado e se preparou para o que estava por vir. Encruzilhada, não é? Pelo jeito a hora havia chegado – e se a decisão correta a que Jim Heron se referia fosse seu desejo de lutar?

Então, ele sabia o que tinha de fazer.

Quando o demônio mais próximo atacou, ele sentiu um instante de tristeza porque não iria mais encontrar Mels. Esse era o fim. Sabia que não sairia vivo daquela batalha.

Mas... se existia um tipo ruim de vida após a morte, então talvez também existisse um Céu. Talvez ele ascendesse desta vez ao invés de cair.

Talvez pudesse de alguma maneira reencontrar Mels para lhe contar que anjos existem.

Pois agora ele tinha certeza.

Ela era um deles.

Na frente da garagem, Jim estava invisível esperando o agente das Operações aparecer. No instante que isso acontecesse, ele entraria em ação

e colocaria a arma para funcionar bem na cabeça do cretino – Jim não iria correr riscos com Matthias, e realmente não queria que Devina aparecesse do nada para “salvá-lo” de novo.

Já havia demônios o suficiente na floresta.

E estava torcendo para que Adrian conseguisse mantê-los sob controle.

Aliás, o fato de que os lacaios e o agente apareceram na mesma hora não cheirava bem – e fez Jim se preocupar com aquela repórter. Geralmente, a boa sincronia de Devina significava más notícias para Jim, e ele não achava que aquilo seria exceção.

Onde está você, pensou, enquanto observava a silhueta das árvores, esperando uma inevitável revelação. A bala não fora atirada por uma sombra, disso ele sabia – e ninguém além dela sabia onde eles estavam ou tinha motivo para aparecer com um presentinho de chumbo.

Um grito horrendo, vindo de trás da garagem, fez Jim estremecer. Seu corpo estava preparado e querendo se juntar à luta que acontecia na floresta. Mas Matthias estava lá em cima na sala e Jim não daria chance para o agente se infiltrar e matar seu ex-chefe.

No Inferno. A garota loira está lá. Eu estava com ela.

Jim estalou os dedos. Seu desejo de vingança estava cada vez mais difícil de controlar e aquela fúria quase transbordando ameaçava acabar com ele de uma maneira que as torturas físicas de Devina nem chegariam perto. Aquela cadela fora esperta... matando aquelas outras mulheres. Manteve Sissy em primeiro plano para ele, tão visível como um letreiro luminoso, alto como um alarme de incêndio.

Foi a coisa mais eficiente que o demônio fizera até agora para abalar a cabeça de Jim...

À direita, uma sombra se moveu – e não era do tipo de Devina. Era um homem vestido de preto da cabeça aos pés, o rosto coberto por uma máscara.

Jim observou, de sua posição invisível, enquanto o agente se movia de árvore em árvore. Seu foco era admirável. Apesar do clima horrível, da movimentação que acontecia nos fundos e da relativa falta de cobertura, o cara era um exemplo de cálculo frio, dava cada passo exatamente onde deveria. E estava bem equipado, com uma bela arma com silenciador e sem dúvida com um colete à prova de balas sob o casaco preto – afinal, agentes eram difíceis de achar por aí, difíceis de treinar e extremamente caros de manter.

Não era o tipo de recurso que se pode desperdiçar.

Não havia reforços, pelo menos não que Jim conseguisse ver ou sentir. Agentes até trabalhavam em pares de vez em quando, mas isso era raro e

geralmente acontecia apenas quando havia alvos múltiplos.

E, claramente, aquele agente estava ali apenas para pegar Matthias.

O que não aconteceria. Não se dependesse de Jim.

Cruzando o caminho de cascalho, ele se aproximou e sem perder tempo com nenhum tipo de show ou grande revelação, aparecendo do nada só para surpreender o cara.

Em honra à tradição na qual fora treinado, Jim simplesmente deixou o outro homem passar e então o seguiu, sem ser notado mesmo quando voltou a ficar visível. Então, com rápida coordenação, ele agarrou os dois lados da cabeça do agente e quebrou seu pescoço com um único movimento. Quando o corpo relaxou, Jim o deixou cair onde estava e ficou alerta para defender seu terreno, apenas para o caso improvável de haver na floresta outro agente, pronto para pular em cima dele.

Ficou ouvindo as batidas do próprio coração.

Esperou mais um pouco até ter certeza de que fora um trabalho solo. Então passou por cima do recém-morto e começou a correr até os fundos...

Isso é o que eu chamo de luta, pensou.

Demônios estavam surgindo como enxames pelo terreno dos fundos, atacando Adrian e... merda, aquele era *Matthias* com uma adaga de cristal?

Com certeza parecia.

E estava conseguindo se defender.

O primeiro impulso de Jim foi de pular e entrar na luta, mas ele se segurou. Essa emboscada estava óbvia demais. E não achava que os lacaios matariam Matthias – não, não com Devina interferindo como fez no Marriott.

Observando a luta com os olhos estreitos, ele assoviou uma vez, o som alto e agudo cortando os grunhidos e palavrões. Quando Adrian olhou para ele, Jim levantou as palmas – um sinal universal que perguntava “você cuida disso?”.

Quando Adrian assentiu e voltou ao trabalho, Jim deu outra olhada em Matthias. O maldito estava muito bem, de alguma maneira aquele corpo quebrado funcionava com uma coordenação letal que derrubava várias criaturas em sequência – e não porque os lacaios estivessem facilitando as coisas.

Estavam, porém, focando em Adrian: nenhum deles se dirigia a Matthias até ser forçado.

Devina definitivamente dera a ordem para os demônios não matarem Matthias: Jim já lutara com eles o bastante para saber que eram capazes de

uma estratégia ofensiva muito melhor do que aquela – e a luta de Adrian era prova disso.

Hora de ir.

Jim voltou para a frente da garagem e deu uma camuflada no cadáver para o caso improvável de alguém se perder, vir parar ali e encontrar um cara morto como tapete de boas-vindas.

Então voou dali, usando as Vias Aéreas dos Anjos até o centro de Caldwell.

A repórter era quem estava realmente exposta naquele momento, e era com ela que Jim deveria estar.

CAPÍTULO 36

Pelo que Adrian podia perceber, o último laçaio aparecera pouco depois de Jim desaparecer.

No instante em que o anjo se foi, a fonte de demônios de Devina secou – prova de que a razão do ataque era manter o cara ocupado naquele local.

Dez minutos depois, a última sombra foi eliminada pela adaga de cristal de Matthias.

Ao virar e olhar para seu parceiro, Adrian o encontrou com a respiração ofegante e os ombros fumegando por causa do sangue ácido que lhe atingira.

Aquele aleijado filho da puta com certeza conseguira se recompor bem na hora.

– Você está bem? – Ad perguntou, ofegante.

Os joelhos de Matthias fraquejaram e ele cedeu à gravidade, deixando seu corpo cair sentado no chão – ao menos até a poça de sangue negro começar a corroer sua calça de moletom.

Ele pulou e se levantou como se tivesse sentado em pregos.

– Merda! Essa coisa é...

– Não esfregue seu traseiro com a mão, idiota. Ela vai ficar coberta de ácido.

E foi assim que Matthias acabou baixando as calças na frente de Ad. deixa que eu cuido

O cara praticamente rasgou a frente do moletom preto, e então sua bunda branca e pernas finas fizeram uma aparição não programada.

– Melhorou? – Ad disse secamente, enquanto olhava ao redor.

– Fora o vento na minha bunda, sim, melhorou.

Os olhos de Ad pousaram na parte inferior do corpo de Matthias... e, por alguma razão, ele pensou naquela repórter no quarto do hotel na noite anterior, os dois em um intenso clima erótico, mas sem chegar a lugar algum.

Deve ter sido difícil, pensou.

Limpando a garganta, ele acenou para a garagem.

– Eu tenho roupas lá dentro pra você.

– Eu gostaria disso.

Matthias se abaixou, usou a adaga de cristal para cortar o resto das calças e então se livrou delas, deixando os retalhos fumegantes no chão.

Então olhou para Adrian e jogou a adaga em uma trajetória perfeita até suas mãos.

– Obrigado pela arma. Foi divertido.

Ele se virou e começou a andar até a garagem.

Sem perguntas. Sem exigir explicação. Apenas um agradecimento por ter participado da festa.

Adrian o seguiu, pensando que Jim estava certo sobre seu ex-chefe. Mesmo seminu e com parte de suas roupas ainda fumegando, o cara estava completamente inabalado e soube se virar muito bem na batalha – era o tipo de pessoa que Ad gostava de ter como companheiro.

Matthias parou quando chegou na frente da garagem.

– Parece que tivemos outro tipo de companhia.

Realmente, pensou Ad.

O agente morto estava caído como um tapete de boas-vindas no limite da floresta, com metade do corpo sobre o caminho de cascalho. Sua aparência não era nada agradável: ele estava de barriga para baixo, mas a cabeça fora totalmente torcida para trás, deixando os olhos mortos vidrados no céu.

Deve ter doído.

Ad se aproximou e se abaixou.

– Vá buscar as roupas e deixa que eu cuido disso...

– Sem chance – quando Ad olhou para cima, Matthias plantou os pés no chão e começou a encará-lo. – Aquelas criaturas na floresta são do seu mundo. Mas este cara aí – apontou com o dedo para o defunto – é do meu mundo. Vá pegar umas calças pra mim enquanto eu revisto esse cara.

Bom, quem diria, só porque a ferramenta do cara não funcionava mais, não significava que ele era uma mocinha.

– E traga um cinto – murmurou Matthias enquanto ajoelhava no chão e começava a mexer no cadáver como se fosse um abutre. – Eu não uso mais o mesmo tamanho que você.

Adrian não era do tipo que recebe ordens, especialmente de um mero humano. Mas o ex-chefe de Jim conquistou seu respeito na floresta, e não tinha como discutir, não ao ver a maneira como Matthias lidava com o corpo de um homem enviado para matá-lo.

Após fazer uma rápida busca na propriedade para ter certeza de que não havia mais perigo, Ad se transportou para dentro do apartamento – não havia razão para esconder seus poderes, considerando o foco com que Matthias revistava o corpo do agente. Depois de uma rápida checagem

com o Cachorro e Eddie – os dois estavam no lugar onde deveriam estar – ele pegou um par de calças (de couro, para o caso de uma nova luta) e procurou alguma coisa, qualquer coisa que pudesse servir como cinto.

Quando voltou, Ad jogou as calças ao lado do traseiro nu de Matthias.

– Toma.

O cara parou a revista e começou a se levantar. Quando suas pernas fraquejaram, Adrian ofereceu ajuda.

Matthias o olhou como se quisesse matar o anjo, mas quando sua segunda tentativa também falhou, ele agarrou a mão de Adrian, que não precisou de nenhuma força para fazer o cara levantar, bastou um puxão sutil.

Quando Matthias abaixou a cabeça para tirar os tênis Nike, Ad sentiu uma pontada no peito. Ter uma deficiência era praticamente um tipo de maldição. Mesmo assim, apenas com a força de vontade Matthias fizera o trabalho de um homem completo na floresta – chegara até a impedir que Ad se machucasse.

– Obrigado – disse Adrian.

As sobranceiras de Matthias se levantaram – o que aparentemente era o máximo de surpresa que ele se permitia demonstrar.

– Pelo quê?

– Por me ajudar.

– Você poderia ter vencido sozinho – ele disse asperamente enquanto começava a se vestir.

As calças de couro ficaram muito largas, e quando Adrian ofereceu um fio elétrico, o olhar que recebeu de volta não foi dos mais amigáveis.

– É o melhor que pude fazer.

Matthias fez o que era preciso, passando o fio nas alças da cintura, apertando e dando um nó na frente. Então, estava pronto para voltar ao trabalho.

– Nada de celular, a identidade tem uma foto, nada mais que isso. Tem munição, corda de piano e uma faca boa... não tão boa quanto a que você carrega, é claro – Matthias olhou ao redor. – Precisamos encontrar o carro dele e tirar o cara daqui. Eles vão mandar outros, mas temos que limpar esta bagunça antes que as coisas se compliquem e o necrotério do St. Francis corra o risco de perder outro cadáver.

– Vou pegar as chaves da caminhonete. Enquanto isso, vamos deixar ele na garagem.

– Entendido.

Ad andou até a F-150 que Jim dirigia antes de ser convocado para a luta entre o bem e o mal. Quando ele deu a ré na caminhonete, Matthias já

tinha amarrado as pernas e braços do agente e estava arrastando o corpo até a garagem.

O esforço o fazia mancar como se alguém tivesse acertado sua perna ruim com um taco de beisebol. E quebrado o taco ao meio.

Adrian se aproximou e levantou o torso do agente. Sem comentários. Sem conversa.

– Está com medo que ele acorde? – Adrian perguntou, acenando para o fio de cobre que Matthias usara para amarrar o corpo.

– Ultimamente, não duvido de nada.

A caminhonete que Adrian tirou da garagem não era nova, mas estava em boas condições. Infelizmente, o mesmo não podia ser dito sobre Matthias, que resmungava enquanto arrastava seu corpo cansado até o banco do passageiro com a ajuda da bengala.

Ele estava velho e em más condições.

A luta da qual gostara tanto de participar ainda não tinha acabado, até onde seu corpo sabia: cada facada, cada revide, cada soco ainda reverberava em suas juntas e músculos. Ele sentia como se tivesse saído de um acidente de carro.

De novo.

Mas gostou. De tudo... desde as mortes até a limpeza. Parecia um cenário familiar, um lar no qual vivera por muito tempo.

Adrian passou pela casa branca da fazenda, que parecia estar desocupada, e freou ao chegar na estrada principal.

– Alguma preferência? – ele perguntou.

Assim como na luta, a análise surgiu na mente de Matthias com perfeita clareza e confiança:

– O agente teria passado por ali primeiro, vindo do centro da cidade, pois teria dirigido desde Washington D.C. pela Northway até Caldwell. Então ele deve ter passado duas vezes aqui para checar.

– Então vamos para direita.

– Não, vamos para a esquerda. Ele deve ter checado uma terceira vez antes de identificar o melhor lugar pra deixar o carro. Então, depois de achar esse lugar, teria localizado outro, menos óbvio – Matthias acenou para essa direção. – Esquerda.

– Por acaso vocês todos usam o mesmo cérebro?

– Eu tinha uma estratégia para recrutamento e sempre procurava pelo tipo ideal de pessoa.

– E qual era esse tipo?

Matthias focou nos olhos do homem ao seu lado.

– Igual a você. Mas sem todos esses piercings no rosto.

– Acho que vou ficar encabulado.

Ao virar à esquerda, Matthias deixou um sorriso escapar e então começou a procurar pelo acostamento da estrada. Eles definitivamente estavam no meio do nada, com grama alta e arbustos crescendo sem controle dos dois lados do asfalto.

Andaram um quilômetro. Três quilômetros. Cinco quilômetros...

– Ali – ele disse, apontando para frente no para-brisa, mas nem precisava, pois Adrian não podia deixar de enxergar o Taurus parado no meio do mato.

Adrian diminuiu a velocidade e passou devagar ao lado do carro, para que eles pudessem checar os arredores. Parado como se estivesse quebrado, o carro não chamava nenhuma atenção, com exceção de um adesivo brilhante da polícia de Caldwell – como se algum policial já tivesse passado por ali e emitido uma notificação dizendo que o carro seria guinchado se o dono não o retirasse dali.

Adrian deu meia-volta e aproximou a caminhonete.

– Você tem certeza de que...

Matthias saiu da F-150 e retirou o adesivo com facilidade.

– Se isso aqui fosse de verdade, o adesivo não sairia tão fácil.

Jogando o “selo” na caminhonete, ele deu um passo para trás e olhou para os dois lados. Não havia ninguém por perto e nenhum carro na estrada, nas duas direções.

Matthias então levantou a bengala e... estilhaçou a janela do carro.

Colocando a mão lá dentro, ele destrancou e abriu a porta. Nenhum alarme tocou – mas agentes das Operações nunca colocam alarmes nos carros. A primeira diretriz, além de assassinar seu alvo, é não chamar atenção – nunca. Isso apenas causava estragos que precisavam ser limpos depois.

Naturalmente, o agente não carregava as chaves, mas isso também fazia parte do protocolo. Eles não deixavam nada para trás, nada de corpos, nada de armas – e nada de carros também. As chaves ficavam debaixo do porta-malas, para que a equipe de limpeza pudesse tirar o carro dali – mas Matthias não tinha tempo para entrar no meio do mato e ficar procurando-as.

Ele se virou.

– Posso pegar uma das suas adagas?

Quando Adrian lhe ofereceu uma adaga ainda dentro da bainha, Matthias se sentou atrás do volante e colocou a ponta em uma junção do

painel que cobria a coluna de direção. Com a palma da mão, ele forçou a lâmina e chacoalhou até que a cobertura de plástico se soltou, expondo os mecanismos do painel.

Até onde se sabe, os carros hoje em dia já não funcionam como no passado, quando era possível invadi-los, fazer uma simples ligação direta e sair com eles por aí.

Uma ótima notícia para os motoristas em geral. Mas não ajudava muito quando seu objetivo é ter flexibilidade para cometer assassinatos. Por isso, todos os carros das Operações Extraoficiais eram modificados para esse tipo de infiltração. Se a pessoa não conseguisse achar as chaves, se não tivesse tempo para encontrá-las, se incontáveis inimigos estivessem à sua espreita, bastava entrar e sair dirigindo.

Cruze os fios. Pise no acelerador. Pé na estrada.

Quando eles voltaram para a garagem, Matthias estacionou na vaga da caminhonete e se arrastou para fora do carro. Apoando-se no porta-malas do Taurus, ele se endireitou e procurou com as mãos até...

Lá estava. Encontrou uma caixa magnética pequena, fina como um dedo.

Mas ela tinha um teclado para digitar uma senha. Ele tinha esquecido dessa parte...

Em um canto de sua mente, uma série de quatro dígitos começou a surgir, prestes a entrar completamente no seu consciente.

Adrian entrou na garagem.

– O que você...

Matthias levantou a palma da mão.

– Espere um segundo.

Fechando os olhos, ele mudou de tática. Forçar e lutar contra sua memória não estava funcionando, então talvez uma tática passiva funcionasse.

E talvez ele não desmaiasse como da última vez, um pouco antes de serem atacados.

Respira. Respira. Respira...

A senha se livrou das amarras que a prendiam em seu subconsciente e surgiu – junto com outras coisas... muitas outras coisas.

De uma vez só, ele foi atingido por várias senhas, combinações alfanuméricas e até sequências de cores.

Sentiu seu braço ser agarrado. Era o colega de Jim.

Boa sincronia, pois naquele momento suas pernas começaram a fraquejar e uma tontura fez seu corpo se contorcer como uma bailarina, mesmo não se mexendo.

Sobrecarregado, ele pôde apenas assistir ao show que passava diante dos olhos, uma lista aparentemente infinita se revelando com toda a graça de um touro que investia contra uma multidão.

Mas ele absorveu toda a informação.

Principalmente quando outras coisas começaram a surgir. Coisas como contas de banco, páginas da internet e... arquivos pessoais.

CAPÍTULO 37

– Monty, onde você está...? Seu cretino de boca grande...

Olhando para o relógio, Mels voltou para o embarcadouro nas margens do rio para checar novamente se sua fonte não teria entrado pelo lado oposto. Nada. Estava sozinha em meio às prateleiras de remos e pilhas de boias, debaixo do grande teto e dos ninhos das andorinhas.

Quando Monty ligou de novo dizendo que queria encontrá-la, Mels se recusou a participar daquela brincadeira de siga-o-líder-através-do-parque, e o atraso a fez pensar que talvez ele tivesse ficado bravo por ela ter cortado seu barato.

– Merda!

Por todos os lados, andorinhas entraram voando pelas janelas. Mels precisou se abaixar e cobrir a cabeça enquanto as aves circularam por um minuto e então voltaram a sair.

– Monty, onde você está? – ela disse para o vazio ao seu redor.

Andando até um dos ancoradouros, ela observou a superfície da água. Não poder ver o fundo era um pouco perturbador. Fazia a pessoa se perguntar o que realmente havia lá embaixo...

Um ruído a fez levantar a cabeça.

– Monty?

Ao longe, uma criança gritava de felicidade. Mels ouviu também uma buzina.

– Tem alguém aí?

De repente, a luz do sol diminuiu, como se Deus tivesse decidido economizar energia ou talvez alguém tivesse jogado uma cobertura sobre Caldwell.

Na escuridão, o interior do embarcadouro parecia se fechar sobre ela.

Certo. Hora de ir.

Mels colocou a mão dentro da bolsa enquanto se dirigia para a saída – uma pontada de paranoia a fez segurar seu spray de pimenta.

Antes que ela pudesse sair, alguém passou pela porta.

– Monty?

– Desculpe pelo atraso.

Ela relaxou ao som da voz familiar.

– Eu estava quase desistindo de você.

– Eu nunca iria te decepcionar.

Mels franziu a testa quando o homem deu um passo à frente. Depois outro.

– Que perfume é esse que você está usando?

– Você gosta?

Deus, não. Parecia que ele precisava de um banho.

– Então... você disse que conseguiu algo para mim?

– Ah, sim, eu realmente consegui.

Ao se aproximar, ele se colocou entre ela e a saída. Então ficou bem à sua frente, as mãos no bolso, a cabeça baixa, como se olhasse para os próprios pés.

Aquela criança, que provavelmente estava brincando lá fora no balanço do parque, riu novamente. O som invadiu o espaço onde estavam e fez Mels se sentir ainda mais isolada.

Preciso dar o fora daqui, ela pensou.

– Olha, Monty, eu preciso ir...

E foi nesse momento que o homem olhou para cima, revelando olhos negros que brilhavam ameaçadores. Aquele não era Monty. Mels não sabia quem diabos era...

Ela atacou primeiro, fechando o punho e acertando um soco bem no queixo do cara. Sua cabeça foi jogada para trás e Mels desferiu outro golpe na barriga, que o fez dobrar-se para frente de novo, trazendo seu rosto de volta ao alcance das mãos. Prendendo os dois lados da cabeça dele, ela levantou a coxa e deu uma joelhada em seu nariz – depois o jogou para o lado.

Mels deu um impulso e correu para a porta...

Mas o homem estava lá. Bem na sua frente.

Virando rapidamente a cabeça, ela checkou se não era um segundo agressor. Não era possível que ele tivesse se movido tão rápido.

Aqueles olhos. Aqueles olhos negros.

O que você diria se te contasse que acredito no Inferno? E não de um ponto de vista religioso, mas porque estive lá pessoalmente.

Ela começou a se afastar andando de costas, até que pisou em uma poça e escorregou. Ou talvez o homem com os olhos negros tivesse conseguido empurrá-la sem tocá-la e...

Ela estava em queda livre.

Mels jogou os braços para frente tentando agarrar alguma coisa que a ajudasse a restabelecer o equilíbrio...

Splash!

Atingir a água foi um choque. Frio e envolvente, o rio parecia agarrá-la, trazendo-a para o fundo e mantendo-a lá. Ela abriu a boca, que foi inundada por um gosto ruim enquanto Mels tentava desesperadamente subir para a superfície.

Não conseguiu ir longe. Sentia como se um redemoinho a puxasse para o fundo do rio Hudson.

Fechando os lábios para impedir que mais água entrasse pela boca, sentiu no peito uma queimação que rapidamente se transformou em um calor gritante, e o pânico lhe causou uma explosão de energia. Batendo os braços contra o turbilhão negro, ela lutou com a força recém-adquirida, usando toda a energia restante para salvar a própria vida.

Não conseguiu nada.

Braços e pernas diminuíram a velocidade.

O coração acelerou.

O fogo em seus pulmões se tornou vulcânico.

Após uma eternidade, o rugido abafado em seus ouvidos diminuiu, assim como o frio do Hudson e a dor em seu peito. Ou talvez essas coisas tivessem aumentado e ela estivesse apenas perdendo a consciência.

Como isso foi acontecer?

Como *diabos* isso foi acontecer?

Vagamente, ela se preparou para ver a vida passar diante dos olhos, pronta para encarar uma lista de arrependimentos e os rostos das pessoas de quem mais sentiria falta – o de Matthias com certeza estava nessa lista...

Em vez disso, ela apenas se sentiu mais sufocada e pensou, que droga, então seria assim que tudo terminaria?

Aquele seria um último pensamento muito sem graça.

Seguindo o feitiço de localização que lançara sobre Mels, Jim apareceu em uma instalação de um clube de barcos nas margens do rio Hudson. Acima, o céu estava fechado, com nuvens tão pretas que poderia muito bem ser meia-noite em vez de meio da tarde, mas não era isso que o preocupava.

No instante em que chegou ao local, a presença de Devina se revelou como um grito que percorreu sua coluna até arrepiar os cabelos na nuca.

E então, o sinal da repórter desapareceu.

Irrompendo pela porta aberta, ele parou de repente quando viu Devina sozinha lá dentro, com seus saltos agulha plantados em uma das baías de ancoragem.

– Surpresa! – ela disse, levantando o queixo e arrumando o cabelo por cima do ombro.

Por uma fração de segundo, Jim quase partiu para cima do demônio. Ele queria colocar as mãos ao redor do pescoço dela, apertar enquanto ela se debatia, apertar até quebrar a espinha e separar a cabeça do corpo.

Mas a repórter era a razão para ele estar ali.

Investigando ao redor, Jim... não encontrou nada. Ninguém. Apenas as ondas quebrando contra a parede, espirrando água por todos os lados.

– Onde ela está? – exigiu Jim.

– Onde quem está?

Na água, ele pensou.

Ele deu um impulso e jogou o demônio para o lado, esperando que ela caísse sentada em seu traseiro enquanto ele começava a olhar em todas as baías vazias. Droga, as águas estavam turvas e a falta de luz atrapalhava ainda mais.

– O que você está procurando? – ouviu Devina dizer.

Procurando ao redor, não encontrou nada além de águas revoltas – mas não se deixaria enganar. O demônio viera até ali por uma razão... e permanecia ali por outra.

– Quero que vá embora. Agora mesmo.

– Estamos em um mundo livre.

– Apenas se você perder.

Devina riu.

– Não é assim que vejo as coisas.

Jim se aproximou do inimigo e ficou cara a cara com ela.

– Vá embora. Ou vou te destruir aqui e agora.

Um brilho feroz surgiu no olhar dela.

– Você não pode falar assim comigo.

Antes que ele pudesse pensar, uma de suas mãos agarrou o pescoço de Devina: sua pequena fantasia se tornou realidade quando ele começou a concentrar energia em seu punho...

Do nada, uma fonte de luz invadiu o embarcadouro – não, espere, era ele. Jim estava brilhando.

Certo, que seja. Estava com tanta raiva que não se importava de parecer um abajur ligado no 220 – principalmente quando sua outra mão se juntou à festa. Por um momento, Devina apenas riu novamente, mas então alguma coisa mudou. Ela começou a engasgar e levantou as unhas para tentar soltar seu pescoço, primeiro com raiva, depois com algo mais parecido com medo.

Quando o brilho se espalhou por seu corpo, a luz ficou ainda mais forte,

até que começou a produzir sombras – e Jim continuou apertando, empurrando Devina para trás até pressioná-la contra os remos que estavam pendurados nas prateleiras, onde usou o peso do próprio corpo para prender o demônio no lugar. Jim tremia com poder dos pés à cabeça, e de algum modo ele sabia que a estava excitando – mas não pelo mesmo motivo que ele estava ereto. Sim, teve uma ereção, mas qual parte de seu corpo não estava endurecida? Cada músculo estava flexionado, desde seu queixo até as coxas, ombros e traseiro.

Ele iria até o fim.

Aqui e agora. Foda-se Nigel e aqueles cretinos ingleses que eram responsáveis por ele. Foda-se o jogo, a guerra, o conflito – ou qualquer que fosse o nome. Foda-se tudo...

Algo explodiu atrás dele, fazendo água espirrar em suas pernas.

E então ouviu uma grande respiração que puxava todo o ar que pudesse, seguida de várias tosses compulsivas.

Jim quebrou sua concentração por uma fração de segundo para ver o que era – e isso era tudo o que Devina precisava. O demônio evaporou em suas mãos, transformando-se com um som agudo em uma nuvem negra de moléculas ... e então o atacou.

O impacto foi como dez mil picadas de abelha em cada centímetro da pele. Jim gritou, não por causa da dor, mas por causa da frustração, enquanto se contorcia no chão.

Devina não continuou o ataque. Em vez disso ela fugiu, sumindo no céu e juntando-se às nuvens enegrecidas acima.

Sumiu... por enquanto.

Com a cara no chão, Jim assistiu com um palavrão entalado na garganta enquanto o demônio desaparecia. E então ele viu a repórter salvando a própria vida.

Na baía mais próxima, um par de braços emergiu da água e mãos pálidas agarraram o muro com toda a força que tinham. Com um grande impulso, a mulher ergueu o corpo molhado e gelado para fora das profundezas do rio Hudson.

Ela acabou deitada ao lado dele, os dois parados enquanto se recuperavam.

– Nós... temos... – ela tossiu – que parar... de nos encontrar assim.

CAPÍTULO 38

Ao longe, alguém estava falando. Era o colega de Jim.

Matthias não conseguia se concentrar nos sons, seu cérebro estava congestionado com todos aqueles perfis, endereços de internet, códigos... lembrou-se até de seu primeiro endereço de e-mail e da sequência de números do cadeado de sua bicicleta na infância... além do arquivo de Jim Heron.

– Matthias, fala comigo! O que tá acontecendo? – mais do que uma pergunta, aquilo era uma exigência, e Matthias queria responder. Depois de enfrentar aqueles demônios e resolver a questão do cadáver, ele e Adrian tinham desenvolvido uma relação funcional. Então ele sentia que deveria responder.

Mas não conseguia falar.

Alguna coisa agarrou seu traseiro – não, espere, era o chão ou uma cadeira. Adrian o fez sentar. Piscando os olhos, tentou enxergar através do video game que passava em sua mente, mas não conseguiu.

– Matthias, cara, você precisa falar comigo.

Com as mãos tremendo, ele esfregou os olhos. Isso ajudou. Quando abriu de novo, conseguiu enxergar os piercings de Adrian bem de perto.

– Ei, você voltou? – disse Ad.

Depois de um instante, Matthias murmurou:

– Por que você fez isso?

– Eu não fiz merda nenhuma com você...

Ele balançou a mão em frente àquela cara zangada.

– Os piercings. Quer dizer, vamos lá. Você acha que precisa parecer ainda mais durão do que já é?

Depois de uma pausa, Adrian começou a rir.

– Ela era uma gostosa. Quanto mais piercings eu colocava, mais deixava eu passar um tempo com ela.

– Era uma garota que colocava os piercings?

– Sim.

– Então foi por causa de uma mulher?

Adrian deu de ombros.

– A dor fazia o sexo ainda melhor.

– Ah.

Matthias desviou o olhar. Estranho. Antes daquela péssima decisão de pisar em uma mina terrestre, ele encarava o sexo como apenas uma necessidade física, como comer e respirar. Mas agora... a perda dessa parte de si mesmo parecia tomar proporções épicas.

Porém, para ser honesto, isso tinha mais a ver com Mels. Se não a tivesse conhecido, ele provavelmente nem se importaria. Na verdade, não se importara durante os anos que viveu como um aleijado.

– Então, você acabou de ter um derrame ou algo assim? – perguntou Adrian.

– Só me lembrei de umas coisas – não fora divertido, mas, se continuasse assim, talvez ele lembrasse por que precisava ir até Manhattan.

– Mas agora você está bem.

O fato de Adrian não pedir detalhes – que Matthias não daria, de qualquer maneira – foi legal.

– Sim. Agora vamos voltar a tratar do nosso cadáver.

Quando tentou se levantar, sentiu como se suas pernas fossem feitas de papel, e percebeu que elas não iriam sustentá-lo sozinhas.

– Vou buscar sua bengala e óculos escuros – disse Ad, saindo da garagem.

Sozinho com seus próprios recursos, Matthias estava determinado a não ficar sentado ao lado da roda do carro como se fosse um pedaço de pano velho jogado fora. Esticou o braço, apoiou a mão no para-choque e, com um grunhido, deu um impulso e levantou-se.

Apalpando ao redor, ele se moveu apoiado no lado do motorista e abriu o porta-malas.

Matthias estava olhando para o espaço vazio quando Adrian voltou. Ele pegou a bengala, colocou o Ray-Ban e balançou a cabeça.

– Não vamos encontrar mais nada no carro. Os agentes nunca deixam nada pra trás – ele deu a volta e ficou em frente ao cadáver. – Eu digo que devemos jogar tudo no Hudson quando anoitecer.

Merda, ele tinha planos para o jantar.

– Pensando bem, vamos fazer isso à meia-noite – acrescentou enquanto fechava o porta-malas. – Ou melhor: às duas da madrugada.

– Você vai fazer alguma coisa de noite?

Quando Adrian o encarou, Matthias se fechou: ele não queria conversar sobre Mels. O problema era que não poderia pedir para mais ninguém fazer aquele trabalho, principalmente porque ele precisava ver com os próprios olhos o carro sumir nas águas. Até que sua memória voltasse por inteiro e estivesse seguindo seu caminho – seja lá qual fosse –, Matthias

não podia arriscar qualquer envolvimento de terceiros.

Nada como um cadáver para fazer a polícia ficar no seu pé. E quanto às Operações Extraoficiais? Eles não deixavam barato se um agente sumisse.

Adrian passou a mão no queixo.

– E se eu disser que você pode fazer isso agora mesmo?

– Como?

– Confie em mim.

– Quem você pensa que é, o Houdini?

– Não. Não existe uma camisa de força grande o bastante para mim.

Mas eu sei o que fazer.

Ele estava de pé e demonstrava calma. Seus olhos estavam compenetrados, sua respiração era pausada e emitia uma vibração de total confiança.

Matthias não dava a mínima para palavras. Mas estava disposto a apostar na emoção das pessoas.

A não ser, é claro, que o filho da puta estivesse delirando.

Matthias pensou na luta que travaram na floresta – para lutar como Adrian, eram precisos anos de treinamento e experiência no ramo de confrontos mortais.

– Então, qual é o seu plano? – perguntou Matthias.

– Descartamos o cara agora mesmo.

– No rio? Em plena luz do dia?

– Isso não vai fazer diferença no lugar em que estou pensando.

Matthias olhou para o cadáver e pensou com carinho na maneira como as coisas afundam na água.

– Vamos colocar ele no porta-malas.

Adrian se aproximou do corpo enquanto Matthias abria o porta-malas novamente. O cadáver já estava duro como pedra, o que facilitava para carregar, mas não para enfiar em um espaço relativamente pequeno: os dois tiveram de usar os músculos para dobrar aqueles joelhos e o torso. Dava mais trabalho que uma sacola de golfe – especialmente porque as sacolas possuem alças.

– Eu dirijo – disse Matthias.

– Você gosta de estar no controle, não é?

– Pode crer.

Os dois entraram no carro e Matthias fez outra ligação direta.

Deu ré. Fez uma manobra. Saiu pelo caminho de cascalho. Passou pela casa principal.

– Aonde é que nós vamos, afinal? – ele perguntou.

– Vire à esquerda. Vamos pro Norte.

Já haviam percorrido quase dez quilômetros quando Adrian olhou para Matthias e disse:

- Então, você gosta daquela repórter, hum?
- Não me lembro.
- Mentiroso.
- Eu tenho amnésia, você não percebeu ainda?
- Você gosta dela.

Matthias olhou de relance.

- Por acaso está virando fofoqueiro?
- Vamos ficar um bom tempo na estrada. Estou só puxando assunto.
- O silêncio é uma virtude – houve uma pausa. – Além disso, não sei por que você está interessado.

- Eu transei com uma garota na noite passada.

As sobancelhas de Matthias se ergueram atrás do Ray-Ban de Mels.

- Bom, que ótimo pra você. Quer receber uma condecoração? Ou um selo comemorativo?

- Foi como se... sabe quando você espirra?

- Você está de brincadeira?

- Estou falando sério. Quando você espirra, tipo, você sente o alívio de uma irritação.

Matthias deu um olhar duro e longo para seu passageiro. E então pensou, sim, até que entendia o que aquele cretino estava falando.

- Mas isso acontece porque você sai por aí transando casualmente.

- Você e aquela repórter me fizeram pensar nisso.

Não pergunte. Não pergunte.

- Por quê?

- Vire à esquerda aqui. Vamos seguir para o leito do rio.

Matthias seguiu as instruções, pensando que provavelmente era melhor deixar o assunto morrer.

- Agora vire à direita.

Ele freou de repente e olhou para a clareira no meio das árvores.

- Isso é uma passagem para pedestres.

- A não ser que você passe de carro. Daí vira uma estrada.

Matthias dirigiu o Taurus com cuidado para fora do asfalto e entrou no caminho de terra. Ele acelerava o mínimo que podia na subida acentuada, desviando de buracos e galhos caídos do tamanho de uma pessoa: aquilo não era um caminho pouco usado, era um caminho *nunca* usado.

Ou pelo menos deveria ser.

Mas conseguiram chegar ao fim, onde encontraram um barranco. Uma queda de seis metros? Isso não era nada. O importante era a água lá

embaixo, represada como um lago.

Quando Matthias parou o carro, olhou para seu companheiro.

– Aqui é perfeito.

– Eu sei.

Aquela era uma ramificação do rio que concentrava a chuva das montanhas e abastecia o Hudson quando o nível subia – que era o caso naquele momento, graças às chuvas da primavera. O lugar era também perfeitamente isolado – havia mato por todo lado, sem casas, estradas ou pessoas.

Havia apenas um problema.

– Não temos como voltar pra casa. E eu não consigo andar muito longe...

Adrian apontou para o outro lado.

No meio das árvores, escondida fora do alcance da vista, estava a Harley que Matthias o vira usar antes.

Matthias voltou a olhar para Adrian.

– Quando diabos você teve tempo pra trazer sua moto até aqui?

Ad se aproximou e disse:

– Considerando a luta que tivemos hoje à tarde, você realmente acha que vou ficar explicando alguma coisa?

Matthias piscou enquanto seu cérebro dava um nó – então parou de tentar entender.

– É justo.

Enquanto Adrian limpava o caminho até a ponta do barranco, jogando grandes galhos para o lado como se pesassem menos que um clipe de papel, Matthias deu ré no Taurus para poderem ter mais espaço. Então se ocupou em achar uma pedra grande e arrastá-la até a porta aberta do motorista. Tudo o que precisavam fazer era colocar a pedra no acelerador, engatar a marcha e sair rapidamente do caminho.

Adrian teria de fazer essa parte.

– Vocês humanos sempre tomam o caminho mais difícil – Adrian murmurou enquanto se aproximava para fazer o trabalho.

Matthias olhou por cima do ombro.

– Humanos?

– Deixa pra lá.

Três minutos depois, Adrian pulou do banco do motorista quando o carro acelerou em uma linha reta, voou pelo barranco e mergulhou com um grande impacto.

Matthias foi até a beira e observou a água borbulhar na superfície.

– É fundo o bastante.

O ronco de um motor fez sua cabeça girar instantaneamente. Adrian já estava montado e acelerando a grande moto para fora da cobertura das árvores.

Não era exatamente a maneira mais discreta de fugir da cena. Mas, com sua perna manca, ele não estava em posição de reclamar do barulho.

Na garupa atrás de seu companheiro, Matthias lembrou que havia um GPS no Taurus – então, em algum momento, os agentes das Operações o encontrariam. Mas ao menos eles teriam trabalho. E quanto à proximidade da casa de Jim? Bom, não era como se eles não soubessem onde ele vivia.

Além disso, o alvo não era Jim.

Deitada de costas e encarando o teto do embarcadouro, Mels tentava entender os arredores enquanto água pingava de seus cabelos e roupa.

Frio era o que mais sentia. Gratidão vinha em segundo. E, em terceiro, um grande ponto de interrogação...

Estivera presa debaixo da água. Sufocando. À beira da morte. E então, pouco antes de suas energias acabarem de vez, a força que a segurava lá embaixo a soltou – os braços dela repentinamente encontraram tração contra o rio e a puxaram para a superfície.

Quando emergiu, tossindo água para fora da garganta, sua visão clareou e ela pôde ver vagamente Jim Heron em um canto da baía, lutando com alguém...

As andorinhas voltaram, voaram ao redor e encontraram seus ninhos, o que sugeria que algum tempo havia passado.

– Você está bem? – Jim perguntou em um sussurro, como se também estivesse ferido.

Ela não chegou a responder, pois foi interrompida quando ele começou a ter espasmos, como se fosse vomitar. Jim virou de lado e se levantou, apoiando as mãos nos joelhos enquanto seu estômago parecia se preparar para uma evacuação total.

Certo, ela quase se afogara, mas era ele quem parecia precisar de atendimento médico. Procurando ao redor, rezou para que sua bolsa também não tivesse mergulhado no rio...

Graças a Deus. Estava perto de onde ela sentira o empurrão, escondida em meio a algumas boias.

Mels quis levantar e andar até lá – ela realmente quis. Mas tentar se levantar não foi uma boa ideia, e em vez disso ela se arrastou até a baía, ainda tossindo água de seus pulmões e sentindo tontura. Mas ela não iria ceder a tudo isso.

Eles precisavam de ajuda.

Quando alcançou a bolsa, abriu-a imediatamente. O celular estava no bolso de sempre. Assim como a carteira. E também sua capa de chuva dobrável – que seria útil em alguns minutos, quando ela tirasse as roupas molhadas.

Claramente, Mels não fora alvo de um assalto.

Arrastando-se de volta para Jim, ela disse:

– Existe algum jeito de você me deixar ligar para a emergência?

Ele balançou negativamente a cabeça até começar uma nova onda de vômito.

É claro que não deixaria.

– Então, quem devo chamar?

Ela precisou repetir a pergunta duas vezes antes que Jim conseguisse dizer o número, então discou imediatamente. Quando apertou o botão *enviar*, Mels ficou imaginando quem atenderia.

O celular chamou uma vez. Duas. Três vezes...

Quando o outro lado atendeu, Mels apenas ouviu um barulho alto. Como se a pessoa estivesse ao lado de uma turbina de avião. Então houve um ruído como se o celular estivesse trocando de mãos... e o barulho diminuiu um pouco.

– Alô.

Pausa. E então, sem nenhuma razão especial, os olhos de Mels lacrimejaram.

– Matthias? – não houve resposta, e ela falou mais alto: – Matthias? *Matthias?*

Ele precisou gritar a resposta.

– Mels? Mels! Você está...

– Estou com Jim. Jim Heron. Escuta, nós temos um problema aqui.

– O que aconteceu?

– Eu estou bem, mas Jim está com problemas...

– Atiraram nele?

– Eu não sei o que aconteceu.

– Onde você está?

Enquanto passava o endereço, ela se inclinou para o lado e observou a porta aberta do embarcadouro. Havia aquela criança brincando no parque e sua mãe sentada em um banco. E mais ninguém.

Difícil saber se isso era bom ou ruim.

– Mels, é seguro você ficar onde está?

Ela colocou a mão dentro da bolsa e pegou sua pistola nove milímetros. Tirou a arma do coldre e checkou a munição. Estava completamente

carregada.

– Eu mesma vou deixar o lugar seguro.

– Escuta, Adrian e eu precisamos pegar um carro. Estamos na moto dele. Mas estamos indo até você agora mesmo.

– Venha o mais rápido que puder. Vou cuidar de tudo até lá.

Após desligar, ela manteve o celular na mão esquerda, a arma na direita e se aproximou de Jim.

Havia um cheiro vindo dele e Mels reconheceu o perfume: era o mesmo que aquele homem usava quando ficou perto dela – e, a menos que estivesse entendendo errado, parecia que era aquilo que estava fazendo Jim vomitar.

Mels colocou as mãos no ombro dele.

– Não vou te deixar pra trás.

Sem chance. Jim a salvara duas vezes – o que fazia dele um anjo, até onde ela sabia.

E não importava o quão durão ele parecesse.

Jim olhou para ela, aparentemente lutando contra a ânsia.

– Sou eu quem tem que te proteger.

Ela franziu a testa.

– Por quê?

– Porque... você é a chave para ele.

– Ele quem? – ela sussurrou.

Mais vômito o interrompeu, mas ela sabia a resposta.

– Foi Matthias que enviou você até mim?

Quando o celular voltou a tocar, ela olhou para a tela. Número desconhecido.

Ela não iria atender de jeito nenhum.

Já tinha preocupações demais naquele momento.

CAPÍTULO 39

Trezentos e cinquenta anos. Talvez quatrocentos. Merda... uns mil anos.

Foi o tempo que eles levaram para sair da zona rural de Caldwell e chegar ao centro da cidade naquela caminhonete F-150.

Matthias estava quase arrancando os próprios cabelos de tanta ansiedade quando Adrian finalmente estacionou em uma vaga perto do parque. Os dois não demoraram nem um segundo para sair da caminhonete e deixá-la para trás como se fosse um pedaço de lixo inútil.

Não correram, apesar de Matthias estar em pânico, dava grandes passos usando a bengala, mas sem correr. Apenas ele e seu colega dando um passeio por aí – nada demais.

Atrás dos óculos escuros de Mels, ele observou toda a extensão do parque. Tudo limpo, exceto por uma mãe e sua filha no balanço.

Exatamente como Mels descreveu, havia um velho embarcadouro de estilo vitoriano na beira do rio: a construção em formato de losango ficava na margem como uma galinha de madeira pronta para botar um ovo.

Quanto mais perto chegavam, mais Adrian parecia querer matar alguém.

Matthias sentia o mesmo.

A porta do lugar era grande, mas o interior estava tão escuro quanto o céu havia ficado antes que aqueles demônios aparecessem na luta da garagem. Quando o olho bom de Matthias se acostumou, ele enxergou vários barcos azuis, vermelhos e amarelos, além de uma parede cheia de boias laranjas penduradas. Pássaros voavam pelos espaços vazios entre as vigas do teto.

Por alguma razão, ele não gostava do som das ondas batendo contra o muro das baías: aquele som de batida e sucção tinha algo de predatório.

– Mels? – ele disse suavemente. – Mels...?

Do outro lado, em meio a alguns veleiros e uma pilha de remos, Mels apareceu.

– Droga, Mels...

Batendo a bengala no chão, Matthias deu um impulso para frente e, quando se aproximou de Mels, estendeu os braços para agarrá-la...

Então, afastando-a repentinamente, ele gritou:

– Você está molhada!

– Eu sei. Jim está...

– Dane-se o Jim...

Ela olhou por cima do ombro dele para Adrian e congelou, como se talvez o tivesse reconhecido.

– Ah, ele está lá atrás. Não sei o que há de errado, mas ele não está muito bem.

Adrian imediatamente se dirigiu para o lugar que Mels apontara.

– Quem te machucou? – Matthias rosnou enquanto tirava o próprio casaco e envolvia Mels, tentando passar algum calor para ela. – Não foi o Jim, foi...?

– Deus, não – ela se afastou um pouco, mas apertou o casaco em volta de si. – Eu... eu, ah, escorreguei e caí na água, e ele veio e...

– Você estava sozinha?

– Eu ia me encontrar com a fonte de uma história. Algumas pessoas preferem não ser vistas em público falando com uma repórter – ela cruzou os braços por cima do peito e levantou o queixo. – E eu não estou gostando desse interrogatório.

– Problema seu.

– *Como é?*

– Você espera que eu acredite que simplesmente escorregou e caiu no rio? E como diabos Jim sabia onde você estava?

E aliás, como ele conseguira chegar até ali tão rápido?

– Acidentes acontecem, sabe? – Mels mudou a perna em que se apoiava. – E quanto a Jim, por que você não pergunta isso para ele?

Como que aproveitando a deixa, Adrian apareceu com o cara, carregando-o pelo ombro enquanto Jim arrastava as botas pelo chão.

Certo, não dava para perguntar nada: ele estava pálido como um fantasma e fraco como um pedaço de pano velho.

– Precisamos levar ele pra algum lugar quente e seguro – murmurou Adrian, como se falasse consigo mesmo.

Matthias assentiu.

– Meu quarto no hotel fica perto daqui. Vamos levar ele pra lá.

Mels interferiu:

– Não podemos passar pelo saguão sem chamar atenção...

– É verdade – Adrian ajeitou o peso de Jim sobre os ombros e disse: – Mas você pode fazer uma cena, não é, chefe?

Chefe?, pensou Matthias.

– E eu vou junto – Mels disse, enquanto desaparecia atrás de uma fileira de barcos. – Me dê um minuto.

Pouco mais de sessenta segundos depois, ela reapareceu como outra

mulher. Mels tirara as calças e camisa molhadas e as substituíra por um vestido preto, penteara o cabelo para trás em um rabo de cavalo e colocara um par de sandálias.

Quem diria que um guarda-roupa inteiro caberia naquela bolsa?

Ela andou diretamente para Matthias.

– Faça um favor a si mesmo e nunca, *nunca* fale comigo naquele tom de voz de novo. Vou deixar passar uma vez. Na próxima, vou tirar essa atitude da sua boca com um soco... entendido?

Certo. Ele quase teve uma ereção naquele momento.

– Vamos – ela disse, apoiando o outro ombro de Jim e ajudando Adrian a carregá-lo. – Cara, você é pesado!

Enquanto os dois o levavam até a porta, a visão dela tocando Jim fez Matthias querer jogá-lo no rio com uma âncora amarrada no pescoço.

Mas ele seguiu as ordens de Mels, pois queria respostas – e queria ficar perto dela.

Nada era mais sexy do que uma mulher que podia tomar conta de si mesma. Mas, droga, dois acidentes quase fatais em 24 horas?

Ela definitivamente teria de contar o que realmente acontecera ali.

Quando a F-150 parou na garagem subterrânea do Marriott, nenhum dos manobristas esperava que uma procissão de palhaços saísse de dentro do carro. Mas foi exatamente o que viram.

Surpresa!, pensou Mels ao ser a primeira a sair.

À distância, ela achava que estava apresentável em seu vestido improvisado, mas de perto sabia que cheirava a peixe podre: a verdade era que estava usando uma capa de chuva dobrável e sandálias que essencialmente eram apenas meias com sola de borracha. Mas o gerente do hotel não a deteria só porque sua roupa era um desastre, certo?

Um desastre congelante, ainda por cima... o mergulho no rio e o susto que levava haviam congelado seus ossos.

O próximo a sair da caminhonete foi Matthias, e o manobrista deu um passo para trás quando o viu. Sábia decisão: seu humor estava péssimo, o rosto tão tenso que parecia que iria explodir – mas isso era problema dele, não dela. Se queria conversar, que fizesse isso de adulto para adulto, e não gritando.

Inclinando-se, ele ajudou Jim a sair com uma atitude totalmente casual, como se o cara estivesse apenas sofrendo de cansaço ou gripe. E Jim conseguiu manter as aparências. Se alguém olhasse com atenção, veria que ele estava tremendo, mas ele andou sozinho até as portas duplas do saguão inferior, cada passo medido e deliberadamente estável.

O terceiro sujeito, o tal de Adrian, ficou ao lado de Jim, ajudando,

sempre que necessário, a mantê-lo equilibrado.

Por algum motivo, Mels não achava que era coincidência o fato de que o cara que ela encontrara naquela cena de crime no motel estava ligado a Jim. Mas agora não era o momento para fazer perguntas desse tipo.

Mas havia algo estranho ali. As pessoas entrando e saindo pelas portas duplas não notavam a presença de Jim – e não parecia que elas estavam só sendo discretas.

Como podiam não notar alguém que aparentava estar caindo de bêbado? Normalmente, aquilo era o tipo de coisa que atrairia olhares.

Era como se Jim nem estivesse ali.

Uma estranha sensação de perigo percorreu suas costas até chegar à nuca.

No mesmo instante, Adrian a olhou por cima do ombro. Seus olhos brilhavam de um jeito que não parecia humano – mas ao mesmo tempo não era ameaçador.

– Você vem, Mels?

Afastando aquele pensamento bobo, ela subiu os degraus da entrada e se juntou aos homens na frente dos elevadores.

– Sim, estou indo.

A falta de oxigênio obviamente afetara seu cérebro – ou talvez sua glândula suprarrenal estivesse em alerta nos últimos dias, e quem poderia culpá-la? Por outro lado, não havia razão para se perder em um mundo de fantasia. Jim Heron não era invisível. Os hóspedes não estavam agindo de modo bizarro. E não havia razão para transformar a vida em uma história em quadrinhos em que as pessoas tinham poderes mágicos.

Afinal, ela era uma repórter – gostava de realidade, e não de ficção.

Depois de tomar o elevador até o andar térreo, eles cruzaram o tapete do saguão principal até o outro grupo de elevadores. Felizmente, as pessoas que ali chegavam de viagem estavam tão exaustas que, se alguém tivesse aparecido patinando e vestido de Bozo, ninguém notaria.

É claro, essa devia ser a razão de ninguém prestar atenção neles.

Quando se está cansado de uma viagem e querendo uma cama, as outras pessoas simplesmente não são registradas no seu radar.

– Eu preciso de um banheiro – Jim sussurrou.

– Mais dois minutos – Ad respondeu.

O elevador chegou rápido, subiu rápido e, antes que pudessem perceber – e antes que Jim fizesse uma sujeira –, eles chegaram ao sexto andar, e seguiram apressados até o quarto de Matthias.

No segundo em que entraram no quarto, Jim e Adrian desapareceram no banheiro. O que deixou Mels cara a cara com...

– Sinto muito.

Quando Matthias começou a falar, ela levantou as sobrancelhas. Considerando seu rosto fechado, ele ainda estava bravo, então um pedido de desculpas era a última coisa que ela esperava.

– Você está certa, eu não deveria ter pulado no seu pescoço daquele jeito – ele passou a mão no cabelo e deixou os fios todos bagunçados. – Está cada vez mais difícil não pensar em você como sendo minha garota. Então, quando eu te encontro num lugar isolado, toda molhada, com frio e claramente abalada, eu sinto que falhei com você, pois não estava lá pra te proteger.

Certo, agora o queixo dela quase caiu.

– Você é uma mulher forte e pode cuidar de si mesma, mas isso não significa que eu não vou ter todas as reações típicas de um macho dominador quando minha fêmea se machuca ou fica em perigo. Eu sou impotente, mas ainda sou um homem – ele praguejou. – Não estou dizendo que isso é certo, só estou dizendo que as coisas são assim.

Seus olhos se encontraram.

E, no silêncio que se seguiu, tudo o que ela podia pensar como resposta era... eu também te amo.

Porque era isso que ele estava dizendo naquele momento – ela podia ver em seus olhos, em sua calma, nas palavras medidas, no queixo orgulhoso.

Deus, ele lembrava tanto seu pai: atire primeiro, pergunte depois, mas sempre fale as coisas como elas são.

– Está tudo bem – ela disse com a voz rouca. – Eu sei que as coisas estão malucas ultimamente. Todos estão com os nervos à flor da pele.

Pensando nisso, Mels ficou chocada ao perceber que queria dizer “eu te amo” para ele – mas controlou esse impulso. Era... muito cedo. Ela conhecia o cara fazia quanto tempo? Dois dias? Três?

Abruptamente, ele começou a andar de lá para cá, usando a bengala em um ângulo que sugeria que estava sentindo dor. Parando ao lado da janela, abriu uma fresta nas cortinas e olhou para fora. Mas não queria ver a paisagem, ela pensou. Era como se ele precisasse de uma desculpa para parar um pouco.

– Quero que você me prometa uma coisa – ele disse de repente.

– O quê?

– Depois que eu for embora, quero que você comece a usar cinto de segurança.

Por um momento, Mels não disse nada – a lembrança de que ele iria partir foi como um tapa em seu rosto.

– Ah...

Matthias olhou por cima do ombro.

– Estou falando sério, Mels. Você vai fazer isso por mim?

Mels se aproximou e sentou na cama enquanto vários pensamentos aleatórios surgiam em sua mente: ela realmente queria tomar um banho... Deus, esperava que ninguém encontrasse suas roupas antes que pudesse voltar lá para pegá-las... ela realmente entrara no Marriott vestida como uma prostituta, com uma capa de chuva e sem calcinha por baixo?

Porém, tudo aquilo era apenas distração cognitiva, uma estratégia para evitar pensar naquele pedido.

Decidindo encarar a situação, ela disse:

– Sabe por que eu não uso cinto de segurança?

– Você gosta de viver perigosamente?

– Meu pai estava usando o cinto, e foi por isso que ele morreu naquele acidente de carro – quando Matthias virou-se lentamente, ela assentiu. – O cinto o prendeu no lugar. Sem o cinto, ele teria sido jogado do banco e seu corpo não teria sido esmagado. Entende? O carro atingiu a carreta de uma caminhonete. E uma das partes de metal entrou pela porta. Quando os paramédicos chegaram, ele ainda estava vivo, porque a pressão estava desacelerando a perda de sangue. Inferno, ele ainda estava consciente. Ele... – Mels precisou limpar a garganta. – Ele sabia que ia morrer ali naquela droga de carro. No instante em que o libertassem, a hemorragia ia aumentar... e ele... *sabia*. Ele estava acordado e alerta. Deve ter sentido muita dor. Eu não... não sei como alguém pode lidar com uma situação dessas. Mas sabe o que ele fez?

– Me conte – disse Matthias com a voz baixa.

Por um segundo, Mels se perdeu na lembrança da discussão que tivera no escritório do sargento – seu chefe se recusava a dar detalhes sobre a morte.

Mas droga, ela era a filha de Carmichael e tinha o direito de saber.

– Primeiro, ele quis ter certeza de que o suspeito tinha sido preso. E ficou muito bravo quando soube que seus colegas tinham se focado nele em vez de ir atrás do criminoso – Mels teve de rir um pouco. – Então ele... fez eles prometerem que minha mãe nunca descobriria como foi a morte. Queria que ela pensasse que foi instantâneo. E é nisso que ela acredita. Sou a única na família que sabe... o quanto ele sofreu. Finalmente, pediu que eles tomassem conta da minha mãe. Ele estava realmente preocupado com ela. Mas não comigo. Ele falou que não estava preocupado comigo. Eu era forte igual a ele... eu era sua filha durona e independente...

A garganta de Mels se fechou e lágrimas começaram a brotar em seus olhos.

E então caíram silenciosamente.

Ela limpou o rosto.

– Saber que ele pensava isso de mim foi na verdade o momento mais orgulhoso da minha vida.

Houve um instante de silêncio. Que continuou. E continuou ainda mais.

Estranho, ela pensou. Aquele momento no escritório do sargento mudara sua vida, mas ela o havia guardado e congelado em seu passado, como se fosse algo para se esquecer.

Mas agora, naquele quarto de hotel, com Matthias focado nela e Jim Heron vomitando seu fígado no banheiro... as coisas começaram a se encaixar, o passado e o presente como um par de vagões de trem que finalmente se aproximavam o bastante para poder se conectar.

Mels voltou a se concentrar.

– Enfim, desde que descobri os detalhes, nunca mais consegui usar... – limpou a garganta novamente. – Não é uma questão de viver perigosamente. Chame isso de uma lógica sem pé nem cabeça, se preferir, mas não significa que eu quero morrer.

Deus sabia que ela realmente não queria morrer.

Quando Matthias se aproximou e sentou na cama, Mels se preparou para ouvir todo tipo de réplica, dizendo “mas você não conhece as estatísticas?”, “dois raios não caem no mesmo lugar”, blá, blá, blá.

Em vez disso, ele apenas a envolveu com os braços.

Aquilo foi curiosamente devastador – a bondade, a proteção, o silêncio e a compreensão.

Apoiando a cabeça em seu peito, ela disse:

– Eu nunca tinha contado isso pra ninguém.

Mels sentiu Matthias beijar o topo de sua cabeça e, com um arrepio, ela se entregou à força daquele homem – e foi sensacional.

Ela não tinha percebido o peso que carregava sozinha durante todos esses anos.

Engraçado, enquanto sentavam ali juntos, com o calor de seus corpos se misturando, ela percebeu que ele havia dito que a amava com um pedido de desculpas... e que ela dissera o mesmo com uma história de seu passado.

Prova de que coisas profundas podiam ser ditas de muitas maneiras diferentes.

– Jim precisa se deitar.

Quando Adrian falou da porta do banheiro, Matthias a abraçou ainda mais forte.

– Ele pode usar esta cama.

– Obrigado, cara.

Mels se levantou e ficou surpresa quando Matthias fez o mesmo. E então os dois sentaram na poltrona ao lado da janela, ela se aninhando sobre o corpo dele.

Era como se ele não pudesse mais aguentar não tê-la em seus braços.

E Mels sentia o mesmo.

CAPÍTULO 40

Adrian carregou Jim até a cama e ajeitou seu corpo dolorido em cima do colchão. O pobre coitado estava tremendo muito, seu esqueleto parecia chacoalhar contra a pele para tentar se libertar – mas ao menos a ânsia havia acabado.

Ao se endireitar, Adrian olhou para o outro lado do quarto. Matthias e Mels estavam sentados juntos em uma poltrona, a mulher com a cabeça encostada no ombro do homem.

Estava muito claro que Devina tentara armar alguma coisa contra a repórter, e que Jim defendera a garota. O que o fez imaginar qual era a condição em que Devina se encontrava.

Não podia ser nada bom. E Adrian podia apenas torcer para que ela estivesse se ferrando bastante.

– Vocês dois querem comida? – ele perguntou para o casal de pombinhos.

– Ele não precisa de um médico? – Matthias respondeu.

– Precisa apenas de um tempo.

– O que há de errado com ele?

– Comeu comida estragada.

– Você está tentando me enrolar.

Ad lançou um olhar na direção de Mels e manteve a boca fechada – mas não porque desrespeitasse a repórter. Acontece que Matthias agora era um deles: estivera no Inferno e conhecia Devina, mesmo que não lembrasse totalmente. E também estava inextricavelmente envolvido nisso tudo.

Mels, porém, não estava, e quanto menos soubesse, melhor ficaria sua mente quando tudo terminasse – contanto que ela sobrevivesse, é claro. Podia ser um verdadeiro choque descobrir o quanto a realidade é maleável e quantos pesadelos são reais. E, uma vez que você sabe dessas coisas, é impossível voltar para os dias agradáveis em que você só se preocupa com as roupas para lavar, o imposto de renda e se ainda restou leite para o cereal no café da manhã.

A boa notícia era que ao menos Matthias entendera a atitude de Adrian: ele assentiu uma vez e também ficou calado.

Vendo os dois juntos, Ad quase sentiu pena do casal, já que aquilo não

duraria muito. Na melhor das hipóteses, Matthias tinha os dias contados – na pior, ele era parte de um declive que jogaria todos eles contra o maldito muro de Devina. E Mels? Considerando o que Devina era capaz de fazer, a repórter teria sorte se ela simplesmente acabasse em um caixão.

Estranho, Ad pensou. Ele não sentira nada além de dor e raiva desde que Eddie fora morto. Mas vendo aqueles dois juntos, ele...

Ah, que merda importava? Ad tinha seus próprios problemas – e a recuperação de Jim era um deles.

– Estou bem – o outro anjo disse, como se tivesse lido seus pensamentos.

– Cala boca e deita aí.

– Você é uma péssima enfermeira – mas o cara acatou a ordem, provavelmente porque seu corpo não dava ao cérebro uma escolha.

Mels se endireitou na poltrona.

– Um médico precisa cuidar dele.

– Se isso faz você se sentir melhor, saiba que ele já esteve nessa condição antes. Apenas espere uma hora ou duas – talvez mais. – Ele vai ficar bem. Onde está o cardápio do serviço de quarto?

– O que exatamente aconteceu com ele? – Mels exigiu saber.

Ad virou para a escrivania.

– Ah, aqui está. Vejamos... – ele folheou o cardápio e parou nas entradas. – Boa seleção.

Enquanto decidia entre um contrafilé e um rosbife, ficou ouvindo a conversa ao fundo – Matthias dizia para sua garota não se preocupar e que saberiam as respostas quando Jim melhorasse.

Talvez sim, talvez não, pensou Ad.

Passou o cardápio para os dois, pegou o telefone e pediu um belo jantar. Após desligar, olhou para o casal.

– Estamos atrapalhando a noite de vocês, não é?

Os dois se ajeitaram na poltrona, mostrando um pouco de embaraço.

– Eu realmente posso ir embora – Jim disse, fazendo um impulso para levantar a cabeça dos travesseiros.

– Já falei pra calar a boca e ficar deitado aí – rosnou Adrian, repentinamente se sentindo enjaulado. – Dane-se, vou sair e esperar o rango lá fora.

A verdade era que seu cérebro estava zumbindo, e tudo naquele quarto parecia irritar seus nervos: aquela mulher, Matthias, Jim vomitando. De repente queria gritar com todos eles, consigo mesmo, com Eddie por ter morrido, com Devina...

Sempre queria gritar com Devina.

Já no corredor, ele fechou a porta e se apoiou nela, fechando os olhos.

– Mamãe, é o anjo de novo!

Ah, mas que merda.

Ele tinha se esquecido de ficar invisível.

Abrindo as pálpebras, Ad olhou para baixo e viu a garotinha de olhos grandes. Desta vez, seu cabelo estava preso com uma fita que combinava com o vestido azul, e seu sorriso era tão aberto e sincero que fez Ad sentir-se com um milhão de anos.

– Você é um anjo! – a magricela parecia capaz de falar apenas com exclamações, como se a diferença de altura entre os dois exigisse que ela gritasse. – Posso ver suas asas?

A mãe surgiu atrás da filha com a mesma nuvem de exaustão da outra vez: o peso do mundo em que ela vivia era claramente difícil de carregar.

– Desculpe. Vamos...

– Por favor! Eu quero ver suas asas!

Ad balançou a cabeça.

– Eu não tenho nenhuma asa, foi mal.

– Você tem, sim! Todos os anjos têm asas.

– Eu não sou um anjo.

A mãe colocou um braço ao redor dos ombros da menina – e parecia pronta para arrastá-la dali se não se mexesse logo.

– Vamos. Temos que ir.

A mulher se recusou a fazer contato visual com Ad – mas a filha olhava o suficiente pelas duas.

– *Vamos.*

A choradeira começou, mas a garotinha deixou que a mãe a arrastasse dali.

– Eu quero ver suas asas...

Adrian ficou olhando para as próprias botas, concentrando-se nas pontas de metal, deixando que a mãe dirigisse aquela preciosa carga pelo corredor até os elevadores.

– Um pouco cruel demais com a pequenina, não acha?

Adrian soltou um palavrão ao ouvir aquele sotaque aristocrático familiar.

Fantástico, uma visita do andar de cima. Era só o que faltava.

– Oi, Nigel.

O arcanjo permaneceu quieto até Adrian erguer o olhar. Veja só, quem diria, estava vestido todo engomadinho de novo: usava um terno de linho branco com um colete combinando, e as peças eram tão claras que Adrian desejou ter um Ray-Ban igual ao de Matthias. A gravata era listrada em

rosa e branco, assim como o bolso quadrado.

O filho da mãe parecia saído de uma propaganda de revista.

– Pensei em descer e ver como você estava – disse Nigel, sua arrogância transformando o que seria bondade em condescendência. Ou talvez isso fosse apenas o mau humor de Ad.

– Quer saber como eu estou ou como *Jim* está?

– Ele também.

– Estamos ótimos. Supercontentes, e você? – quando aqueles olhos brilhantes estilo “poderoso chefe” se estreitaram, Ad abaixou a cabeça. – Diga uma coisa: se você está preocupado com seu time aqui embaixo, por que não traz Eddie de volta?

– Isso é competência do Criador, não minha.

– Então fala com Ele. Faça alguma coisa de útil.

– Seu tom deixa muito a desejar.

– Então me processe! – enquanto Nigel o encarava, Ad voltou a olhar para as próprias botas. – Agora não é uma boa hora pra conversar comigo.

– Que tragédia, não é mesmo? Pois este é o preciso momento em que você é mais necessário.

Adrian jogou as mãos para cima.

– Nigel, amigo, chefe, ou qualquer outra coisa que você queira que eu te chame... me dá um tempo, certo?

– Sua afirmativa para aquela criança estava correta. Você não é um anjo. Não com essa atitude.

Ad bateu a cabeça contra a porta.

– Vai se foder. Foda-se tudo isso.

Houve um longo silêncio – tão longo que Ad se perguntou se o chefe teria voltado para o Céu.

Então Nigel disse suavemente:

– Nós dependemos de você.

– Pensei que ser o grande salvador era trabalho de Jim.

– Ele está doente. E agora... agora é o ponto da virada.

Adrian olhou diretamente para o arcanjo inglês.

– Pensei que você não podia influenciar as coisas.

– Tenho permissão para aconselhar.

– Então que diabos você quer que eu faça?

Nigel apenas balançou a cabeça lentamente, como se Adrian o tivesse desapontado tão completamente que ele tivesse perdido a habilidade de falar.

Então, o arcanjo desapareceu.

O que, se considerado ao pé da letra, significava que ele não queria que

Adrian fizesse coisa nenhuma.

No lado mais distante do corredor, a porta de serviço se abriu e um funcionário do serviço de quarto apareceu empurrando um carrinho de metal. Ele se movia rapidamente, como se aquilo fosse algo que fazia muitas vezes por dia.

– Esse é o pedido do 642? – Adrian disse quando o funcionário se aproximou.

– Sim.

– É pra mim – colocou a mão no bolso e retirou uma carteira. Pegou uma nota de vinte dólares e a entregou. – Onde eu assino?

– Ei, obrigado, cara – o funcionário retirou uma prancheta com a conta. – Assine aqui em baixo.

Ad rabiscou alguma coisa e bateu na porta para que Matthias abrisse. Quando o cara abriu, o funcionário começou a empurrar o carrinho para dentro, mas Ad bloqueou o caminho.

– Pode deixar.

– Certo, apenas deixe o carrinho no corredor depois. Tenham uma boa noite.

Isso seria muito improvável, pensou Ad.

Matthias segurou a porta aberta enquanto Ad empurrava o jantar para dentro do quarto e, cara, o chiado das rodas do carrinho parecia alto demais. E o fechar da porta também. E também as vozes da repórter e de Matthias arrumando as coisas na escrivaninha e perguntando para Jim se ele conseguiria comer alguma coisa.

Ad se afastou. O zumbido em sua cabeça o fazia sentir como se a pressão atmosférica no quarto tivesse aumentado até o limite. Puxando a gola da camiseta – como se aquilo fosse ajudar – ele bateu de costas em alguma coisa.

Ah, sim, a porta de novo.

Sincronia perfeita. Ele *tinha* de sair dali.

A triste verdade era que se sentia melhor ficando com raiva do que assumindo responsabilidades. Mais competente lutando do que raciocinando. E aquele cretino do Nigel não tinha dado nada em que ele pudesse dar umas pancadas.

Porém, ficar com ódio não traria Eddie de volta e não mudaria o jogo ou o fato de que todos eles, até aquela vadia da Devina, estavam presos naquela situação, as regras do conflito definindo o cenário e deixando-os cercados dentro daquela armadilha que era o jogo.

Tudo isso fez Ad querer gritar – e o fez sentir tanta falta de Eddie que até doía. Com seu amigo por perto, ele sempre tinha um ponto de

equilíbrio... contava com Eddie para tomar decisões e o tirar de situações em que se sentia prestes a fazer alguma bobagem.

Mas acontece que Ad era um maldito adulto – ou anjo, que seja.

Talvez fosse o momento de começar a fazer essas coisas por si próprio.

De repente, ele voltou os olhos para o casal do outro lado do quarto.

Quando Mels começou a retirar a cobertura dos pratos, Matthias estava ao seu lado com os olhos vidrados nela.

De repente, a voz de Jim surgiu dentro da mente de Adrian.

Ele é a alma, mas ela é a chave para todo o resto.

Em seu lugar, Eddie não perderia tempo batendo os pés e ficando frustrado, não teria permitido distrações com aquela garçonete em corredores escuros, teria se mantido alerta mesmo quando nada mais parecia ser justo.

Adrian respirou fundo e, quando exalou, o caminhar ficou mais claro para ele.

Aplicando a lógica de Eddie, sabia o que podia fazer para ajudar.

Seria uma mudança um tanto brusca, mas... o que se pode fazer? Nigel queria que ele se envolvesse? Entendido.

Além do mais, era o que Eddie teria feito.

Enquanto sentava na poltrona com sua comida, sentindo suas pernas cansadas e doloridas descansarem do peso do corpo, Matthias assistiu Mels fazendo sua refeição na escrivaninha.

Batata frita de novo. Com um hambúrguer bem passado. E uma Coca-Cola.

O brilho sutil do abajur era gentil com sua face, disfarçando as olheiras de cansaço e o arranhão que tinha em uma têmpora. Mas ele notou tudo isso, e também a tensão que percorria os ombros dela. Dois quase acidentes? Em 24 horas? Ele até podia entender o cara caindo do teto no hospital – mas e a situação no embarcadouro?

Matthias tinha uma grande suspeita de que alguém tentara machucá-la. Ou pior.

E ainda assim, ali estava ela, tão inteira quanto os outros naquele quarto.

Pensou sobre o que Mels contara a respeito de seu pai e teve certeza de que, se o cara estivesse vivo, estaria percorrendo as ruas para achar quem quer que fosse que a empurrara nas águas frias do rio.

Pelo jeito, agora isso era trabalho de Matthias – e ele estava preparado para o desafio.

Como se Mels soubesse que ele a estava observando, seus olhos se

levantaram e ela sorriu.

– Você não vai comer?

Matthias não estava com fome de comida naquele momento. Nem um pouco. Algo naquela quase tragédia o fazia querer ficar grudado em Mels, como se isso fosse a única maneira de ter certeza de que ela realmente sobrevivera.

De fato, em sua mente, ele cruzou a distância entre os dois, puxou-a para perto e a despiu enquanto a beijava desesperadamente.

Não era um plano ruim, mas acontece que a cama já estava tomada – e por algum motivo ele duvidava que um quase afogamento pudesse ser um afrodisíaco para uma mulher.

– Matthias?

Ele assentiu e pegou o garfo, levando a comida para a boca e mastigando como um robô. O silêncio que se seguiu tinha tudo a ver com espera: Adrian querendo que Jim ficasse melhor o bastante para se levantar; Jim esperando para se recuperar; Matthias esperando um momento a sós com Mels – seguido de uma conversa cara a cara com Jim para descobrir exatamente o que acontecera.

– Posso falar com você por um minuto? – Adrian disse de repente.

Matthias ergueu o olhar. O cara estava de pé ao lado da cama, uma figura grande e austera que parecia sombria como um cemitério.

Matthias se perguntava como aquele cara podia não ter sido recrutado para as Operações Extraoficiais.

– Ah, sim, claro.

– Em particular.

Matthias limpou a boca com o guardanapo de pano, largou-o no braço da poltrona e se levantou.

– Pra onde vamos?

Adrian olhou ao redor e então acenou para o banheiro.

– Já volto – Matthias disse para Mels.

O pequeno banheiro já era apertado o bastante com o vaso sanitário, a pia e o chuveiro. Com Adrian lá dentro, a coisa se tornava uma verdadeira caixa de fósforos.

– E aí? – perguntou Matthias.

– Poderia tirar os óculos?

– Está com medo de não conseguir ler minha expressão? – quando não houve resposta, ele removeu o Ray-Ban e encarou o outro homem com seu olho bom.

– Você é muito importante nisso tudo – Adrian disse com um tom de voz baixo e regular. – Então nós precisamos fazer tudo para ajudá-lo.

– Você e Jim?

– Isso mesmo.

– Quem é você, exatamente? Pois não me lembro de você nos bons e velhos dias – ele apertou os olhos. – E não por causa da minha perda de memória. Eu nunca te conheci.

– Não, você não me conhece. Mas nunca mais vai se esquecer de mim.

– Que diabos você está falando...?

Adrian jogou as duas mãos para frente e segurou os dois lados da cabeça de Matthias, encarando-o com seus olhos que pareciam ter mudado... mostrando uma cor que ele nunca tinha visto antes.

Matthias tentou se soltar virando a cabeça, inclinando-se, balançando, mas não havia como se libertar. Estava preso ali, como se alguém tivesse pregado seus pés no chão.

Com uma voz estranha, Adrian começou a falar em uma linguagem que Matthias nunca ouvira antes. As palavras eram profundas e rítmicas, quase como uma canção – mas não, eram muito mais que simples sons: as sílabas se tornaram sólidas no ar, formando filamentos de luz colorida que envolveram seu corpo, uma após a outra em uma sucessão infinita, como linhas se entrelaçando e formando um tecido.

Matthias lutava contra aquilo, esperneando, empurrando, as memórias de quando estava preso no Inferno lhe dando uma energia extra...

Mas não chegou a lugar algum. Os fios tênues continuaram saindo daquela voz, aquelas palavras cadenciadas o envolvendo cada vez mais, cobrindo-o da cabeça ao pés, formando uma prisão que o apertava, apertava... e, de alguma maneira, aquilo o retirou do banheiro no qual havia entrado.

Matthias começou a gritar, mas tinha a sensação de que o som não se propagava, ele parecia estar em um plano totalmente diferente...

Em seguida, sentiu uma sucção, um grande puxão que o fez sentir como se seus órgãos internos estivessem sendo tragados para fora da pele, seu corpo de alguma maneira virando do avesso. A dor foi atordoante, um gemido de agonia surgiu em sua garganta e passou por seus lábios enquanto ele continuava a lutar dentro daquele casulo.

Tudo começou a se mover.

A vibração começou como um zumbido quase imperceptível, mas logo reverberou por seu corpo, multiplicando-se até ele chacoalhar dentro da camada física das palavras, batendo de um lado a outro a mil quilômetros por hora... até ter certeza de que iria explodir lá dentro.

E então a rotação começou. Devagar a princípio, mas aumentando a velocidade a cada volta, tudo se transformando em uma jaula de luz que

girava rapidamente ao seu redor. Quando a rotação tomou velocidades impossíveis, a pressão chegou a um ponto de explosão, seus ouvidos estalavam, seus pulmões mal conseguiam respirar, seu corpo levado ao limite da resistência física.

Ele estava prestes a explodir em pedaços, cada molécula levada ao limite.

O turbilhão começou a levitar, a jaula inteira subindo por seus pés, subindo... subindo... passando pelos calcanhares, as pernas, os quadris... acima dos ombros... e finalmente passando pela cabeça e livrando seu corpo.

Então, ele sentiu como se não tivesse ossos e desabou no chão, sem forças.

Mas não era o fim.

Do chão, ele enxergou uma vista impossível. Aquele caos girando e brilhando agora sobrevoava o outro homem, e então começou a descer e envolver Adrian, cobrindo primeira a cabeça, depois o peito e todo o torso... até que ele ficou completamente coberto pelo turbilhão.

Atrás dos filamentos, o homem lutava como se estivesse sendo invadido, seu corpo sacudindo em espasmos. Seu rosto contorcido pela agonia sugeria que estava passando pelo mesmo processo que Matthias passara.

Então, houve um som de estalo.

Com o chiado alto, aquela coisa começou a se dissipar da mesma maneira que surgira, filamento por filamento soltando e desaparecendo no ar como fumaça. O casulo se desfez fio por fio... até Adrian cair no chão.

Matthias levantou a cabeça e olhou para seu corpo. Depois mediu o corpo de Adrian.

Ironicamente, os dois caíram exatamente na mesma posição, com uma mão para cima, a outra para baixo, uma perna esticada, a outra dobrada.

Eram o espelho idêntico um do outro.

Matthias ergueu a mão para tocar Adrian...

Ele piscou. Piscou de novo. Sentou-se repentinamente no chão.

Segurando a mão à frente do rosto, ele a moveu para frente e para trás como se estivesse checando a visão.

Com um grito, Matthias deu um impulso e se ergueu o bastante para olhar seu reflexo no espelho da pia.

O que viu era impossível.

Seu olho ruim, aquele que fora arruinado pela explosão há dois anos, estava azul, igual ao outro.

Ele inclinou-se totalmente na frente do espelho, ficando nariz com nariz

consigo mesmo – como se isso pudesse revelar a verdade ou algo assim... e achou que foi realmente isso que aconteceu, mas não de um jeito que achava possível: a proximidade simplesmente provou que as cicatrizes em sua têmpora haviam quase desaparecido. Se ele não soubesse onde elas tinham estado, não conseguiria mais achá-las.

Matthias deu um passo para trás e olhou para o próprio corpo. Mesma altura. Mesmo peso. Mas as dores haviam sumido, assim como a sensação de dormência e as pontadas, que amaldiçoavam seus ossos tão constantemente, que só agora que sumiram ele percebeu que elas haviam existido.

Subiu a perna da calça. Ainda havia vestígios de cicatrizes na pele da panturrilha, mas, assim como as do rosto, elas não eram nem sombra do que houvera antes. E, quando dobrou o joelho, não sentiu as dores que antes quase tiravam seu fôlego.

Olhou para o homem no chão.

– Que merda você fez comigo?

Adrian grunhiu quando sentou, e então teve dificuldades para se levantar. Quando finalmente ficou de pé, franziu a testa com toda a força.

– Nada.

– Então, que *diabos* foi aquilo?

Adrian se virou.

– Vou ver como Jim está.

Matthias segurou o braço do cara e sentiu uma pontada de medo.

– O que você fez comigo?

Mas ele sabia. Mesmo antes de Adrian olhar por cima de seu grande ombro, ele *sabia*.

Matthias fora curado. Por algum milagre, Adrian, o colega de Jim, ou seja lá quem realmente era, fizera aquilo que dois anos de hospitais, médicos, cirurgias, drogas e reabilitação não conseguiram.

Seu corpo estava inteiro... mais uma vez.

Pois Adrian tomara para si todos os ferimentos.

Encarando o olho – agora leitoso – de Adrian, Matthias não ficou pensando no lado metafísico da coisa, no lado religioso, na estupefação ou mesmo em agradecimentos.

Tudo o que podia pensar era: como diabos iria explicar aquilo para Mels?

CAPÍTULO 41

– Oi, mãe, como você está? – enquanto ouvia a resposta, Mels colocou outra batata frita na boca. – Ainda estou no trabalho. Só liguei para dizer que estou bem.

Aquelas simples palavras tinham conotações que iam muito além de uma explicação da hora em que ela estava ligando e da referência ao “trabalho”.

Fechando os olhos, ela se esforçou para deixar a voz em um tom normal.

– Ah, você sabe como é o jornal. Sempre tem alguma coisa acontecendo... Então, como foi seu jogo de cartas?

Ao menos desta vez, em vez de detestar jogar conversa fora com assuntos mundanos, Mels acabou gostando da normalidade. O normal era bom. O normal era seguro. O normal era completamente distante de águas frias, do aprisionamento invisível e do espectro da morte.

Ela estava viva. Assim como sua mãe.

Isso era... realmente bom.

E era interessante o quanto a resposta da mãe importava. E também o relato sobre como Ruth, sua vizinha, havia jogado. E também a risada ao contar sobre um blefe que não dera certo. Mels ouvia atentamente, e se importou de verdade, o que dizia muito sobre coisas por que ela passara nos últimos dias.

Pelo jeito, o choque das águas frias acordara coisas que há muito estavam dormentes.

Abrindo as pálpebras, ela observou Jim Heron, deitado muito imóvel debaixo das cobertas.

O que realmente acontecera no embarcadouro?

– Mels? Você está aí?

Ela segurou o telefone com um pouco mais de força, mesmo não tendo perigo de deixá-lo cair.

– Sim, mãe, estou.

Como seria esta noite se as coisas tivessem terminado de outra maneira?

Uma onda de medo percorreu seus ossos, congelando sua coluna, e uma súbita tremedeira fez seus pés baterem debaixo da cadeira e seus dedos

batucarem na escrivaninha, ao lado do prato de comida quase vazio.

Ela olhou para o banheiro e se perguntou o que Matthias estava fazendo lá. Por um momento, pôde ouvir um barulho surdo, como se o chuveiro estivesse ligado, mas agora havia apenas silêncio.

– Mels? Você está tão quieta... está tudo bem?

Eu quase morri hoje...

Certo, aparentemente a postura que ela estava mostrando desde que saíra do rio Hudson era resultado de um estado de choque. Agora, uma crise de choro estava se anunciando.

Mas ela não iria se descontrolar no telefone com sua mãe.

– Desculpa. Estou apenas... feliz de ouvir sua voz.

– Oh, que gentil da sua parte.

Outras coisas foram ditas, coisas normais e agradáveis, e então Mels ouviu a si mesma explicar que não iria chegar em casa até tarde da noite.

– Mas estou apenas no centro da cidade, no hotel Marriott. E meu celular está sempre comigo.

– Estou mesmo contente por você ter ligado.

Mels olhou para o espelho acima da escrivaninha. Lágrimas escorriam por seu rosto.

– Eu te amo, mãe.

Houve um instante de silêncio. Então, as três palavras foram ditas de volta, em um tom surpreendente, que acelerou seu choro.

Duas vezes em um único dia. Quando foi a última vez que isso havia acontecido?

Quando sua mãe desligou, foi um milagre que Mels conseguisse achar o botão para terminar a ligação. O próximo movimento foi encontrar o guardanapo em seu colo, dobrá-lo na palma das mãos e mergulhar o rosto naquele pano macio.

Os soluços a faziam chacoalhar, sacudindo os ombros, fazendo a cadeira soltar um chiado. Não havia como parar aquela explosão, não havia pensamentos, nem mesmo imagens.

E a crise emocional não era apenas por causa do rio e de Matthias; ia mais longe que o presente, estendendo-se até a morte de seu pai.

Ela chorava porque sentia saudades e porque ele morreria jovem. Chorava por seu pai, por sua mãe e por si mesma.

Chorava porque quase morreria há algumas horas... e porque Matthias ia deixá-la, e saber disso era como saber que o homem que ela amava morreria em breve.

O peso caloroso de uma mão em seu ombro fez Mels levantar a cabeça. No espelho, viu que Jim Heron estava atrás dela.

– Você está brilhando – ela disse franzindo a testa. – Você está...

Asas.

O homem tinha um par de asas atrás dos ombros, lindas asas delicadas que se erguiam no ar, fazendo sua imagem parecer um...

Virando-se, Mels ergueu o olhar para encarar o homem, mas ele não estava perto dela. Jim ainda estava deitado debaixo das cobertas, como uma montanha silenciosa e imóvel.

Ao voltar e olhar no espelho novamente, ela viu apenas a si mesma.

Naquele momento, a porta do banheiro se abriu.

Matthias saiu de lá, usando a maçaneta para se equilibrar.

No instante em que o viu, Mels sabia que algo estava diferente.

– Matthias?

Ele se aproximou com passos cuidadosos, como se tivesse saído de um barco e suas pernas ainda estivessem se acostumando com a terra firme.

Então, a porta que dava para o corredor se abriu e fechou – o colega de Jim saía.

– Matthias?

Ele ficou de frente com Mels, se abaixou e ajoelhou. Quando ele levantou o olhar, ela quase engasgou.

Na cama, Jim escolheu aquele momento para se recuperar. A raiva, mais do que qualquer outra coisa, clareou sua mente e o motivou. Seu corpo ainda estava poluído, mas ele já cansara de ficar deitado esperando se sentir melhor.

Jogando as cobertas para o lado, ele grunhiu quando se levantou.

Sua nudez não era uma boa notícia.

E, cara, seu estômago ainda estava se revirando.

– Posso pegar umas roupas emprestadas? – ele perguntou, sabendo que Matthias e Mels estavam ao lado na escrivaninha.

Alguém limpou a garganta. Foi Matthias.

– Ah, sim... estão na bolsa ao seus pés.

Inclinando-se para frente, ele pegou a bolsa. A coisa viera da loja de conveniências no saguão e, quando abriu o zíper, ele disse a si mesmo para não ter nenhuma ideia brilhante. Lá dentro, havia alguns pares de moletons pretos e camisetas com o logotipo da cidade de Caldwell.

– Você tem certeza de que está bem pra se levantar? – perguntou Matthias.

– Sim... onde está Ad?

– Ele acabou de sair.

Jim usou seus poderes mentais para vasculhar os arredores. Seu colega estava no corredor, ao lado da porta. Ótimo.

Ele resolveu o problema da nudez sentando na cama para não ter de mostrar a bunda para a dama que estava no quarto. A camiseta ficou um pouco apertada e a calça de moletom era um pouco curta, mas Jim não se importava com a aparência.

Ao levantar, ele se desequilibrou um pouco e se apoiou na parede.

– Tem certeza de que não precisa deitar mais um pouco? – Matthias perguntou.

– Sim.

– Seus cigarros, celular e carteira estão do lado da TV.

– Você é um salvador de vidas – pois, cara, no instante em que viu aquele maço vermelho e o isqueiro preto, ele pôde dar um longo suspiro.

Jim então pegou aquelas posses essenciais, as guardou no bolso da calça e se dirigiu para a porta. Ele não olhou para trás – não podia olhar. Estava puto demais para conversar.

– Chame se precisar. Ad sabe o número – ele murmurou enquanto saía.

No corredor, Jim olhou ao redor.

– Adrian! – gritou.

O outro anjo tornou-se visível, revelando seu corpo poderoso encostado na parede ao lado de uma mesa com um arranjo de flores. Seus olhos estavam fixos no chão, suas sobrancelhas estavam tensas como se tivesse uma dor de cabeça.

– Tenho de ir a uma reunião – disse Jim. – Volto mais tarde.

Adrian deu um pequeno aceno.

– Não tenha pressa.

– Certo.

Jim não perdeu tempo saindo do hotel a pé. Uma boa ideia, já que deixara as botas e meias no quarto de Matthias.

As Vias Aéreas dos Anjos o levaram para onde queria: de volta para o embarcadouro.

A noite já havia caído e a iluminação pública do lugar era forte o bastante para clarear o interior, jogando sombras desiguais por toda a parte. As aves no teto observavam de seus ninhos, com pequenos olhos suspeitos.

Andando até a baía na qual Mels havia “escorregado”, Jim estava pronto para matar seu inimigo.

Aquela cadela não mudara em nada. Devina podia ter sido repreendida pelo Criador, com toda essa história de repetir a disputa por Matthias, mas claramente ela não aprendera a lição.

O que não era surpresa.

Fechando os olhos, Jim enviou uma convocação para o demônio, exigindo que ela viesse até ele.

Enquanto esperava, seu corpo recuperou toda a força, como se a fúria fosse uma bateria de carro e a chegada iminente de Devina fosse uma carga elétrica.

Naturalmente, Devina demorou o quanto quis para aparecer e, enquanto Jim andava descalço de um lado para o outro, sentindo o frio do chão de madeira, com as mãos fechadas em punhos, tudo o que conseguia pensar era naquilo que Matthias dissera sobre Sissy no Poço das Almas... e como aquelas duas mulheres assassinadas foram maquiadas para se parecerem com sua garota.

Não que ela fosse sua...

Deus, ele podia imaginar a mãe de Sissy lendo as notícias na primeira página do *Correio de Caldwell*. Como se perder uma filha da maneira mais horrível possível não fosse ruim o suficiente. Ela ainda tinha de ler sobre um assassino imitador?

– Você me chamou – disse o demônio, com a voz insinuadora e cortante.

Jim se virou, e a primeira coisa que notou foi o que ela estava vestindo: o inimigo havia coberto aquele corpo espetacular com um vestido azul que ele já vira antes.

Parecia uma cena perfeitamente planejada. Aquele era o vestido que ela usara na noite em que se encontraram pela primeira vez naquela boate – e Jim se lembrava dela usando aquela roupa debaixo de uma luminária do teto: uma mentira incrivelmente linda, que era pura maldade.

Em termos do calendário, aquela intersecção de caminhos antes divergentes acontecera poucas semanas antes. Em termos de experiência, fora há muitas, muitas vidas atrás.

O ódio deu a Jim uma ereção enorme, mas a excitação não tinha nada a ver com atração, mas sim com o exato oposto.

Queria rasgar Devina pela metade e ouvir seus gritos. Queria que ela conhecesse a sensação de ficar impotente e à mercê de alguém que não se importava com merda nenhuma.

Queria que ela implorasse...

Devina parecia saber exatamente o que ele queria. O demônio sorriu como se tivesse recebido um presente de aniversário.

– Está procurando algo em particular, Jim?

CAPÍTULO 42

Mels ouviu a porta se fechando após Jim sair, mas não prestou atenção nele. Seus olhos estavam presos no rosto de Matthias. Por algum... milagre, ele fora totalmente transformado: pela primeira vez desde que ela o conheceu, havia cor em seu rosto, a pele não estava acinzentada pelos anos de dor. As cicatrizes tinham desaparecido. E seus olhos...

Os olhos.

O olho que antes era leitoso estava agora claro, tão claro como se ele tivesse simplesmente tirado uma lente defeituosa.

Mas aquilo não era um simples caso para um oftalmologista.

– O que... – isso foi o máximo que ela conseguiu falar antes que sua voz falhasse completamente.

– Eu não sei – Matthias balançou a cabeça. – Eu... não tenho ideia.

Ela esticou o braço e tocou as quase invisíveis cicatrizes.

– Você está curado.

Como pode ser possível...?

Virando abruptamente, Mels olhou para o espelho e visualizou a imagem de Jim Heron atrás dela, com todos os detalhes.

Então ela ouviu a voz de Matthias... *acredito no Inferno... porque estive lá pessoalmente...*

Oh, Deus... literalmente.

– Existem outras coisas além da vida ao nosso redor, não é? – ela disse com a voz ainda falhando. – E tem a ver com Jim Heron.

Matthias aproximou os lábios da palma da mão de Mels e lhe deu um beijo. Essa foi a única resposta que ela recebeu.

No silêncio que se seguiu, ela pensou em algo que dissera a seu pai muitos anos antes. Mels era uma típica adolescente na época, discutindo com tudo e todos. Enquanto dirigiam de volta para casa depois da missa, ela anunciou que não acreditava em Deus, no Céu ou no Inferno – e por que, então, deveria ter seus domingos arruinados?

Seu pai olhou pelo retrovisor e respondeu: “Só porque você não acredita não significa que não existe.”

Encarando o rosto do homem que amava, Mels não conseguia acreditar na transformação – mesmo assim, ela podia passar os dedos na pele agora

sem cicatrizes.

E quanto mais pensava, mais percebia que pouco daquilo fazia sentido: a maneira como tudo começara em frente ao cemitério... os dois homens que cercavam Matthias... aquilo que acontecera debaixo da água... e agora essa transformação.

Mas, como disse seu pai, o fato de não fazer sentido não significava que essas coisas não eram reais.

– Eu quero te beijar – Matthias focou em sua boca. – É só isso que sei.

Isso sim fazia sentido. Em meio a essa confusão e emoções pós-estado de choque, a única coisa que parecia real – a única coisa que parecia tangível – era que Mels desejava ficar com ele de qualquer maneira que fosse possível.

Ela aproximou os lábios do ouvido de Matthias e sussurrou:

– Parece que a cama está vazia agora...

Matthias encurtou ainda mais a distância, resvalando em sua boca. Então ele se levantou e colocou um braço debaixo dos joelhos dela e outro debaixo dos braços.

– Não, espere, eu sou muito...

Não deu tempo de dizer “pesada”. Matthias a levantou da cadeira e a carregou até a cama sem dificuldades.

– O que aconteceu naquele banheiro?

Em vez de responder, ele a deitou em cima das cobertas e então abriu as pernas dela, inclinando sobre Mels o seu grande e renovado corpo.

– Eu não sei. E isso é a verdade. Eu entrei lá... então o Adrian... olha, não vamos falar sobre isso. Vamos... fazer outras coisas. Palavras não vão ajudar a tornar o que aconteceu mais compreensível.

Mels sentia que ele estava certo. Nada fazia sentido, exceto a necessidade de ficarem juntos – e isso ficou especialmente claro quando Matthias passou a ponta do dedo pelo pescoço dela até a gola de sua roupa.

– Onde você conseguiu esse vestido?

– É uma capa de chuva. E é dobrável... eu sempre deixo uma na bolsa.

– Então não tem zíper?

– Não – ele soltou um pequeno sorriso, mas então voltou a ficar sério, como se lembrasse do motivo por que ela trocara de roupa. – Não pense sobre o embarcadouro – ela disse. – Não agora.

Afinal, ela também tinha o direito de fazê-lo parar de pensar em outras coisas naquele momento.

– Como posso não pensar naquilo? – ele disse, com um tom sombrio. Mesmo assim, Matthias se abaixou e a beijou, pairando com seu corpo sobre ela, levando as mãos até o cordão que amarrava as duas metades da

capa de chuva...

– Você está nua debaixo disso? – ele perguntou baixinho.

– Do jeito que vim ao mundo.

Ele se afastou um pouco.

– Não consigo decidir se isso é a coisa mais sexy que já ouvi...

– Ou...?

– Ou se eu quero matar qualquer outro homem que te viu vestindo isso.

– Mas não estou mostrando nada...

– A questão não é essa.

A possessividade naquela voz profunda a fez sorrir – principalmente quando ele abriu a capa e passou suas grandes mãos pelo corpo de Mels. A boca veio em seguida, com os lábios macios e os dentes afiados mordiscando com delicadeza, demorando-se em cada seio até os mamilos ficaram sensíveis e eretos.

Ela o impediu de ir mais longe.

– Eu adoraria um banho... quer me acompanhar?

Debaixo de pálpebras insinuantes, seus olhos brilharam.

– Acho que estamos muito bem assim.

– Vem comigo.

Quando ela sentou na cama, ele rolou para o lado.

– O que você acha se eu apenas assistir?

– Se é disso que você gosta...

O grunhido que ela recebeu de volta era um grande e animalesco “sim, madame”, e Mels não faria a indelicadeza de não começar o show com antecedência: quando saiu nua da cama, ela deliberadamente esticou os braços até a cabeça e arqueou as costas, deixando à mostra os seios firmes e erguidos.

Especialmente quando ela os envolveu com as mãos e apertou os mamilos.

– Meu... Deus... – sussurrou Matthias.

Mels demorou-se ao dar a volta na cama, deixando-o olhar para seu corpo enquanto ela passava as mãos pelos quadris. Havia tanta liberdade naquela privacidade, e na maneira como o abajur a iluminava, e no jeito como o olhar de Matthias a seguia em cada movimento.

– Você vem junto? – ela perguntou.

– Sim... – ele sentou para se levantar, mas então franziu a testa, olhando confuso para si mesmo. – Ah... sim.

– Você pode ficar vestido – ela disse gentilmente, sem querer deixá-lo embaraçado. – E tem bastante espaço no chuveiro.

Matthias balançou a cabeça, como se quisesse clarear a mente.

– Sim – ele riu constrangido. – Aliás, “sim” parece ser minha palavra favorita no momento.

Mostrando as costas novamente, Mels ouviu o afastar das cobertas enquanto Matthias se levantava, e então suas mãos quentes agarraram o quadril dela e a puxaram. Enquanto ele beijava seu pescoço, as mãos dele se moveram por toda parte até chegarem aos seios, onde apalpam e acariciaram delicadamente.

– Mels... Deus, você é tão macia! – ele passou o nariz por sua nuca e chegou até o ouvido. – Você é...

– Quer ver como eu sou talentosa com uma barra de sabonete?

– Ah, *merda*!

– Vou entender isso como um “sim”.

Dentro do banheiro, ela se esticou e abriu o chuveiro enquanto Matthias abaixou a tampa do vaso e sentou, esfregando o queixo como se estivesse com fome e pronto para comer.

– Você vai deixar isso aberto, é claro – ele afirmou.

– A cortina?

– Sim.

– E se eu não deixar?

– Eu vou rasgar ela para fora.

Mels abriu totalmente a cortina.

– Bom, não posso deixar você destruir o hotel.

Mels entrou debaixo da água quente e se arqueou, deixando a parte da frente do corpo ser banhada primeiro. Então se virou e molhou os cabelos, colocando a cabeça para trás enquanto a água escorria, lhe dando uma sensação de mãos percorrendo o seu corpo.

As mãos *dele*.

O sabonete do hotel era uma pequena barra que já estava gasta com o uso – e, quando ela o molhou, sentiu o perfume de gengibre atingir seu nariz.

Tão escorregadio!

Passou pelo pescoço e seios, então mais abaixo, no umbigo e sobre os quadris... Mels ensaboou todo o corpo, deixando a espuma cobrir sua pele e escorregando por curvas deliciosas... algumas das quais passando pelo meio das coxas.

Matthias estava congelado enquanto observava, jogando os olhos de cima a baixo como se não desse conta de olhar tudo o que acontecia.

Por um momento, Mels perdeu o ritmo: o mistério daquela cura voltou à sua mente... mas então Matthias falou:

– Você precisa de ajuda com as costas?

O som ápero da voz dele fez Mels se concentrar novamente.

– Paciência.

– Eu não tenho nenhuma.

– Aprenda a ter – quando ele soltou palavrões baixos e vis, ela sorriu e se abaixou para ensaboar as pernas, deixando os seios suspensos e convidativos. – Faz bem para a alma.

– O mesmo pode ser dito sobre você. E, pelo amor de Deus, não pare...

Feliz em obedecer, ela foi cuidadosa e devagar com o calcanhar e a perna, seus mamilos balançando de lá para cá, raspando no topo das coxas.

– Deixa que eu assumo daqui pra frente – ele se esticou e tomou o sabonete. – Oh, meu Deus... eu preciso te tocar.

Mels não negaria esse desejo. Ou qualquer outra coisa.

Matthias molhou as mãos na cachoeira que se formou ao lado dos quadris dela; então começou a tocar a pele de Mels, a espuma sedosa aumentando o prazer do contato enquanto ele ensaboava a parte de trás da perna e se demorava quando chegou perto de seu sexo... e então voltou para a coxa, acariciando, alisando, excitando-a e esquentando o ambiente mesmo sem a ajuda dos vapores do chuveiro quente.

Mels fechou os olhos.

Ela estava ao mesmo tempo no céu e na terra, de pé no banheiro e voando nas alturas, dividida entre os extremos de desejar que aquela tortura nunca acabasse... e desesperada para liberar a energia que já ameaçava deixá-la de joelhos.

– Me dê sua perna.

Abrindo as pálpebras, Mels pôs a mão no ombro dele para se equilibrar e levantou o pé oposto.

Tudo em que ela podia pensar era a cabeça dele no meio de suas coxas.

– Você está ficando molhado – ela disse com a voz rouca.

Os olhos faiscantes de Matthias encontraram os dela.

– Espero que você também esteja – quando ela assentiu, ele deu um pequeno sorriso. – Diga pra mim.

– Dizer o quê?

– O quanto você está molhada bem aqui... – sua mão deslizou no sexo de Mels, seus dedos longos passando no meio daquele calor, esfregando apenas o suficiente para fazê-la gemer... e então parou. – Diga.

Ele escolheu aquele momento para abrir a boca e mergulhar o dedo entre os lábios, saboreando a essência de Mels, soltando um som de aprovação que reverberou em seu peito.

– *Diga* – ele ordenou.

Mels pôde apenas gemer algo parecido com “estou muito molhada”.

Matthias sorriu como um garoto malvado cheio de más intenções.

– Você vai lavar o cabelo para mim? – ele encarava os seios dela enquanto falava, como se estivesse imaginando eles balançando enquanto ela movia os braços acima da cabeça.

Com. Certeza. E depois talvez pudessem partir para outras coisas...

Não demorou nem um segundo para ela pegar o frasco de xampu. A tampa já estava aberta e, enquanto derramava o líquido na palma da mão, Mels observou a consistência de mel e a cor âmbar do líquido.

Os olhos de Matthias continuaram presos nos seios dela enquanto Mels erguia os braços. Como esperado, os movimentos deixaram Matthias ainda mais fascinado com o que via, e Mels sabia exatamente o quanto ele estava gostando: as mãos dele começaram a subir do calcanhar até o joelho dela, indo cada vez mais longe.

Até que chegou onde ela queria.

Quando seus dedos habilidosos tocaram o sexo dela novamente, Mels tremeu de prazer – e isso foi bem útil para a hora do enxágue. Enquanto a água carregava o xampu dos cabelos, Matthias provocava e explorava, a massagem levando-a até o limite.

– Quero ver você gozar – ele ordenou.

Sem problema. O som de sua voz e a maneira como ele a penetrava foi mais do que suficiente para transbordar aquela sensação em um orgasmo imenso: Mels lançou a palma da mão contra os azulejos molhados enquanto ondas de prazer percorriam seu corpo.

E ouviu a si mesma dizendo algo... o nome dele, sim, era isso – e ela disse duas vezes.

O chuveiro foi desligado enquanto ela se recuperava e uma toalha envolveu seu corpo.

– Você já está limpa o bastante para seu padrão de higiene? – ele disse ao levá-la do chão.

Mels estava quase certa de ter respondido “sim” – ao menos era essa a palavra que estava em sua cabeça. Deus sabe o que ela disse realmente...

Com um súbito desespero, Matthias pressionou a boca contra a dela e a beijou com força enquanto esfregava o tecido macio da toalha. E então, começou a levá-la de volta para a cama.

Quando ele a deitou, Mels pensou que ele ia beijá-la novamente, então fechou os olhos e levantou o queixo.

E Matthias realmente a beijou. Mas não foi na boca.

Ele foi diretamente para o meio de suas pernas, separando as coxas bem abertas, mergulhando em seu sexo e sugando tudo o que podia. A sensação daquela língua molhada e quente em seu interior a levou de volta para a

beira de um abismo, seu corpo atormentado novamente com um orgasmo que se anunciava.

E que aumentava de intensidade sem nunca oferecer alívio.

De volta ao embarcadouro na beira do rio Hudson, Devina podia sentir o calor emanando do anjo que a encarava – e, uau, quem diria, aquele calor não era apenas raiva.

Ele a desejava.

E, ainda melhor, ele odiava a si mesmo por causa disso: Jim desprezava totalmente a ereção que pressionava contra sua calça.

A combinação era melhor do que absinto e ostras, um afrodisíaco que quase a fez esquecer que Jim a traíra na rodada anterior.

Mas ela não esqueceu. Nem um pouco. Ela ainda podia ouvi-lo dizendo aquelas palavras.

Eu menti.

E veja só, ela também estava queimando com emoções em dois extremos, amor e ódio colidindo e se ampliando mutuamente.

A voz de Jim saiu em um grunhido incrível, com um tom grave e maldoso, repleto com o poder de seu corpo.

– Chega de brincadeira, Devina.

– O que exatamente você quer dizer, Jim? – ela deixou sua voz ronronar com toda a delicadeza que possuía, primeiro porque um lado dela realmente queria seduzi-lo, e segundo porque sabia que isso o irritava ainda mais.

O fato de que Devina também estava ficando excitada serviria como mais um tapa na cara dele.

Deus, quem diria que os dois teriam um encontro justo naquela noite? Se ela soubesse, teria arrumado melhor o cabelo.

– Quero que deixe aquela repórter em paz.

– Qual repórter? Brian Willians? Diane Sawyer? Ou talvez alguém do jornalismo impresso?

Jim jogou a mão para frente e agarrou um punhado do cabelo de Devina, puxando tão forte que ela quase teve um orgasmo ali mesmo.

Inclinando-se, ele parecia prestes a mordê-la.

– Engraçado, eu achei que seus métodos não estavam funcionando tão bem.

– Aquela primeira vitória com Matthias *ainda é minha* – ela gritou, com a cabeça tombada para o lado.

– Mas você ficou sem a alma pra prender, não é?

– Foi um preço pequeno pra vencer a guerra.

– É isso que você acha que vai conseguir? – ele se aproximou, dobrando-a ainda mais. – Porque eu não acho que isso vai acontecer.

Os dois estavam tensos, os rostos quase colados, os corpos dobrados em uma mesma curvatura. E tudo ao redor estava silencioso – não apenas porque era noite lá fora. Jim jogara um feitiço no lugar: mesmo com sua raiva e seu preocupante ódio, ele ainda tinha energia suficiente para manter os humanos longe dali.

Era quase romântico.

Aproveitando a deixa, Devina se soltou, deixando um punhado de cabelo moreno nas mãos de Jim.

Certo, aquilo doeu. Mas foi divertido.

– Você me quer – ela disse, passando a mão no lugar onde o cabelo foi arrancado e fazendo crescer mais fios ondulados perfeitos.

– Eu quero você morta, isso sim.

– Em primeiro lugar, eu sou imortal. E em segundo lugar, deixa eu te ensinar uma coisa, Jim...

– Não preciso de nada que venha de você.

Ela sorriu e começou a olhar diretamente para sua ereção – que havia armado uma verdadeira tenda na calça de moletom mais horrível que ela já vira.

– Não tenha tanta certeza disso. E eu ouviria atentamente se fosse você. Jim, você é um novato na área. Já eu e o Criador temos muito mais história juntos do que você pode imaginar. Ele me *criou*, Jim. Sou tão amada por ele quanto seu chefe, Nigel. Eu sou o equilíbrio: sem mim, não existe Céu, bondade, coraçõezinhos apaixonados e toda essa merda, porque, em se tratando de livre arbítrio, é necessário contraste para que as dádivas possam ser apreciadas. Eu sou uma ideia *Dele*.

O anjo cruzou os braços sobre o peito.

– Então por que o jogo depende da sua destruição?

– Você quer dizer a destruição de Nigel – Devina olhou Jim de cima a baixo, medindo seu corpo, aquele corpo grande e musculoso que ela havia possuído de tantas formas diferentes: com consentimento... e sem. – Sabe, eu também participei da sua escolha, não foi apenas seu “chefe” quem escolheu. No começo disso tudo, eu concordei com Nigel: você seria a pessoa enviada para o campo de batalha. Você tinha uma parte maligna e uma parte bondosa, e foi o mais equilibrado que conseguimos encontrar – Devina se aproximou novamente. – Então, se você tem algum problema com a maneira como qualquer subordinado, como aquela repórter, está sendo tratado, a culpa é sua.

– *Minha?*

Ela colocou a ponta do dedo no peito dele.

– Você supostamente era para ser meio a meio, bem *e* mal na mesma medida. Mas, eu devo dizer, você me desapontou e não está representando muito o meu lado. Portanto, você não me deixa escolha a não ser *agir* da exata maneira como fui criada para conduzir meus negócios...

Quando as mãos de Jim tentaram agarrá-la de novo, Devina tomou seu pulso rapidamente e com força.

– Toque meu cabelo de novo e eu vou foder a sua cara... em vez de foder outra coisa...

– Eu não quero você, Devina. Você me dá *nojo*.

A mão dela viajou até seu pênis e agarrou com vontade.

– Tem certeza?

Jim se soltou, jogando Devina para trás e se afastando. De repente, a voz dele voltou a ficar normal, mas estava apenas fingindo.

– O negócio das loiras não está funcionando comigo. Você está perdendo seu tempo com elas.

– Estou? Ou você apenas quer que eu acredite nisso? – ela se aproximou, deixando seus corpos um ao lado do outro novamente. – Eu acho que a última opção é a correta.

– Os assassinatos não estão me incomodando, demônio – ele abaixou os lábios para ainda mais perto do rosto dela. – E você vai contribuir para seu próprio funeral se for longe demais. Ou você acha que repetir uma das almas é a pior punição que seu Criador pode fazer? Eu acho que não – Jim inclinou-se ainda mais, até suas bocas quase se tocarem. – Eu acho que Ele pode fazer muito pior.

Apenas para irritá-lo, Devina mordeu os lábios de Jim, arrancando sangue, um sangue muito saboroso.

Ele nem mesmo piscou.

Não, em vez disso virou a cabeça e cuspiu. Então, apenas olhou para ela – como se quisesse matá-la com as próprias mãos.

Como. Aquilo. Era. Delicioso.

Deus, ela estava mais do que pronta para uma boa e velha sessão de sexo sem limites, do tipo que a deixava dolorida e cheia de marcas por vários dias.

Em meio àquele tenso silêncio de indecisão, ela considerou suas opções. Mais discussão. Mais cerimônia.

Ou... poderia pegar um fósforo e acender o pavio dessa bomba.

– Se eu fosse você, eu seria mais gentil comigo – ela disse, esticando a língua e lambendo o sangue fresco que ainda escorria do lábio inferior de

Jim. – Pois eu tenho algo que você quer, não é mesmo? E as coisas podem ficar realmente desconfortáveis para sua garotinha se eu assim desejar. Qual é mesmo o nome dela? Sissy, não é...?

Bum.

CAPÍTULO 43

Enquanto Matthias se esbaldava com sua mulher, apenas parte de sua mente estava no sexo. A outra metade estava ocupada prestando atenção nas coisas que aconteciam abaixo da própria cintura.

Parecia que ele estava com uma ereção do tamanho de um bonde.

Enquanto lambia entre as pernas de Mels, sugando toda sua essência, explorando com a língua até o fundo, Matthias não podia acreditar no tamanho de sua ereção. Naquele exato instante, seu pau se divertindo com a fricção proporcionada por estar preso entre a barriga e o colchão.

Surpresa!

Ele percebeu essa mudança em seu corpo no momento em que tirou a roupa de Mels. Apenas uma olhada nos seios perfeitos foi suficiente para ele sentir um choque na cabeça do pênis.

Ele olhou para os quadris e pensou que estava ficando louco.

Mas, quando levantou do colchão para seguir Mels até o banheiro, podia jurar que sentia dentro da calça uma movimentação muito específica.

E agora, com Mels gozando em seu rosto, com o sabor de sua amada invadindo sua boca, Matthias sabia que o impossível acontecera.

Descendo o braço até o quadril, ele colocou a mão entre as pernas.

O gemido que soltou ressoou por todo o sexo dela.

Ele *estava* ereto.

Duro como pedra.

E desesperado, aparentemente: pois um único e rápido movimento por cima daquela calça de couro fez Matthias desabar em cima da perna de Mels, sentindo gratidão, choque e...

A lógica esfriou toda aquela comemoração, lembrando-o que só porque tinha uma ereção, não significava que conseguiria ir até o fim.

– Matthias? – Mels claramente sabia que algo estava acontecendo, então ele limpou a garganta e sentou na cama. – O que foi?

Endireitando-se, ele subiu no colchão e se apoiou nos joelhos. Então pegou a mão de Mels e a puxou para perto. Ele não confiava na própria voz e, afinal, não era preciso usar palavras para descrever aquilo. Ela entenderia no instante em que o tocasse.

Pensando naquela loucura com Adrian no banheiro, ele ainda não tinha

ideia do que acontecera – mas, além de ter sua visão de volta, ele agora estava duro e mais do que disposto. E, graças a Adrian, estava também capaz, depois de tanto tempo.

Matthias quase chorou.

Afinal, estar com ela, estar com ela *de verdade*...

Aquele homem era um anjo capaz de fazer milagres.

Matthias colocou a palma da mão de Mels em si mesmo. Quando fizeram contato, ele imediatamente jogou os quadris para frente, pressionando seu pênis contra o toque dela enquanto seu queixo ficava tenso por causa do choque provocado pelo prazer.

Mels congelou.

Fale alguma coisa, seu idiota. Vamos, fale alguma coisa.

Em vez de falar, tudo o que ele conseguiu fazer foi esfregar a si mesmo na mão dela – o que era quase o mesmo que implorar, ele pensou.

E, oh, meu Deus... Mels tomou o controle a partir dali, com o rosto em êxtase e os olhos brilhando ao agarrar seu pau através da calça.

Caindo para o lado, Matthias deixou que ela comandasse enquanto seu corpo relaxava. Mels se ajoelhou entre suas pernas e começou a baixar a cintura da calça de couro que Adrian lhe emprestara.

– Tudo bem se eu fizer isso? – ela perguntou.

Ele ficou agradecido por ela tratar a questão das cicatrizes com sensibilidade. Mas as marcas já não eram tão visíveis assim, não é mesmo?

– Sim... se estiver tudo bem pra você também...

Ela respondeu apenas desamarrando o fio elétrico improvisado ao redor da cintura.

– Cinto interessante.

– Pelo menos é preto.

– Então combina com o resto – ela disse com aprovação.

Então, Matthias ficou só com a roupa de baixo.

Engraçado, com a vista que tinha dos seios de Mels, ele podia ter os dois braços amputados e não se importaria.

Mas ele teve de olhar para si mesmo, embora não fosse para checar as pernas.

Certo, realmente não era apenas imaginação: seu pênis apertava o fino tecido da cueca como se estivesse preparado para rasgar um buraco e chegar até Mels. E era estranho... quando ainda funcionava, aquele pau grosso e longo não parecia uma parte verdadeira dele – talvez por causa de seu passado. Mas quem se importava? Naquele momento, a coisa parecia mais importante do que sua própria mente.

Ainda assim, ele precisava alertar Mels de que aquilo talvez não

terminasse bem...

No momento em que as mãos dela o tocaram, no instante que aquela palma quente o envolveu através do tecido, o corpo dele respondeu com um choque tremendo e sua boca se abriu para soltar um palavrão explosivo.

Quando abriu os olhos novamente – nem havia percebido que estavam fechados –, Matthias viu o rosto de Mels próximo ao seu.

– Gostou? – ela perguntou com um sussurro. Mesmo sabendo a resposta.

E então ela o deixou completamente nu.

Com um impulso, ele a agarrou pelos ombros e a puxou para perto, beijando-a intensamente quando ela começou a agarrá-lo de verdade, subindo e descendo as mãos por seu pau, devagar a princípio, depois rapidamente, cada passada subindo e apertando a cabeça, provocando ainda mais prazer.

Matthias perdeu-se completamente nos movimentos de Mels e, naquela incrível desorientação, ele lambia entre os lábios dela, indo até o fundo, enterrando a mão nos cabelos sedosos atrás do pescoço dela. Mais... ele precisava de mais...

Com um único movimento, ele a puxou para cima e usou o peso do corpo para montar em Mels.

– Eu quero entrar em você – ele disse em meio aos beijos.

Ela assentiu imediatamente e disse:

– Deixa eu ver se tenho algo na bolsa – com um beijo rápido, ela saiu da cama e pegou a bolsa. Procurando lá dentro, sussurrou agradecida: – Ainda bem.

Quando se virou de volta, Mels segurava um par de camisinhas.

– Só pra esclarecer, essas duas eram de uma amiga minha. Ela me pediu pra deixar na minha bolsa quando saímos juntas.

E ele acreditou nela.

Mas chega de conversa.

– Venha aqui – ele ordenou, estendendo a mão.

Eles cuidaram rapidamente da precaução e logo estavam de volta na mesma posição, Mels com as coxas abertas, Matthias pairando por cima.

Enquanto ele a beijava, sugando seus lábios, ela usou aquela mão talentosa para guiá-lo até seu ponto central. Ele tomou o controle a partir dali. Com um impulso poderoso, seus quadris avançaram e a penetração foi algo que Matthias sentiu em sua medula, o calor escorregadio sugando-o com força para o fundo e deixando-o ainda mais duro.

Em resposta, Mels soltou um grito e cravou as unhas nas costas dele,

seu corpo estremecendo contra o de Matthias, seu sexo claramente tendo espasmos enquanto ela atingia o êxtase.

– Oh, Deus – ele grunhiu, apertando o corpo perfeito dela contra seu peito enquanto se movia na cadência do orgasmo dela.

Ele até queria ir devagar. Queria mesmo.

Mas, quando ela prendeu as pernas ao redor do corpo dele e começou a pressionar de volta em cada movimento, algo aconteceu. De uma vez, Matthias libertou toda sua ferocidade em cima dela – seus quadris tornaram-se uma máquina desenfreada, a urgência transbordando até ele começar a estocar sem piedade em cima dela.

E, Deus a abençoe, ela o acompanhou em cada passo, desejando tudo o que ele tinha a oferecer, recebendo-o em êxtase enquanto ele gozava...

Com um estrondo, o orgasmo com certeza o despedaçou tanto quanto aquela bomba no deserto, jogando-o para as alturas, explodindo-o em mil pedaços.

A diferença era que, em vez de enviá-lo para um inferno na Terra, essa explosão o levou direto para os céus.

Enquanto Mels sentia a ereção de Matthias pulsar dentro dela, ela o prendia com força, absorvendo seu clímax e sentindo um novo orgasmo em si mesma. Envolvendo-o com os braços, ela enterrou o rosto no pescoço e ombro de Matthias, sentindo o poder de seus músculos naquele corpo que não era o mesmo de antes.

Aquilo parecia... um milagre.

Não havia outra palavra para descrever o que acontecera.

Quando sua mente finalmente voltou ao lugar, Mels encontrou o rosto de Matthias observando-a intensamente com uma expressão grave... ou até mesmo sombria.

– Eu estou bem – ela disse com um sorriso. – Você não me machucou.

Ele abriu a boca como se fosse dizer alguma coisa, mas então apenas a beijou.

Matthias ainda estava duro.

Rolando pela cama, ele os manteve unidos.

– Não quero que isso termine – ele disse com a voz rouca.

Ela também não queria.

Com movimentos rápidos, eles cuidaram dos preparativos para a segunda rodada, usando a outra camisinha.

Desta vez, ela estava no comando.

E Mels queria ficar por cima.

Ela se posicionou sobre os quadris de Matthias, plantou as palmas das mãos em seus ombros e começou a cavalgá-lo, fazendo seu pau sumir e reaparecer de dentro dela, iniciando um novo incêndio que percorreu seu corpo. Com o ritmo aumentando, os dois se moviam na mesma cadência, grudados, o impulso do sexo tornando-se um vulcão por si só.

Eles gozaram ao mesmo tempo, Matthias despejando sua carga em seu interior, ela sugando com vontade, o prazer tão grande e contínuo que era quase como uma dor que não passa...

E então, depois do que parecia um século, tudo acabou.

Mels desabou em cima dele, depois rolou para o lado e ficaram deitados em um abraço aconchegante.

Encarando os olhos dela, Matthias disse:

– Você é incrível.

– Não, você é.

Ele passou as mãos no cabelo dela e colocou uma mecha atrás da orelha. Então, com um dedo gentil, traçou as linhas do rosto de Mels, como se estivesse memorizando aquele desenho com o toque.

– Você vai partir amanhã cedo, não é? – ela sussurrou, sentindo um súbito pavor.

Matthias confirmou, balançando a cabeça devagar.

Mels fechou os olhos e deitou de costas com a cabeça no travesseiro. Colocou o braço debaixo da nuca e começou a encarar o teto.

Droga... isso doía.

– Estou apaixonado por você – ele disse com a voz baixa.

Mels virou a cabeça. Matthias ainda a encarava com o olhar parado e penetrante, o rosto duro com uma expressão séria.

Por um momento de pura estupidez, ela quis dar um tapa naquele rosto. Ele estava deixando a cidade para algum lugar desconhecido, de onde nunca retornaria, e agora jogava uma bomba dessas, em meio a toda aquela confusão?

Vai. Se. Foder.

– Só queria que você soubesse.

– Antes de ir embora – ela completou contrariada.

– Certas coisas valem a pena ser ditas.

Ela ficou novamente de frente para ele e prendeu as mãos debaixo do corpo – para o caso de elas tentarem agir por impulso.

– Se isso é verdade, então por que você vai embora?

– Essa decisão não cabe a mim.

– Então alguém vai comprar sua passagem e te forçar a entrar num ônibus? – Deus, ela soava como uma ingrata. – Ah, inferno... olha, eu não

quero que você vá embora. Mas você sabe disso. Então, é assim que estamos.

Ele a amava.

E quando Mels observou o rosto de Matthias, os sentimentos dela também ficaram muito claros.

Estendendo a mão, ela tocou o rosto dele – e não foi com um tapa.

– O que vou fazer sem você?

Aliás, como alguém que ela acabara de conhecer podia significar tanto? Não era como se ela fosse uma adolescente atingida por uma paixão passageira, naqueles anos em que qualquer namoro poderia se transformar em uma tragédia estilo *Romeu e Julieta*. Mas lá estava ela, à beira das lágrimas porque seu tempo juntos estava acabando.

– Algum dia vou ter notícias de você? – ela perguntou.

Matthias respondeu beijando-a e, no meio do beijo, os olhos de Mels arderam tanto com lágrimas acumuladas que ela precisou piscar com força.

Dessa vez, o sexo foi lento e delicado, mas não menos devastador em termos de paixão: quando ele a tocava, quando ele a penetrava, quando se moviam unidos, Mels dizia a si mesma para lembrar de cada gemido, de cada movimento, de cada suspiro.

A lembrança teria de durar por uma vida inteira.

CAPÍTULO 44

Sentado completamente nu em uma baía do ancoradouro, Jim pegou seu maço de cigarros do bolso da jaqueta, com as mãos tremendo. Fez o mesmo com o isqueiro. E colocar a chama na ponta do cigarro também não foi fácil.

Enquanto isso, o rio Hudson produzia um som ameaçador, suas águas batendo contra as paredes de pedra, fazendo Jim sentir como se estivesse cercado de grades por todos os lados.

– Na verdade, ela não é a chave pra isso tudo – Devina disse atrás dele.

Sua audição parecia estar sensível demais: o zíper dela sendo fechado parecia um grito dentro de sua mente, e não deveria ser possível escutar o arrastar de pés calçando sapatos de salto.

– A repórter – o demônio insistiu, como se esperasse uma resposta. – Matthias se perdeu há muito tempo, nada pode salvá-lo.

Jim bateu levemente no cigarro e observou as cinzas caírem e flutuarem pelo rio.

Devina estava certa sobre uma coisa: ela conseguiu fazê-lo sentir-se ainda pior do que antes. Ele estava poluído por inteiro, tanto por dentro como por fora – por causa de sua raiva, do sexo, do jogo.

Salvadores não podem se desesperar – mas lá estava ele, completamente cercado por uma total falta de otimismo.

Os saltos de Devina se aproximaram marchando e pararam ao alcance de sua visão periférica, aqueles sapatos azuis de pele de crocodilo ou sei-lá-o-quê quase queimando suas retinas.

Ele não tinha a intenção de transar com ela.

Mas transou. Duas vezes.

Essa colisão teve proporções bíblicas – e dava para perceber. Os barcos que antes estavam tão cuidadosamente empilhados foram derrubados e espalhados por toda parte depois que Jim a jogou de cara contra eles. As boias estavam espalhadas ao redor. Vários coletes salva-vidas foram rasgados e seus preenchimentos ficaram caídos, como sangue em um campo de batalha.

Parecia que um furacão havia passado por ali.

Será que foram três vezes seguidas?

O demônio se ajoelhou e aquele rosto perfeito e mentiroso invadiu a visão de Jim.

– Jim? Você está aí?

Ele não estava muito certo disso.

– Estamos chegando ao fim desta rodada – ela disse suavemente. – Talvez depois de tudo, eu e você possamos tirar umas férias juntos. Viajar pra algum lugar quente e esquentar ainda mais o clima?

– Eu prefiro morrer.

Ela sorriu, sorriu verdadeiramente, como se tudo estivesse bem com o mundo.

– Então tá combinado.

O demônio se levantou e os olhos de Jim a acompanharam enquanto ela se endireitava. Tão linda, tão maligna.

– Você quer que eu deixe a repórter em paz? – ela disse. – Está bem. Vou fazer isso. Porque eu acho que o jogo já está ganho. Eu estava apenas disfarçando com ela. Você quer saber a verdade sobre aquela mulher? Matthias e seu passado vão cuidar dela. Afinal de contas, ele é um dos meus. É um mentiroso e um megalomaniaco, e as escolhas dele vão passar diretamente por cima dela, mesmo se você tentar dissuadi-lo com seus delírios de moralidade. Mesmo que você argumente que a bondade pode fazer os dois ficarem juntos, não vai conseguir tirar as amarras que prendem a alma de Matthias. Suas ações no passado vão sempre voltar para assombrá-lo.

Jim deu outra tragada no cigarro.

– Apenas lembre-se de que podemos fazer isso de novo – ela disse com satisfação. – Quando você precisar de um pouco de exercício. Tchau por enquanto, inimigo meu.

Devina desapareceu no ar, deixando Jim sozinho com o barulho constante da correnteza e o frio cortante da noite.

Quando jogou a bituca no rio, pensou em todos aqueles ambientalistas que ficariam furiosos por ele jogar lixo na água.

Então acendeu outro cigarro.

Fumou.

Acendeu um terceiro.

Enquanto acendia um Marlboro atrás do outro, não tinha certeza exatamente de quanto tempo ficara sentado lá sem roupas, soltando anéis de fumaça e sentindo nojo de si mesmo. Porém, a verdade era que o que acontecera ali era muito pior do que a tortura que ele sofrera no Poço das Almas.

Agora fora voluntário. Da outra vez havia sido contra sua vontade.

Observando o rio adiante da baia, ele assistiu ao luar refletido na ondulação das águas. A correnteza, ou talvez fosse o vento noturno, criava agitação suficiente para dar formas angulares para a luz da lua.

Era tão bonito, mesmo naquelas águas poluídas pelas enxurradas da primavera. Mesmo com seu péssimo estado de espírito. Mesmo com o ódio que sentia de si próprio e do jogo, que era forte ao ponto de fazê-lo querer desistir de tudo.

Mas a dança do luar era pura graciosidade na superfície do rio...

Quando aceitou o papel de salvador, Jim nunca considerou que aquilo poderia consumi-lo vivo. Inferno, depois de trabalhar com Matthias por todos aqueles anos nas Operações, ele pensava que tinha visto o pior de si – e da humanidade.

Nunca pensou que chegaria em um nível tão baixo.

Agora, Jim precisava de alguma coisa para acreditar.

Algo tangível, algo ainda maior do que seu temor pela eternidade de sua mãe – e também pela sua.

Ficou de pé, sentindo-se com mil anos de idade, se aproximou e pegou a calça de moletom que Matthias lhe emprestara. Devina rasgara a calça de suas pernas e elas acabaram debaixo de um daqueles malditos barcos. Pelo menos, não foram parar dentro do rio.

Pegando a calça rasgada, ele a segurou pela cintura e chacoalhou...

Algo saiu voando de dentro do bolso.

E ele sabia o que era no instante em que viu – mesmo na escuridão, sabia exatamente o que era.

Vestiu a calça e depois pegou a coisa.

O artigo de jornal dobrado havia caído a um centímetro da beirada.

Ele não queria olhar. Não tinha interesse nenhum em olhar aquela fotografia que já havia memorizado. Não queria ler nem mesmo uma palavra daquele artigo que já decorara.

Mas suas mãos pareciam ter outra intenção.

No instante seguinte, Jim encarava o rosto de Sissy, aquele lindo, esperto e jovem rosto. E já que não conseguia parar de olhar, ele disse a si mesmo que estava cativado pela imagem porque era um símbolo de tudo o que odiava em Devina.

Mas não era só isso. Não completamente.

Passando os dedos pela foto composta de pontos claros e escuros, ele tocou a imagem do delicado colar de ouro que ela usava ao redor do pescoço, aquele que fora um presente de sua mãe... e Jim pensou naqueles momentos que passara com sua garota, conversando sobre seu cachorro, tentando dar alguma esperança para ela, algo em que ela pudesse acreditar

nas horas em que sentia que nada nunca iria melhorar...

Em um momento de clareza feroz, ele entendeu que Devina estava vencendo. Apesar do placar de dois a um, aquela merda com as loiras estava realmente o corroendo por dentro, mantendo a amargura e a raiva por causa de Sissy em primeiro plano na sua mente.

Era uma estratégia excelente.

A garota realmente era seu calcanhar de Aquiles.

Jim voltou a olhar para a luz refletida no rio. Depois olhou a foto novamente.

Devina não mudaria. Ela continuaria a explorar sua fraqueza – como ela mesma disse, aquilo fazia parte de sua natureza. Fora criada para isso.

Então Jim teria de ser diferente.

Praguejando, ele dobrou o artigo e andou ao longo da baía. Quando chegou na beirada, fora do alcance do teto do embarcadouro, ele parou sob a luz do luar.

Segurando o artigo pela parte superior, Jim começou a rasgar o pedaço de papel ao meio, levando as mãos em direções opostas...

Mas não foi muito longe.

– Droga – murmurou. – Faça! Apenas faça isso!

Apesar de nada estar bloqueando suas terminações nervosas, suas mãos não conseguiram aceitar a ordem do cérebro.

Passando a mão pelos cabelos, Jim realmente queria deixar Sissy para trás. Realmente queria.

Na verdade, ele rezava por isso.

Mas a única coisa que veio à sua mente foi a realidade de que ela não estava apenas sofrendo na sala de estar do demônio. Ela estava sob o controle de Devina – e isso significava que não estava segura.

Seu inimigo era capaz de tudo.

O que Jim precisava era tirar Sissy de lá.

CAPÍTULO 45

Mels acordou com um sobressalto, sentindo a escuridão ao redor puxando-a de volta para o rio e para o estrangulamento das águas fundas...

No instante em que viu a faixa de luz percorrendo o chão, a realidade retornou. Estava no quarto de hotel. Com Matthias.

Ela virou o corpo para ficar de frente a ele, e o encontrou em um sono profundo, com o peito subindo e descendo lentamente debaixo das cobertas. Ele estava de costas, os braços fora do cobertor, as mãos pousadas de cada lado. Parecia que poderia levantar da cama em um piscar de olhos.

E também parecia estar em um caixão.

Que pensamento feliz.

Deus, que noite.

Graças a uma rápida ida até a loja de conveniência, a noite passou da mesma maneira que a outra que tiveram juntos: com episódios de muita conexão erótica alternados com o tipo de sono que vem quando você está mais do que exausto.

Mas desta vez puderam ir muito mais longe do que antes.

De repente, Matthias abriu os olhos.

– Você está bem?

– Como sabia que eu estava acordada?

Ele deu de ombros.

– Eu não durmo de verdade.

– É o que parece.

Ele desviou os olhos e passou a encarar o teto, ficando tão imóvel que parecia nem respirar – e foi então que Mels teve certeza de que aquela seria a última vez que ficariam juntos. Afinal, todo aquele exercício aeróbico não o faria mudar de ideia, não é?

Porém, aquilo fora muito mais do que apenas sexo, Mels pensou. Pelo menos para ela.

No horrível silêncio que se seguiu, ela se permitiu sentir a perda e, como se soubesse exatamente o que ela estava pensando, Matthias pegou a mão dela e a apertou.

– Vou tomar um banho rápido – ele disse.

Ele a beijou demoradamente, então se levantou tão rápido que ela até se encolheu um pouco.

A mudança era impressionante. Ele andou pela escuridão até o banheiro como se nunca tivesse mancado na vida.

Um segundo depois, uma luz se acendeu e o chuveiro foi ligado.

Uma rápida olhada no relógio mostrou que já eram sete horas da manhã.

Hora de ir para casa, tomar seu próprio banho e se vestir. Com alguma sorte, sua mãe estaria na aula de pilates e Mels poderia evitar o desfile da vergonha – não que ela se arrependesse da noite. Apenas não estava muito feliz naquela manhã.

Afinal, tudo estava chegando ao fim.

Levantando-se da cama quente, ela foi até a escrivaninha e acendeu o abajur – e lembrou que não tinha roupa de baixo nem uma roupa normal. Que maravilha.

Deus, a queda no rio parecia ter acontecido com outra pessoa – pelo menos até ela sentir as dores nas costelas e braços por ter se erguido para fora do Hudson.

Olhando para o banheiro e ouvindo o som do chuveiro, ela pensou que talvez pudesse se juntar a ele – não, se fizesse isso poderia parecer que ela estava se acovardando e tentando convencê-lo a ficar mais um pouco.

Mels ainda tinha seu orgulho.

Bom, pegaria então uma cueca de Matthias. Ela não sairia por aí novamente sem nada por baixo daquela capa de chuva.

Pegando a mala que Jim Heron havia vasculhado anteriormente, ela encontrou duas cuecas. Vestiu uma delas, puxando do calcanhar até a cintura. Até que serviu bem – e, veja só, ainda havia outra calça de moletom junto com algumas camisetas.

Mels teve de enrolar a calça na altura da cintura e praticamente sumiu dentro da camiseta, mas pelo menos era tudo da cor preta. Depois de calçar os sapatos e vestir a capa de chuva, ela sentiu-se menos como uma prostituta.

Matthias ainda estava no banho.

Era tentador sair de fininho e poupar os dois de uma despedida embaraçosa. Mels olhou para a porta e jogou sua bolsa no ombro. Talvez pudesse escrever um bilhete...

Não. Ela se recusava a ser uma covarde.

O som abafado do despertador do celular disparou dentro da bolsa.

Ela colocou a mão lá dentro e vasculhou até encontrar a coisa. O bipe familiar e irritante a fez estremecer, mas esse era o objetivo. Qualquer som mais agradável poderia fazer ela continuar dormindo.

Depois de desligar o despertador, ela voltou a observar a porta do banheiro.

A espera já a estava cansando e ela checkou o correio de voz para passar o tempo. Havia três mensagens na caixa de entrada.

– Olá, aqui é o Dan da oficina Caldwell Auto. Estamos avaliando seu carro e, para ser sincero, ele quase deu perda total. Um carro com essa idade e esse tipo de estrago... Podemos consertar, mas não posso garantir que não vá dar problema depois de uma semana. Meu conselho é pegar o dinheiro do seguro e comprar um novo. Ligue pra mim...

Por alguma razão, a ideia de que seu carro estava morto fez lágrimas surgirem em seus olhos.

Droga, ela precisava se controlar.

A segunda mensagem era de seu salão de beleza, lembrando que ela tinha hora marcada com Pablo.

A terceira mensagem era...

– Oi, aqui é o amigo do Tony? Da polícia? O Jason? – a inflexão da voz dele transformava tudo em perguntas, como se não estivesse muito certo do próprio nome. – Escuta... preciso falar com você urgentemente. A bala que você encontrou? O resultado do teste foi positivo. Ela foi disparada pela mesma arma usada no tiroteio do Marriott – um calafrio percorreu as costas de Mels e se espalhou por seu corpo. – E isso significa que você precisa vir até aqui e falar com a polícia. São dez horas agora e eu preciso dormir um pouco. Mas preciso relatar isso logo de manhã e a sua...

Naquele momento, o chuveiro foi desligado no banheiro.

Inclinando-se para o lado, Mels observou Matthias sair do boxe. Ele parecia tão maior agora, e quando ela olhou para baixo, viu apenas vestígios de cicatrizes na parte inferior do corpo dele, nada que pudesse envergonhá-lo. E não mancava, também.

O amigo de Tony ainda estava falando quando Matthias se virou para pegar a toalha que havia deixado na pia...

Mels quase deixou o celular cair.

Cobrindo as costas dele, desde o topo dos ombros até abaixo da cintura, havia uma enorme tatuagem do Ceifeiro da Morte em um cemitério cheio de túmulos – e, abaixo do desenho, havia dezenas e dezenas de grupos de cinco traços riscados ao meio.

Era exatamente igual à tatuagem que Eric havia mostrado...

Fuja. *Agora.*

Mels correu para a porta, mas não conseguiu sair.

Assim que ela começou a correr, Matthias saiu do banheiro e a impediu de prosseguir.

Matthias tomou um banho não porque queria ficar limpo, mas porque precisava esfregar sua cabeça, que doía muito. Ele nunca gostara de despedidas – embora parte disso fosse por causa de sua falta de conexão emocional com as pessoas.

Agora, a perspectiva de deixar Mels doía como o diabo.

O que foi que ele disse? Como poderia deixá-la para sempre?

Enrolando uma toalha ao redor da cintura, ele saiu do banheiro e... Mels parou de brusco na sua frente, como se estivesse tentando correr, mas ele bloqueou seu caminho. Vestida com algumas das roupas que ele comprara na loja de conveniência, ela parecia estar sendo perseguida.

– Mels...?

– Se afaste de mim – ela colocou a mão dentro da bolsa e, antes que retirasse, Matthias sabia que ela pegaria sua arma.

E, como previsto, o cano de uma pistola foi apontado diretamente para o peito dele.

Matthias levantou as mãos.

– O que está acontecendo?

– Bela tatuagem. Ah, e eu acabei de descobrir que você atirou naquele homem aqui no hotel. O teste da bala foi positivo.

– Que bala?

– Aquela que eu encontrei do lado de fora da garagem, quando fui te encontrar pela primeira vez. Você lembra, não é? Bom, eu entreguei a cápsula para uma pessoa fazer um exame de balística. E a sua arma é a mesma que foi usada no tiroteio.

Matthias fechou os olhos. Merda, aquela bala deve ter saído da pistola de Jim, a que Matthias pegara para si. É verdade, ele atirara com ela naquele agente no corredor.

– Foi você que fez o corpo desaparecer do necrotério? Suponho que vocês sejam ligados de alguma maneira, já que têm a mesma tatuagem. Mas nem se importe em dar os detalhes. Não vou confiar em nada que você disser – Mels balançou a cabeça, a revolta evidente não apenas em seu rosto, mas em todo o corpo. – Mentira, foi tudo uma grande mentira, não é? A amnésia... a perna manca... aquelas malditas cicatrizes, o *olho ruim* – ela soltou um grande palavrão. – Meu Deus, era uma maldita lente de contato, não é? Junto com maquiagem pra fazer suas cicatrizes antigas parecerem piores. Oh, Deus... – agora ela estremecia. – A impotência também, certo? Pelo jeito você decidiu que dar uma transada valia o risco de ser descoberto. Ou você só se descuidou?

Matthias sentia que estava morrendo por dentro, e tudo que pôde fazer foi cruzar os braços sobre o peito e aguentar as palavras de Mels. Ele não a culpava pela extrapolação: milagres são inexplicáveis por uma razão, e as conclusões que ela estava tirando, embora o ferrassem cada vez mais, pareceriam a única explicação possível – ele pensaria o mesmo se estivesse no lugar dela.

Quando ela finalmente parou de falar, ele abriu a boca; depois fechou novamente quando percebeu que não tinha nada para acrescentar. Odiava ter mentido para ela – mas ela não lhe daria ouvidos se ele dissesse isso.

Merda, seria melhor que ela puxasse o gatilho. Ele com certeza sentia como se ela o tivesse ferido mortalmente – mas, honestamente, a culpa de tudo era dele próprio. Embora pedaços do passado ainda permanecessem escondidos em sua memória, ele sabia que aquele era exatamente o tipo de acerto de contas que o esperava em relação a Mels.

No fim, a única coisa que ele podia fazer era dar um passo para o lado e deixá-la seguir seu caminho – e talvez isso fosse uma coisa boa. Ela com certeza não iria mais procurá-lo depois disso tudo.

No instante em que ele se moveu, Mels se dirigiu para a porta, ainda apontando a arma para Matthias, e ao pisar no corredor deu uma última olhada para trás.

Com uma voz letal, ela sussurrou:

– Só não entendo uma coisa. Por que você me usou? O que eu tenho pra te oferecer?

Tudo, ele pensou.

– Então, foi tudo um jogo – ela disse. – Bom, não tenho certeza sobre o que você pensou que o prêmio seria, mas nunca mais me contate de novo, sob quaisquer circunstâncias. Ah, e vou ligar pra polícia agora mesmo e contar tudo o que sei sobre você. Apesar de provavelmente não ser muita coisa.

E então ela foi embora e a porta se fechou.

Matthias fechou os olhos e encostou na parede.

Ele sabia que deixá-la seria doloroso – mas desse jeito? Com ela pensando que ele era um manipulador e um mentiroso?

Por outro lado, no fundo de seu ser, ele sabia que aquilo era verdade. Ele sempre fora um mestre da mentira.

Um maquinador.

Um enganador...

A dor de cabeça surgiu rápida e com força, e acabou sendo a última... não porque ele morreu, mas porque, naquele chão acarpetado do quarto de hotel, ao pé da porta que Mels usara para sair, toda a sua memória voltou,

de uma vez. Tudo.

Do começo ao fim, passando por toda a maldade do meio, suas lembranças retornaram com um rugido, explodindo as amarras que as prendiam, preenchendo os espaços em sua mente, tomando conta de todo o seu corpo.

Era como dez mil televisores em um único quarto, todos com o volume ao máximo, o estrondo tão grande que era incrível que as pessoas na rua não ouvissem.

Foi um tsunami que varreu a costa, destruindo os últimos dias de relativa inocência com Mels, arruinando a paisagem que Matthias criara para si mesmo junto com ela, revelando a fétida terra debaixo dos sentimentos que ele tinha por ela.

Aquilo parecia, de muitas maneiras, pior do que o pesadelo do Inferno.

Pois, após enxergar o que ele realmente era, de perto e em detalhes, sem sombras para obscurecer a feiura, Matthias soube que o jogo no qual estava envolvido, fosse o que fosse, não terminaria bem.

Sua alma estava apodrecida até as raízes.

E ele já havia aprendido que as pessoas colhem aquilo que plantam.

CAPÍTULO 46

Quando chegou em casa, Mels tomou o banho mais longo de sua vida: depois de esfregar a pele com uma esponja, ficou debaixo do chuveiro quente até a água do aquecedor acabar e a temperatura desabar de repente.

Após sair do box e enrolar uma toalha em seu corpo corado, ela pensou que não deveria ter falado para Matthias que ia chamar a polícia. Com certeza agora ele já sumira daquele quarto de hotel – mas, considerando o quanto sempre foi paranoico, provavelmente teria feito isso de qualquer maneira agora que fora desmascarado.

Ao menos ela fez a coisa certa. Mels ligou para o detetive De la Cruz ainda no táxi – e direto para a casa dele. Contou tudo, mesmo sentindo que tinha envergonhado seu pai com a maneira como se comportou.

E o detetive agiu imediatamente: o quarto de Matthias receberia uma visita a qualquer momento – provavelmente até já acontecera.

Droga. Ela realmente deveria ter ficado no hotel para ter certeza de que Matthias seria encontrado pela polícia, mas quando saiu, Mels estava focada apenas na própria segurança.

Deus, ela se sentia suja... absolutamente imunda, e suas emoções estavam em completa desordem.

A ironia, é claro, era que a repórter dentro dela estava convencida de que se sentiria melhor se soubesse os porquês: Por que ela? Por que agora?

O que diabos ele realmente queria?

Mas pensar desse jeito talvez fosse a mesma coisa que perguntar para um ônibus desenfreado por que ele “escolheu” as pessoas que atropelou.

Entrando em seu quarto, Mels tomou mais cuidado do que o normal para se vestir, e também se demorou uns bons quinze minutos para cuidar do cabelo, usando um modelador – algo inédito.

A última vez que usara aquela coisa fora no casamento de uma amiga, um ano e meio antes.

Maquiagem parecia também uma boa ideia, e ela até borrifou um pouco de perfume.

Fazendo uma pose, ela se olhou no espelho da porta do armário.

Merda. Ainda era ela.

Pelo jeito Mels esperava enxergar outra pessoa no espelho, alguém que

não tivesse passado a noite anterior transando com um estranho que mal conhecia... e que acabou se revelando um criminoso violento.

– Oh, Deus...

Com nojo de si mesma, ela se virou, desceu as escadas e começou a fazer café. Mas não pegou uma xícara no armário para se servir. Em vez disso, ficou sentada em sua cadeira na mesa da cozinha, mesmo quando a cafeteira começou a fazer barulho indicando que a bebida já estava pronta.

No silêncio opressivo da casa, sua mente parecia obcecada em reprisar o filme de Matthias, desde o momento do impacto em frente ao cemitério e a visita no hospital... o momento em que ela o encontrara naquela garagem e depois no hotel... desde a primeira noite até a última...

Ela tivera suas suspeitas desde o início, e veja só como as coisas terminaram.

– Tão estúpida... tão completamente estúpida!

Ela colocou as mãos na cabeça e esfregou as têmporas com os polegares, imaginando quanto tempo levaria até parar de se culpar por tudo o que acontecera.

Seria muito tempo. Talvez uma eternidade.

Parte dela queria poder voltar no tempo para aquela noite quando Dick parou em sua mesa e teve aquela rotineira atitude de cafajeste. Se ao menos ela tivesse decidido ir embora antes daquilo, às cinco horas por exemplo, como todos os outros funcionários, ela poderia ter evitado o chefe pervertido... e tudo o que veio depois.

Se... apenas se...

Sentada na cozinha alegre de sua mãe, os minutos corriam enquanto o sol se movia, passando de suas costas até começar a esquentar a lateral do rosto. Suas reflexões também continuaram, o foco mudando de Matthias para outras áreas de sua vida, como a carreira, o tempo que passara morando naquela casa e como foram os últimos anos sem seu pai.

Em retrospectiva, estava claro que ela precisava dessa sacudida para acordar. Nos últimos tempos, Mels estivera muito focada, mas ao mesmo tempo presa em ponto morto: morando na casa de sua mãe, mas não estando lá por ela; ainda de luto pelo pai, mas sem se dar conta disso.

Mas, falando sério, se a sua vida precisava de uma mudança, por que ela não podia simplesmente mudar o corte de cabelo, ou comprar um cachorro, ou fazer algo menos explosivo do que ter um caso desastroso? E que possivelmente teria implicações com a lei.

Baixando as mãos, ela se esticou e encarou a cadeira que sua mãe sempre usava. O sol que entrava pela janela estava esquentando a madeira, deixando clara a razão de a mulher gostar daquele lugar.

Além disso, quando ela cozinhava, daquele ponto tinha visão de todos os cantos da cozinha.

Franzindo a testa, Mels percebeu que escolhera a cadeira de seu pai, aquela que ficava ao lado esquerdo de sua mãe e de frente para o corredor que dava na porta da frente.

Quando era menina, sempre sentava na cadeira de frente para esta.

Estava assumindo o papel do pai de várias maneiras, não é mesmo?

Na verdade... era possível que a verdadeira razão de ter desistido do emprego em Manhattan fosse para poder voltar e ficar com a mãe.

Quanto mais pensava sobre isso, mais sentia que era verdade. Primeiro, soube das últimas palavras dele e de sua preocupação com a esposa. E então, depois do funeral, sua mãe ficou tão sozinha, perdida em tantos sentidos. Como qualquer boa filha, e como imaginava que seu pai gostaria, Mels se apresentou para preencher o vazio... mas o sacrifício a deixava maluca – e ela ficou ressentida com a mãe, com o emprego, com toda a sua vida em Caldwell.

Tivera a melhor das intenções. Mas o resultado não fora tão bom – ou mesmo necessário. Ninguém lhe pedira para fazer o que fez. Nem seu pai, nem sua mãe. E, ao olhar para a cozinha, para a sala de jantar e para o jardim lá fora, na entrada da casa... percebeu que tudo estava em ordem.

Mas não porque Mels conseguira manter as coisas: foi sua mãe quem cuidou de tudo.

Balançando a cabeça, ela se perguntou como aquela mudança de papéis tinha acontecido sem ela perceber. Porém, como ela poderia se perguntar isso depois do que aconteceu com Matthias? Claramente, relações interpessoais não eram seu forte.

O som de chaves abrindo a fechadura foi seguido pela porta da frente se abrindo, e quando o hall de entrada se encheu de luz, a forma diminuta de sua mãe foi iluminada por trás. Ela trazia um tapete de ioga e falava ao telefone quando fechou a porta e entrou pelo corredor.

– ... ah, eu sei que ela fez isso, e eu gosto de acreditar no melhor das pessoas, até elas provarem o contrário. Então, sim, eu acho que você deveria cortar isso de vez e parar de falar com ela – ela parou para acenar um olá e colocou suas coisas em cima da pia ao lado da geladeira. Então franziu a testa, como se tivesse percebido que as coisas não estavam muito bem com Mels. – Escuta, Maria, posso te ligar depois? Certo, obrigada. Falo com você mais tarde.

Ela desligou a chamada e colocou o celular ao lado da sua *ecobag*.

– Mels, o que aconteceu?

Mels se esticou na cadeira e lembrou de seu pai fazendo o mesmo. A

cadeira sempre estalava com o peso dele, mas com Mels ficou silenciosa.

– Posso perguntar algo realmente bizarro? – ela disse para sua mãe. – E, por favor, entenda que eu não quero te ofender.

Sua mãe sentou-se devagar.

– É claro.

– Você se lembra de como o papai se sentava aqui e pagava as contas, quando ainda estava com a gente? – Mels deu um toque na madeira à sua frente. – Com aquele talão de cheques aberto, aquele grande que tinha três folhas em cada página? Ele sentava aqui, preenchia os cheques e colocava nos envelopes, depois anotava tudo num livro de registros.

– Oh, sim – disse sua mãe com tristeza. – Todo mês. Como se fosse um relógio.

– Ele tinha aqueles óculos de leitura, que sempre caíam na ponta do nariz e irritavam ele. E ficava o tempo todo quase vesgo olhando através daquelas lentes.

– Ele odiava tudo aquilo. Mas fazia tudo direitinho, até o fim. Todo mês.

Mels limpou a garganta.

– Como você... quer dizer, eu sei que você paga as contas agora. Mas onde? Quando? Nunca vi você preenchendo um cheque.

Sua mãe sorriu um pouco.

– Seu pai gostava de fazer tudo à mão. Ele não confiava em bancos. Eu achava que aquele ritual mensal era sua expressão física da desconfiança contra o banco. Mas eu não sou assim. Todas as minhas contas, desde as parcelas do carro, a eletricidade, seguro, está tudo em débito automático. Acesso minha conta pela internet e confiro os pagamentos toda semana pelo computador. Isso me poupa de usar selos, envelopes e ir ao correio. É mais eficiente.

Mels sentiu a surpresa percorrendo seu corpo – mas isso era uma besteira, afinal, sua mãe não era criança.

– E quanto ao... ao jardim? O papai costumava cortar a grama, mas quem faz isso agora?

– Logo depois de ele morrer, eu perguntei pras vizinhas como elas faziam. Algumas pediam para os maridos ou filhos e isso obviamente não era uma opção para mim. Tentei cortar eu mesma algumas vezes, mas era muito trabalho, então percebi que teria de contratar alguém. Procurei uma empresa, pois não queria me preocupar toda semana se o trabalho estava sendo feito. Além disso, eles fazem uma limpeza no outono e na primavera. Mels, você está preocupada com alguma coisa?

– Sim, na verdade estou – ela passou a mão na mesa novamente,

acariciando o lugar de onde seu pai cuidava de tudo à sua maneira. – Eu... estou preocupada achando que passei os últimos anos tentando ser igual ao papai pra você, e que isso não apenas não funcionou, como na verdade não consegui ajudar em coisa alguma. E, sozinha, você conseguiu cuidar muito bem de tudo.

Houve um longo silêncio.

– Sabe, às vezes eu me perguntava – murmurou sua mãe – por que você decidiu ficar. Você parece tão infeliz aqui. E parece muito claro que você sente um ressentimento contra mim.

– Que não é sua culpa... e foi uma decisão muito errada da minha parte – Mels bateu na mesa outra vez. – Eu só... ele gostaria que eu cuidasse de você. Ou que alguém cuidasse.

– Ele era assim mesmo – ela balançou a cabeça lentamente. – Seu pai sempre foi antiquado, um homem com valores tradicionais. Eu amava ele, então deixei que ele me amasse da maneira que achasse melhor.

– Mas você não precisava disso, não é?

– Eu precisava dele. Eu era muito feliz com ele – uma expressão triste surgiu em seus olhos. – Ele era o tipo de homem que precisava estar no controle, e casei com ele e te dei à luz quando era muito jovem. Mas eu também amadureci.

– Você teve... problemas por causa disso? – Deus, aquilo parecia tão pessoal.

Houve mais um longo período de silêncio.

– Eu o amava e ele me amava. Ao fim do dia, nada podia mudar isso.

– Eu sinto muito.

– Por quê?

– Por ele ter morrido e te deixado sozinha.

– Não estou sozinha. Eu tenho uma vida cheia de amigas e coisas que gosto de fazer. E o que mais me preocupa é que isso parece não estar acontecendo com você. Este é o momento de você fazer o que quiser, ser bem-sucedida naquilo que desejar, escolher seu próprio caminho. Foi o que fiz com seu pai... e fico feliz por ter aproveitado isso, porque o acidente me tirou mais uns trinta anos que eu poderia ter passado por ele. Você merece a mesma coisa, com a pessoa que amar, no lugar que escolher.

Lágrimas começaram a se acumular.

– Não sei por que não tinha percebido isso antes. Sou uma repórter, eu deveria conseguir investigar a minha própria vida.

– As coisas nem sempre são fáceis e claras de se enxergar – sua mãe estendeu o braço e tocou a mão de Mels. – Os últimos anos foram

realmente difíceis. Mas eu estou construindo meu próprio lugar no mundo... e acho que você deveria fazer o mesmo.

– Você está muito certa – Mels limpou o rosto e riu um pouco. – Sabe no que estou trabalhando nos últimos meses?

– No quê?

– Um artigo sobre pessoas desaparecidas. Ainda não cheguei a lugar nenhum. Depois de horas e horas na minha mesa encarando estatísticas, buscando fontes, questionando várias e várias vezes, não estou mais perto da solução do que qualquer outro repórter.

– Mas talvez você encontre as repostas, mais cedo ou mais tarde.

Mels encontrou os olhos de sua mãe.

– Acho que eu deveria estar olhando para o espelho em vez disso. Pode soar estranho, mas... desde que ele morreu, eu estou desperdiçando minha vida. Não sei se isso faz sentido.

– É claro que faz. Vocês dois eram farinha do mesmo saco. Tenho certeza de que você sabe disso, mas ele se orgulhava muito de você.

– É engraçado... quando eu era criança, sempre me perguntava se ele não preferiria ter tido um filho.

– Ah, não mesmo. Ele queria você. Seu pai costumava dizer que você era a filha perfeita para ele. Nada deixava ele mais feliz e orgulhoso do que você, e eu o amava muito por causa disso. Essa ligação entre pai e filha é muito importante, e eu sabia disso. Eu também amava meu pai e sempre quis isso pra você. Só gostaria que tivesse durado mais.

– Deus, eu amo você, mamãe – Mels levantou da cadeira e deu a volta na mesa. Ajoelhando-se, ela abraçou sua mãe. – Eu te amo tanto!

Ao sentir ser abraçada de volta, ela pensou que esse era o momento em que mais precisava daquilo.

Sob a luz do sol, na cozinha, nos braços de uma mãe que achava que nunca entenderia, Mels percebeu que seu pai não era a única pessoa sensacional da família – e teve a terrível impressão de que, se ele não tivesse morrido, este momento talvez nunca aconteceria.

Lembrou-se daquele ditado que diz que Deus nunca fecha uma porta sem abrir uma janela.

Mels desfez o abraço e limpou as lágrimas novamente.

– Bom. É isso.

Sua mãe sorriu.

– Seu pai costumava dizer isso.

– Ele era tão bom com você quanto era comigo?

– Com toda certeza. Seu pai era um em um milhão. E sua morte não mudou isso.

Mels se levantou.

– Eu, ah, fiz café agora há pouco. Quer uma xícara?

– Sim, por favor.

Enquanto se virava para pegar as xícaras no armário, Mels pensou que pelo menos nem tudo estava perdido. Por mais devastada que estivesse por causa de Matthias, a conversa com a mãe lhe dera um pouco de paz interior.

E a fez pensar no que faria agora.

Ela podia não ter encontrado todas aquelas pessoas desaparecidas, mas não ficaria mais perdida em sua própria vida.

CAPÍTULO 47

De volta ao centro da cidade, no hotel Marriott, Adrian teve um lugar na primeira fila para assistir a partida de Mels: sentado no corredor, ele observou enquanto a repórter saía do quarto de Matthias. Seus passos determinados mostravam que ela não estava nada feliz.

E a arma em sua mão era outra indicação do seu humor.

Pelo jeito ele desistira de sua vida sexual para nada.

Quando ela entrou no elevador, Adrian tentou se levantar e, pela primeira vez na vida, não conseguiu se erguer de uma vez.

Seu corpo simplesmente se recusava a funcionar direito: a dor nas juntas impedia movimentos rápidos e a falta de percepção de profundidade atrapalhava o equilíbrio.

– Que diabos há de errado com você?

Ad olhou para a esquerda. Jim havia chegado em toda sua glória – ou, nesse caso, em todo seu desalinho. O cara parecia ter sido arrastado através de uma plantação de cactos: seu cabelo estava desarrumado, as roupas amarrotadas, os olhos com duas olheiras enormes.

O outro anjo congelou no momento em que seus olhos se cruzaram.

– O que foi que você fez?

Ad deixou que Jim tirasse suas próprias conclusões. A conta era muito simples – e, veja só, Jim estava chegando ao resultado: sua cabeça lentamente virou para a porta do quarto de Matthias.

– Ele está inteiro?

– Você disse que ela era a chave. Então eu possibilitei que ele chegasse, digamos, um pouco mais perto.

Adrian esfregou a nuca e se preparou para ouvir um sermão. Francamente, ele não tinha energia para mais drama.

– Você está bem? – Jim perguntou com a voz endurecida.

– Sim, só um pouco travado. E vou conseguir superar a falta de percepção de profundidade. Ainda vou ser útil no campo de batalha...

– Foda-se o campo de batalha. Quero saber se você está bem. Isso é permanente?

Adrian piscou.

– Ah, provavelmente.

– Meu Deus... – Jim olhou novamente para a porta do quarto. – Você realmente se sacrificou pelo time!

A admiração e o respeito na voz do anjo fizeram Ad ficar encarando os próprios coturnos.

– Não se anime muito. A coisa não deu certo.

– Como assim?

– Ela acabou de sair. E não foi pra comprar pão e pegar o jornal. Não sei o que aconteceu lá dentro, mas ela não estava nem um pouco feliz.

– Merda! – Jim limpou a garganta. – Bom, eu falei com Devina. Disse pra ela deixar a repórter em paz.

– Como foi a conversa?

Quando o outro anjo cruzou os braços e apertou os lábios, Adrian pensou, oh, merda...

– Você transou com ela de novo, não é? – ele disse, com a voz pausada.

Jim limpou a garganta.

– Eu estava com raiva. E ela também. Então apenas... aconteceu.

– Bom, isso também é um jeito de discutir. Quem ganhou?

– Não era uma situação de ganhar ou perder.

Ad não tinha tanta certeza quanto a isso.

– Onde a vadia está agora?

– Eu não sei.

Quando Jim olhou para o elevador, como se estivesse preocupado com a namorada de Matthias, Ad assentiu.

– Vá checar Mels. Eu fico de olho no príncipe encantado.

– Não estarei muito longe.

– Sem pressa. Eu cuido de tudo por aqui – tirando sua adaga de cristal da bainha, ele a segurou no alto para que a luz refletisse na lâmina. – Confie em mim.

Jim hesitou.

– Me chame se precisar de alguma coisa.

– Okay, mas eu não vou precisar.

Em um piscar de olhos, Jim já não estava mais lá.

Adrian mancou até a porta, bateu e entrou no quarto. Matthias estava vestindo uma calça e congelou no meio do caminho.

– Eu bati – disse Adrian.

Matthias terminou de vestir o moletom, apertou o cordão da cintura e colocou a camiseta do Caldwell Red Wings para dentro da calça.

– Você tem sorte por eu não ter atirado em você.

A arma realmente não estava longe, e Ad sabia muito bem que ela fora recarregada depois da batalha na floresta. Mas não era como se tiros

pudessem lhe fazer qualquer coisa além de irritá-lo.

– Você está indo para algum lugar? – Ad perguntou.

Movendo-se com pressa, Matthias sentou na beira da cama e calçou um par de tênis Nike pretos.

– Você sempre é bom assim com portas?

– Sou bom com várias coisas.

Matthias parou por um instante.

– Você está mancando, sabia disso?

Ad deu de ombros.

– Meu pé está doendo.

– Mentira.

– Já disse tudo o que tenho pra dizer.

Matthias praguejou ao se levantar para pegar a carteira e o casaco.

– Certo, que seja. Mas temos que sair daqui. A polícia está a caminho.

– Por quê?

– Mels está indo pra delegacia agora mesmo. Ela descobriu que eu e Jim tivemos um probleminha aqui no porão na outra noite. E, aliás, minha memória voltou.

– Inteira?

– Sim.

Merda.

– Parabéns.

– Não é motivo pra festejar – Matthias falava com rapidez e poucas palavras. – Escuta, Jim disse que vou encarar uma encruzilhada.

Ad assentiu.

– O que aconteceu com sua garota?

– Ela descobriu quem eu realmente sou.

– Isso não vai nos ajudar muito.

– Bom, o banho de água fria a ajudou e isso é o mais importante. Eu nunca deveria ter me envolvido com aquela mulher.

Depois disso, Matthias ficou muito quieto. Após um momento, finalmente disse:

– Eu sei o que tenho que fazer. É a única maneira... de consertar as coisas. Sei *exatamente* o que preciso fazer.

Ad deixou a cabeça cair de lado, frustrado. Eles realmente não precisavam de mais ideias brilhantes.

– Temos que sair daqui – disse Matthias ao se dirigir para a porta. – Mas primeiro, vamos fazer uma invasão.

– Aqui no hotel? Mas já não estamos dentro?

Quando Matthias saiu para o corredor, Adrian praguejou e pegou a

bengala que estava do lado da televisão.

Isso até que foi uma boa ideia, pois a bengala aumentou sua velocidade. Mas seria difícil se acostumar a depender dela.

Não fazia muito o seu estilo.

Quando Matthias usou a saída de emergência e começou a descer os degraus de concreto, a voz de Mels ecoou em sua cabeça.

Mentira, foi tudo uma grande mentira, não é?

Ele ouvia aquela única frase, de novo e de novo, como um rifle de repetição – ou uma metralhadora –, sem parar, fazendo-o desejar que a amnésia voltasse.

A tragédia era que tudo o que ele sentia por ela era a mais pura verdade. E também a sua condição física anterior e a sensação sobre onde esteve... e para onde corria o risco de voltar.

Mas, no decorrer de sua vida, sim, havia inúmeras mentiras.

E era isso que ele precisava resolver.

Depois de deixar Mels daquele jeito e de sua memória voltar com força total, não havia como ele deixar de fazer algo sobre a teia de mentiras e maldade que tecera por tanto tempo.

Definitivamente, aquele era o acerto de contas que Matthias merecia, e ele com certeza pagaria o preço... e faria a coisa certa. Finalmente.

Mantendo os passos rápidos e silenciosos escada abaixo, ele de repente lembrou que seu parceiro provavelmente não estava seguindo o mesmo ritmo. O que era uma situação absurda. Olhando por cima do ombro, ele...

Matthias parou imediatamente e agarrou o corrimão.

O maldito atrás dele estava flutuando dez centímetros acima do chão, como se fosse um fantasma ou tivesse botas antigravidade.

– *O que é você?* – Matthias sussurrou.

Instantaneamente, os coturnos de Adrian tocaram o chão.

– Nada de especial.

– Pare de me enrolar.

– Nós não estamos fugindo da polícia? Você realmente quer ter essa conversa *agora*?

O cara estava certo, mas havia muita coisa em jogo. Especialmente sua sanidade.

– Apenas responda uma coisa. De que lado você está? E, antes que venha dizer que isso não importa, eu sei muito bem onde estive. E não estou me referindo ao Oriente Médio.

– Estou do lado que pensa que está certo.

– O que não quer dizer nada. Até mesmo o diabo pensa que está fazendo a coisa certa.

– Ela não está.

– Ela, hum? – Adrian deu de ombros, como se estivessem falando sobre esportes... ou carros... ou as jornalistas da NBC. Matthias praguejou baixinho. – Então você conhece o diabo e você é apenas um cara normal. Você toma todos os meus ferimentos, internos e externos, e você não é nada de especial.

Adrian levantou os ombros novamente e parecia completamente despreocupado com o nó na cabeça de Matthias.

Mentira, foi tudo uma grande mentira, não é?

– Sabe – Matthias disse –, eu ouvi dizer que o diabo... ouvi dizer que ele, que *ela* é uma grande mentirosa.

– É a única coisa em que você pode apostar.

– Acho que tenho isso em comum com ela.

– Você tem, mas as coisas mudam, não é?

– Onde Jim Heron se encaixa nisso tudo?

Adrian suspirou como se fosse um velho.

– Se preocupe com você mesmo, Matthias. É o único conselho que posso te dar. Apenas faça a coisa certa, mesmo que seja doloroso.

Matthias encarou aquele olho leitoso – que apenas doze horas antes havia sido seu.

– Está falando por experiência própria?

– Não mesmo. Agora, não deveríamos estar correndo da polícia?

De repente, ele pensou sobre a noite com Mels. As coisas terminaram tão incrivelmente mal, mas a noite... e tudo o que tinha a ver com ela... ajudaram Matthias a reencontrar sua própria alma. Sem aquilo, e sem ela, ele teria apenas deixado Caldwell – e seu passado – para trás.

– Obrigado – murmurou Matthias. – Eu te devo uma.

– Não sei do que você está falando.

Claramente, Matthias estava batendo em uma porta que estava trancada a sete chaves. Que seja. Ele sabia como era – a gratidão podia ser mais difícil de lidar do que a dor.

Pelo menos sabia o que fazer. Havia apenas mais uma coisa...

– Jim é igual a você? – exigiu saber.

Adrian estava tão exausto daquele assunto que parecia querer gritar, mas que se dane.

– *Fale* – gritou Matthias. – Preciso ter alguma informação sólida!

Adrian esfregou o queixo.

– Você pode perguntar isso para o Jim quando tudo acabar, certo?

Agora, minha tarefa é manter você vivo para que possa fazer a coisa certa quando chegar a hora. Não posso dizer o quanto isso é importante. Apenas faça a maldita coisa certa pelo menos uma vez nessa sua vida miserável.

– Entendido – Matthias disse, virando-se e voltando a descer as escadas.

CAPÍTULO 48

A vários quarteirões de distância do Marriott, na redação do *Correio de Caldwell*, Mels estava sentada em sua cadeira musical, balançando para frente e para trás ao som de “Yankee Doodle”³. Sua conta de e-mail estava aberta no monitor e periodicamente a caixa de entrada recebia novas mensagens. A proteção de tela também surgia a intervalos regulares, e a cada vez que as bolhas coloridas apareciam, ela estendia a mão e chacoalhava o mouse.

O único telefonema que fez desde que chegou foi para o amigo de Tony no laboratório de investigação criminal. Mels lhe informou que já havia falado com o detetive De la Cruz e feito uma declaração contando tudo o que sabia.

Ela esperava que o telefone tocasse a qualquer minuto com uma atualização da situação, mas De la Cruz e sua equipe com certeza estavam bastante ocupados no hotel realizando uma busca no quarto, que já devia estar vazio.

Matthias provavelmente já estava muito longe.

– Psiu!

Mels chacoalhou a cabeça e olhou para o corredor. Tony estava inclinado para frente em sua cadeira com um bolinho na mão, oferecendo a pequena e gloriosa bomba calórica como se fosse um diamante.

– Você parece estar precisando de um destes.

– Obrigada – ela forçou um sorriso e pensou, por que não? Talvez um pouco de açúcar e conservantes pudessem acordá-la daquele entorpecimento. – Estou fora do ar hoje.

– Dá pra perceber. Você passou a última hora sentada aí encarando a tela do computador.

– Tenho muitos e-mails pra ler.

– Então por que não está lendo?

Ela abriu a embalagem da guloseima e deu uma mordida. O exterior do bolinho se desfez e várias migalhas caíram no colo de Mels. Antes que pudessem derreter e se fundir com o tecido da saia, ela os retirou um a um e jogou no cesto de lixo.

Bom, mas isso não a impediu de aproveitar o delicioso bolinho. Nada

como um bom lanchinho cheio de química industrial!

– Ei, escuta, Tony... sei que nunca falamos sobre carreira, mas... você gosta de trabalhar aqui? Quer dizer, você se vê trabalhando neste jornal para o resto da vida?

Tony deu de ombros.

– Eu não fico pensando muito sobre isso. Apenas escrevo meus artigos, faço minhas pesquisas... estou relaxado quanto ao futuro. E, se isto aqui for tudo o que eu fizer na vida, eu não me importaria – ele pegou um chocolate e abriu a embalagem. – Mas sempre achei que você iria se mudar a qualquer momento.

– De Caldwell? Você acha?

– Sim – ele deu uma mordida. – Você nunca se estabeleceu aqui. Nunca criou contatos. Nunca os manteve.

Ele estava certo, é claro. E talvez fosse esse o motivo de Mels nunca ter realizado tudo que desejava. Sim, Dick era um cretino e um membro de carteirinha do clube dos cafajestes, mas talvez ela estivesse se escondendo atrás disso como desculpa para o estado lastimável de sua carreira.

– Acho que quero voltar pra Nova York – Na verdade, exclua o “acho”, ela pensou. – Já está na hora.

Sua mãe estava bem; era Mels quem precisava de uma direção.

– Você é uma ótima repórter – Tony deu outra mordida. – E está sendo desperdiçada aqui. E acho que Dick sabe disso.

– Nós nunca nos demos bem.

– Mulheres em geral não se dão bem com Dick – Tony amassou a embalagem do bolinho e a jogou no lixo. – Então, o que você vai fazer? Você ainda tem contatos em Manhattan?

Abrindo a gaveta, ela retirou um cartão que guardara ali no dia em que se mudara para aquela mesa. Havia um nome escrito, “Peter W. Newcastle – Editor de Conteúdo”, junto com o icônico logotipo do *The New York Times*.

Ela conhecera Peter em Manhattan e ele ainda trabalhava no *Times*. Mels vira seu nome no expediente do jornal de domingo.

– Sim, acho que tenho – ela murmurou. – Ei, falando em despedidas, tem uma coisa que eu gostaria de te dar.

– Almoço?

Ela riu um pouco.

– Tragicamente, não.

Tirando a si mesma do ponto morto, ela abriu a pasta no computador que continha toda sua pesquisa sobre os casos de pessoas desaparecidas. Observando as palavras que escreveu, os gráficos que compilou, as

referências que reuniu, ela não podia deixar de pensar que aquilo era tudo o que vinha fazendo até que a tempestade desabou sobre sua vida.

Memórias de Matthias surgiram como lanças atravessando sua pele e a dor a fez perder o fôlego.

Fechando os olhos brevemente, ela disse a si mesma para se controlar.

– Estou enviando por e-mail – ela disse.

Tony pegou outro bolinho e voltou a olhar o próprio computador.

Um momento depois, ela o ouviu murmurar alguma coisa e então ele voltou a olhar para Mels.

– Isto é... incrível. Absolutamente incrível. Nunca vi... Desde quando você está juntando essas informações? E qual é a sua tese? Quem são... espera, você não está dando isso tudo pra mim com exclusividade, não é?

Mels sorriu com um pouco de tristeza e assentiu.

– Pense nisso como meu presente de despedida. Você tem sido muito generoso comigo desde que comecei a trabalhar aqui. E talvez consiga ir mais longe com isso – ela olhou para seu trabalho que estava à mostra na tela dele. – Cheguei num beco sem saída, mas tenho a sensação de que isso vai estar em boas mãos com você. Se existe alguém que pode desvendar a verdade por trás desses desaparecimentos, esse alguém é você.

Quando os olhos de Tony ficaram ainda mais abertos, ela soube que fez a coisa certa – por si mesma, por ele... e, mais importante, por todas aquelas almas que, por algum motivo inexplicável, desapareceram na noite de Caldwell.

Tony encontraria as respostas. De alguma maneira.

Enquanto caminhava por um corredor acarpetado exclusivo para funcionários no andar térreo, Matthias manteve a cabeça erguida e os braços balançando casualmente. Passando por portas abertas, ele lia as placas de identificação de cada uma e checava os vários funcionários da administração, recursos humanos e contabilidade que trabalhavam duro falando ao telefone e digitando nos computadores.

Ocupados, ocupados. O que era perfeito se você queria se infiltrar onde não seria bem-vindo. O segredo era andar com propósito, como se uma reunião estivesse esperando por ele, e fazer contato visual de maneira casual e aborrecida. Essa combinação, mais do que um terno e gravata, era essencial: ele não queria dar motivo para nenhum dos trabalhadores se meter no seu caminho.

Ainda bem que Adrian concordara em esperar no saguão. Alguém como ele, com todos aqueles piercings, seria a perfeita definição de um peixe

fora da água.

Ao prosseguir, Matthias sabia que mais ou cedo ou mais tarde encontraria o que procurava: um computador livre conectado ao banco de dados do Marriott. E, veja só, encontrou uma sala vazia com um computador esperando por ele: a pequena placa que indicaria o nome do dono da sala fora retirada e não havia objetos pessoais em lugar nenhum – e nada de janela também. Foi um achado melhor do que a encomenda.

Após entrar e fechar a porta, ele pensou que ajudaria se tivesse acesso aos recursos das Operações Extraoficiais – um crachá com sua foto e um título de técnico em informática ajudariam a evitar perguntas. Mas, do jeito que estava, tudo o que tinha era uma arma carregada, equipada com silenciador.

Sentou-se na cadeira de couro, e parte dele sabia muito bem que qualquer pessoa era dispensável: se alguém entrasse por aquela porta enquanto ele estivesse trabalhando, Matthias atiraria e esconderia o corpo debaixo da escrivaninha.

Mas, Deus, ele estava rezando para não chegar a esse ponto, por várias razões.

Esticando o braço, ligou o computador e impediu que o sistema operacional iniciasse com um inevitável pedido de senha. Operando fora do alcance do sistema, Matthias tomou o controle mascarando seu endereço IP e mergulhando na internet de forma anônima.

O sistema de computadores das Operações fora criado pelos melhores especialistas que Matthias pôde recrutar, fossem eles formados pelo MIT, garotos arrogantes de quinze anos ou hackers multimilionários – e cada um desses grandes cérebros foi silenciado com o poder da influência... ou pelo frio abraço da morte.

Afinal, os construtores de sua fortaleza conheciam as saídas secretas – e ele não gostaria que ninguém na organização soubesse do caminho escondido que estava tomando agora para entrar na rede.

Mais cedo ou mais tarde, alguém poderia descobrir que Matthias entrara e saíra usando uma conta de administrador fantasma, mas isso levaria semanas, meses – ou talvez nunca acontecesse...

A senha funcionou. Ele estava no sistema.

Uma rápida olhada para o relógio no canto da tela mostrou que ele não tinha mais do que sessenta segundos antes de correr o risco de ser identificado como um usuário não autorizado.

Mas precisava de apenas trinta.

Colocou a mão no bolso e retirou um pen drive que comprara na loja de conveniência. Conectando o objeto na porta USB da frente do computador,

ele iniciou o download de arquivos que eram essenciais em sua abrangência, mas relativamente pequenos em termos de tamanho.

Afinal, não existiam muitos agentes, e suas missões eram sempre curtas e objetivas.

Isso sim era informação valiosa – aqueles arquivos eram a chave para sua própria estratégia de saída: ele compilara esse banco de dados completo, junto com uma ferramenta de atualização automática, na época em que o sistema das Operações foi criado. Era tão importante quanto as armas e o dinheiro escondido em Nova York. E Londres. E Tangier. E Dubai. E Melbourne.

Um imperador senta no trono apenas pelo tempo que conseguir manter o poder – e nunca se sabe quando sua base poderia ruir.

De fato, o retorno de sua memória mostrara como Matthias mantivera sua influência e permanecera vivo e no comando... até começar a feder por causa da sujeira de suas ações; até sua alma, ou o pouco que tinha disso, começar a apodrecer e a morrer; até suas emoções sumirem e ele se tornar praticamente um objeto inanimado; até entender que a morte era a única saída e que seria melhor se pudesse escolher o momento e o lugar.

Como no deserto, em frente a uma testemunha... com uma bomba que ele mesmo preparara.

Mas acontece que ele não estava realmente no controle de tudo, pois Jim Heron não o deixara caído na areia para morrer, conforme ele planejava.

Porém, sem essa interferência de Jim, Matthias não teria conhecido Mels.

E não usaria essas informações da maneira que estava prestes a fazer.

Sentia que esse era um final melhor para sua história.

Exceto pela perda de Mels, é claro.

Um pouco antes de desconectar, uma curiosidade incontrolável o atingiu. Com uma mudança rápida, ele saiu da conta fantasma e entrou com sua senha real de administrador, que havia criado seis meses antes.

A conta ainda estava ativa. E a senha não fora trocada – o que era estúpido.

Entrando no banco de dados pessoal, ele digitou um nome e apertou *enter*.

No centro da tela cinza, uma pequena ampulheta girava devagar e pareceu ficar nessa rotação eternamente. Na verdade, durou provavelmente um segundo ou dois. A informação que surgiu era o perfil de Jim Heron, e Matthias passou os olhos rapidamente nas anotações.

Matthias não estava preocupado se suas ações seriam rastreadas – e com certeza seriam. Mas nenhum agente poderia aparecer imediatamente

naquele computador específico.

Naturalmente, eles sabiam que Matthias era o responsável e não ficariam surpresos.

O outro perfil que revisou foi o seu próprio, e voltou ao de Jim antes de desconectar. Não tinha certeza sobre o que realmente estava errado, mas uma coisa chamou sua atenção, uma coisa que não parecia correta. Mas não tinha tempo de ficar pensando nisso – ao menos não naquele escritório.

Matthias tirou o pen drive e o guardou. Depois de desligar o computador, ele abriu a porta, olhou para os dois lados e ganhou o corredor. Começou a andar e...

– Posso ajudar? – uma voz feminina disse.

Ele parou e virou-se.

– Estou procurando o RH. Estou no lugar certo?

A mulher era baixinha e gordinha e vestia um terno cinza. Tinha um corte de cabelo curto que chegava até o queixo, como se precisasse provar que era uma mulher de negócios séria o tempo todo.

– Sou a chefe dos Recursos Humanos – os olhos dela se estreitaram. – Quem exatamente você veio encontrar?

– Vim atrás da vaga de garçom no restaurante. A recepcionista me enviou até aqui.

– Oh, pelo amor de Deus! – a senhora superimportante parecia prestes a explodir. – De novo?! Eu disse pra eles não enviarem vocês para cá!

– Sim, eu sei... eu não deveria me encontrar com o gerente de serviços ou algo assim?

– Atravesse o corredor até o saguão. Passe o restaurante e ande até perto da saída de emergência. Você vai encontrar uma porta com a placa de “Escritório”. Peça pra falar com o Bobby.

Matthias sorriu.

– Obrigado.

Ela se virou e começou a marchar na direção oposta, murmurando alguma coisa que sugeria que já estava ao telefone, pronta para dar um sermão em alguém.

Divirta-se, ele pensou enquanto caminhava até a saída.

N.T.: “Yankee Doodle” é uma canção patriótica tradicional americana.

CAPÍTULO 49

– Você está bem, garotão? – Jim perguntou, enquanto carregava o Cachorro pelas escadas até o apartamento acima da garagem.

O pequeno cão ficara de guarda na frente do local durante a noite inteira, mantendo tudo sob controle, com os olhos mostrando toda a ferocidade que seus pelos desgrehados escondiam.

Dentro do apartamento, Jim colocou o animal no chão e foi até a cozinha.

– Só tem sobras hoje, desculpa. Mas vou trazer um sanduíche de peru quando voltar, certo?

Quando o Cachorro soltou um murmúrio concordando, Jim pensou que um sanduíche de frios provavelmente não era a melhor dieta para o animal, mas a vida é curta demais para não se aproveitar as coisas simples que se gosta de fazer. E o Cachorro adorava sanduíche de peru.

Jim abriu a torneira da pia, enxaguou uma pequena vasilha vermelha e a encheu de água. Colocou a vasilha no chão ao lado de uma lata de ração pela metade e deu um passo para trás, permitindo que o Cachorro se aproximasse, farejasse e começasse a comer seu café da manhã.

Com a refeição em progresso, Jim caminhou até a porta e pegou seus cigarros. Acendeu um Marlboro na varanda do lado de fora do apartamento, exalou e se apoiou no corrimão de metal.

A repórter estava no trabalho; ele checara seu estado assim que saiu do Marriott. Considerando que não havia sinal de Devina em lugar nenhum, e que o feitiço de rastreamento continuava funcionando em Matthias e Mels, Jim decidiu voltar para seu quartel-general para ver se as coisas estavam bem.

Agora ele não tinha certeza sobre o que deveria fazer... além de escutar o Cachorro comendo.

Do outro lado do campo, uma caminhonete viajava pela estrada em um ritmo constante. Mais próximo, corvos grassavam uns para os outros no meio dos pinheiros. Atrás dele, o Cachorro continuava a mastigar sua comida.

Tudo estava tão tranquilo que Jim teve vontade de gritar.

Foi no segundo cigarro que ele percebeu que estava esperando Nigel

aparecer. Aquele engomadinho britânico tinha o dom de sempre aparecer em momentos decisivos, e aquele com certeza parecia um. Jim não conseguia acreditar no que Adrian havia feito. O autossacrifício, a dedicação à missão, o amadurecimento. Era inimaginável.

Eddie teria ficado muito orgulhoso de seu amigo.

Mas o que fariam agora? Jim ainda não sabia onde estava a encruzilhada e Devina sem dúvida planejava alguma coisa.

– Nigel, meu camarada – ele disse enquanto exalava fumaça –, onde você está?

Em vez de uma visita da realeza, tudo o que conseguiu foram as cinzas caindo da ponta do cigarro. Jim começou a pensar que o sermão que o Criador passara em Devina talvez fosse um sintoma paralelo: aparentemente, os arcanjos também estavam evitando interferir nessa rodada.

Que seja...

Assim que se virou, outro veículo entrou em seu campo de visão, do outro lado do campo. Estava viajando rápido – e era acompanhado por outro perfeitamente igual.

Policiais.

E veja só, eles viraram à esquerda e começaram a descer pelo caminho que levava até a garagem de Jim.

– Temos companhia, Cachorro – ele murmurou, apertando a bituca no cinzeiro que estava equilibrado no corrimão. – Venha aqui, meu amigo. Vamos desaparecer juntos e assistir o show.

Após Jim entrar no apartamento novamente, o par de carros de patrulha desceu até o portão principal e estacionou em frente à garagem, levantando poeira após frear no caminho de cascalho.

E é claro que o celular de Jim começou a tocar enquanto os policiais saíam dos carros. Com o Cachorro debaixo do braço, ele atendeu à ligação com calma e ficou observando através das cortinas.

– Estou ocupado, Ad.

– Onde você está?

– Na garagem. E a polícia acabou de chegar. Faça meu dia e diga que você se livrou do corpo.

– Nós jogamos ele no rio, junto com o carro. Eles não vão encontrar nada.

– Então por que a polícia veio até aqui?

– Eu não sei. Espere um pouco – Jim ouviu uma conversa ao fundo. – Matthias está comigo. Ele disse que é por causa de uma bala que Mels pegou quando foi até aí. Ela mandou analisar, e é claro que a bala combina

com a munição que eles acharam no Marriott. Já dá para tirar uma conclusão, não é?

– Que ótimo.

Agora, a voz de Adrian também começou a sussurrar:

– E, a propósito, seu velho chefe é muito bom com computadores.

– O que ele está aprontando?

– Acho que ele vai desmascarar todo esse negócio de Operações Extraoficiais.

– Ele vai fazer *o quê?*! – Jim quase se esqueceu de manter a voz baixa. – Como você sabe disso?

– Nós dois saímos juntos do quarto do hotel, e no caminho pra saída, ele fez um pequeno desvio pra brincar no computador. Agora ele tem um pen drive cheio de informações. E eu estava bem atrás vendo ele carregar a maldita coisa.

O que diabos ele iria fazer com isso?, pensou Jim.

A repórter. Matthias ia dar o pen drive para a repórter e dizer para ela fazer o seu trabalho.

Isso sim era uma reviravolta. Matthias dedicara sua vida a manter as Operações em segredo. Havia matado, torturado e se voltado contra amigos e aliados por essa causa. Ele ameaçara a Casa Branca e amedrontara líderes internacionais; usara sexo e dinheiro como armas; traíra, enganara e enterrara aqueles que se opunham.

E agora iria acabar com tudo isso?

– Conseguimos – Jim falou. – Esta é a encruzilhada.

– É o que parece – a voz de Ad voltou ao volume normal. – Enfim, ele está todo preocupado com você, não quer que fique sozinho e mandou eu te ligar.

O que era outra surpresa.

– Diga que agradeço, mas posso cuidar das coisas por aqui. Onde ele está indo agora?

– Não quer me contar e pediu privacidade.

– Bom, deixe ele sozinho, mas fique por perto.

– Pode deixar, chefe.

Jim deligou o celular e esfregou o rosto. Parecia que ia vencer a rodada... pois a encruzilhada poderia ser qualquer escolha ou decisão que relevasse a qualidade da alma em questão.

E aquele homem estava desistindo de seu lugar no time do mal – não simplesmente pedindo para sair, mas explodindo tudo de uma vez só.

Jim até gostaria de comemorar... mas não queria assustar seus visitantes: lá embaixo, os policiais vasculhavam o local, checando as

portas trancadas onde ficavam o F-150, o Explorer e as Harleys. Depois subiram pelas escadas e Jim agradeceu pelo silêncio do Cachorro.

Bateram na porta.

– Aqui é a polícia de Caldwell. Tem alguém em casa?

Bateram de novo.

– Polícia de Caldwell!

Um dos policiais juntou as mãos e tentou olhar através da janela.

Jim levantou a mão invisível e deu um tchauzinho apenas para ser amigável – mas o que ele realmente queria era levantar o dedo do meio. Aquela visita provavelmente significava que eles teriam de achar outro lugar para estabelecer uma base – paz e sossego seriam impossíveis então, principalmente após a polícia interrogar o proprietário da garagem.

Mas Jim tinha outros problemas no momento.

Especialmente quando os policiais decidiram rasgar os direitos civis e começaram a arrombar a fechadura.

– Mels Carmichael – Mels franziu a testa. – Alô?

Quando não houve resposta, ela desligou e olhou para o relógio. Era quase uma hora. Ela pegou o casaco, se levantou e acenou para Tony.

Ao sair pela porta da frente da redação, ela se perguntou se não deveria pedir que seu amigo a acompanhasse. Da última vez que saíra sozinha para encontrar uma fonte, ela quase morreu.

Por outro lado, desta vez Mels não ia encontrar Monty em nenhum lugar perto do rio. E uma livraria *Barnes & Noble* devia ser um lugar seguro, não é?

Ela pisou na calçada, mediu o trânsito e a temperatura, e decidiu andar a pé em vez de pegar um táxi: Monty queria que o encontro acontecesse naquele shopping a céu aberto onde ela conversara com o técnico em balística no dia anterior. O lugar ficava a apenas cinco quarteirões dali – além disso, talvez a caminhada pudesse espairecer sua mente.

Doce ilusão.

Mels ficou o tempo inteiro olhando por cima do ombro, tentando ver se estava sendo seguida.

Mas pensando pelo lado bom, nada melhor que um pouco de paranoia para combater a preguiça do começo da tarde. Era melhor do que uma xícara de café expresso, e era de graça.

O shopping estava movimentado, muitas pessoas perambulando debaixo do sol de abril pelas lojas e por aqueles restaurantes onde você pode pedir um grande almoço e sobremesa por apenas quinze pratos. A livraria ficava quase no fim e, quando entrou, Mels casualmente olhou os livros nas grandes pilhas ao redor.

Um dos pontos positivos de deixar Caldwell para trás era que não precisaria mais aguentar Monty e aquela baboseira de agente secreto.

Como instruída, Mels andou até os fundos da loja, passou pela seção de revistas, subiu os três degraus que davam na seção de romances e ficção, e seguiu até a seção de livros militares.

É claro. Pois quando você está fingindo que vai vazar informações de segurança nacional, você não quer fazer isso na frente da seção de saúde e beleza. Um cenário cheio de livros com figuras de armas e guerras faz muito mais sentido. Óbvio.

– Você veio – disse a voz rouca.

Quando se virou para Monty, Mels se preparou para uma surpresa – mas desta vez, era realmente ele. A mesma testa grande, a mesma boca pequena, os mesmos óculos escuros – porque, claro, usar aquilo dentro de um lugar fechado era a melhor maneira de ser discreto. Outra belíssima ideia.

Deus, o Ray-Ban... Matthias ficara com os óculos escuros dela, não é mesmo?

– Então, o que você tem para mim? – ela disse secamente, forçando a si mesma a se concentrar na conversa.

Estava difícil fazer isso. O desastre com Matthias a abalara tanto que tudo que acontecera antes parecia um passado remoto. Mas aquelas duas mulheres ainda estavam mortas e Mels estava determinada a terminar a história antes de se mudar para outra cidade.

Monty pegou um livro sobre aviação na Segunda Guerra Mundial e folheou as páginas casualmente.

– Sabe a vítima que foi encontrada na escadaria da biblioteca? Minhas fotos combinam com os desenhos na barriga dela.

– O abdômen dela também tinha marcas?

– Pois é.

– Bom, isso é interessante – e altamente suspeito. – Mas ainda não combinam com o corpo que realmente está no necrotério. E esse é o problema.

– Mas você não acha isso curioso? Duas mulheres mortas com inscrições idênticas no mesmo lugar da barriga. E foram mortas da mesma maneira.

– Você quer mesmo que eu tire conclusões disso? Tem certeza?

– Como é?

– Bom, pelo menos uma das possibilidades pode ser um pouco perturbadora. Talvez *você* seja o assassino.

A cabeça dele se virou tão depressa que seus óculos quase caíram.

– Que droga você está falando?

– Vamos olhar as coisas desde o começo. A verdadeira “primeira” vítima foi aquela encontrada na pedreira. Ela era jovem, loira e teve a garganta cortada. A vítima número dois é uma prostituta que tingiu e alisou o cabelo e teve a garganta cortada. A terceira? Tingiu e alisou. Mesma causa da morte. E aqui está você, no meio disso tudo, surgindo com uma foto da segunda vítima com marcas na barriga. Igual às mulheres de números um e três. Essa segunda vítima é uma prostituta. Uma ótima primeira vítima se você quer ser um assassino copiadador. Você dá dinheiro pra ela e depois a mata, mas é interrompido antes que pudesse colocar as marcas no lugar. Você então pega as fotos do crime, usa o Photoshop e mostra pra mim porque precisa de alguém para olhar seu trabalho. Alguém que não seja você mesmo.

Ele fechou o livro com um tapa e tirou os óculos. Seus olhos estavam mortalmente sérios.

– Isso não aconteceu, de jeito nenhum.

– Então, como você explica aquilo que me deu?

– Alguém mexeu no corpo. Já te disse isso.

– Sem ofensa, mas isso é mentira. Cicatrizes não desaparecem da pele.

No instante em que disse essas palavras, Mels pensou em Matthias – e então lembrou a si mesma que mágica não existe neste mundo. Porém, maquiagem era uma coisa bem real. Ela usava nos próprios machucados. E ele também.

Monty se inclinou com as mãos nos quadris.

– Não vou mais te passar nenhuma informação. Eu tinha algo que você talvez gostasse de saber, mas você pode ir pro inferno. E dê adeus ao seu emprego. Posso fazer com que ninguém mais fale com você sobre qualquer coisa.

Mels fechou os olhos e mordeu a língua.

A verdade era que ela não acreditava mesmo que Monty pudesse matar alguém. Egomaníacos não eram necessariamente assassinos – e ela oferecera aquela hipótese apenas porque estava cansada de ser embromada.

Depois de um momento, ela disse:

– Desculpa. Você está certo... – afague o ego dele e lance um olhar bem sedutor, Mels pensou. – Eu não tinha intenção de passar dos limites e te ofender.

– Você precisa aprender como as coisas são feitas por aqui – Monty resmungou.

– Claramente – oh, por favor, me ensine, seu grande garotão. – Então...

o que mais você tem pra mim?

Ele não respondeu com muita pressa e Mels precisou jogar um pouco mais de charme. Mas eventualmente ele voltou a falar.

– Alguém trouxe uma bala que é igual à munição que eles acharam no Marriott.

Mels levantou as sobrancelhas.

– É mesmo?

– Pois é. Uma fonte confidencial. Mas a perícia confirmou que a bala foi disparada pela mesma arma usada no assassinato do hotel. E aqui vai o fato bizarro: sabe em nome de quem estava registrada a arma? Um homem que já morreu chamado Jim Heron.

Certo, Mels não podia acreditar que Monty estava vazando para ela a sua própria maldita história.

Monty se aproximou ainda mais.

– A questão é: como a arma de um sujeito morto acaba atirando em alguém num hotel, mais de uma semana depois que ele morreu?

– Alguém roubou a arma – ela disse prontamente. – E usou.

Monty deu de ombros.

– Eles enviaram policiais para o último endereço registrado de Jim Heron. E não preciso dizer que qualquer vínculo com aquele corpo desaparecido é relevante.

– É verdade... – bom, pelo menos ela sabia que sua denúncia fizera a diferença. Mels teve de citar Jim Heron quando falou com De la Cruz: apesar de ele ter salvado sua vida mais de uma vez, um criminoso é um criminoso, e obstrução da justiça não é apenas um crime, mas, na opinião de Mels, era também um desvio moral.

– Talvez eu deixe você saber o resultado disso tudo – Monty disse. – Vai depender.

– Do quê?

– Se eu ainda estiver bravo com você.

Quando ele se afastou, Mels praguejou e desejou chutar a pilha de livros ao seu lado. Que bela maneira de lidar com uma fonte: acusando-o de assassinato.

Observação para si mesma: guarde os insultos para *depois* de conseguir as informações.

Mas, vamos lá, o que foi que ele deu para ela?

Cruzando os braços em frente a um conjunto de três volumes sobre os ataques aéreos dos Aliados na Segunda Guerra Mundial, Mels colocou a mão no rosto e praguejou...

– Não se vire.

CAPÍTULO 50

De pé atrás de Mels, Matthias sabia que precisava falar rápido. Ela com certeza não queria mais respirar o mesmo ar que ele, além de ser exatamente o tipo de mulher que simplesmente começaria a andar e o deixaria falando sozinho – ou faria coisa pior.

- Sei que você não quer mais me ver...
- E nem falar com você – ela soltou entre os dentes.
- ... mas tenho uma coisa pra te dar.
- Não quero – e, considerando a tensão nos ombros dela, Mels cogitava dar um soco nele. – Eu não quero *nada* vindo de você.

Esticando o braço, Matthias colocou o pen drive na prateleira e o deslizou até o alcance da visão periférica de Mels.

Mantendo o dedo em cima da memória portátil, ele disse:

- Você acredita que eu atirei naquele homem. Então, acredite nesses arquivos – ele deu um toque no pen drive. – Aqui está a história inteira.
- Uma autobiografia de mentiras? Eu não gosto de ler ficção.
- Não é ficção – ele deu outro toque. – É a completa verdade. Tudo o que eu fiz, tudo o que escondi.

Mels virou a cabeça devagar e Matthias foi tomado pela visão do perfil dela: a imagem da mulher que ele amava o abateu profundamente, remoendo-o até os ossos. Ele queria tocá-la, agarrá-la, mergulhar o rosto em seus cabelos e cheirá-la.

Em vez disso, apenas empurrou o pen drive para mais perto.

- Está tudo aqui. E estou te dando.
- Por quê?
- Porque, depois que analisar isto, depois de verificar as informações... e eu sei que você vai verificar... você vai ter que acreditar no que estou dizendo agora. Quando se tratou de você, e de estar com você, eu sempre disse a verdade. Isso foi real, a única coisa real que já tive. Estou indo embora agora e precisava dizer isso antes de partir...
- Vá se ferrar, eu não quero sua confissão e *nunca* vou acreditar em você sobre *qualquer coisa*...

– Pegue isto. Abra no computador. Navegue pelas pastas – Matthias deu um passo para trás. – Só uma advertência: não abra estes arquivos num

computador conectado à internet. Use um laptop sem internet. É mais seguro assim.

Mels balançava a cabeça.

– Você está louco se acha que vou...

– Você quer o furo de reportagem da sua carreira? Agora você tem – Matthias limpou a garganta. – Porém, tenha em mente que as informações nesse pen drive são explosivas, então escolha sabiamente as pessoas com quem vai compartilhar.

– Não vou olhar esses arquivos.

– Você vai. Você precisa. Para o bem de todos, por favor, apenas olhe os arquivos.

Matthias levantou a mão e a deixou suspensa acima dos cabelos de Mels, que estavam soltos e levemente ondulados. Ele baixou a mão como se estivesse acariciando os fios sedosos, então deixou o braço cair... e desapareceu no meio da livraria.

Nenhum agente das Operações iria atrás de Mels: parte do que ele construiu dentro da organização era um protocolo de autodestruição. Se houvesse algum vazamento de informações para a imprensa, todos deveriam se dispersar, negar conhecimento e desaparecer em meio à população do país que escolhessem para viver.

Afinal, assassinos cujos crimes são revelados não gostam de simplesmente se apresentar para o júri e confessar tudo como se fossem crianças obedientes. Se permanecessem juntos e reivindicassem seus direitos, ou – e isto é o mais importante – retaliassem por causa da exposição, correriam o risco de prisão perpétua ou até mesmo pena de morte por causa de crimes contra a humanidade.

Além disso, se quisessem mesmo revidar por terem suas vidas arruinadas, eles teriam como alvo a pessoa que fez a denúncia e não a repórter.

A intuição de Matthias dizia que ficaria tudo bem – e nunca errava quando tinha esse nível de certeza. Nunca.

Mas não saiu da livraria.

Usando seus anos de treinamento e experiência, ele se disfarçou como um consumidor qualquer usando um boné acima dos olhos, uma blusa com capuz até o pescoço e um livro aberto na frente do rosto.

Na verdade, ele era um assassino profissional que não deixava pegadas, vestígios ou qualquer outro sinal de que um dia esteve naquela livraria.

E manteve os olhos em Mels.

Principalmente quando ela pegou o pen drive.

De pé na seção de livros militares, Mels pegou o pen drive com mais força do que o necessário. Ela odiou ouvir o som da voz dele e, mais do que isso, detestou completamente a maneira como seu próprio corpo parecia reconhecê-lo, mesmo que sua mente estivesse focada somente na raiva.

– Vá se foder, Matthias. Você pode pegar esse pen drive e enfiar...

Ela se virou, pensando em jogar o objeto direto na cara dele.

Mas Matthias não estava mais lá.

Ela deu a volta na prateleira e olhou para o corredor... para as pilhas de livros à esquerda e à direita... para as pessoas na loja.

– Maldito...

Mels andou por todo lado, procurando na seção de ficção, depois a seção de revistas, e seguiu até a área dos caixas. Matthias não estava em lugar algum, não importava onde ela procurava. Inferno, ele provavelmente saíra por uma porta exclusiva de funcionários.

Ao sair da livraria, Mels parou e protegeu os olhos do sol enquanto vasculhava a multidão.

Quando se tratou de você, e de estar com você, eu sempre disse a verdade. Isso foi real, a única coisa real que já tive.

Certo, certo, a coisa mais saudável a fazer era jogar o presentinho de despedida de Matthias no lixo, deixar todo esse drama para trás e se concentrar nas coisas que realmente importavam – por exemplo, o que faria com o resto de sua vida e como terminaria o artigo sobre as mulheres assassinadas.

Pois, até onde sabia, aquele pen drive devia estar cheio de músicas românticas dos anos 1980.

Sem ter mais nada para fazer no shopping, Mels caminhou de volta para a redação do *Correio de Caldwell*, passou pela porta principal e parou em meio ao caos. Era tão familiar, o som de telefones tocando e vozes murmurando, os passos apressados de pessoas saindo de suas escrivaninhas ou entrando na cozinha para tomar mais café.

Ela ia sentir falta daquele lugar.

Meu Deus... estava indo embora de verdade!

A decisão irrevogável pairou em seus ombros, não como um peso a ser carregado, mas como uma âncora que oferecia estabilidade. E, Deus, ela contava com essa sensação positiva, pois, no momento, realmente precisava de algo que não parecesse uma derrota épica.

O encontro com Matthias tirara seu fôlego da mesma maneira que um caminhão faria se a atropelasse.

Caminhou até sua mesa, sentou na cadeira e começou a rascunhar seu pedido de aviso prévio. As palavras saíram rígidas e em um tom muito formal, mas que outra opção teria? Após mexer no texto por um tempo e refazer o início, ela salvou no computador sem imprimir. Ainda havia algumas pontas soltas para resolver, e Dick era o tipo de pessoa que poderia mandá-la engolir o aviso prévio e sumir dali imediatamente.

Além disso, era melhor saber para onde iria antes de pedir demissão. Do jeito que está a economia, ninguém deve simplesmente desistir de um emprego.

Esticando-se em sua cadeira, Mels encarou novamente a tela do computador.

Difícil dizer quanto tempo levou antes que tirasse o pen drive do bolso. Podem ter sido quinze minutos. Cinquenta. Uma hora e meia.

Ela rolou o pen drive por um tempo na palma da mão, então tirou a tampa, expondo a ponta de metal.

Inclinando-se, estendeu o braço para conectar a memória na entrada USB do computador... e parou um pouco antes de fazer isso.

Levantando-se, pendurou a bolsa no ombro e andou até a mesa de Tony.

– Vou parar por hoje. Se alguém me procurar, peça pra ligarem no meu celular, certo?

– Pode deixar – disse Tony quando seu próprio telefone tocou. – DiSanto. Oi, sim, eu estava esperando você ligar...

Quando ele acenou e mergulhou de vez na conversa, Mels lembrou que continuava sem um carro.

Lá fora, levou um tempo até conseguir um táxi e, é claro, às quatro da tarde já havia trânsito na Northway. Quando finalmente chegou em casa, sua mãe estava fora. Ao checar o calendário na parede, Mels descobriu que era noite de bingo, e se perguntou por que nunca tinha notado todos aqueles registros nos quadradinhos logo abaixo. Baralho, pilates, ioga, trabalho voluntário na igreja, ajudar com o balcão de informações na pediatria do St. Francis, almoços e jantares com as amigas...

Olhando ao redor da cozinha, soube ao menos que a mãe não ficaria sozinha após sua partida.

Ela pegou um suco de framboesa da geladeira e subiu as escadas, com os degraus estalando como sempre fizeram, desde sua infância. No quarto, ela fechou a porta e abriu o armário.

Por alguma razão, sentiu que deveria fazer as malas.

Mas em vez de começar essa tarefa muito prematura, ela olhou para a escrivaninha. Seu velho laptop estava no mesmo lugar em que ela costumava fazer o dever de casa quando ainda estava na escola.

Aproximando-se, ela sentou na cadeira giratória e pegou o pen drive.

Antes de ligar, esticou o braço e desconectou o cabo do modem. Então ligou a máquina e desabilitou o Wi-Fi.

– Eu devo estar ficando maluca.

Ela conectou o pen drive e uma janela apareceu no centro da tela. Dentre as opções para o “Disco removível (E:\)”, ela escolheu “Abrir a pasta para visualizar os arquivos”.

– Mas que... diabos?

A pasta tinha tantos arquivos que ela precisava descer uma barra lateral para visualizá-los. Havia documentos do Word, PDFs, tabelas do Excel. Os títulos eram códigos alfanuméricos que claramente pertenciam a um sistema organizador, mas que não faziam sentido nenhum para ela.

Escolhendo um arquivo aleatório, Mels clicou duas vezes e franziu a testa.

O arquivo parecia conter... dossiês de homens, com foto, nome, data de nascimento, altura, peso, cor dos olhos e cabelo, detalhes médicos, certificados de treinamento e tarefas – Deus, as tarefas. Separadas por data e com anotações sobre países e alvos... de extermínios.

– Oh, meu Deus...

Voltando à pasta principal, ela abriu outro arquivo, que parecia detalhar quantias de dinheiro, enormes quantias de dinheiro... e outro arquivo codificado com contatos em Washington D.C., junto com os “favores” que esses indivíduos pediram... e mais coisas sobre recrutamento e treinamento...

Você quer o furo de reportagem da sua carreira? Agora você tem.

Enquanto o sol se punha e a noite tomava conta de Caldwell, Mels sentou em frente à escrivaninha de sua infância e leu tudo.

Depois de um tempo ela voltou aos dossiês, e desta vez revisou tudo com muita calma.

De certa maneira, os homens eram todos iguais, seus rostos e características se fundiam em um único arquétipo de agressividade e eficiência. E se as atribuições listadas fossem reais, ela tinha acabado de ler sobre mortes que haviam sido declaradas publicamente como “causas naturais”, “acidentes” ou “ataques terroristas”. Havia também alvos que ela pensava ainda estar vivos... ou será que a imprensa mundial ainda não tinha descoberto a realidade?

Será possível que aquilo era verdade?

Esticando-se na cadeira, Mels tomou um gole de seu suco, que já estava quente, e experimentou considerar que, talvez, talvez aquilo pudesse ser real.

Certo, na hipótese de ser verdade, a paranoia de Matthias não parecia injustificada... e isso também explicaria por que ele estava fugindo na noite em que Mels o atropelou. Também poderia explicar por que a identidade que possuía era de outra pessoa – e a razão por que, mesmo com amnésia, ele sentia que a casa no endereço da carteira de motorista nunca fora sua.

E talvez esse fosse o motivo para ele ter matado aquele homem no porão do Marriott. Se Matthias fizesse parte dessa organização – e esse tipo de acesso sugeria que sim –, então faria sentido se estivesse tentando sair e alguém fosse atrás dele para assassiná-lo.

E ele teria de se defender...

Lendo os dossiês pela terceira vez, ela notou que ao lado de cada nome havia uma marca vermelha, verde ou laranja.

Jim Heron estava entre os homens. O que, de certa forma, não era surpreendente.

E ele tinha uma marca laranja. O que, considerando a conexão com os sinais de trânsito, significava que não estava vivo, mas também não estava morto.

Interessante.

Continuando com a lista, Mels quase engasgou. Após sete homens seguidos, ela encontrou um nome marcado em vermelho com uma anotação: *Caldwell, Nova York, Recuperado*, e a data de dois dias atrás.

Era o cara morto. Do Marriott.

Em quem Matthias atirara.

E veja... tinha mais um. Com uma marca laranja ao lado do nome, último contato em Caldwell, 24 horas atrás.

Ela poderia apostar que era um segundo homem enviado atrás de Matthias.

Mels deu outro gole no suco e estremeceu com o gosto doce e quente demais. Seu coração batia rápido e ela sabia que não era por causa da cafeína.

E se fosse tudo verdade?, ela pensou novamente. Tudo isso...

Voltando à pasta inicial, ela cuidadosamente revisou os outros arquivos e começou a juntar as peças da estrutura da organização, incluindo a estratégia de recrutamento e a maneira como era financiada. Não havia nada sobre o local do quartel-general, ou sobre qualquer tipo de suporte administrativo, nem sobre como exatamente os “clientes” sabiam como contratá-los.

Será que essa organização tinha afiliação com o governo? Ou fazia parte do setor privado?

Mels pegou uma caneta e fez algumas anotações em um bloco de papel.

Considerando as identidades dos alvos que foram eliminados, ela teve a sensação de que essa organização sombria – que não tinha logotipo e nem mesmo um título, em nenhum dos documentos – estendia seus tentáculos até os círculos mais altos. A maioria das pessoas eliminadas eram figuras políticas proeminentes no mundo todo, o que sugeria uma atuação internacional ampla demais para ser gerada por civis, um grupo de interesse comum ou mesmo uma corporação multinacional.

Aquilo era negócio de uma nação inteira.

E, considerando os eventos dos últimos três anos, estava bastante claro que os extermínios alavancavam a posição dos Estados Unidos no cenário internacional.

Batendo com a caneta na escrivaninha, ela pensou em outros grupos de operações especiais, como os Navy SEALs ou os Rangers. Aqueles homens eram heróis, soldados legítimos que operavam dentro de regras determinadas.

Já a rede de assassinos que ela descobria agora parecia completamente fora de qualquer círculo oficial.

A última planilha era provavelmente a mais sinistra: uma lista de todas as missões da última década – e os mortos, incluindo uma coluna com todos os danos colaterais.

Mas não havia muitos danos colaterais. E nada de mulheres ou crianças – ao menos, não listados.

Considerando a forma como a organização funcionava, Mels sentia que essa falta de danos colaterais não era resultado de qualquer objeção moral, mas sim de uma diretiva para permanecerem fora dos radares.

E, de novo, ela conhecia noventa por cento dos homens que morreram, e todos eram pessoas que praticavam a maldade... pura maldade. Eram do tipo que extermina os próprios cidadãos, ou que lidera regimes brutais, ou comanda atos terroristas de proporções horripilantes.

Mels imaginou que os poucos que não conhecia eram da mesma estirpe.

Esse grupo de exterminadores fazia um bom trabalho de uma maneira ruim: era difícil argumentar que suas ações não eram justificadas, considerando o currículo dos alvos.

Era mais ou menos como a atitude de seu pai, mas em escala global.

Mels voltou mais uma vez para os dossiês.

Matthias não aparecia em nenhuma das fotos ou nomes.

Mas ela tinha uma arrepiante hipótese sobre isso.

Ele era a base de tudo, era o condutor. Não é mesmo?

Quando se tratou de você, e de estar com você, eu sempre disse a

verdade. Isso foi real, a única coisa real que já tive.

Esfregando o rosto, ela praguejou no meio das mãos.

Matthias lhe entregara aquele pen drive para provar que estava falando a verdade – e, por mais que Mels quisesse encontrar alguma mentira entre os arquivos, algum tipo de ficção, de contradição nos detalhes, muito daquilo podia ser verificado, por se tratar de eventos internacionais conhecidos pelo público. Ela acompanhara as reportagens, as notícias, os comentários em torno dessas mortes durante os últimos anos.

Isso era real.

Isso *era* o furo de reportagem de sua carreira.

CAPÍTULO 51

Do outro lado da rua de Mels, Matthias estava de pé sob um grande carvalho, braços cruzados em cima do peito, pés plantados firmes no chão.

Ele podia vê-la no quarto do andar de cima, em sua escrivaninha, a cabeça baixa, a testa franzida, sob a luz que brilhava no teto. De tempos em tempos, ela se esticava na cadeira e encarava o vazio a sua frente – então voltava para o laptop.

Mels estava checando tudo.

O trabalho de Matthias estava terminado.

Então, por que ele não se sentia em paz? Com certeza aquela era a encruzilhada onde deveria provar seu valor ou perder tudo: a confissão que seria lançada por Mels ao mundo seria sua forma de redenção, não é? Naquele único pen drive, ele desfez seus anos de trabalho, enviando a organização para uma queda livre que a varreria em várias escalas: os agentes se espalhariam para manter seu disfarce; os políticos jurariam inocência e negariam qualquer envolvimento; um comitê especial do congresso ou senado seria convocado. Ao final dos meses de investigação e às custas de rios de dinheiro dos contribuintes, o assunto seria encerrado.

E então, um novo braço de operação seria iniciado por outra pessoa: trabalho sujo ainda seria procurado por essa nação que segue as leis sempre que possível, mas que às vezes precisa descer até os níveis mais baixos do seu inimigo para poder jogar de igual para igual.

Essa era a realidade.

Então por que diabos ele não estava, neste exato momento, dirigindo-se para Manhattan até seu abrigo com mantimentos antes de partir para algum país desconhecido?

Não era por causa de Mels.

Deixá-la significava a morte para Matthias em vários sentidos, mas ele já tinha digerido essa escolha. Seu desaparecimento era a melhor coisa para ela e era isso que importava – mesmo que Matthias fosse sentir saudades em cada batida de seu coração até que morresse de verdade e permanecesse assim.

E também não era por causa de sua consciência. Ele não sentia a necessidade de se entregar, isso só possibilitaria que seus inimigos o

encontrassem na prisão e o matassem. Sua única chance de sobrevivência estava no mundo real – o que não significava que viver escondido para sempre seria uma festa divertida.

Seria apenas um tipo de prisão móvel.

Matthias pagaria seus pecados pelo resto da vida.

Então, qual *diabos* era o problema?

De repente, uma imagem do deserto surgiu em sua mente: era a lembrança dele e de Jim naquela cabana abandonada, a areia debaixo dos pés de seu agente... a bomba debaixo dos seus próprios.

Matthias não se lembrava de nada após a explosão, nada da horrível dor que deve ter sentido, nada dos quilômetros sendo arrastado pelas areias, nada do jipe que trouxe Isaac Rothe, nada daquela primeira e interminável noite após ter explodido a si mesmo. Mas sabia o que acontecera um pouco depois: Jim veio até a beira de sua cama e ameaçou revelar o que sabia sobre sua tentativa de suicídio.

Ele libertou Jim das Operações naquela noite, dando ao homem um passe livre para sua saída.

O único que já existiu.

E então, depois de dois anos, seus caminhos se cruzaram novamente, desta vez em Boston. Em contraste com o que acontecera do outro lado do planeta, aquele pedaço do passado recente ainda não estava nítido para Matthias: os detalhes do que se passou estavam enevoados, mesmo que o resto de sua vida estivesse claro como o dia...

No final do quarteirão, um homem virou a esquina lentamente e entrou debaixo da luz dos postes. Ele conduzia um cachorro, um grande cachorro, e estava vestido com algum tipo de terno... um terno estranho, que parecia muito antiquado.

Era o homem que Matthias vira no restaurante do Marriott.

Matthias colocou a mão no cabo da arma de Jim.

Quando se está nesse tipo de situação, precaução é a única forma de pensar possível.

O homem se aproximou, saindo brevemente do alcance da iluminação antes de reaparecer na luz do próximo poste.

O cão era de um wolfhound. Era um wolfhound irlandês.

Quando a dupla passou por ele, o homem olhou para Matthias com olhos que pareciam brilhar.

– Boa noite, senhor – ele disse com um sotaque inglês.

Quando o sujeito engomadinho continuou andando, Matthias franziu a testa. Havia algo estranho, algo que não estava certo...

O homem não tinha sombra. Era isso. Mas como poderia ser possível?

Matthias olhou rapidamente para a janela de Mels. Ela estava bem, ainda sentada na cadeira lendo os arquivos sobre suas atividades – e, quando discou um número no telefone, Matthias se perguntou para quem ela estaria ligando.

Era hora de ir.

Esse era o lema de sua vida quando se tratava de Mels, não é mesmo?

Deu outra olhada para a rua, esperando ver o engomadinho e seu cão.

Já não estavam mais lá.

Certo, ele definitivamente estava ficando maluco.

Virando-se, Matthias caminhou até seu carro alugado e pegou a chave com uma pequena etiqueta de plástico. Ao abrir a porta, Jim Heron ainda estava em sua mente, como se o cara fosse um grande letreiro cognitivo plantado ali.

Entrou no carro, trancou a porta e deu a partida no motor. Fez uma última verificação para ter certeza de que não havia mais ninguém e que o engomadinho e seu cão não decidiram reaparecer magicamente...

Nesse momento, um sedan entrou na rua, vindo da via expressa, e andou devagar até a entrada da casa de Mels. A porta da garagem se abriu e uma mulher bem arrumada saiu e entrou na casa, parando no meio para apertar o controle que fechava a porta.

Mels não estava sozinha.

Isso era bom.

Matthias acelerou e foi embora, pensando sobre as informações, o desafio, a oportunidade que entregara para ela. Além da despedida que ele esperava que, com o passar do tempo, faria Mels reavaliar o tempo que passaram juntos.

Ele era um homem do mal e ela trouxera à tona a única bondade que ele já sentira dentro de si. Talvez algum dia Mels acreditasse nele. Afinal, a verdade era feia, mas talvez tivesse servido para algum propósito.

Nesse instante, Matthias teve um sobressalto no assento do motorista e sentiu um choque percorrendo seu corpo. Um pensamento invadiu sua mente. Lembrou-se da última coisa que acessara antes de desligar o computador no Marriott: seu próprio perfil, o perfil que deixou de fora, de propósito, do pen drive cheio de informações que acabariam com as Operações...

Meu Deus.

Aquilo não fazia sentido.

Até onde o pessoal nas Operações sabia, ele estava *morto* – isso estava bem na sua frente, tão óbvio que Matthias nem prestara atenção na marca vermelha ao lado de sua foto.

Então, por que diabos eles enviaram um agente até Caldwell para pegá-lo?

Ele freou em um sinal vermelho no mesmo momento em que tudo ficou claro.

– Ah... *merda!*

O primeiro agente foi até o Marriott. O segundo apareceu na garagem de Jim. E, nos dois casos, todos pensaram que os assassinos haviam sido enviados por causa de Matthias.

Mas acontece que não estavam atrás dele.

O alvo era Jim Heron.

Seu dossiê tinha uma marca laranja, o que significava que sua “morte” em Caldwell não fora confirmada. Então, até onde a organização sabia – e estavam certos –, Heron ainda estava bem vivo e respirando.

E iriam atrás dele.

A primeira regra das Operações Extraoficiais sempre foi não deixar pontas soltas. Havia um bom número de pessoas que desaprovavam a decisão que Matthias tomara ao deixar Jim impune – e, agora que ele não estava mais na jogada...

Heron voltou a ser um alvo.

CAPÍTULO 52

Não é que Jim não admirasse o trabalho da polícia, mas vamos lá. Eles apareceram no começo da tarde e agora já eram quase nove da noite, e os oficiais ainda estavam perambulando por lá.

A invasão inicial acabou sendo apenas uma olhada dentro do apartamento. A diversão começou mesmo quando eles ligaram para o proprietário – que, depois de ser informado que seu inquilino estava morto há mais de uma semana, veio imediatamente e deu permissão para uma busca na propriedade.

Engraçado, o velho sujeito ainda vestia um uniforme tradicional de mordomo – e parecia que deveria ser internado em um asilo em vez de ficar subindo e descendo escadas e oferecendo refrigerante para todo mundo. Mas ele estava sendo muito gracioso e abriu todas as portas. Exceto uma.

Nem mesmo ele conseguiu abrir a porta do espaço onde Eddie estava. Afinal, o feitiço que guardava aquele compartimento havia deixado as paredes tão fortes quanto um cofre de banco.

Quando os policiais terminaram a busca preliminar, não encontraram muita coisa. Nada de armas, pois Jim já recolhera todas. Nada de laptop, pois estava debaixo do seu braço. Havia algumas cápsulas no terreno da frente, que ficaram lá depois de ele ter praticado tiro ao alvo – mas eles já tinham uma igual. Bitucas de cigarro em um cinzeiro e um pouco de comida na geladeira – grande coisa.

E então chegou a hora da segunda rodada de buscas: a equipe forense chegou com o equipamento para buscar impressões digitais e o fotógrafo clicou tudo, dentro e fora. Finalmente, a fita de isolamento da polícia foi colocada ao redor de toda a propriedade. E mais fotos foram tiradas, do exterior.

Por fim, começaram a ir embora – e pelo menos não foi uma total perda de tempo. No meio das buscas, Jim deu uma escapadinha, levando o computador e o celular, e fez os arranjos para alugar outro local em Caldwell.

Tirou vantagem do fato de que algumas de suas identidades falsas ainda estavam ativas – ele e seus companheiros com certeza já não podiam mais

ficar ali.

Quando o último carro da polícia foi embora junto com a van da equipe forense, Jim colocou o Cachorro no chão.

– Achei que eles nunca iriam embora.

O cão grunhiu, concordando, e se espreguiçou, mesmo não tendo se estressado muito durante as buscas: ele dormiu profundamente nos braços de Jim o tempo todo. Porém, agora ele queria sair um pouco.

Mas foi Jim quem foi ao banheiro primeiro. E enviou uma mensagem para Adrian dizendo que a barra estava limpa.

Ao abrir a porta que dava na escadaria do lado de fora, ele partiu a fita que a polícia tinha colocado com tanto cuidado.

– Ops!

Carregando o Cachorro até o andar térreo, ele deixou o animal fazer suas necessidades em seu arbusto preferido.

Assim que o animal voltou e Jim começou a conduzi-lo de volta pelas escadas, um carro surgiu correndo na estrada principal do outro lado do campo. O veículo fez uma curva acentuada e entrou na faixa que levava até a porta da garagem.

Matthias estava atrás do volante.

Jim podia sentir sua presença, clara como o dia. E Ad estava com ele, como combinado – na verdade, estivera junto o tempo todo, enviando uma série de mensagens de texto atualizando a situação: o anjo seguiu Matthias até um encontro com Mels em uma livraria, depois até uma locadora de carros... e então até a rua da repórter, onde aparentemente fez uma última visita para checar se tudo estava bem.

Parecia que Matthias seguira com o plano de vazar as informações das Operações, dando para Mels a chave da caixa de Pandora.

Então... e aí? Se esta era a encruzilhada – e parecia lógico pensar que era –, a qualquer minuto Matthias poderia ser convocado pelo Céu e a vitória seria confirmada. Mas em vez disso, ele estava ali, acelerando para encontrar Jim?

Ou... será que a repórter precisava fazer sua parte no plano para que a vitória tivesse validade?

Não, isso fazia parte do livre arbítrio dela, não dele – e Matthias era o foco da rodada. A questão envolvia suas escolhas e ações – Jim aprendera isso na rodada inicial com o cara: quando Matthias puxou o gatilho daquela arma, com a intenção de matar Isaac Rothe, isso foi suficiente para condená-lo – o fato de que o cara não morreu não teve influência no resultado.

A intenção foi o que realmente importou.

Jim colocou o Cachorro para dentro e desceu novamente as escadas, tentando imaginar qual seria a reviravolta dessa vez.

A porta do motorista se abriu antes mesmo de o carro estacionar – o que provavelmente não era um bom sinal.

Matthias saiu com pressa e passou debaixo da fita de isolamento da polícia.

– Nós estávamos errados.

– Como é?

– Os agentes estavam atrás de você. Eles pensam que eu estou morto, vi isso no meu arquivo. E os agentes não perdem tempo com mortos, a não ser pra recuperar os corpos.

Jim franziu a testa. Ele pensava que a organização acreditava que ele também já batera as botas.

– Eles acham que eu ainda estou respirando?

– Entrei no sistema e vi a informação diretamente no seu dossiê. Sua condição aparecia como “não confirmada”.

– Mas você foi checar minha morte.

Dessa vez, foi Matthias quem franziu a testa, como se estivesse com dificuldade para se lembrar.

– Eu fui?

Bom, isso explicava por que o registro das Operações aparecia daquela maneira.

Matthias balançou a mão no ar, como se estivesse dizendo que os detalhes eram a última coisa com que precisavam se preocupar.

– Veja, os assassinos só vieram quando nós estávamos juntos, e aquele primeiro agente pode até ter me visto, mas ele morreu antes de poder passar a informação para frente. Pense um pouco: eles estavam atrás de você o tempo todo.

E daí?, pensou Jim. Não era como se eles pudessem matá-lo.

Mas então, percebeu uma coisa.

– Então, o que *você* está fazendo aqui? Pensei que ia sair da cidade.

Matthias olhou ao redor, procurando nas sombras.

– Eu queria te avisar, pra você poder tomar cuidado.

Jim balançou a cabeça lentamente, quase sem acreditar no que ouviu. Se fosse com o velho Matthias, essa conversa nunca teria acontecido. A autopreservação era a única coisa que importava para ele.

– Eu sempre tomo cuidado – Jim disse suavemente. – Você deveria saber disso.

– Bom, acho que percebi que eu te devo uma.

– Você nunca foi assim.

– Que seja, apenas não quero que acabe morto amanhã – os olhos de Matthias continuavam a vasculhar os arredores: sua visão estava perfeita, graças a Adrian... que pairava invisível ao fundo. – Você salvou minha vida alguns anos atrás e eu não achava que isso tinha sido bom pra mim. Mas agora? Isso me deu... alguns dias inestimáveis que valem qualquer tortura que eu vá receber em breve.

– Você parece muito certo disso.

– Você faz parte desse jogo... ou seja lá o que for. Você tem que fazer parte. Então, sabe muito bem onde eu estive. E quanto às Operações, nos próximos dias, talvez semanas, tudo estará acabado. Você vai saber quando acontecer. Todos vão. Se eu fosse você, encontraria um bom esconderijo e não sairia mais de lá.

Certo, tudo isso era uma grande maravilha, mas onde estava a encruzilhada?

– Você veio até aqui só pra me dizer isso? – Jim perguntou.

– Certas coisas precisam ser feitas pessoalmente. E você... eu me importo com você. Posso perder a mim mesmo, tudo bem. Inferno, na verdade, isso é inevitável. Mas não vou ficar com a sua morte na minha consciência. Não se puder fazer algo pra impedir.

Jim piscou incrédulo e ficou surpreso ao sentir um certo alívio.

Deus, ele não esperava que fosse ficar sentimental. Achava que isso já nem era mais possível.

Matthias soltou um longo suspiro.

– E eu ficaria se pudesse, mas não posso. Preciso continuar minha viagem. Além disso, sei que você tem um bom parceiro. Aquele colega seu é um guerreiro e tanto...

Nesse instante, outro carro fez a curva e começou a acelerar em direção à garagem.

– Mas o que é isso? Uma maldita convenção? – Jim murmurou. Mas então ele sentiu a presença da pessoa que dirigia.

Não era a polícia. E não era um agente.

– Acho que a sua garota veio te ver – Jim disse suavemente a Matthias.

Quando a luz dos faróis iluminou a garagem em meio à mata, as mãos de Mels apertaram com força o volante do carro.

Matthias estava de pé ao lado de um carro com placa da cidade de Missouri – claramente um carro alugado. Ao seu lado, Jim Heron agigantava-se como um sentinela.

Nenhum dos dois parecia particularmente contente em vê-la, mas que se dane.

Ela freou do outro lado da faixa policial, desligou o motor e saiu marchando em direção aos homens.

No tenso momento antes que ela falasse alguma coisa, Mels notou distraidamente que o céu noturno estava espetacular naquela noite, com nuvens iluminadas pairando através dos céus, formando um caminho entre a lua e as estrelas.

– Preciso conversar com você – ela disse ríspidamente. – A sós.

Matthias virou-se para Jim e falou alguma coisa com a voz baixa; então Jim se afastou. Matthias encarava o rosto de Mels sem parar, como se pensasse que nunca mais a veria: seus olhos pareciam querer tomá-la por inteiro.

Mels lutou contra a necessidade de fazer o mesmo. Deus, ela ainda estava fascinada por ele – mas isso não era apenas maluquice: era suicídio.

Cruzando os braços acima do peito, ela ficou de cabeça erguida.

– Pelo jeito você evitou a polícia. E parece que vai continuar assim.

– Eu disse que preciso ir embora – a voz de Matthias estava rouca. – O que você está fazendo aqui?

– Eu li todos os arquivos. Você achou que eu não teria algumas perguntas?

– Nenhuma que perguntaria para mim.

– Mas quem melhor pra responder do que a própria fonte?

Quando ele encontrou os olhos de Mels, seu olhar estava firme e focado, como se fosse um homem que não tem nada a esconder.

– Os arquivos não precisam de explicação...

– Aquilo era criação sua, não era? – ela acenou na direção de Jim. – Você comandava, recrutava, dizia a eles o que fazer, mantinha controle de toda a organização.

– Então você acha que eu devo ir para a cadeia.

– Bom, sim. Embora, se os arquivos forem verdadeiros, você tenha feito um favor para o mundo – ela fez uma breve pausa. – Pra ser honesta... estou surpresa por você ter passado aquilo tudo pra mim.

– O que eu disse é verdade – Matthias baixou o volume da voz. – Preciso que você acredite que o que tivemos foi algo verdadeiro pra mim. Eu não posso... não posso viver com a ideia de que você pensa que eu menti sobre aquilo. E quanto ao agente no Marriott... ele foi enviado pra matar, e se nós não o pegássemos primeiro, ele teria sido bem-sucedido na missão. Não tivemos escolha.

– Você e Jim Heron?

– Sim.

– Vocês roubaram o cadáver?

– Não, não roubamos. Mas a recuperação dos restos mortais é uma operação padrão nas Operações Extraoficiais. Outro agente cuidou dessa parte.

– Então esse é o nome? Operações Extraoficiais?

– Não existe um nome, mas é assim que nós chamamos.

– Alguns dos homens estavam marcados com a cor laranja. O que isso significa? – ela apontou para Jim. – Ele, por exemplo.

– Nesses casos, alguma informação apontava para a morte, mas o corpo nunca foi recuperado ou a morte não foi confirmada visualmente.

– Jim com certeza está bem vivo.

– Sim, está.

Um instante de silêncio se seguiu e Mels pensou nos momentos que os dois passaram abraçados um ao outro, movendo-se juntos debaixo dos lençóis – tão próximos, com seus corpos colados até o mundo desaparecer, a força e combustão entre eles se propagando e varrendo tudo ao redor.

– O que posso dizer pra te ajudar com isso? – ele sussurrou. – O que posso fazer?

– Diga para onde você está indo.

– Não posso.

– Ou você terá que me matar, não é isso que dizem?

– Nunca. Não você.

Isso foi a deixa para mais um momento de silêncio, e no meio da tensa quietude, Mels refez em sua mente os passos que a levaram até ali: assim que terminou de revisar todos os arquivos no pen drive, o desejo de confrontar Matthias a dominou. Uma rápida ligação para um de seus contatos na polícia indicou que ele não fora preso e que não havia pistas de seu paradeiro. Por fim, ela decidiu dirigir até ali, pois Jim Heron era o único contato que tinha em relação a Matthias.

E agora lá estava ela, completamente sem palavras.

Mels queria gritar com Matthias, como se o passado dele tivesse existido apenas para ferrar com ela.

Ela queria xingar toda a duração de sua... Deus, aquilo nem poderia ser chamado de “relação”, não é mesmo? Estava mais para uma colisão que envolvera muito mais do que apenas o carro dela.

Mels queria jogar seus braços ao redor do corpo dele... pois, ao olhar para o rosto de Matthias, tinha a sensação de que aquilo poderia ser verdade... as coisas que ele lhe entregara no pen drive – mas também os seus sentimentos. A situação inteira parecia totalmente bizarra, mas os sentimentos... será que poderiam ser reais?

– E agora? Como fica? – ela exigiu saber, quase que falando apenas para

si própria.

– Como assim?

– Tenho a sensação de que, mesmo que eu chame a polícia, você vai dar um jeito de escapar.

Ele baixou a cabeça.

– Sim, eu fugiria.

– Então é isso que vai fazer para o resto da vida? Fugir?

– Evitar a morte. Até que ela me encontre e me leve para o Inferno. E as duas coisas vão acontecer.

Um calafrio subiu pelas costas de Mels, arrepiando sua nuca. De repente, tudo ao seu redor parecia mais nítido, desde o cheiro dos pinheiros no ar, a leve brisa gelada, até as nuvens que viajavam lentamente no céu noturno.

Matthias emanava uma tristeza que beirava a agonia.

– Mels, eu preciso que você saiba que eu não tinha ideia do que deveria fazer. A amnésia era real e, quando minha memória começou a voltar, eu não a compartilhei com você porque... a expressão no seu rosto naquele quarto de hotel hoje de manhã era algo que eu nunca queria ver. Mas eu sabia que aconteceria. Sabia que era inevitável. Acontece que não havia nenhuma boa notícia nas minhas lembranças. E nenhuma bondade. Mas com você, eu era diferente – Matthias passou a mão nos cabelos e tocou a lateral do rosto, correndo os dedos ao redor dos vestígios de suas cicatrizes. – Isto eu não posso explicar. Simplesmente não posso. Mas *não era* maquiagem e lente de contato. E isso é a mais pura verdade. E também vale para a impotência. Eu realmente não menti sobre isso.

Merda. Ele parecia tão honesto – tudo aquilo atingia Mels com a marca da sinceridade.

Mas não é exatamente isso que os bons mentirosos fazem? Eles fazem parecer que estão falando algo tão importante quanto o evangelho – e sabem descobrir o que funciona melhor para cada indivíduo, qual comportamento, quais tipos de palavras e combinações podem ser mais eficazes para fazer a pessoa acreditar.

Bons mentirosos são muito mais do que apenas contadores de histórias. Eles são sedutores egoístas com motivos próprios.

– Eu não posso acreditar em você – Mels disse, com dificuldade.

– E eu não te culpo. Porém, é a verdade. Meu acerto de contas está se aproximando. De um jeito ou de outro, meu passado vai voltar pra me condenar, e estou em paz quanto a isso. Tive sorte. Fui enviado de volta pra consertar as coisas, pra poder te dar as informações necessárias pra expor toda a organização. É a única maneira que possuo para reparar os

erros que cometi. E isso também vai ajudar você a conseguir o que quer. É uma história que pode marcar uma carreira. No fim, nós dois teremos aquilo que merecemos.

Engraçado, mas a carreira dela nunca parecera tão desimportante.

– Sabe o que ainda me incomoda? – ela disse, meio entorpecida. – Nunca entendi por que eu me apaixonei tão profundamente por você. Isso me incomodou o tempo todo. Simplesmente não consigo encontrar uma razão, quer dizer, por que justamente um homem que eu não conhecia e que também não conhecia a si mesmo? Mas você foi atrás de mim, não é mesmo? E conseguiu o que queria. Então, seja honesto comigo agora: por que você fez isso? Por que... eu?

– Por causa da razão mais simples que existe.

– E qual seria essa razão?

Ele ficou quieto por tanto tempo que Mels pensou que não responderia. Mas então, Matthias disse, com a voz falhando:

– Eu me apaixonei por você. Eu sou um monstro, é verdade. Mas abri os olhos naquele hospital e, no segundo em que te vi... tudo mudou. Eu fui atrás de você... porque estou apaixonado.

Mels respirou fundo e fechou os olhos, a dor em seu peito fazendo-a perder o fôlego.

– Oh... Deus...

– *Não!*

Os olhos dela se abriram quando Matthias gritou, e então tudo ficou em câmera lenta.

Com um forte empurrão dele, ela voou para o lado, seu corpo jogado ao ar enquanto algo passava zumbindo por seu ouvido em direção à garagem.

Um tiro.

Mels atingiu o chão de cascalho e deslizou por alguns metros. Tentando desacelerar, ela agarrou as pedras soltas enquanto virava de costas.

E viu tudo.

Assim que a lua saiu de trás das nuvens e a luz prateada cobriu a paisagem noturna, Matthias ergueu seu corpo inteiro no ar, sua trajetória colocando-o diretamente na frente de Jim Heron.

Mels gritou, mas era tarde demais.

A iluminação vinda dos céus clareou a cena enquanto ele colocava seu peito no caminho do segundo tiro... que claramente tinha como alvo o outro homem.

Ela nunca esqueceria o rosto de Matthias.

Ao ser atingido mortalmente, seus olhos não estavam focados na pessoa que fez os disparos ou na pessoa que estava salvando. Estavam focados na

luz que vinha de cima. E Matthias parecia... em paz.

Como se a última ação de sua vida tivesse aliviado profundamente a sua alma.

Mels esticou os braços, como se pudesse impedi-lo, ou agarrá-lo, ou fazer o tempo voltar – mas o fim havia chegado. E, Deus, parecia que Matthias já esperava.

Talvez até desejasse aquilo.

Ela gritou, o som agudo rasgando através da garganta.

– Matthias...!

O corpo dele aterrissou com um estrondo, e a maneira como não tentou se proteger da queda era uma prova do quão ferido estava.

Lágrimas surgiram nos olhos de Mels enquanto ela tentava rastejar até ele...

Mas foi impedida por mãos invisíveis.

CAPÍTULO 53

Em última análise, foi o luar que realmente mostrou o caminho.

Enquanto Matthias conversava com Mels, ele manteve os olhos colados em seu rosto, pois era crucial que ela acreditasse em suas palavras. E Matthias sabia que não teria outra chance. De fato, ele nunca proferira palavras tão verdadeiras, apesar de algumas delas soarem malucas – e, de várias maneiras, sua vida só seria completa se por algum milagre ela pudesse acreditar naquilo que ele estava dizendo.

E então ele teve a chance de dizer que a amava. Pessoalmente.

Era mais do que ele esperava ou merecia.

Mas enquanto dizia aquilo, a lua apareceu no meio das nuvens, lançando sombras ao chão, sombras de árvores, galhos, carros... e pessoas.

Incluindo a de um agente vestindo preto que rastejava em meio à mata.

E que estava mirando sua arma em direção à garagem.

O primeiro movimento de Matthias foi tirar Mels da linha de fogo e, quando ela atingiu o chão de cascalho, ele ouviu o primeiro tiro atingir a garagem. O segundo disparo seria letal – mas não para ela.

Jim estava de pé desprotegido ao lado do carro alugado – era óbvio que ele era o alvo.

Matthias reagiu em um instante, jogando a si mesmo na direção do segundo disparo, tornando-se um escudo humano para proteger Jim. Voando pelo ar, ele de alguma forma conseguiu sincronizar com perfeição o pulo e a trajetória da bala.

Ao sentir a bala penetrar em seu peito e atingir o coração, ele pensou, bom... então o momento chegou.

Seu último instante na terra.

E parecia correto, parecia muito correto. Ele fizera tantas maldades ao longo das décadas, mas ao menos tudo terminava com um gesto positivo: ele deu tempo para Jim sacar sua arma e acabar com o assassino.

E Heron faria isso. Ele era um dos melhores. Sempre fora.

Jim cuidaria de tudo, ele e aquele seu colega letal.

E Mels ouvira a verdade, mesmo que não conseguisse acreditar.

No breve momento em que Matthias caía no chão, seus olhos viraram e focaram o céu noturno. Ele voltaria para o calabouço do Inferno, então

pensou que deveria aproveitar a vista paradisíaca uma última vez...

Deus, aquele luar, aquele lindo e brilhante luar com sua luz branca tão pura banhando todo o desenrolar daquele drama...

O chão de cascalho recebeu seu corpo pesado. Ao aterrissar, sua visão se clareou de um modo sobrenatural, permitindo-lhe enxergar aquilo que sabia que iria acontecer: Jim sacando sua arma, esperando um segundo, dois segundos... e, quando o atirador ergueu a cabeça para checar o estrago, Heron puxou o gatilho e acertou o agente, atingindo diretamente no crânio e jogando-o para trás.

Foi um tiro certo, que só poderia ter saído da pistola de um especialista.

E agora Mels estava segura.

Deitado de costas no chão, Matthias virou a cabeça na direção de sua mulher. Ela estava lutando contra algum tipo de barreira invisível, com os braços esticados em sua direção como se quisesse alcançá-lo.

No instante em que Jim gritou que o perigo havia passado, ela se livrou daquilo que a prendia e correu até Matthias.

Ele sentiu Mels pegar em sua mão e, quando ele olhou para seu rosto, ela parecia mais linda do que a própria lua.

Ele sorriu, e então percebeu que ela estava chorando.

– Não – ele disse com dificuldade. – Não, você vai ficar bem...

– Chame uma ambulância! – ela gritou.

Era tarde demais, mas ele ficou agradecido pela tentativa.

Engraçado, não deveria sentir dor? Ele estava morrendo – sabia disso por causa da maneira como sua respiração ficava cada vez mais difícil. Mas não havia agonia, nem mesmo desconforto. Em vez disso, sentia um pouco de vertigem e seu cérebro parecia estar zumbindo.

À beira da morte, ele estava totalmente vivo.

Matthias apertou a mão de Mels.

– Eu te amo...

– Nem pense nisso! – ela gritou.

– É... o que sinto por você.

– Não, não venha com essa de morrer. Você *não* vai morrer nos meus braços – ela levantou a cabeça. – Ligue para a emergência!

– Mels. Mels, olha pra mim – quando ela olhou, ele sorriu, apesar de saber para onde estava indo. – Apenas... me deixe olhar pra você... você é tão linda...

– Mas que droga, Matthias...

– Sim, eu sei... – o que ele sabia era que estava condenado. – Escute... não, apenas me escute. Eu quero que você use cinto de segurança. Use o

cinto. Prometa...

– Vá se danar, fique comigo e me obrigue!

– Use... o cinto...

– Não me deixe – ela gemeu. – Não agora, não quando... estou tão confusa...

– *Use o cinto.*

E essas foram suas últimas palavras, e Mels foi a última coisa que ele viu: uma abrupta falta de ar o atingiu, suas células famintas daquilo que não mais receberiam, o caos tomando conta de seu cérebro, roubando os últimos momentos que possuía junto com ela.

E então tudo acabou.

A visão se foi, o corpo ficou paralisado, sensações de paladar e olfato se extinguíram.

Mas ainda tinha um pouco da audição.

A voz de Mels o envolveu.

– Fique comigo...

Deus, ele queria, realmente queria.

Porém, esse não seria seu destino.

Quando o agente caiu no chão da floresta como um pedaço de carne sem vida, Jim abaixou a arma, pronto para dar um chute no próprio traseiro. Ele e Adrian ficaram tão envolvidos com o drama que se passava que nenhum dos dois prestou atenção ao assassino que espreitava na floresta.

Por outro lado, se tivessem interferido... merda, quem iria adivinhar que Matthias levaria um tiro para salvar alguém?

– Adrian, vasculhe as redondezas – Jim disse.

Ad assentiu e desapareceu. Segundos depois, o anjo enviou um sinal de que tudo estava em ordem.

– Ligue para a emergência! – Mels gritou, agachada ao lado de Matthias e segurando sua mão.

Esta era a verdadeira encruzilhada, pensou Jim. E Matthias havia passado no teste.

Eles haviam *vencido*...

Mels levantou-se e o encarou.

– Precisamos de uma ambulância...

Do alto, um raio de luz cortou os céus, brilhando cem vezes mais intensamente do que a luz da lua: era a ascensão de Matthias, os raios derramando-se das nuvens como uma cascata de luz, eclipsando seu corpo ao redor de onde estava caído.

Por um momento, Jim apenas assistiu ao processo: a alma cintilante de Matthias foi puxada pelo turbilhão, retirada de sua carne, seguindo em direção à Mansão das Almas.

Ele conseguiu.

O maldito filho da puta *conseguiu*.

No momento que Matthias escolheu salvar a vida de outra pessoa em troca da sua própria, quando ele se jogou na frente daquele tiro – mesmo que Jim não fosse ser afetado –, a encruzilhada se apresentou e o livre arbítrio foi o que definiu... a vitória.

– Ele está morrendo! – o som da voz de Mels arrancou Jim de seus pensamentos. – Ele está...

– Morto – Jim disse sombriamente, levantando a mão e despedindo-se de seu velho... amigo, aparentemente.

– Não, não está!

Voltando a se concentrar, Jim se aproximou e se abaixou.

– Sinto muito, mas ele se foi.

Mels agarrou a camiseta de Jim. Seu rosto estava furioso, dentes à mostra, olhos estreitos.

– Ele *não* está morto!

Ela largou a camiseta e foi pegar seu celular...

Jim tirou o telefone de suas mãos.

– Ele se foi. Eu sinto muito mesmo, mas ele já não está mais conosco. E você precisa sair daqui...

– Que merda você está falando? Devolva meu celular!

– Mels...

Ela se lançou contra Jim, e ele a deixou extravasar, permitindo que ela liberasse sua energia e frustração ao socá-lo com toda a força. Depois de um tempo, Jim a impediu de continuar e a virou de costas, segurando seus braços para que ela não acabasse arrancando um olho dele.

Quando finalmente se aquietou, Mels respirava com força. E soluçava.

– Ele se foi – disse Jim com a voz áspera. – E eu sinto muito. Sinto muito mesmo. Mas você precisa me escutar. Você precisa ir embora. Você *não* quer ser parte disso. Ele me contou sobre os arquivos que entregou pra você. Então eu sei que vai entender quando digo que não é seguro se envolver com o que vai acontecer em seguida. Vá pra casa e comece a trabalhar nas informações: essa é a maneira de você ficar segura. Assim que você vazar a história, a organização vai se despedaçar. Mas até lá, as coisas ficam como estão, e isso significa que você está exposta. Vá pra casa. Faça seu trabalho. E faça *rápido*.

Mels soltou o corpo nos braços de Jim e apenas ficou lá, pendurada por

ele, a cabeça baixa na direção de Matthias.

– Você sabe que eu tenho razão – Jim falou gentilmente. – E vou cuidar bem dele. Eu prometo.

De repente, Adrian saiu do meio da mata.

– Você nunca vai acreditar em quem eu acabei de encontrar: o Nigel.

Jim franziu a testa.

– Eu não senti a presença dele.

– Nem eu. Mas ele esteve aqui.

Para manter Devina afastada?, pensou Jim. Ou será que Nigel fora a verdadeira razão de Adrian e Jim não terem sentido a aproximação do assassino?

– Ele já foi embora?

– Sim. Não disse nada. Apenas acenou e desapareceu.

Certo, os motivos de seu chefe não eram importantes agora.

– Ad, eu quero que você a leve pra casa.

– Entendido.

– Mels? – Jim a virou. – Você *precisa* ir. Não é seguro pra você ficar aqui. Vá e faça o que puder.

– Ele não pode estar morto...

– Mas está. Você sabe disso. Confie em mim, vou cuidar bem dele. Agora vá... deixe Adrian te levar pra casa em segurança. Não posso deixar você também morrer por minha causa.

Mels permitiu que Jim a conduzisse até o carro que ela dirigira até ali. Ele abriu a porta do passageiro, e a ajeitou no banco. Considerando a maneira como não reagia, claramente ela estava em estado de choque – então eles precisavam agir rápido, antes que ela acordasse e voltasse a resistir.

Antes de fechar a porta, Jim se aproximou.

– Tem uma pessoa que você precisa encontrar. Isaac Rothe. Ele é um de nós. Você pode encontrar ele através de Childe, com um “e” no final, em Boston. Diga que Jim Heron te enviou, certo?

Ela assentiu, mas Jim não tinha certeza de ela que realmente o ouvira.

Mas, de repente, ela agarrou sua mão e disse:

– Por favor, não deixe ele... em algum lugar anônimo. Quer dizer...

– Vou cuidar bem dele. Eu prometo.

Olhando em seus olhos, Jim acariciou o rosto de Mels, transmitindo assim um pouco de paz para confortá-la na tristeza.

Ele podia sentir o amor que ela tinha por Matthias, e sentiu também sua dor. E estava agradecido. Afinal, como era mesmo o velho ditado? O amor de uma boa mulher pode consertar um homem.

Isso fez toda a diferença, não é mesmo?

Jim estivera certo o tempo todo: Matthias era a alma, mas Mels era a chave.

– Eu juro para você – ele disse novamente. – Agora vá e faça o que é certo.

Depois de fechar a porta, ele bateu no teto do carro e Ad deu marcha ré, manobrou no caminho de cascalho e partiu em direção à estrada principal.

Sozinho, Jim virou-se e procurou por Nigel, mas o arcanjo não estava em lugar nenhum. Havia apenas a floresta... e os dois corpos caídos no cascalho.

Matthias fora enviado para o Céu.

Dá para imaginar o quanto ele devia estar surpreso agora. Por outro lado, ele fizera tudo certo em seu caminho para o final e realizara o ato redentor definitivo: sacrificou a própria vida para salvar outra.

Na escala da justiça, ele ainda tinha muita coisa das quais precisava se redimir, mas apenas alguns momentos atrás, ele abrira mão de tudo por outra pessoa.

Jim se aproximou do corpo de seu antigo chefe. Mal podia acreditar no quanto ele mudara. Porém, o Inferno claramente é uma experiência transformadora. Assim como o amor.

Ajoelhando-se, Jim disse suavemente:

– Se você tivesse falado que um dia chegaríamos a esse momento... eu nunca teria acreditado.

A realidade era mesmo mais estranha que a ficção.

Jim esfregou o rosto e deixou o corpo cair até sentar no chão ao lado do homem que por tanto tempo havia definido sua vida. No silêncio, ele podia sentir a própria respiração com total clareza, percebendo a maneira como o ar frio entrava pelo nariz e saía aquecido pela boca.

Passou a mão no rosto mais uma vez. E de novo.

No alto, a lua fez outra aparição. A luz banhou novamente o cenário ao redor e Jim precisou fechar os olhos. Por alguma razão, não queria enxergar nada daquele momento, simplesmente não podia aguentar a visão.

Ele havia vencido a rodada, é verdade – mas Matthias estava morto, e Jim sentia profundamente essa perda.

E Adrian continuava a sofrer. E Eddie continuava morto. E quanto a Jim?

Ele sentia-se vazio. Tão vazio... como se os orgasmos que tivera com Devina houvessem sugado os últimos vestígios de sua alma.

Mas precisava se recompor. Precisava se livrar dos cadáveres.

Olhando para o agente, Jim não dava a mínima para onde jogaria seus restos mortais. Por outro lado, não sabia o que fazer com Matthias. Para onde deveria levá-lo? Afinal de contas, tratar o morto com dignidade era um sinal de respeito – isso ainda era importante, mesmo que sua alma estivesse livre. E o homem salvara sua vida... pelo menos, até onde Matthias sabia.

Parece que finalmente estavam quites...

De repente, uma convocação surgiu vinda de cima. Nigel e seu bando de almofadinhas estavam chamando-o para os céus para que pudesse ver a bandeira que conquistou ser hasteada no topo do grande muro – junto com as outras duas.

Não, ele pensou. Não queria ir.

Fodam-se os arcanjos e foda-se o jogo.

Negando a convocação, ele se manteve em terra firme – mandou a cerimônia para o inferno, mandou Devina para o inferno, mandou o Criador para o inferno.

Jim estava fora do jogo no momento. Talvez no próximo minuto, nas próximas horas ou dias, ele ficasse disponível novamente, mas agora? Fodam-se todos.

Iria tomar conta de seu morto da única maneira que podia. Isso era tudo que sabia.

Praguejando, forçou a si mesmo a ficar de lado e colocou os braços debaixo dos joelhos e ombros de Matthias. Ao começar a se levantar, Jim sentiu-se tão morto quanto o outro homem – e sabia que isso não fazia sentido. Agora, ele tinha três vitórias na guerra. Mais uma e poderia fechar este capítulo bizarro de sua vida e seguir em frente.

Ele deveria estar celebrando...

Matthias teve um espasmo e puxou fortemente todo ar que podia.

– Mas que merda...! – gritou Jim.

E deixou o homem cair no chão como um saco de terra.

CAPÍTULO 54

Após seu “motorista” estacionar o carro de sua mãe na garagem, Mels apenas ficou sentada no banco do passageiro, encarando as ferramentas de jardim empoeiradas que estavam bem na sua frente.

– Você pode ir agora – ela ouviu a própria voz dizer.

Ela não olhou para o homem e rezou para que ele fosse embora rápido.

Como ele não se moveu, ela disse calmamente:

– Se você não sair deste carro agora mesmo, eu vou gritar até estourar o para-brisa. E acho que nenhum de nós precisa passar por isso. Concorda?

– Ele era um bom homem.

Mels fechou os olhos e lentamente colocou os braços ao redor de si mesma. Ela pensou que perder seu pai seria a maior dor que sentiria na vida.

Talvez esta fosse mais forte por ser mais recente.

– Matthias vai ficar bem – disse o homem.

– Ele está morto.

– Mesmo assim, ele está bem.

Deus, Mels realmente queria chorar, chorar desesperadamente. Mas sentia-se congelada por dentro.

– Olhe pra mim – disse Adrian. Como ela não olhou, ele colocou um dedo gentil debaixo do queixo dela e mudou sua cabeça de posição. Mesmo com Mels se recusando a olhar em seus olhos, ele continuou: – Eu não posso compartilhar certas informações, mas acho que você precisa de algo pra passar o resto da noite. Acredite em mim, eu sei como você se sente.

– Não há nada que você possa dizer...

– Seu pai está no mesmo lugar que Matthias está agora. Os dois estão bem...

– Como você pode ser tão cruel?

– ... no lugar onde estão...

– Estar no Cemitério Pine Grove *não* é a mesma coisa que estar bem!

Ele apenas balançou a cabeça.

– Eles estão no descanso eterno, e isso não tem nada a ver com o local onde seus corpos foram enterrados. E você os verá novamente, mas isso

ainda vai demorar um longo tempo.

Finalmente encontrando seus olhos, ela...

Com um sobressalto, Mels focou os olhos dele... principalmente o olho que parecia igual àquele que Matthias tinha. *Exatamente* igual. E havia cicatrizes em seu rosto que não estavam lá antes – bem no local em que Matthias também tinha.

Era como se o homem tivesse retirado os ferimentos diretamente da carne de Matthias.

Com a mão trêmula, Mels esticou o braço para tocar o rosto dele, mas ele se afastou, evitando o contato.

– Era verdade – ela murmurou. – Matthias não encenou a cura ou os ferimentos.

– Fique em paz – disse o homem em um tom de voz estranho que parecia falar diretamente dentro de sua mente em vez de entrar pelos ouvidos. – Você não precisa se preocupar com nenhum dos dois. Eles estão seguros.

Naquele momento, Mels soube em seu coração o que ele era.

E o que Jim Heron também era.

Ela enxergara a verdade no espelho do Marriott e também agora.

– Você é um anjo! – ela sussurrou com espanto.

Essas palavras de alguma forma arrancaram Adrian daquela conexão. Ele se afastou repentinamente e disse:

– Imagina, sou apenas um cara que passou pela sua vida.

Mentira, ela pensou.

Abruptamente, o homem saiu, fechou a porta do carro e apertou o botão da porta da garagem... e então, em um piscar de olhos, ele se foi.

Mels virou a cabeça, procurando atrás do carro enquanto a porta automática descia lentamente. Pulando para fora, ela quis chamar seu nome. Mas...

– Você ainda está aqui. Eu posso sentir.

Nenhuma resposta. Nenhuma revelação...

– Mels?

Ela se virou. Ali, na porta que dava na cozinha, pôde ver a silhueta de sua mãe envolvida pela luz do teto.

Mels correu até ela, tropeçando nos próprios pés, quase perdendo o equilíbrio. Quando chegou até a mãe, Mels se jogou em seus braços acolhedores.

– Mels, o que foi? Você está tremendo... Oh, meu Deus, Mels...

– Sinto muito... sinto muito...

Sua mãe a sustentava com aquele abraço.

– Mels? Por que está se desculpando? O que aconteceu?

As lágrimas vieram e não pararam, toda sua emoção se libertou de uma vez, todos aqueles anos em que guardava a dor para si mesma se partiram como um espelho, mil rachaduras se espalhando até estilhaçar completamente.

Mas sua mãe estava lá para confortá-la enquanto Mels desmoronava.

E pensar... que ela acreditava ser a pessoa mais forte entre as duas.

CAPÍTULO 55

– Isso *doeu*, seu filho da puta!

Jim quase ficou maluco ao olhar para seu antigo chefe, que – surpresa! – estava bem vivo.

Apenas um pensamento passou por sua mente:

– Não me diga que vamos ter uma terceira rodada com você.

Enquanto sentava e esfregava atrás da cabeça, Matthias disparou um olhar na direção de Jim.

– Você me deixou cair de cabeça no chão.

– Você está morto!

– Ah, e isso por acaso é desculpa? – o homem levantou-se e limpou o cascalho da calça. – Aliás, eu descobri o que você realmente é.

Jim começou a apalpar os bolsos.

– Eu preciso de um cigarro. Urgente.

– Você é um anjo.

– Eu sou? – quando encontrou o maço de Marlboro, ficou tentado a fumar todos os dez cigarros de uma vez só. – Eu pareço um?

– Eu me encontrei com o seu Criador.

Jim congelou com o isqueiro a meio caminho dos lábios.

– É isso mesmo – Matthias parecia um pouco presunçoso. – Ele mandou dizer “oi”, e disse que gostou dos sanduíches de peru. Não entendi essa parte.

– Como é?

Matthias deu de ombros.

– Não faço ideia do que ele quis dizer. Mas eu o encontrei. E acho que ele gosta de você. Ele me contou sobre o seu jogo. Aliás, boa sorte com isso...

Jim colocou a palma da mão bem em frente ao rosto de Matthias.

– Pare. Que diabos você está fazendo aqui?

Matthias andou ao redor de um pequeno círculo, como se estivesse escolhendo bem as palavras, ou talvez relembrando uma conversa em sua mente.

– Bom, acontece que, veja bem, não é que eu não confie em você, mas... ela é minha garota. Eu tenho que protegê-la. Essa é a única

maneira.

– A única maneira do quê?

Matthias bateu no peito com o punho.

– Estou de volta à ação, meu amigo. Bom, não àquela ação...

– Isso não faz sentido...

– É um simples caso de livre arbítrio. Fui até lá em cima – olhou para o céu e franziu a testa, como se não estivesse certo sobre como isso tudo acontecera. – Tinha um castelo imenso, com um fosso em volta da entrada. Um cara com jeitão britânico estava me esperando na frente das portas fortificadas, no começo de uma ponte de madeira. Na verdade, eu já tinha visto ele antes... no Marriott. E depois, levando um cachorro pra passear. Enfim, acho que entendi, mesmo sem terem me explicado, que tudo o que eu precisava fazer era atravessar a ponte acima da água e estaria dentro para sempre.

As palavras secaram nesse ponto, as sobrancelhas de Matthias se abaixaram com força, seus olhos focaram o chão.

– E...? – Jim disse, esperando que ele continuasse.

– Eu não consegui. Eu sabia que, se cruzasse a ponte, nunca mais voltaria. Quer dizer, eu nem podia acreditar onde estava. Era maravilhoso, mas... não era pra mim.

– Deixa ver se eu entendi. Você está se ofereceu como voluntário para ir até o Inferno?

– Não é isso. O Criador apareceu do nada e nós tivemos uma conversa. No final, eu apenas desisti de uma versão daquele lugar por outra, que é muito melhor. Entende? Pra mim, o Céu é estar com aquela mulher e vou passar o resto da vida tentando provar isso pra ela. Mesmo não existindo nenhuma garantia sobre... merda, sobre tanta coisa. Mas eu tenho muita certeza sobre querer tentar.

– Isso não pode estar certo.

– O que posso dizer? O Criador é um fã do livre arbítrio. Talvez porque, quando as pessoas fazem as escolhas certas, elas reafirmam o propósito da criação Dele? Eu não sei.

Jim se aproximou e ficou cara a cara com Matthias. Uma estranha fúria o impulsionava.

– Isso não é justo. Se você pode escolher, então por que todo mundo simplesmente não fica com as pessoas que amam?

Como a sua mãe, por exemplo.

Pelo amor de Deus, como Sissy!

Jim estava cansado demais de ser jogado de um lado para outro por esse jogo.

– As pessoas podem sim voltar dos mortos – disse Matthias. – Acontece o tempo todo.

– Mas não com todo mundo – não com os mortos que Jim amava. Isso era *tão* injusto!

– Eu tive sorte. Olha, se você tem algum problema com isso, vá conversar com Ele.

Jim andou de um lado para outro, praguejando – ao ponto de quase dar um chute no agente morto, simplesmente porque podia.

– Jim? – Matthias disse calmamente. – O que se passa nessa sua cabeça, meu amigo?

Naquele momento, a solução se apresentou por si própria. Uma coisa que Nigel havia dito no começo da rodada voltou à sua mente, criou raízes e se transformou em um plano tão herético que até fez sua raiva parar por um instante. Mas então se lembrou das coisas que Matthias lhe contara sobre o andar de baixo – e olhou para o rosto do outro homem, aquele rosto que respirava como se nunca tivesse levado um tiro.

O calor da violência dentro de Jim era muito familiar, a mesma força que o levou a transar com Devina, a mesma ardência que às vezes tomava o controle e o deixava cruel, a mesma merda que o levou a matar pela primeira vez – quando eliminou os homens que tiraram a vida de sua mãe.

Era o demônio dentro dele, pensou Jim. Essa fúria que se acendeu... e logo se estabeleceu como uma fria determinação que iria mudar o rumo do jogo.

Mas, caramba, como disse Matthias, certas coisas precisam ser feitas pessoalmente.

– Escuta, Jim, que tal nos livrarmos desse corpo e procurarmos o carro que trouxe ele aqui? Seria realmente útil usar um carro que não seja alugado, e com um pouco de esforço, eu posso achar o rastreador e me livrar dele.

– Sim – Jim disse, sem prestar muita atenção. – Claro.

– Você está bem?

Não.

– Sim – ele apagou a bituca do cigarro com uma das botas. – Claro.

CAPÍTULO 56

O sol raiava entre os galhos da floresta criando longas sombras no momento em que Jim e Matthias terminaram o trabalho da noite anterior.

Que envolveu muito mais do que apenas se livrar do cadáver.

Enquanto acendia o último cigarro do maço, Jim checkou novamente se as duas Harleys estavam seguras na traseira da caminhonete F-150. O espaço quase não fora suficiente, mas eles não deixariam a moto de Eddie para trás.

Jim dirigiria a caminhonete. Matthias estava montado na terceira Harley, de Ad. E Adrian estava atrás do volante do Explorer.

Pois foi nesse carro que eles colocaram Eddie.

– Está tudo pronto? – perguntou Matthias.

Quando Jim fez um sinal positivo, Matthias colocou um par de Ray-Bans no rosto, deu partida na Harley e acionou o acelerador, bombeando gasolina. O rosnado do motor gritou alto e depois silenciou em meio à quietude matinal.

O grupo partiu com Jim à frente e, que pena, ele rasgou a fita de proteção da polícia ao sair da garagem.

Foi mal, policiais de Caldwell.

Mas ao menos deixaram o carro alugado de Matthias para que os oficiais tivessem alguma coisa com que se empolgar.

Entrando na estrada principal, eles seguiram para o norte sem muita pressa. Dirigiriam ao redor da cidade por um tempo para ter certeza de que não estavam sendo seguidos. Então, às dez da manhã, iriam para seu novo quartel-general.

Foi uma longa noite – e Jim gostou de poder sentar um pouco, mesmo que fosse para dirigir. Esvaziar o apartamento de cima da garagem não foi o problema, afinal, ele não tinha muitas posses. O que o incomodou mesmo foi lidar com o corpo do agente. A boa notícia é que Adrian sabia de um ótimo lugar para levá-lo – um pequeno lago em meio às montanhas, onde o outro agente fora jogado sem cerimônia, como se fosse uma âncora.

Era melhor desse jeito. Em um futuro não-tão-distante, o pessoal das Operações provavelmente não se importaria mais com isso, mas nesse meio tempo, eles poderiam ficar ocupados brincando de esconde-esconde

com os mortos.

No caminho para o lago, encontraram o carro abandonado na estrada perto de onde o primeiro agente também deixara seu carro – mas Jim convenceu Matthias a não usar aquele veículo. Jim lhe daria a caminhonete assim que chegassem à nova casa e descarregassem tudo. Era mais seguro do que tentar achar o rastreador no carro abandonado, e trocar de placas não era difícil se você soubesse aonde ir...

O estômago de Jim roncou tão alto que até o Cachorro, que estava deitado no assento do passageiro, levantou a cabeça.

– Desculpa... aposto que você também quer comer alguma coisa, não é? – ele disse. – Como talvez um sanduíche de peru. Certo, Cachorro?

O “animal” lhe olhou de volta com aqueles grandes olhos castanhos, sem piscar uma única vez. Então, uma de suas patas peludas se levantou e pareceu agarrar o ar – como se estivesse pedindo por dois... não, por três sanduíches.

Então, o Criador estava junto dele, pensou Jim. E esteve, por todo esse tempo.

Ficou imaginando qual seria a próxima jogada do garotão.

Considerando a expressão séria do Cachorro, Jim se perguntou se Ele já sabia o que seria.

– Desculpa – ele murmurou. – Mas certas coisas precisam ser feitas pessoalmente.

Quando o relógio digital mostrava que faltavam cinco minutos para as dez da manhã, Jim já dirigia pelo caminho de entrada de seu novo, digamos, Lar Angelical. O Explorer e a Harley chegaram atrás dele e alguém assoviou, impressionado com o lugar.

O que era claramente irônico.

– Esse lugar parece assombrado – Matthias disse ao desligar o motor da Harley.

– É barato e isolado – Jim retrucou através da janela aberta da F-150.

E, por mais feio que fosse o lugar, Jim não sentia a presença de Devina ali.

Pegando o Cachorro, ele saiu de trás do volante e viu que até Adrian parecia um pouco surpreso – o que, considerando o estado em que se encontrava, realmente significava algo.

– Você realmente pagou por essa espelunca? – murmurou Adrian.

Certo, certo, eles tinham um pouco de razão. Mas quem mais iria alugar alguma coisa para uma figura estranha como Jim? E sem pedir referências?

E “espelunca” era a palavra certa: a mansão estava toda pintada em tons

de cinza, desde as pequenas torres no telhado, o pórtico de pedra na entrada, até as persianas desiguais em cada andar. Inferno, até a planta trepadeira que subia pelas paredes e cobria a porta da frente estava sem folhas: parecia apenas um esqueleto, um vestígio de uma planta, como uma infecção que brotou da terra preta e se espalhava pela propriedade.

O terreno da mansão se estendia com um gramado irregular por cem mil metros quadrados em todas as direções até atingir uma fina barreira de árvores.

Ao longe, outras propriedades colossais podiam ser vistas vagamente – nenhuma em condições decrépitas.

Dava para apostar que os vizinhos adoravam aquele lugar.

– Tem água corrente aqui? – perguntou Ad.

– Sim. E eletricidade.

– Quem disse que milagres não existem?

Jim se aproximou da caixa de correio. Quando tentou abrir a tampa, ela se despedaçou e saiu na sua mão.

– Aqui está a chave.

– Quer dizer que eles tiveram o incômodo de trancar essa porcaria?

Quando, durante as buscas da polícia, Jim ligou para o número no anúncio, a proprietária pareceu surpresa, como se nunca esperasse conseguir alugar aquela casa. Enquanto conversavam, Jim ficou com medo que ela fosse pedir referências, pois não poderia hipnotizá-la por telefone, mas ela nem se importou com isso. Tudo o que queria era um depósito de entrada, o primeiro e último aluguéis, e que os outros pagamentos fossem feitos com débito automático – e Jim estava mais do que feliz em aceitar essas condições. Após trocarem as informações das contas do banco, ela disse que deixaria a chave na caixa de correio. E fez exatamente isso.

Pronto. Negócio fechado.

Jim andou pelo caminho de pedra até a entrada principal. Suas botas não faziam barulho, como se o chão absorvesse seus passos. O Cachorro não o seguiu. E nem os outros dois homens.

Medrosos, todos eles.

A chave não era do tipo que se compra em supermercados – era feita de bronze antigo e a haste era tão grossa quanto um dedo. Jim achou que teria de forçá-la dentro da fechadura e depois lutar contra o mecanismo... mas ela entrou como manteiga e abriu facilmente.

Como se a casa quisesse que ele entrasse.

Ele esperava que o interior estivesse coberto por teias de aranha e lençóis empoeirados, como naqueles antigos filmes de Abbott e Costello. Mas em vez disso, o grande saguão estava vazio, porém limpo: o chão

gasto, o papel de parede envelhecido e as antiguidades corroídas formavam uma prova da riqueza que um dia cobriu o lugar.

À esquerda, havia uma sala de lazer para convidados, e atrás desta, o que parecia ser a sala de estar. A sala de jantar ficava à direita. Uma grande escadaria ficava logo à frente. E, debaixo do conjunto duplo de degraus, havia um solário que dava no terraço atrás da casa.

Olhando para cima, Jim pensou que essa disposição realmente podia abrigar oito quartos, como dizia o anúncio.

Ele se virou e olhou através da porta aberta.

– Vocês vão entrar? Ou ainda não terminaram de molhar as calças de medo?

A resposta só poderia vir em xingamentos, é claro.

Mas que se dane.

– Comecem a descarregar os carros, certo? – ele gritou.

Andando até os fundos da casa, encontrou uma cozinha saída dos anos 1940 e um quintal que se estendia até perder de vista.

Essa provavelmente fora uma mansão importante em seus dias de glória.

Quando o sino de um relógio antigo começou a bater, Jim se perguntou onde poderia estar.

Um, dois, três, quatro...

Lentamente, ele contou a marcação das horas enquanto andava de volta para o saguão procurando pelo relógio.

Oito... nove...

Franzindo a testa, Jim se aproximou da escadaria e começou a subir, pensando que o relógio só poderia estar no pavimento entre os andares.

Mas não estava.

Dez.

No momento em que Jim realmente ficou apreensivo, Adrian e Matthias entraram trazendo a bagagem dos carros, suas vozes ecoando pela casa.

Em vez de descer para ajudar, ele continuou subindo os degraus, dirigindo-se para o saguão do segundo andar.

Onze.

Ele pisou com seu coturno no último degrau.

Doze.

O relógio também não estava lá – ao menos, em nenhum lugar que ele pudesse ver. Tudo o que enxergou foram portas abertas por todos os lados: os quartos estavam distribuídos ao redor de um tapete oriental em uma grande área de estar que era maior do que o apartamento que usavam em cima da garagem...

Treze.

Ou essa última batida fora apenas sua imaginação?

Esfregando a nuca, ele considerou a opção de desistir dessa mudança. Mas isso seria besteira, covardia. O relógio *não* soara uma batida a mais. E ponto final.

Balançando a cabeça, Jim voltou para o primeiro andar.

– Preciso sair – ele disse para os dois.

Adrian não respondeu e não parecia contente. O que sugeria que o anjo tinha adivinhado para onde Jim estava indo. E, é claro, o cara teve de murmurar um “tome cuidado”.

Matthias colocou um saco de roupa suja no chão – não, espere, eram roupas limpas?

– Eu não vou ficar aqui por muito tempo.

Jim sentiu um aperto no peito, como se alguém tivesse socado seu coração por uma fração de segundo.

– Certo. Tudo bem.

– Eu não vou te ver de novo, não é?

– Não, não vai. É assim que funciona.

– Como nas Operações. Você entra, faz seu trabalho, depois some.

– É por aí – mesmo agora, com a rodada definida, Jim não contou a Matthias como exatamente as coisas funcionavam. E o cara também não perguntou. Mas seu antigo chefe não era nenhum idiota.

Os dois ficaram se encarando por um longo período, até Jim não aguentar mais a tensão.

– Boa sorte com sua garota.

– O mesmo para você com... – Matthias olhou ao redor – o que quer que esteja fazendo aqui.

– Obrigado, cara.

Matthias limpou a garganta.

– Eu ainda estou te devendo.

– Não... depois da noite passada, estamos quites.

Matthias esticou o braço oferecendo a mão, e Jim apertou com força. Engraçado, eles se conheceram com um aperto de mão, lá atrás, quando começaram a treinar juntos nas Operações, quando nenhum dos dois fazia ideia de em que estavam se envolvendo. E agora acontecia o mesmo, com a exceção de que aquilo era uma despedida.

– Se você precisar de mim... – Matthias começou a falar.

– Apenas cuide de si mesmo.

Eles se abraçaram nesse momento, um daqueles abraços másculos, peito com peito, que durou apenas o suficiente para baterem com força nas costas um do outro. E então se separaram.

Jim não se despediu. Ele apenas se virou... e desapareceu de vista.

Nas profundezas do Inferno, Devina estava sentada em sua mesa de tortura, as pernas apodrecidas balançavam na beirada, a cabeça estava abaixada, as mãos agarravam a madeira com tanta força que os dedos até sangravam.

Ela violou as regras – e perdeu.

Ela tentou seguir as regras – e perdeu.

Mais uma vitória e Jim venceria o jogo.

O embaraço era quase pior que a perspectiva de perder a guerra: ela sempre se orgulhara da habilidade de influenciar as criações imperfeitas do Criador – e Jim não poderia ser diferente. Na verdade, após terem transado no embarcadouro, ela ficara radiante, sentindo que progredia com seu homem e certa de que ganharia com Matthias.

Mas o cretino fez a escolha errada. E, pelo amor de Deus, quem teria imaginado? O maldito sempre fora um bom menino, sua inclinação para a violência era um exemplo para os outros. E então, no último minuto, ele se transformou em uma mocinha? E tudo por causa de uma garota?

Mas. Que. Merda.

E sabe o que é o pior? Devina não pôde fazer absolutamente nada a respeito disso: ela apareceu na cena final, preocupada com aquele gesto pela repórter, pronta para intervir no ponto mais crítico... mas Nigel estava por lá, como um maldito cão de guarda da moralidade.

Não tinha como manipular a situação, não com aquele arcanjo escondido na droga da floresta. E Jim, outro cretino, continuou a traí-la na maneira como estava influenciando as almas.

Nesse ritmo, ela iria perder...

Devina ergueu a cabeça quando uma onda de energia surgiu em seu corpo. Era um chamado.

Jim, ela pensou.

Mas se ele estava pensando que ela o deixaria descer até o Inferno, ele estava muito enganado. A última coisa que Devina queria agora era ver Jim se gabando de sua vitória.

Ignorando o chamado, ela ficou onde estava até os sintomas de seu transtorno obsessivo-compulsivo empalidecerem frente à angústia da derrota.

O que ela iria fazer...?

– Ah, mas que droga! – olhou para cima em direção ao distante círculo de luz que ficava no topo de seu poço. – Quer parar com isso, Heron? Eu não quero te ver!

O chamado apenas ficou mais alto.

Talvez algo estivesse errado.

Isso seria tão divertido.

Ela vestiu seu belo traje de carne feminino, aquele que Jim gostara tanto de foder na outra noite. Seu cabelo estava perfeito, como sempre, mas ela checou com as mãos, só para ter certeza.

Continuando onde estava, ela permitiu que Jim entrasse. No momento em que ele apareceu na forma física, sua presença lançou uma onda elétrica pelo corpo de Devina.

Interessante... não havia manifestação de triunfo em seu rosto, nada de se gabar da vitória, nada de jogar sua vantagem na cara dela.

Ele ficou lá de pé na frente de Devina, sem parecer abatido, mas também sem se vangloriar.

Ela estreitou os olhos.

– Você não veio fazer piadinhas?

– Eu não perderia meu tempo com isso.

Não, provavelmente não. Mas ela faria – pelo jeito, essa parte Jim puxara de Nigel.

– Então, por que está aqui? – ela desceu da mesa com um pulo e andou em um círculo ao redor de Jim. – Não estou com vontade de transar.

– Nem eu.

– Então...?

– Estou aqui para entrarmos em um acordo.

Ela riu na cara dele – e considerou cuspir também.

– Já fizemos isso uma vez e, caso não se lembre, você não manteve sua parte do acordo.

– Mas agora eu vou.

– Como posso acreditar? E quem disse que estou interessada?

– Você está interessada.

Ela parou em frente à mesa de tortura e pousou a mão na superfície, tentando lembrá-lo que abusara dele em cima daquela coisa.

– Duvido.

O anjo tirou o braço de trás das costas e em sua mão havia... uma bandeira da vitória.

Devina levantou as sobrancelhas.

– Está aprendendo a costurar?

Ele balançou levemente a bandeira.

– Eu tenho algo de que você precisa. Você tem algo que eu quero.

O demônio parou de respirar – mesmo não precisando de ar para sobreviver. Ele estava realmente sugerindo... que simplesmente lhe entregaria uma de suas vitórias?

Bom, isso fazia parte das regras, ela pensou. Ao menos tecnicamente. Aquela vitória era propriedade dele... e Devina achava que ele podia transferir a posse, se assim desejasse.

– Nigel sabe o que você está fazendo? – ela disse suavemente.

– Não estou falando dele. Isto aqui é apenas entre eu e você.

Ah, então o arcanjo deve ter ficado furioso com isso... ou ainda não sabia.

Se isso funcionasse, o placar ficaria empatado em dois a dois, em vez de três a um. Seria outro jogo.

O demônio começou a sorrir.

– Diga, meu amor... o que você quer em troca?

Mas ela sabia muito bem.

Bom, bom, bom, não é que o jogo iria se tornar muito interessante daqui para frente? E parecia que sua terapeuta estava certa: era possível, com exposição suficiente, reprogramar seu cérebro – ou o cérebro de outra pessoa – para produzir a reação desejada.

Toda aquela tintura de cabelo valera muito, afinal – exatamente como dizia a propaganda da L'Oréal.

Devina se aproximou de seu amante cheia de segundas intenções – sua sexualidade florescia em meio ao tenso silêncio.

– Diga, Jim, e talvez eu pense no assunto. Mas eu quero ouvir você dizer as palavras.

Ele demorou para responder.

Mas então, Jim falou, em claro e bom som:

– Eu quero a Sissy.

EPÍLOGO

Três semanas depois...

– Você está pronta?

Mels assentiu e apertou os olhos debaixo do sol forte do meio dia. Protegendo os olhos com as mãos, ela disse:

– Mal posso esperar.

A Redd's Garage & Service era o tipo de lugar de que seu pai seria cliente: uma oficina mecânica cheia de sujeitos das antigas, com tatuagens do exército, graxa nas mãos e ferramentas, em vez de computadores, para fazer o trabalho.

E, diferente da oficina Caldwell Auto, eles consideravam que valia a pena salvar a Fifi.

O velho Civic estava sendo apresentado ao estilo das grandes revelações da West Coast Choppers.

Afinal, a volta triunfal da lata velha de Mels era mesmo um milagre digno de fanfarra: de algum jeito, a equipe conseguira ressuscitar o carro.

– Oh, olhe para ela! – Mels se aproximou enquanto o mecânico saía de trás do volante. – É... um verdadeiro milagre!

Essa era a única palavra que aparecia em sua mente: seu carro velho de guerra fora ressuscitado de seus ferimentos catastróficos e podia mais uma vez botar o pé na estrada.

Francamente, ela sentia mais do que afinidade com o Civic. Mels enxergava uma similaridade entre suas jornadas: ela própria passara por uma grande colisão, conseguira se recompor e agora estava pronta para voltar à ativa. Com a ajuda de Fifi, é claro.

– Eu agradeço muito a você – ela murmurou, piscando rápido por causa do sol.

Assinou rapidamente alguns papéis e então sentou no banco do motorista, passando as mãos lentamente no volante. Partes do painel precisaram ser substituídas por causa do air bag, e a Fifi cheirava diferente – um pouco como produtos de limpeza. Mas o som era o mesmo e o jeito de dirigir também.

Mels fechou os olhos brevemente quando aquela dor familiar surgiu novamente.

Então os abriu, esticou o braço e colocou o cinto de segurança. Com o cinto no lugar, ela engatou a primeira marcha e acelerou devagar até entrar no trânsito.

As últimas três semanas foram... esclarecedoras. Assustadoras. Solitárias. Afirmativas.

E seu consolo, com exceção do trabalho, foi colocar tudo no papel... desde histórias de seu pai, passando pelos detalhes do homem por quem se apaixonou, até a conclusão de tudo.

Bom, pelo menos parte da conclusão.

Entrando na via expressa, ela permitiu que os outros carros determinassem a velocidade, em vez de dirigir apressada entre eles. E parou em uma padaria na volta para casa, pois já passava da hora do almoço e ela estava cansada e com fome depois de empacotar tudo em seu quarto e colocar sua vida inteira dentro de um trailer de mudança U-Haul.

A viagem para Manhattan seria apenas na manhã seguinte, então pensou que quando chegasse em casa poderia tirar um cochilo na varanda.

Engraçado, ela vinha fazendo muito isso ultimamente: se esticado no sofá que ficava de frente para o jardim, com a cabeça deitada no travesseiro macio, as pernas cruzadas nos tornozelos, um cobertor protegendo-a até os quadris.

Mels tinha muito sono atrasado para compensar.

Logo após Matthias ter morrido na sua frente, ela não conseguiu dormir por vários dias, sua mente girando com uma ferocidade que a fez sentir que estava ficando maluca. Ficou obcecada em rever toda a história de novo e de novo, desde o acidente em frente ao cemitério até a bala que atingiu Matthias no caminho de cascalho. Desde encontrá-lo no hospital até dividir a cama com ele. Desde suas suspeitas aumentando, até ela se apaixonar novamente.

Além do pen drive.

Quando se aproximou de obras na pista, onde o trânsito estava mais lento, Mels olhou para o rádio. Preparando-se para o que estava por vir, esticou o braço e apertou o botão.

– ... uma explosiva investigação conduzida pelo *New York Times* sobre uma organização misteriosa que, por décadas, operou debaixo do radar da nação, conduzindo missões em território nacional e internacional...

Ela desligou imediatamente.

Olhando através de seu novíssimo para-brisa, Mels apertou o volante.

Depois de três dias sem dormir e pensando nas opções que tinha, ligara

para seu contato no *Times* e pedira uma reunião pessoalmente.

Quando entregou o pen drive – e o nome de Isaac Rothe – para Peter Newcastle, suas únicas condições eram que ele não perguntasse onde ela conseguira aquilo e que não tentasse continuar a história com ela, pois Mels não tinha mais nada para acrescentar.

A notícia finalmente veio a público na manhã anterior, na primeira página de um jornal que possui todos os recursos necessários, além de coragem e alcance mundial para fazer justiça àquelas informações. E as consequências já estavam surgindo: agências do governo negando tudo, senadores e congressistas encarando câmeras e microfones com indignação, o presidente de entrevista marcada com Brian Williams para o horário nobre.

No final, Mels decidiu dar para outra pessoa a história que faria uma carreira, por duas razões: primeiro, ela valorizava demais sua vida para querer correr o risco de retaliações; segundo, se ela assinasse com o próprio nome, isso significaria que ela usara Matthias, que ele não fora nada mais do que uma fonte, que ela o ajudara não por bondade, mas para benefício próprio.

Era quase o mesmo pensamento que ele teve ao dar as informações para provar que estava sendo sincero – Mels repassou as informações, para que ninguém nunca pudesse dizer que ela não o amava de verdade.

Não que alguém soubesse dessa história.

Pelo menos, não a história verdadeira. No jornal não havia nada sobre sua morte – ou seu corpo. E quando Mels voltou àquela garagem, durante suas 72 horas de loucura, tudo o que encontrou foi uma cena de crime que voltou a ser interessante para a polícia.

Tudo desaparecera. Os veículos, os objetos pessoais, qualquer sinal de que alguém habitara o local.

Jim Heron e seu amigo haviam sumido.

E as pistas acabaram ali.

Foi estranho. Ela voltou a dormir depois de sua viagem para Manhattan, onde se reuniu com Peter. E foi assim que soube que fez a coisa certa com o pen drive.

Porém, Mels não esperava que ele a procurasse novamente.

Três dias antes de a reportagem ser divulgada, ele ligou para lhe contar que o enorme artigo seria publicado – e lhe ofereceu um emprego. Disse que gostaria de alguém com aquele tipo de foco e perseverança para trabalhar em uma posição júnior – e Mels o interrompeu imediatamente, explicando que uma fonte lhe entregara o pen drive do jeito que estava, ou seja, ela não fez nada para compilar, organizar ou formatar a informação.

– Mas você conseguiu a fonte, não é mesmo?

Bom, sim. E teve seu coração partido no processo.

No final, ela acabou aceitando a oferta. Ela não era idiota – e estava pronta para voltar ao trabalho pesado e às longas horas na redação. Talvez isso ajudasse a administrar a dor...

Deus, ela sentia saudades de Matthias.

Ou, na verdade, sentia por aquilo que eles poderiam ter tido.

Pois ele dissera a verdade. Sobre tudo.

Entrando na garagem de sua mãe, Mels estacionou a Fifi atrás do caminhão da mudança e deixou a janela do carro aberta, já que o céu estava claro e sem nenhum sinal de chuva.

Na cozinha, ela comeu sobre a pia metade do sanduíche que comprara na padaria, bebeu o refrigerante e limpou tudo, para caso sua mãe chegasse mais cedo de seu piquenique no Lago George.

Sofá?

Ora, mas é claro... por favor.

Pisando nas tábuas do chão da varanda, ela abriu as janelas e sentiu o calor vindo da rua. Lá fora fazia 24 graus e o ar cheirava a grama fresca, pois o jardineiro fizera seu trabalho pela manhã.

O sofá estava perfeitamente macio e acolhedor e, ao deitar-se, Mels pegou o cobertor e cobriu as pernas, como sempre fazia. Aconchegando-se, ela olhou ao redor para os vasos de plantas em cima das mesinhas, a cadeira de balanço e a velha poltrona no canto. Tudo tão familiar, tão seguro.

Não percebeu quando fechou os olhos e dormiu... mas um pouco mais tarde, um estranho som a acordou.

Um tipo de arranhão.

Esfregando o rosto para acordar, ela levantou a cabeça do travesseiro. Do outro lado da porta de tela, havia um cãozinho com o pelo todo desarrumado, a cabeça baixa, os olhos escondidos pelas sobancelhas.

Mels sentou-se.

– Ei... olá, você.

O cão arranhou novamente, mas com cuidado, como se não quisesse estragar a tela.

– Ah... acho que não somos o tipo de família que possui um cãozinho...
– eles nunca tiveram um cachorro. – Você está perdido?

Ela achou que o cão fugiria quando ela se aproximasse, mas ele apenas sentou ao lado da porta, como se quisesse mostrar um gesto de educação.

No momento em que Mels abriu a porta, ele entrou na varanda e se deitou enrolado nos pés dela.

Abaixando-se, ela procurou por uma coleira com seu nome ou algo assim.

– Olá.

Mels congelou.

Então ela se virou tão rápido para a porta que acabou caindo.

De pé, debaixo do sol, entre os batentes da porta... estava Matthias.

Mels agarrou a própria garganta e começou a respirar com dificuldade.

Ele levantou uma das mãos.

– Eu... ah... pois é... oi.

Enquanto ele gaguejava, Mels pensou que finalmente acontecera: ao invés de melhorar, seu cérebro pirou de vez.

Espere um pouco, isso deve ser um sonho.

Certo? Era apenas um sonho – ela dormira no sofá e agora estava imaginando aquilo que gostaria que acontecesse.

A voz dele soava perfeita em seus ouvidos.

– Eu sei que eu disse que nunca voltaria, mas pensei que talvez, agora que a história foi publicada, você pudesse me ver.

– Você está morto.

– Não – Matthias levantou o pé como se fosse entrar na varanda, mas parou. – Posso entrar?

Mels assentiu, ainda chocada – afinal, havia outra reação possível?

E no sonho, a aparência de Matthias era a mesma de antes: alto, rosto endurecido, intenso. Porém, ele não mancava, e os olhos e cicatrizes estavam iguais à última vez em que o vira.

Depois que aquele anjo recebeu seus ferimentos.

Matthias se encostou no batente da porta.

– Fiquei surpreso por você dar a história pra outra pessoa.

Bom, quem diria, seu subconsciente estava em dia com os acontecimentos.

– Era a coisa certa a fazer. A escolha mais segura.

– Sim, eu...

– Eu te amo – agora, foi a vez dele ter um sobressalto. – Desculpa, mas eu precisava dizer isso. Vou acordar deste sonho em pouco tempo e eu me arrependeria se não te dissesse isso ao menos uma vez. Mesmo que seja apenas em meus sonhos.

Matthias fechou os olhos como se estivesse absorvendo um golpe físico.

– Eu sei o que o anjo fez com você – ela explicou. – Com sua visão e ferimentos. Então, agora sei que você não mentiu sobre isso. Ou sobre seus sentimentos. E, pra ser honesta, isso é a única coisa que está me ajudando a superar esses dias difíceis.

Depois de um tempo, ele abriu os olhos.

– Isto não é um sonho.

– É claro que é.

– Estou vivo, Mels. Estou aqui de verdade.

– É claro... – o que mais ele diria naquela reconstrução da realidade que sua mente estava encenando? – Só quero que saiba que entendo suas razões pra fazer o que fez, e que estou realmente feliz por você ter entregado todas aquelas informações sobre as Operações Extraoficiais. Você fez a coisa certa. Foi uma boa maneira de terminar tudo. Então, o Inferno não pode ser seu destino final. Não é mesmo?

Matthias se aproximou e ajoelhou no tapete verde-claro que imitava grama.

– Isto não é um sonho – ele esticou um braço e tocou o rosto dela com a mão trêmula. – Confie em mim.

– É exatamente o que eu gostaria que você falasse – ela murmurou, segurando o pulso dele, mantendo-o no lugar. – Oh, Deus...

Ao respirar fundo, o coração partido de Mels doeu tanto que ela mal podia aguentar – pois sabia que acordaria logo e tudo terminaria, e teria de voltar para um mundo onde sentia uma imensa saudade, onde as coisas que deveriam ter sido ditas não foram, onde aquilo que poderia acontecer nunca aconteceu.

Um lugar solitário. Um lugar frio.

– Venha aqui – ele disse, puxando-a para perto de seu peito.

Ela deixou-se guiar e pousou o rosto contra o corpo dele, ouvindo a batida vital de seu coração dentro do peito. E Matthias começou a falar com ela, dizendo novamente como aquilo era real, com a voz grave e rouca, como se estivesse lutando contra as próprias emoções.

Quando um nariz frio e molhado encostou no braço de Mels, ela se afastou.

– Olá, você.

– Vejo que você já conheceu o Cachorro – disse Matthias.

– Ele é seu?

– Ele é de todo mundo.

Como é?

– Ele apareceu aqui do nada. Um pouco antes de você.

– Porque ele gosta de você. E... por acaso você tem um pouco de comida? Acho que ele está com fome.

– Tem só metade de um sanduíche.

O pequeno cão sentou e balançou o rabo, como se tivesse entendido cada palavra e não se importasse de comer o resto da refeição de Mels.

Por algum motivo, ela mal podia acreditar que eles estavam conversando tão normalmente sobre um sanduíche de padaria. Mas nos sonhos coisas estranhas acontecem.

– Oh, olá! Quem é o seu amigo?

Mels teve um sobressalto e olhou para a cozinha através da porta aberta: sua mãe estava de pé lá dentro com uma sacola nos ombros, o nariz bronzeado e um sorriso no rosto.

– Mãe?

– Voltei pra casa um pouco mais cedo – ela guardou a sacola e arrumou o cabelo. – Você não vai nos apresentar?

De repente, a voz de seu pai apareceu na mente de Mels, dizendo que não é preciso acreditar em algo para que seja verdade.

A pele de Mels começou a se arrepiar da cabeça aos pés enquanto seus olhos iam e vinham passando por sua mãe e por... bom, seja lá o que ele fosse.

Quando um silêncio constrangedor surgiu no ar, ela tomou a mão de Matthias e apertou o máximo que podia. Até ele reclamar um pouco.

E foi assim que soube.

Aquilo... não era um sonho.

Certo, Matthias nunca esperara conhecer os pais de qualquer mulher – e certamente não daquela maneira... com a mulher que amava pensando que ele era um fragmento de sua imaginação e sua mãe parada na porta como se não soubesse se deveria tentar falar de novo... ou desaparecer completamente.

Antes que as coisas ficassem ainda mais esquisitas, ele tirou Mels de seus braços e se levantou. Ajeitando a camiseta, ele desejou não estar parecendo um mendigo, mas sua imagem era exatamente essa. Ele não tinha onde morar, mas pelo menos estava com a barba feita.

Nas últimas três semanas, Matthias se hospedara em alguns hotéis da região, mantendo um olho em Mels e vigiando à distância para ter certeza de que ela estava bem. E estava mesmo.

O que não significa que não houve algumas surpresas. Em todas aquelas manhãs em que ela dirigira até a redação do jornal, Matthias achava que Mels estava trabalhando na história, mas não. Após aquela viagem para Manhattan – na qual, claro, ele a seguira, aproveitando para pegar seus suprimentos de emergência – ela não mais saiu de casa para o trabalho.

Foi apenas quando a história foi publicada no jornal, no dia anterior, que Matthias entendeu o que ela fez.

De alguma maneira, ele a amou ainda mais por causa disso.

Ele se aproximou e estendeu a mão.

– Ah... eu sou o Matt. Um amigo de Mels.

Sua mãe não era nada como ela: baixinha, mais delicada, com cabelos grisalhos e olhos verde-claros – mas era absolutamente adorável... e com um aperto de mão firme que imediatamente o lembrou de Mels.

– Meu nome é Helen. Estou muito feliz em te conhecer – o que, considerando a maneira como seus olhos brilhavam, era verdade. – Você vai ficar pro jantar?

Ele olhou para Mels. Quando pareceu que ela seria incapaz de responder, Matthias pensou, por que não?

– Sim, senhora. Se vocês aceitarem minha companhia.

– Oh, que maravilha! – Helen bateu as mãos juntas e então se abaixou para a bola de pelo que havia se aproximado para dar as boas-vindas a ela em sua própria casa. – Este cachorro é seu?

– Ele é de todo mundo – Matthias e Mels responderam ao mesmo tempo.

– Bom, ele também é bem-vindo. Sim, você é, cachorrinho! – depois de brincar um pouco com ele, Helen olhou para cima. – Vou sair e comprar uns hambúrgueres pra colocarmos na grelha. Vai ser ótimo, a noite será agradável e temos que aproveitar o clima enquanto podemos.

A mulher levantou, pegou as chaves e saiu – como se soubesse que eles ainda precisavam conversar longe dos ouvidos de terceiros.

Com exceção de ouvidos caninos, é claro.

Matthias olhou para Mels, que o encarou de volta.

– Você realmente está de volta?

Ele assentiu.

– Sim.

– Eu vi você morrer.

Ele respirou profundamente. Matthias passara muito tempo pensando em como explicaria tudo isso para ela, e então decidira que, se tivesse a oportunidade, ele seria vago. Não havia razão para ela pensar que estava mentindo – ou que tivesse alguma doença mental.

– Pois é, pareceu que sim.

– Você esteve num hospital? Pra onde levaram você?

– Jim tomou conta de mim.

– Achei que isso significava que ele enterraria seu corpo.

Com o tempo, pensou, ele explicaria tudo. Mas parecia que o cérebro de Mels estava dando um nó naquele momento. Então, pois é, dizer algo do tipo estive-no-Céu-e-bati-um-papo-com-Deus provavelmente não era uma

boa ideia.

– Mas não foi preciso – ele se abaixou. – Vamos apenas dizer que fui salvo. No final... fui salvo, e desde então só consegui pensar em voltar pra você.

Lágrimas caíram dos olhos dela.

– Achei que nunca mais iria te ver.

– Estou aqui. Então, você vai deixar eu te beijar agora?

Ela esticou o braço envolvendo seu pescoço, suas bocas se encontraram e os dois se tornaram apenas um novamente.

E aquilo foi melhor do que o próprio Céu.

De fato, se não fossem os vizinhos, ele a teria possuído ali mesmo – mas haveria tempo e privacidade para isso mais tarde.

Se Deus quiser.

Após o beijo, ele acariciou o cabelo dela e colocou uma mecha atrás da orelha.

– Tem uma coisa que você precisa saber. Eu não vou me entregar.

– Para as autoridades?

– Se fizer isso, serei morto na prisão. Talvez por um agente, talvez por um velho inimigo... e eu já cumpri meu tempo de prisão. Já paguei por meus pecados.

Aquela passagem pelo Inferno foi merecida e, apesar de na Terra o tempo ser medido em dias, lá embaixo se passara uma eternidade, uma verdadeira prisão perpétua.

– E eu juro pra você, chega de mentiras, chega de enganação, chega disso tudo. Vou trabalhar em um supermercado, em um posto de gasolina, em qualquer lugar... Mas vou arranjar algo e será algo honesto.

Mels observou o rosto dele, então passou a mão pela face até o queixo.

– Se você está em paz, então eu estou em paz – ela murmurou. – Quem sou eu pra julgar? E é engraçado: meu pai iria gostar da maneira como você age. Não estou dizendo que é um jeito certo, mas... você sempre foi bom pra mim e talvez eu seja egoísta por pensar assim, mas isso é tudo o que importa. Bom, isso e a sua atitude de vazar as informações sobre a organização.

– Essa parte da minha vida terminou. Para sempre – graças, em grande parte, a ela... e a Jim Heron... Matthias simplesmente já não tinha mais aquela maldade dentro de si.

Quando Mels começou a sorrir, ele a beijou novamente, demorando-se em sua boca, segurando firmemente as curvas do corpo dela.

– Eu te amo – ele disse.

Mels devolveu as palavras contra seus lábios e ele as absorveu por

inteiro, não só as palavras, mas tudo aquilo – a salvação, o alívio, a pura alegria de estar com ela. E também pensou sobre Jim Heron e o quanto ainda devia para o cara.

Ele não encontraria mais aquele homem; sabia disso em seu íntimo. Mas tudo bem. Tudo estava bem, desde que tivesse Mels.

Um latido fez os dois desviarem a cabeça.

O Cachorro tinha ido até a cozinha e estava sentado de frente para a geladeira, com uma pata levantada no ar.

Melhor assim, Matthias pensou. Ele estava quase arrancando as roupas de Mels.

Enquanto andavam até a cozinha, ele perguntou:

– Por acaso esse sanduíche é de peru?

– Pra falar a verdade, é sim.

Matthias se inclinou e beijou o rosto de Mels.

– Perfeito. O Cachorro adora sanduíche de peru.

– Então ele pode comer tudo o que restou e qualquer outra coisa que tiver na geladeira.

Ao abrirem a porta, o cãozinho andou ao redor de seus pés, o rabo abanando, e a perna manca não diminuía nem um pouco seu ritmo e entusiasmo.

Matthias beijou sua mulher novamente.

Então, eles se ajoelharam e cuidaram do cãozinho, entregando-lhe o sanduíche pedaço por pedaço... juntos.

Afinal, era o mínimo que poderiam fazer, pensou Matthias. Considerando que Deus lhe deu tudo o que ele pediu... e que não poderia viver sem.